1952

SETEMBRO - N.424

EU SEI TUDO





NESTE NÚMERO: — Quem disse que não existem fantasmas? + Truman decidirá se a Terra deve ter um planêta! + A Inglaterra sabota a unidade européia? + Boas notícias sôbre o seu coração...

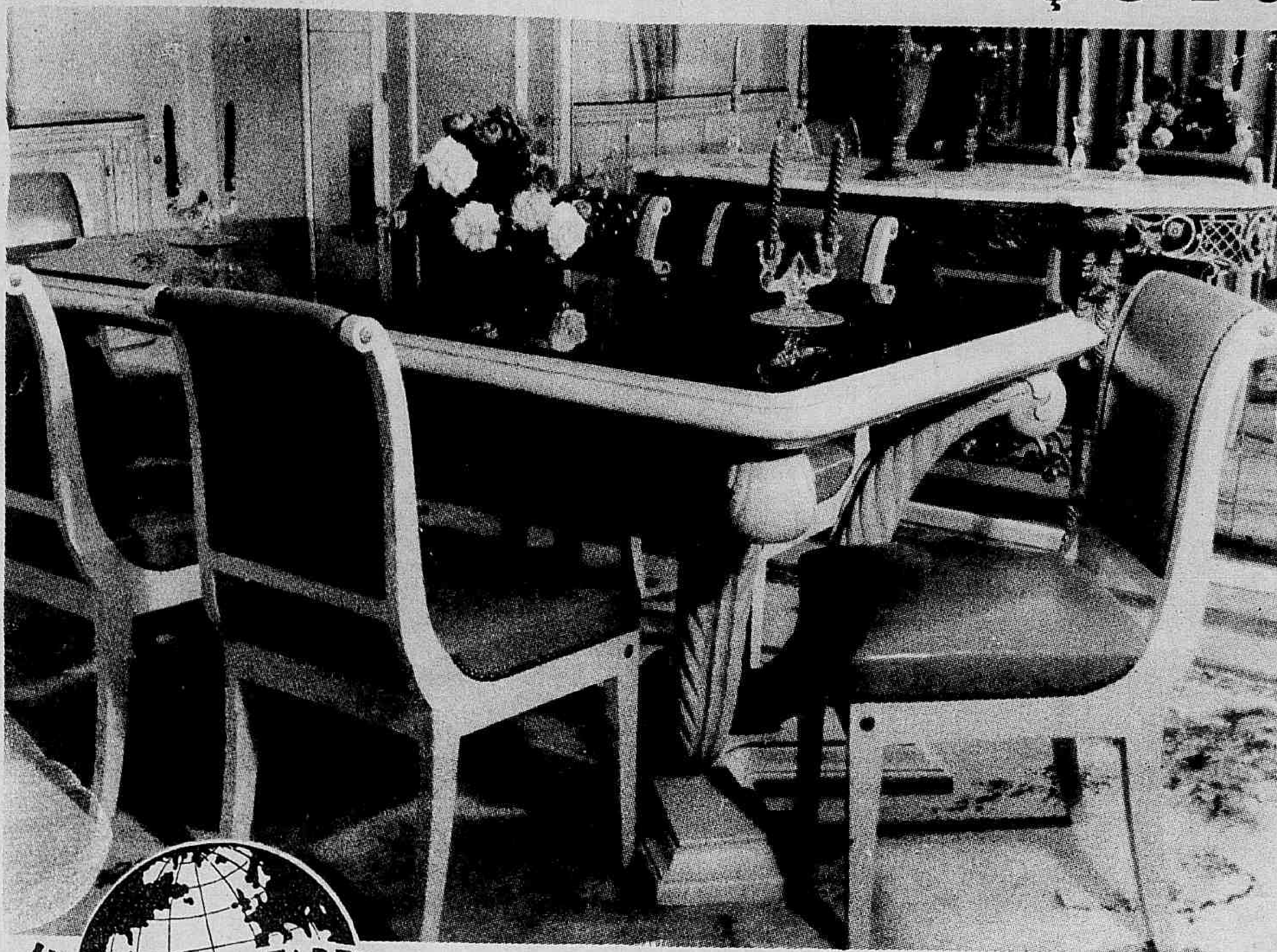
BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

DEPÓSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

RUA DA ALFÂNDEGA N. 50
RIO DE JANEIRO

MÓVEIS e DECORAÇÕES





Projeto e construção da
CASA NUNES

Tapêtes e passadeiras

de forração, em côres lisas e com flores

Grupos estofados

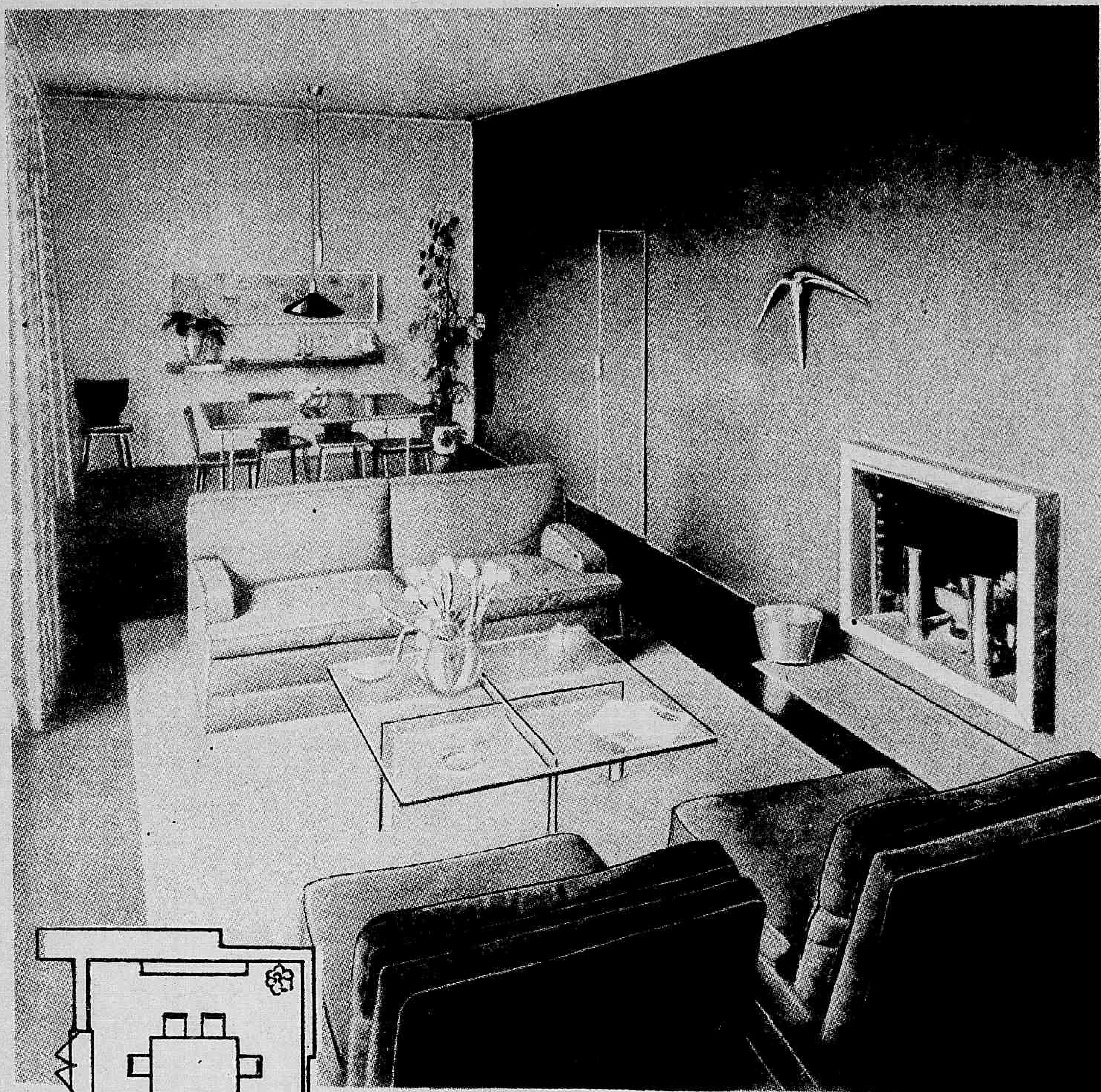
Especialidade de nossas oficinas

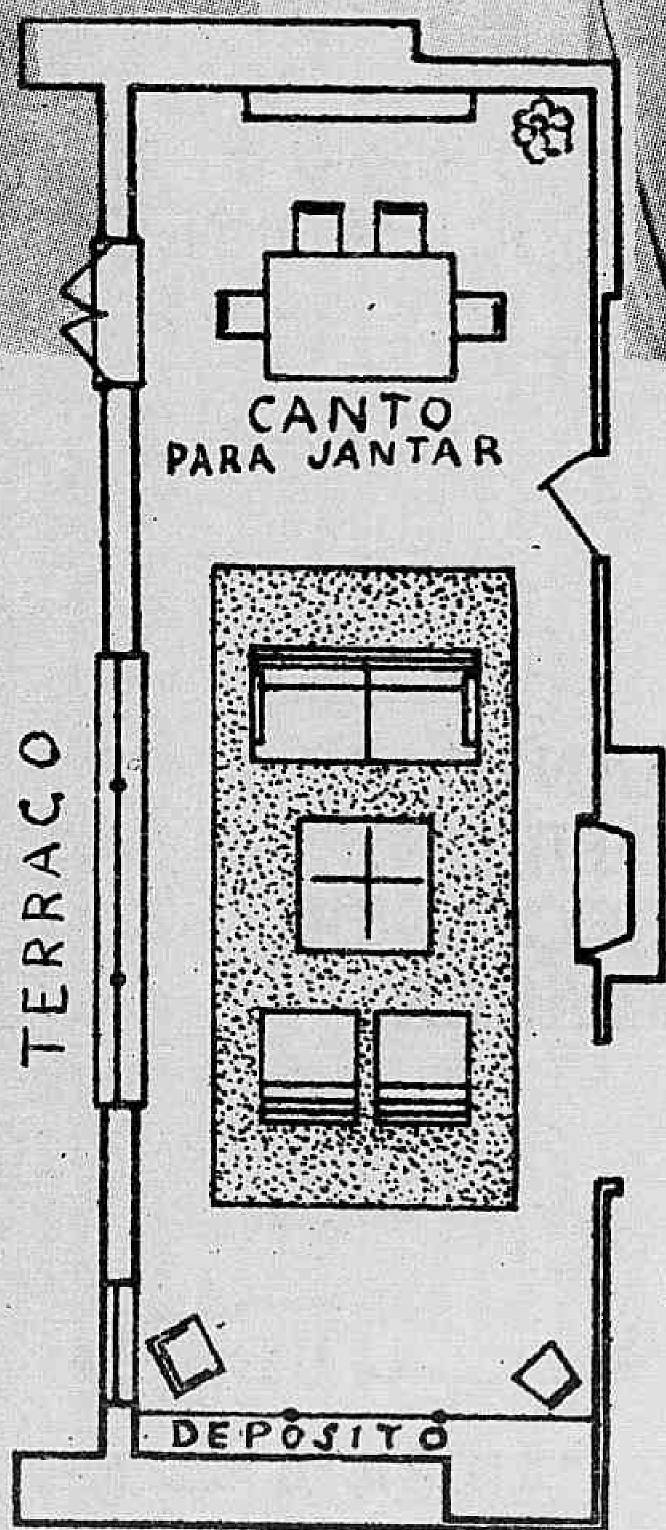
Móveis avulsos

DURANTE AS OBRAS A PREÇOS DE ARRASAR!



65 — RUA DA CARIOCA — 67
RIO





LINDO, PRÁTICO E MODERNO

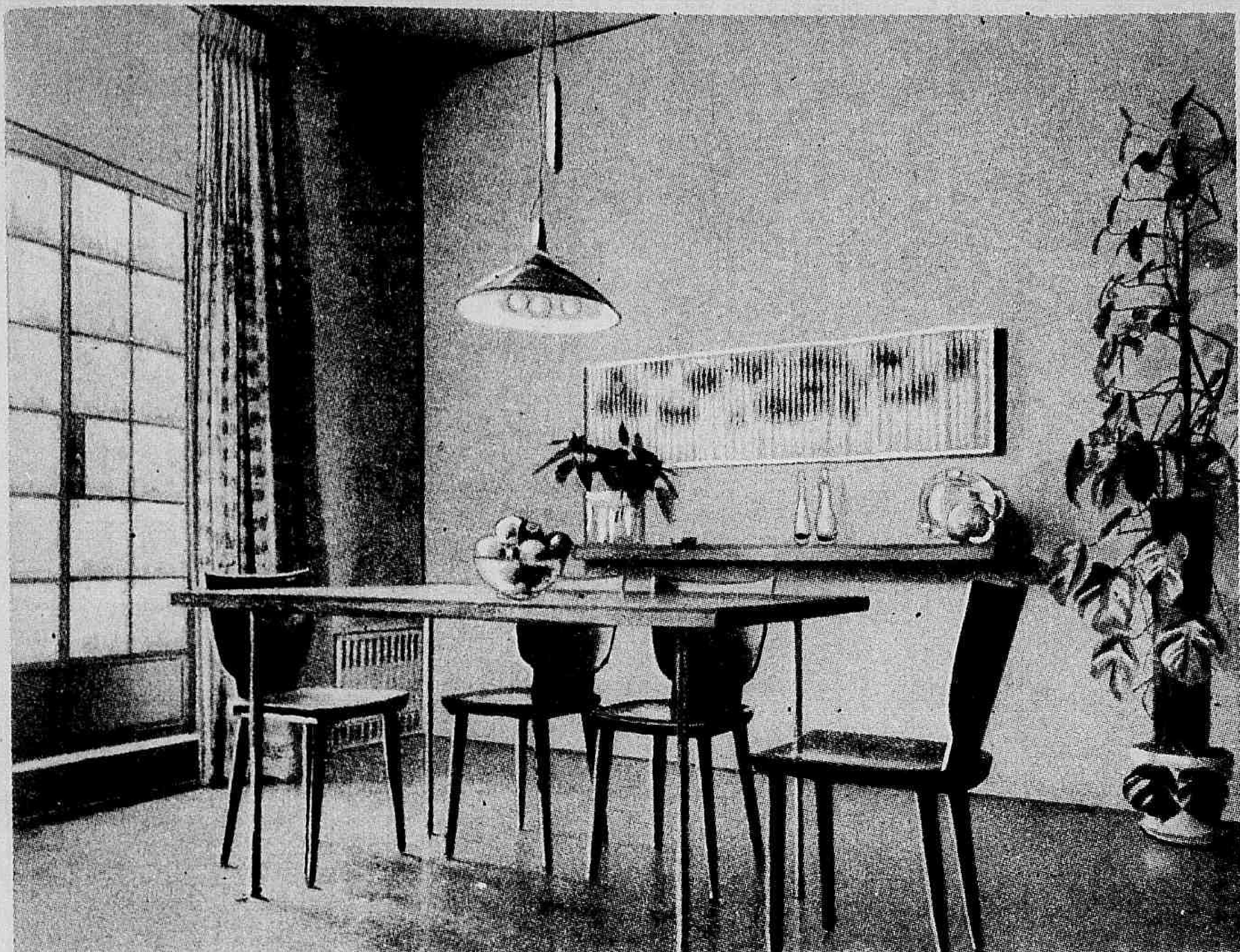
Influência alemã é notada na mesa de pés de metal e tampo de vidro, que fica como ilha, perdida no centro do tapête cinzento, entre um sofá quadrado e duas poltronas também nesse estilo, forradas de verde claro.

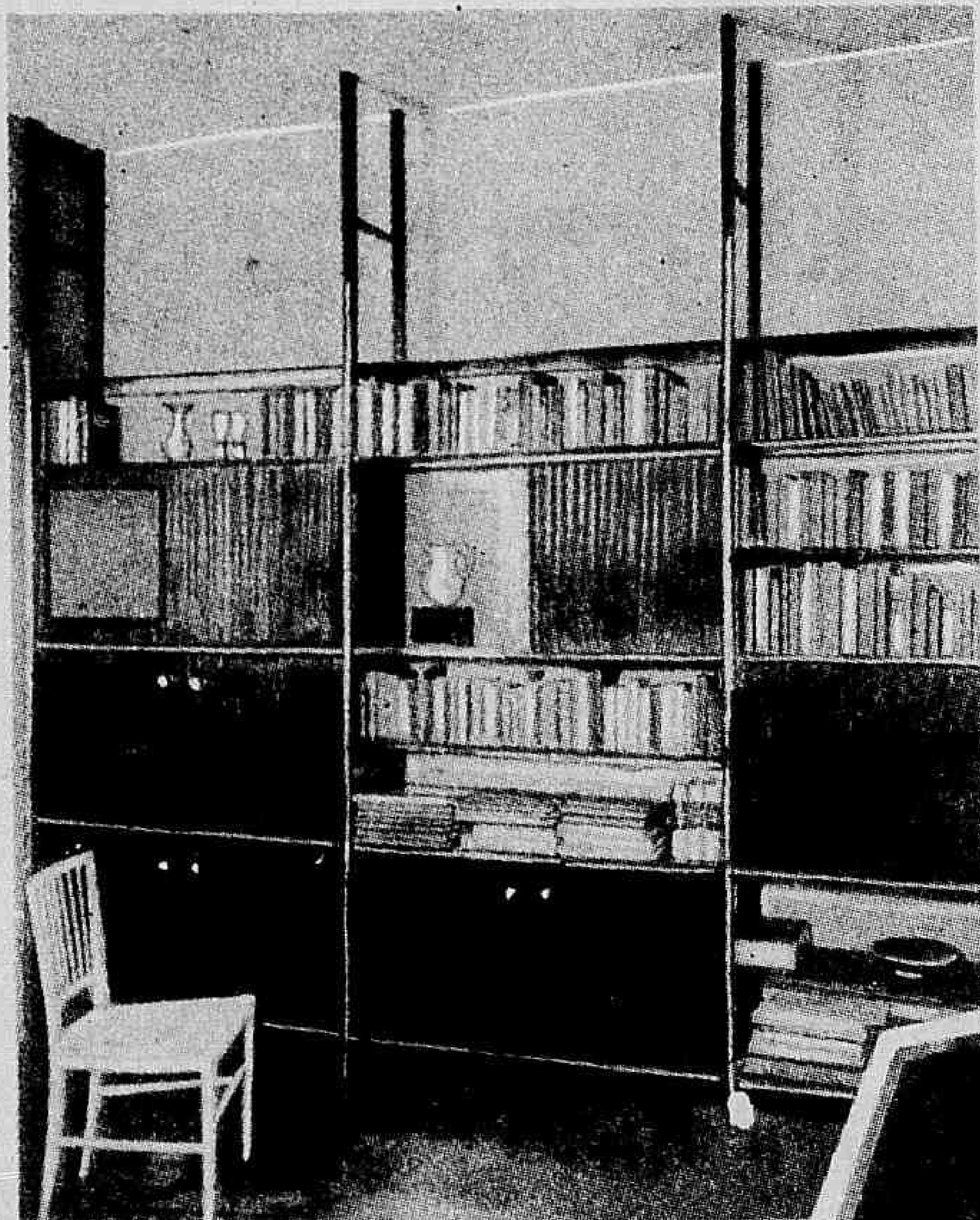


É sempre interessante seguir a evolução dos desenhos arquitetônicos para os modernos interiores. A necessidade de confôrto em sempre menor espaço obriga o arquiteto a casar as influências internacionais, como no caso dêsse projeto norte-americano, em que notamos a inspiração italiana, alemã, escandinava unidas num feliz esfôrço que redundou em coisa linda, prática e moderna.

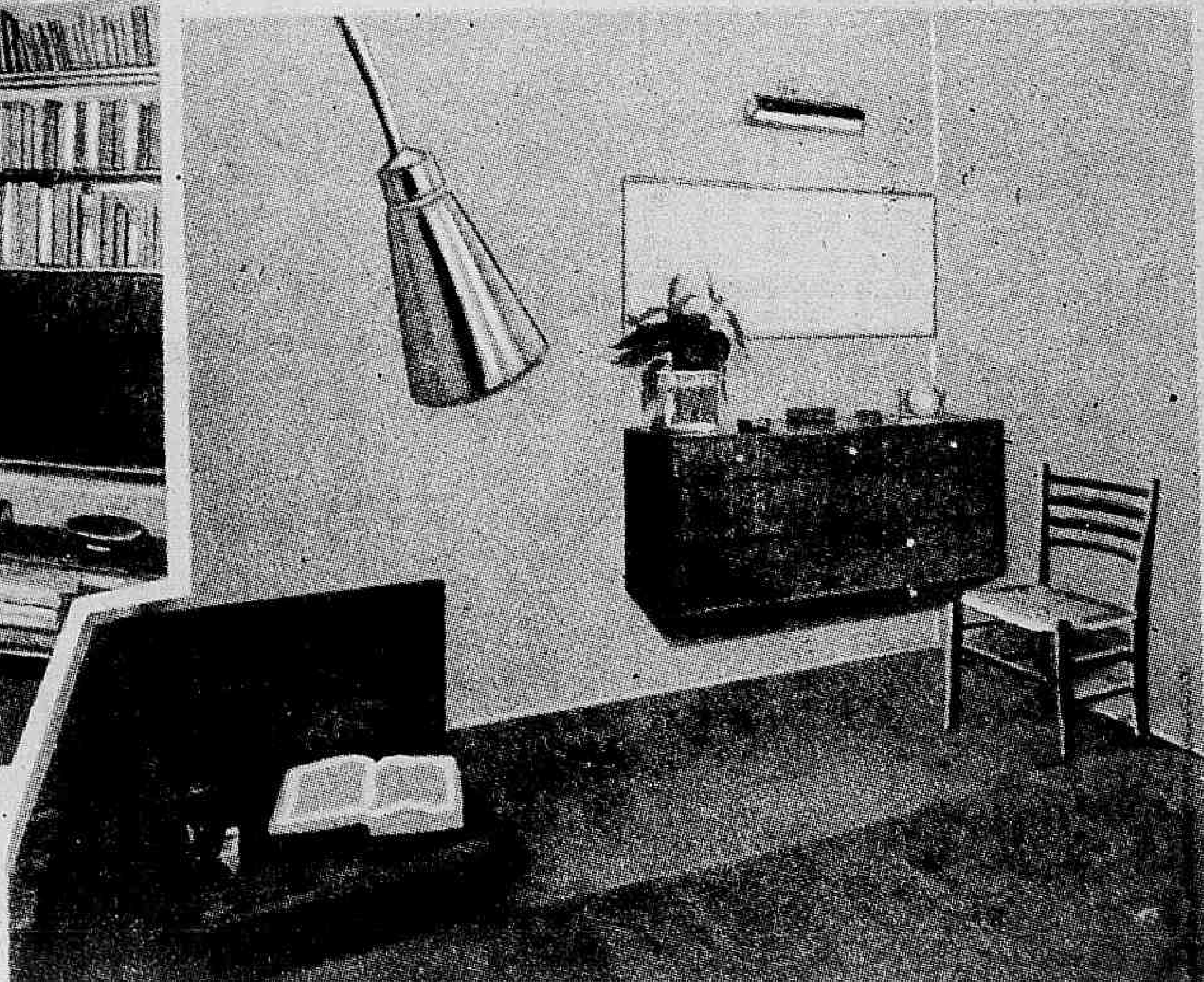


Desenho do longo living do qual uma das paredes é quase inteiramente de vidro, enfrentando um terraço.





EM CIMA: Cadeiras italianas, realçam uma derivação da unidade de conjunto, no outro lado do living. O motivo, que recorda uma escada de portaló, orna muito bem o espaço sôbre a mesa soldada à parede, e que é o buffet. EM BAIXO: Pequeno dormitório com mesa ligada à estante de cabeceira, ambas embutidas na parede. Cômoda também soldada à parede, com espelho sôlto. Ótimo para a limpeza.



Estante de parede, com prateleiras desmontáveis. Serve para livros e também como guarda-louça e até como guarda-roupa.

Um acontecimento na cidade! **insinuante** está aniversariando



Salve os 22 anos da

INSINUANTE

A sapataria mais querida da cidade

MUITAS FLÔRES
MUITA ALEGRIA
E PREÇOS
BARATISSIMOS!

AT. SEMOG



Diretor: GRATULIANO BRITO

.Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA.

Redator-chefe: M. R. de Castro

Redação: Rua Visc. de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: "Revista". Tels.: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Chefe de Publicidade: Severino Lopes Guimarães. Distribuição e Publicidade em São Paulo: Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Representantes: — nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West, 44th. Street, New York City, N. Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

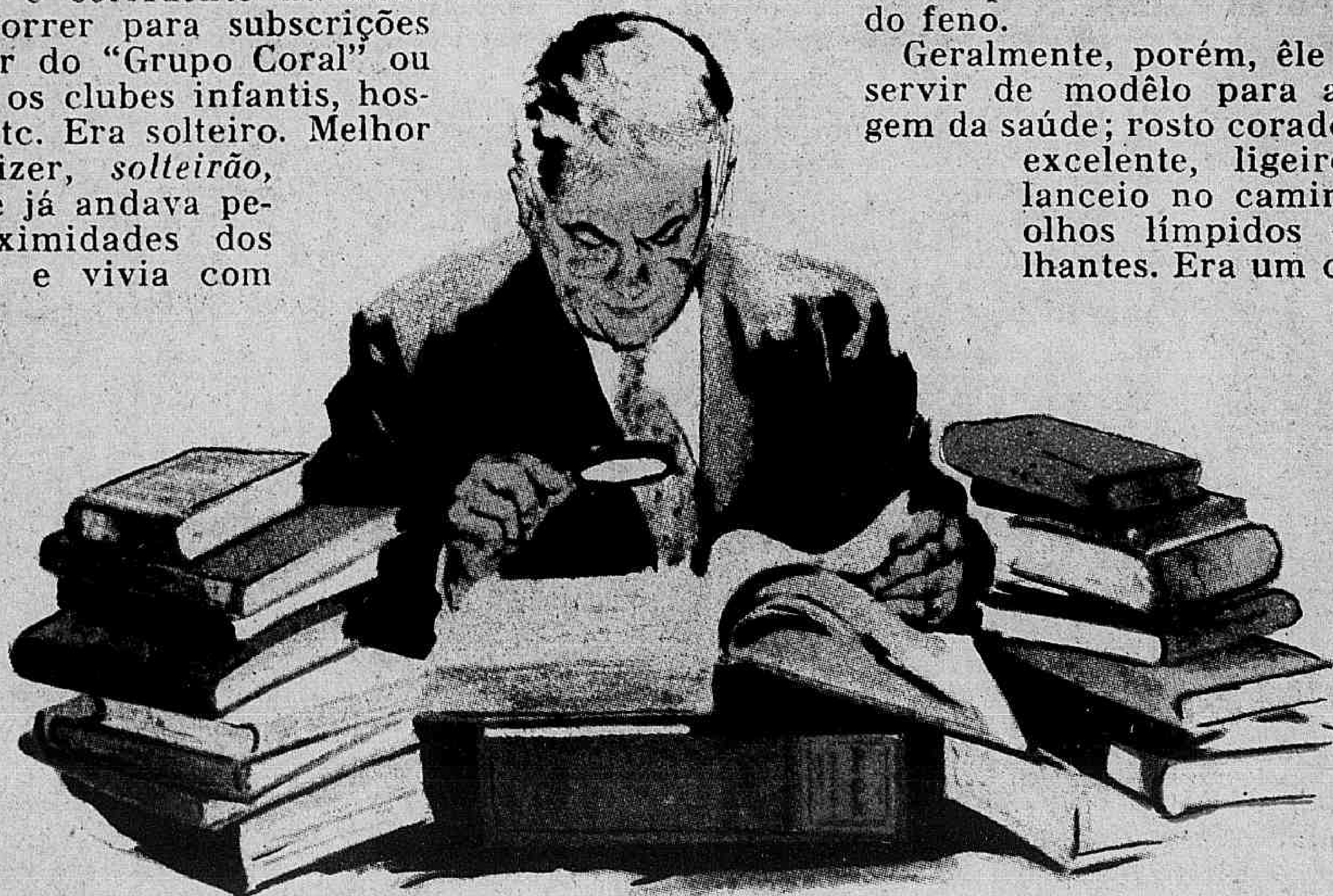
MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO (FUNDADO EM 1917)

JAMAIS CONFIE NUMA MULHER!

Novela de
Victor Canning

TODOS os que conheciam Horácio Denby acreditavam que êle era um cidadão honesto, decente e respeitável. Em negócios cumpria normalmente com os seus compromissos, e estava disposto e sorridente na hora de concorrer para subscrições em favor do "Grupo Coral" ou auxiliar os clubes infantis, hospitais, etc. Era solteiro. Melhor seria dizer, *solteirão*, pois que já andava pelas proximidades dos 50 anos e vivia com uma velha e enrugada serviçal, que pensava ùnicamente no "mundo do patrão" e se matava para entreter-lhe a saúde, principalmente nos meses de junho e julho em que fatalmente Horácio apanhava a sua febrezinha do feno.

Geralmente, porém, êle podia servir de modêlo para a imagem da saúde; rosto corado, pele excelente, ligeiro balanceio no caminhar e olhos límpidos e brilhantes. Era um comer-



Horácio roubara para poder comprar livros raros...

ciante de "ferragens em geral" e "especialmente fechaduras de segurança" — e bastante próspero para empregar dois assistentes.

Um cidadão decente, respeitável — embora não *totalmente* honesto!

Tinham decorrido vinte e cinco anos desde quando o capelão do presídio — no qual Horácio cumprira sua primeira e única sentença — havia tentado reformar Horácio. Gostava de Horácio. Todo o mundo gostava dêle e quem o conhecesse logo se mostrava desejoso de o ajudar.

Porém Horácio não se preocupava muito com a própria desonestidade. Preocupava-se, sim, ùnicamente em "tomar" as coisas dos outros de uma forma que não o lançasse novamente na prisão ou, mesmo, não lhe causasse o mais simples aborrecimento...

Horácio não gostara muito da prisão. A comida não fôra do seu agrado. Também não lhe haviam permitido praticar todos os exercícios que desejava e quanto a livros, os que enchiam as prateleiras da biblioteca do presídio eram desinteressantes e com o sabor de sermão. E miseràvelmente impressos, feios, com êsse papel moderno, barato e que sujava as mãos...

Foi essa última falha do presídio o que, positivamente, enojou Horácio.

Porque — é preciso explicar — o seu maior desejo era ter dinheiro, muito dinheiro, para poder comprar caríssimas primeiras edições. Tinha a mania dos livros raros. Comprava-os, realmente, através de uma agência. Mas sem grande entusiasmo... Tudo discretamente. Ao contrário, financiava suas compras *diretas*... por meio de um roubo anual, que — depois da sua desagradável experiência da prisão — planejava com tôda a cautela e executava com absoluta segurança.

Caminhando agora sob o brilhante sol de julho, em campo aberto, na direção de Shotover Granger, Horácio trauteava uma cançoneta. Sentia-se realmente feliz, porque mais uma vez planejara tudo muito bem. Por duas semanas — suas férias anuais — estivera palmilhando aquêle terreno, em redor da formosa Granja. Agora sabia todo o necessário a respeito daquela residência campestre; conhecia todo o seu sistema de alarma elétrico, a planta geral do prédio, o mobiliário e a disposição de tôdas as peças.

Sabia também que as duas criadas, Ethel e Mrs. Crimp, estavam sós na casa, enquanto a família se encontrava em Londres. E naquela tarde — estritamente contra as ordens dos patrões — elas haviam tomado o ônibus local para ir ao cinema! Tudo isso Horácio sabia — e sentia-se por isso mesmo, muito feliz, apesar do perfume de um cercado próximo, recém-aparado pelo jardineiro, começar a lhe fazer cócegas no nariz, forçando-o a espirrar. Porém o pêso do pequeno saco de couro, batendo ritimadamente contra a sua ilharga, era uma sensação bastante agradável para que Horácio esquecesse êsses transtornos ligeiros. Naquele saco iam as suas boas ferramentas de arrombador!

Havia uma tentadora quantia naquele cofre. Cêrca de 15.000 libras em jóias. Tudo, é claro, bem guardado, muito bem guardado, mesmo, num bom cofre — pensava Horácio orgulhoso — ...exceto para um homem como êle próprio. E com facilidade obteria oito mil pelo lote... O bastante para o tornar feliz mais outro ano... Havia uma edição de Rabelais, impressa em Lyon por Jean Martin, em 1558, em condições excelentes, e que estaria à venda nesse próximo outono, juntamente



Parece que cheguei em boa hora... — disse ela — Não esperava encontrar um ladrão.



com dois "Livros de Horas", com iluminuras francesas... Coisas que êle muito desejava possuir.

Caminhou resoluto na direção da casa e não tardou a abrir a porta da cozinha com a chave própria, que Mrs. Crimp costumava jogar, simplesmente, dentro do tanque de lavar roupa, cheio d'água.

Tratou de secar a chave no próprio lenço, calçou as luvas e abriu a porta. Marcas digitais de um homem que já cumprira pena de prisão, seriam fatais... Um dos seus raros temores era justamente êsse. Distrair-se alguma vez, e quando menos esperasse descobrir que "trabalhara" *sem luvas!*

Havia um "spaniel" deitado confortàvelmente na cadeira de Mrs. Crimp, na cozinha. O animal não causou surprêsa a Horácio, que sabia da sua existência e conhecia-lhe o nome e a mansidão. De fato o animal logo se ergueu, espreguiçando-se, enquanto o seu coto de cauda estremecia, revelando a alegria que lhe causava aquela inesperada visita.

— Olá, Sherry...

Horácio coçou vagarosamente a cabeça do animal e depois seguiu adiante. "Há cães, — pensou êle — realmente muito camaradas... E' bastante chamar-lhes pelo nome correto e fazer uma carícia rápida..."

Lembrou-se de uma linha de Plewman, lida em alguma página de revista... *"Cortês como um cão de cozinha..."* Um dia talvez tivesse bastante dinheiro para reunir em sua biblioteca todos os bons escritores anglo-saxões...

O cofre estava no estúdio, por trás de uma péssima cópia de Roualt. Horácio baixou o quadro da parede e lamentou, momentâneamente, não poder colecionar também quadros. Mas ocupavam muito espaço! Os livros eram mais próprios para uma casa pequena.

Era um lindo estúdio, muito elegante com mobiliário Regência e mais belo agora, com os raios de sol penetrando pela janela gradeada, que também deixava ver uma

pontinha de jardim bem cuidado. O ar estava impregnado do perfume de um grande *bouquet* de rosas, ornando o centro da mesa e Horácio sentiu o nariz coçar desesperadamente. Espirrou ligeiramente e logo tratou de abrir o saco das ferramentas. Não tinha pressa, entretanto, e entrou a arrumar as ferramentas sôbre um pedaço de couro que abriu sôbre o tapête. Decorreriam sem dúvida quatro horas antes de que as criadas voltassem.

Segundo imaginava, não teria que lutar muito com aquêle cofre. Lidara com fechos mais sérios tôda a sua vida. As fechaduras dos cofres tinham as suas fraquezas, como qualquer ser humano. E êle sabia explorar êsses pontos fracos. Para começar a campainha de alarma, ligada ao cofre, foi posta em condições imprestáveis. Não que o seu sinal, dada as circunstâncias, servisse para salvar as jóias do cofre. Porém Horácio gostava de trabalhar com método. Voltou-se um instante para espirrar com fôrça.

"As pessoas ricas e possuidoras de coisas bonitas — pensava Horácio, nesse instante, enquanto examinava o cofre para decidir sôbre o melhor método de ataque — são bem tolas... A vaidade é a sua maior fraqueza."

Tudo o que via agora, já conhecia através de uma revista da *élite* social. De fato a revista publicara a planta da casa, vistas detalhadas do seu interior, etc. O cronista mencionara até mesmo o quadro que escondia o cofre das jóias!

Horácio moveu a cabeça como se condenasse essas vaidades e voltou a atenção para as ferramentas. Ao curvar-se para elas, tornou a espirrar, uma, duas, três, quatro vêzes. Praguejou, escondendo o rosto no lenço. Então, quando terminou o acesso, ouviu uma voz perguntar calmamente, junto da porta:

— Isso que é? Resfriado ou febre do feno?

Horácio rodou nos calcanhares, com um estremeção de surprêsa e, antes de que pudesse raciocinar, respondeu, maquinalmente: — "Febre do feno". E imediatamente voltou a espirrar como se fôsse estourar.

Quando afinal terminou, a voz falou novamente:

— Isso pode ser curado com injeções... Principalmente quando se consegue saber a que particular alergia é devido. Aconselho-o a tratar-se quanto antes, se realmente leva a sério a sua profissão. Ouvi os seus espirros, desde o primeiro, quando estava ainda no andar superior trocando minha roupa!

A voz era calma, zombeteira, mas não isenta de certa firmeza que bem podia, em caso de necessidade, mudar de estilo. Provinha de uma mulher que se achava de pé, junto da porta e tendo Sherry, todo feliz, ao seu lado. Era moça, bastante bela e vestida com elegante *toilette* vermelha.

Caminhou com passo de princesa até junto da mesa e com gestos sábios deu outro arranjo às rosas. O *spaniel* saltava ao seu lado, parecendo querer colo.

— Quieto, Sherry — disse ela — E' preciso que todos pensem que estou fora, até o fim do mês...

Voltou-se e sorriu para Horácio. Depois: "— Creio que cheguei em boa hora... Confesso que não esperava encontrar um ladrão!

— Havia, entretanto, nos olhos dela, um certo brilho que deu alguma esperança a Horácio. Talvez... Se soubesse levar a conversa com jeito, talvez conseguisse sair daquela situação desesperada... Ousou esboçar um sorriso amável e disse:

— E eu — confesso — não esperava encontrar a dona da casa!

Ela assentiu com ligeiro movimento de cabeça:

— Compreendo como isso deve ser aborrecido para você... Que pretende fazer, agora?

— Bem... Creio que vou dar o fora... — confessou Horácio.

— Sim... Pode fazer isso, realmente. Mas, o mal é que eu telefonarei imediatamente para a polícia, dando minuciosa descrição da sua pessoa. Êles o pegarão depressa!

Horácio enrolou algum tempo o seu lenço, depois disse brandamente.

— Eu poderia, naturalmente, desligar o telefone, antes de sair e depois... — hesitou ligeiramente, antes de continuar e agora com estranho sorriso torcendo o rosto — deixar a senhora mesma em situação de não poder agir... pelo menos por algum tempo. Uma vantagem de algumas horas me seriam suficientes...

Por um instante ela o observou com ar sério.

— Usaria... a violência?

Horácio refletiu alguns segundos antes de responder:

— Talvez eu estivesse apenas tentando amedrontar...

— Não o conseguiu!

— Bem... Neste caso, deixe-me juntar o que é meu e dar o fora.

— Por que *devo* deixar? — a voz era agora grave e carregada de ameaças — Você estava tentando roubar minhas jóias. Se o deixar sair, impune, por certo irá roubar outra pessoa qualquer... A sociedade precisa ser protegida contra indivíduos como você!

Horácio sorriu francamente.

— Reconheço que tem razão — disse êle — embora eu mesmo não me considere nenhuma ameaça para a sociedade.

Tiro apenas daqueles que têm mais do que necessitam...

— Hmmm... Temos, então, um novo *Robin Hood!*

Havia uma ruga zombeteira em sua bôca; porém novamente a voz revelou bom humor.

— Tem razão — confessou Horácio, procurando assumir um tom triste e submisso — Posso afirmar que jamais fim mal a quem quer que fôsse. E... se soubesse como é horrível o presídio!

Ela sorriu mansamente; depois riu abertamente e Horácio sentiu que *estava ganhando a partida.* "Oh! Era um bom ator... Tinha boa conversa... E orgulhava-se!"

— Ouça, senhora... Sei que não tenho o direito de pedir... Mas, por favor... Se me deixar sair, prometo nunca mais voltar a roubar... Juro!

Ela ficou em silêncio por algum tempo, observando atentamente o ladrão, sempre de joelhos, diante das ferramentas. Finalmente disse, com voz lenta e calma:

— Você tem horror à prisão, hein?

Levantou-se repentinamente e caminhou para êle, com ar decidido.

— O que há de mau, comigo — disse ela — é que sempre simpatizo com os que erram... — Abriu uma caixa de prata, sôbre a mesa, e dela retirou um cigarro. Horácio se esforçava por parecer mais digno de piedade, sentindo que aquela senhora estava fraquejando, mais disposta a perdoar... Querendo ser gentil, descalçou depressa as luvas e ofereceu-lhe a chama do próprio isqueiro para acender o cigarro.

— Então? — perguntou humildemente, enquanto sustentava a chama diante dela, hesitante — Vai deixar que eu me retire?

— Hmmm... Siiiim... Mas só se fizer um serviço para mim!

— Tudo o que quiser!

— E' que estou em posição difícil com meu marido. Antes de partirmos prometi a êle que transferiria as minhas jóias para nosso banco, em Londres; mas acabei esquecendo e deixando-as aqui, neste cofre. E tenho que usá-las, esta noite, numa recepção, lá em Londres! Por isso vim buscá-las, sem êle saber... Mas, desmiolada como sou...

Horácio abriu os braços, com gesto galante e sorrindo:

— Como acontece geralmente com as mulheres, a senhora esqueceu o principal: a "combinação", não é verdade?

— Como adivinhou?

— Ora... Foi fácil. Mas pode ficar tranqüila. Terei muito prazer em servi-la. Deixe-me agir e, dentro de quarenta minutos, senão antes... E não estragarei muito o seu lindo cofre.

Não tenha muito cuidado com isso. Meu marido não voltará a esta casa de campo antes de um mês... Até lá, terei muito tempo para mandar consertar...

E, realmente, antes de quarenta minutos, Horácio retirava as jóias do fundo do cofre, entregando-as à legítima dona — e dando o fora muito feliz por ter escapado sem maiores danos.

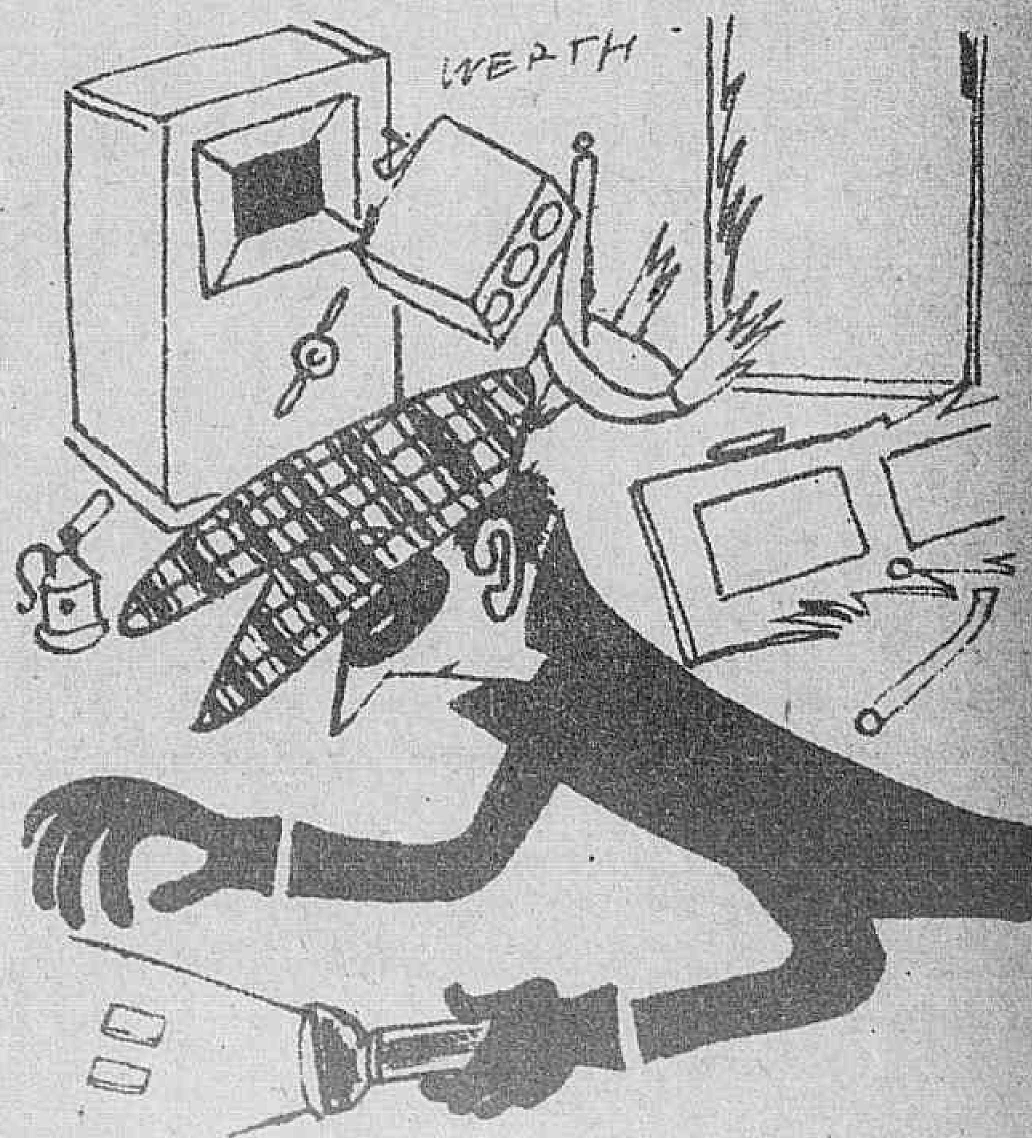
Durante dois dias Horácio ficou quieto em casa, abençoando a *ricaça de bom coração,* que o deixara safar-se, quando podia a esta hora estar novamente entre as grades — e por longos anos desta vez. Mas, na manhã do terceiro dia, recomeçou a pensar nos livros que continuava a desejar com tôdas as fôrças. Tinha que estudar outro golpe, a fim de obter o dinheiro necessário...

Porém jamais pôde levar avante êsse plano! À hora em que se sentava à mesa, para o primeiro almôço, apareceram *visitas*: um detective-inspetor e um guarda, fardado. Horácio foi prêso como autor do roubo das jóias em Shotover Grange!

Suas impressões digitais — porque no seu entusiasmo de virtuoso, e por estar agindo para a dona do cofre, havia trabalhado *sem luvas* — estavam fartamente espalhadas por todo o cofre, — e ninguém acreditou na história que contou e tornou a contar a respeito da espôsa do proprieário da casa, e do seu pedido no sentido de abrir o cofre para lhe prestar um favor! A espôsa do proprietário, *a verdadeira* — uma senhora magra e sêca, de cabelos brancos e beirando os sessenta anos — afirmou que aquela história "era coisa de louco ou de farçante".

Horácio, sentenciado a seis anos, trabalha como zelador da biblioteca do presídio. Às vêzes pensa na jovem encantadora e esperta criatura que abraçara a mesma profissão que êle e o pusera tão fàcilmente "para trás".

E é por isso que fica fulo de raiva quando alguém fala a respeito da honra entre ladrões.



QUANDO se agachou para beber, nesse amanhecer, sentiu a terra mais fria que de costume e seu pêlo fulvo, sôbre os ombros, estremeceram, arrepiando. Da lagoa viu subir sua própria cabeça, quadrada e forte, onde dois olhos pareciam de vidro, com as pupilas contraídas estreitamente para escapar à refração dos primeiros raios do sol contra a água.

Esperou um momento, aspirando o cheiro do ar frio e que parecia parado sôbre a água brilhante; cheiro que lhe revelava que aquela água era estagnada, contendo rãs em muitos recantos e, em algum lugar, no fundo, uma tartaruga morta. Depois de beber, de vagar, ficou alguns segundos com a grande cabeça voltando para um e outro lado, ouvindo e olfateando... A água brilhava em gotinhas, como diamantes, nos tufos de pêlo curto e branco, em redor do seu focinho.

O sabor da água era desagradável. A côr também não tentava. Moscas douradas brincavam sôbre a superfície. Mas beber apaziguava por instantes as cólicas que torturavam o seu estômago vazio.

Nesse instante as crias se mexeram em seu ventre, comprimido contra a terra e por isso, lambendo o resto de água que lhe molhava o focinho, voltou um tanto trôpega para o grupo de rochas onde passara a noite e estirou-se de lado, sofrendo terrìvelmente dos seus ferimentos.

Ainda era cedo; o sol não estava muito alto, nem as moscas se mostravam assanhadas. Por isso ficou deitada sôbre a areia fina, ao sol, protegida pela mata baixa mas espêssa. Mais além, o terreno ondulado se transformava em montanhas e a neve branca cobria o verde do chão. Mas, até lá, havia o Homem! O Homem era responsável pela escassez dos gamos, e obrigava os tigres a atacar os búfalos, adversários temíveis. Em cada vale iam surgindo as suas aldeias e os seus terrenos cultivados. E cada aldeia tinha cães farejadores e velozes de pernas; tinha armadilhas que disparavam carga pesada, que feria e queimava; algumas, também, tinha alçapões, em cujo fundo estacas ponteagudas esperavam os corpos para varar e rasgar.

Depois que haviam matado o seu macho, tivera que caçar sòzinha, até que também ela fôra ferida e caçada tenazmente, sempre com o Homem no seu rastro sangrento. Êles, porém, não a podiam seguir tão depressa, porque o terreno era muito difícil, com ravinas e espinhos que rasgavam como navalhas. Mas com certeza, queriam ter a certeza de que o animal ferido não passasse a ser um comedor-de-homens, dada a sua incapacidade de apanhar seu alimento normal.

Porém agora os caçadores estavam muito distanciados e ela podia deitar-se, tranqüila, lambendo e tornando a lamber seus ferimentos, que, com a marcha forçada e constante, se mantinham abertos... De vez em quando parava de lamber e todo o seu corpo estremecia de dor.



Entretanto, mesmo naquele terreno apartado de qualquer distrito habitado pelo Homem, havia vida no juncal; vida que a todo instante manifestava a sua presença. Coisas que rastejavam, saltavam ou voavam com lampejos multicores, sob o sol que subia no horizonte, procurando o calor dos seus raios; não tardaram a aparecer pequenos macacos cinzentos, que vinham em bando turbulento, perseguindo-se de galho em galho. A fera, que repousava, rolou o enorme corpo dolorido, voltando-se para o lado de onde vinha o alarido, vendo os intrusos através das pálpebras semi-cerradas, vigiando seus movimentos, enquanto a extremidade de sua cauda tinha estremecimentos nervosos.

Um macaquinho, muito jovem ainda, tentou atingir o ponto extremo de um galho. Falhou porém na sua tentativa e caiu. No solo viu o perigo que se ocultava entre as pedras e gritou desesperadamente por socorro. Nenhum dos seus ousou vir apanhá-lo. Um minuto depois, movido por uma fôrça estranha e desesperada o macaquinho conseguiu voltar à parte mais alta da árvore, refugiando-se nos braços da mãe que o chamava aos guinchos.

A fera, que se levantara a meio, ao ver tombar o símio, deixou escapar um rouco miado de desapontamento e de dor. Instantânea-

VIDA

"A fêmea de tigre estava esfomeada e fraca. De fato não comera nos últimos dias — e provàvelmente não comeria por outros dias mais. Além disso estava ferida e, mais que isso, estava prestes a ter crias, a qualquer momento."



E MORTE

Novela de NORAH BURKE

mente, do alto de uma árvore, um gavião soltou o grito de alarma. Todos os animais da floresta sabiam onde ela estava — e se os seus perseguidores estivessem ainda em suas pegadas, logo a encontrariam. Com movimento vigoroso, exibiu tôdas as temíveis garras, abrindo sulcos no chão de areia e sentindo que os músculos ainda estavam rijos. Justamente começava a esquentar, e as moscas tinham surgido, atirando-se às suas feridas. Era perigoso mover-se ao sol, ainda. Mas não havia outro remédio.

O vento quente vinha carregado de cheiros. Ela sentiu não distante a presença de macacos, — talvez os mesmos que se haviam assustado pouco antes. Sentiu, também, a proximidade de chacais, de porco-espinho e de marrecos voadores. O vento estava limpo de cheiro de homem; entretanto, um vago mal-estar começou a pulsar em seu sangue e ela parou para sondar na direção de onde vinha

o vento... de onde êle podia vir, também... Cêrca de um quilômetro descendo para o vale, na margem oposta de um charco, entre moitas de bambu, havia uma pequena clareira e nela um jovem veado comia sem pressa a relva tenra. Podia ver o pequeno animal em cada detalhe delicado de seu corpo ágil. Podia ver o animal repentinamente nervoso aspirar o ar com fôrça, enquanto as orelhas sensíveis se voltavam em todos os sentidos prontas a captar o mais live ruído. Agora já parecia de novo tranqüilo; baixava outra vez a cabeça, em busca da relva macia. Mas a fera sabia que, ferida como estava, não poderia alcançar aquela prêsa. Recomeçou a sua marcha arrastada, dolorosa.

Dores ainda mais fortes sentia agora também em suas entranhas, com as novas vidas que ali se desenvolviam incessantemente. O pobre animal desejaria poder ficar ali mesmo, próximo do riacho encharcado, onde talvez pudesse apanhar uma rã, ou algum veado que viesse matar a sêde. Desejaria poder parar ali, repousando e dando tempo a que suas feridas fechassem e assim começasse a fugir da morte. Mas tinha que seguir adiante, reabrindo de novo as mal fechadas feridas, com o movimento e o esfôrço.

Mais abaixo, teve que pisar sôbre rochas ponteagudas e algumas bastante esquentadas pelo sol. Porém nenhuma sensação de temperatura atravessava a crosta que forrava as suas patas. Sua pele começou a ficar picada de suor, sob o pêlo fulvo e agora já caminhava com a bocarra entreaberta.

Tôda a selva marcava sua passagem — os macacos, os gaviões da mata, outras aves e outros animais. Numa clareira distante, um "kakur" saltou como se tivesse enlouquecido e desapareceu como por encanto.

A fera, tropeçando, moveu-se entre as rochas e as moitas de espinhos e de framboezas rubras; depois entre bambus e alagados. Muito mais além, atingiu o leito do curso d'água, agora sêco, onde podia caminhar mais depressa, mas onde também ficavam impressas as suas pisadas, juntamente com gotas de sangue.

Êsse curso d'água, como milhares de outros, secava durante boa parte do ano, escumando furiosamente na época da monção. Centenas de estações de enchentes tinham espalhado um pouco o seu curso entre as rochas, formando reprêsas naturais e bôlsas d'água que duravam de estação a estação; velhas árvores, trazidas pelas torrentes anuais, se amontoavam, formando boa carreira de bacias mais ou menos profundas, onde o "peixe-rei" ficava aguardando a nova caudal em companhia de suas companheiras já preparadas para proliferar. Por êle caminhou o animal ferido, sentindo momentâneo alívio e lavando as suas chagas.

Havia uma dessas bacias que, com a estação das chuvas, era uma razoável lagoa. Estava agora quase sêca, com o fundo de areia parda bem à mostra. Grandes buracos tinham sido abertos nessa areia e, num dêles, uma tartaruga ficara aprisionada, quando as águas haviam evaporado. Mesmo assim, privada de água e de alimento, poderia ela viver ainda muitos meses, até às próximas águas.

Porém a fera passou e viu a prêsa.

Era tempo. Desceu até o mais próximo possível do buraco e com as garras poderosas, puxou a tartaruga para fora, arrastando-a pela parede em declive. O quelônio ficou virado, de costas contra a areia, tratando porém de recolher cabeça e pernas para o interior da couraça, que brilhava ao sol.

Os olhos dos dois animais — vida e vida — fitavam-se; os da tartaruga como dois botões negros e brilhantes no fundo de negra caverna; os do felino claros, dourados e sofredores. Na desapaixonada crueldade da natureza, a vida tem que alimentar a vida, como era na primitiva floresta e com há de ser sempre.

A fera inclinou ligeiramente a tartaruga, para ver como poderia abrir aquilo. Depois, desistindo de encontrar o segrêdo, abocanhou-a, aprisionando-a entre os maxilares poderosos, que podiam matar um búfalo e carregá-lo para local distante. Trincou a tartaruga como se fôsse uma concha, sentindo primeiro, entre os maxilares, a resistência da forte couraça exterior, perfurada lentamente pelos seus dentes fortes e ponteagudos. Depois foi o colapso, uma ligeira inundação em sua própria boca, e a morte da tartaruga. Largou então a vítima e com as garras e a língua sedenta, provou e engoliu a carne miserável entre a couraça e os ossos. Coisa pouco consistente e com gôsto de peixe. Só isso! Só essa miséria — quando teria podido engolir meio búfalo — serviu apenas para aumentar o seu tormento. Desejaria poder encontrar água limpa e fresca, e deitar-se, a fim de esperar alguma coisa que estava para chegar. Talvez encontrasse algum gordo porco do mato, roendo raízes no seio da mata, ou uma cabra. Mas, se tivesse que correr ou saltar...

Justamente nesse momento o vento virou, de repente, turbilhonando em redor das colinas, e trazendo-lhe o cheiro do Homem. Por instantes isso mudou as pancadas do seu coração — havia desta vez uma tenacidade fora do comum, nessa perseguição! — depois deixou o curso do rio, intrometendo-se pela mata, tratando assim de colocar uma barreira entre o próprio corpo e seus perseguidores, de forma a que não sentissem o seu próprio cheiro.

A seguir, preferiu o caminho que subia para a crista do monte, afastando-se mais e mais da planície, dos cursos d'água e das habitações do Homem. Seus olhos procuravam os ligeiros lençóis de neve que ainda marcavam o fim da estação fria.

Entre a fera e a salvação havia, porém, um verdadeiro mar de colinas, bosques e ravinas, onde fàcilmente poderia ludibriar seus perseguidores, se não estivesse ferida. Em uma noite teria podido, com desvios sábios, abrir uma distância de mais de cinqüenta quilômetros entre ela e o cheiro do Homem. Naquelas florestas teria encontrado o alimento natural, matando suas prêsas e levando-as para os filhotes, segundo as leis da criação. Mas havia chumbo em suas carnes... Quando o calor do dia chegou ao máximo, a fera sentiu que seus perseguidores estavam mais próximos dos seus calcanhares que ao alvorecer. Seu corpo, pesado com novas vidas, e estropiado, não podia avançar como era necessário. Quando chegou a um cume rochoso, que dominava novo rio, fêz uma pausa, sentindo que não poderia atravessá-lo com a mesma facilidade com que estava habituada a fazer. Tinha porém que cruzá-lo e atingir a outra margem.

Nessa madrugada avistou as luzes do acampamento dos perseguidores. No dia imediato, desde cedo, êles recomeçaram a perseguição. A fera já

(*Continua na página* 112)



Por

ELLSWYTH THANE

(Autor de "THIS WAS TOMORROW")

NADA DE "MILAGRES" POR FAVOR!

Em sua residência de Wilmington (Estado de Vermont) a autora com seu marido, o famoso explorador submarino William Beebe.

"A fumaça da minha casa é melhor que o fogo da lareira do meu vizinho."

(Provérbio espanhol)

DIRIGIA meu automóvel para a Nova Inglaterra, em plena primavera. Ao longo das estradas, surgiam pequeninas casas brancas, prados verdes, velhas árvores — numa atmosfera de serenidade empolgante e colorido miraculoso. Minha própria casa, quando a ela cheguei, pareceu a mesma de sempre, exageradamente, teimosamente a mesma! Não sei como, mas aquilo me encheu de azedume e tornou mais sensível a minha fadiga.

Comecei, então, quase inconscientemente, a arquitetar planos e a traçar conjeturas: "Aquela outra, com largas janelas, o relvado muito bem cuidado e o belo cão pastor, dormindo nos degraus da varanda... Se algum milagre pudesse transformar a minha pobre casa noutra, como aquela... Quem seria o felizardo que, tôdas as noites, a ela chegava? De onde vinha? Ou, se a minha pudesse ser como aquela outra, com garage para dois automóveis (automóveis de verdade e não essas "imitações" baratas), com bom terreno para esticar as pernas, belos canteiros... e aquêles bancos amigos, sob árvores amigas! Quantas pessoas seriam as daquela casa, para necessitar de tanto espaço? Oh! Eu sempre desejara uma casa grande...

"Ou poder recomeçar a vida, outra vez, naquela outra, com tudo novinho, um tanto simples mas de aspecto promissor; e eu própria com um ar novinho de moça em idade de casar — a despeito dos restos de um tremzinho, abandonado no gramado do jardim.

Comecei a me sentir velha e doente — e triste também! Desejava poder sair, fugir para algum lugar... fôsse para onde fôsse!

★

O sonho continuou ainda por alguns instantes. Imaginava *paraísos* com centenas de milhas quadradas, simplesmente ignorando como alcançá-los; tôdas essas "mansões senhoriais" traziam um problema insolúvel atravessado na sua serena fachada. Não há um lar sem um dêles, nos dias que correm! Devia eu *trocar*? Devia, realmente, lançar-me, às cegas, na vida alheia, sondando tudo, minuciosamente e procurar trocar a minha vida com a de algum dêles? Não! Não devia fazer tal coisa!

O automóvel entrou a rolar pela estrada poeirenta que dá acesso à minha própria casa, pequena, antiga, branca, teimosamente igual à que eu vira pela primeira vez quando era menina. Estava à minha espera, tendo guardado um pouquinho de sol para me brindar e também a delicada beleza de suas florinhas azuis, amarelas, brancas...

Não, meu Deus! *Nada de milagres, por favor!* Minhas tristezas são familiares, coisa muito antiga e enraizada. Minhas alegrias também são antigas e gratíssimas. O que é meu é meu; afinal estou em minha casa! Se pudesse, havia de levá-la sempre comigo, quando viajasse...

UM DRAMA QUE SÓ "ÊLES" CONHECEM... OS MARIDOS



"A família não deve ser separada" — diz a Doutora Baumgartner.

Aproximadamente, quatro milhões de homens casados ficam abandonados quando suas famílias realizam alguma viagem de recreio ou férias. Eis a triste história do pobre "solteiro de verão". Êle é um problema muito mais sério do que a espôsa pode imaginar.

Por JHAN e JUNE ROBBINS

NUMA das noites mais quentes do verão passado, em Detroit, um carro da patrulha policial surpreendeu um homem forçando a fechadura de um armazém em pacato bairro residencial. Poucos minutos depois o homem era capturado sem opor qualquer resistência. O indivíduo foi encontrado de pé, no centro do armazém, com um pedaço de pão meio comido em uma das mãos e uma lata de conservas, aberta, na outra...

— "Esqueci de comprar o que comer" — disse êle na delegacia. — "Minha família está fora e estou morrendo de fome!"

De acôrdo com as estimativas feitas pela "Associação Americana de Hotéis" — cujos membros cuidam de uma grande quantidade de famílias que surgem nesses estabelecimentos sem os respectivos "chefes" — aproximadamente quatro milhões de maridos ficam temporàriamente *solteiros* durante o ano.



A cozinha não tarda muito a ficar entulhada de pratos sujos e latas vazias. O pobre marido perde o apetite e acaba recusando sequer a entrar nesse lugar horroroso...

Devido ao estado de emergência nacional, muitos pais de família estão se ausentando do lar com redobrada freqüência para realizar viagens de serviço até Washington e outros lugares. Muitos mais se separarão de sua família neste verão, porque os atuais programas de produção da indústria de Tio Sam, permitirão pouco tempo para férias. Se espôsas e filhos acham que devem ter recreio, *de qualquer maneira,* terão que viajar sem os respectivos maridos e pais.

Para muitos, isto é uma norma estabelecida. Numa agência de seguros, em Boston, 205 entre 239 casados confessaram estar acostumados a ficar sós desde 1 de janeiro até o dia da reabertura das aulas escolares.

PRATOS SUJOS, CAMAS DESARRUMADAS!... — O problema do "solteiro temporário" tem interessado muito ao Dr. Leo A. Haak, do "Departamento de Bem-Estar Social" no "Colégio Estadual de Michigan.

Êsse departamento é conhecido em tôda a nação norte-americana por sua interferência em certas infortunadas relações familiares.

O Professor Haak, também um dos infortunados, salienta a completa miséria física em que se apresenta um *viúvo-da-estação-quente*: além da luta com os pratos sujos, a falta de botões nas camisas, a cama desarrumada e uma série de outras dificuldades, o infeliz tem que comer em pé, na cozinha, privado de todos os confortos do lar, servindo-se de latas de conservas para não morrer de inanição!— E para completar, ainda tem que aturar a zombaria dos vizinhos.

— "Socialmente — diz o Dr. Haak — *o solteiro de verão* se apresenta como uma figura lamentável. Já não sabe mais *agir como solteiro!* E, se tenta conservar *a rotina de sua vida de casado,* cede descobre que já está velho e cansado".

Se a senhora abandonar o seu marido no verão, respeitável leitora, pode estar certa de que êle sofrerá uma grande mudança psicológica. Deixado assim, só, abandonado, seu marido estará inclinado a tornar-se um homem de maneiras estranhas, dado a violências, de ímpeto quase selvagem. E, quando a senhora voltar, talvez encontre o apartamento pintado de novo — *e de uma côr que não lhe agrade!*

Mergulhado em profunda nostalgia êle lhe escreverá uma carta, começando mais ou menos assim: "Espero que você e as

ABANDONADOS

crianças estejam apreciando bastante êsse clima ameno. Aqui, a coluna de mercúrio já atingiu a marca dos trinta e nove. O calor é tanto que o encanamento de chumbo está derretendo e várias pessoas têm desmaiado nas ruas."

A SENHORA DEVIA TER RECUSADO! — Não importa que seu marido, mesmo a sério, implore que a senhora vá para fora *e não se incomode com êle!* Êle se arrependerá *se a senhora seguir as suas palavras e viajar mesmo!*

— "E' claro! Eu queria que você fôsse! — confessou um marido exaltado, diante da espôsa estupefata — *Mas você devia ter recusado, pelo menos duas vêzes, antes de fazer as malas!*"

A senhora, naturalmente, tem as suas próprias preocupações: *poderá seu marido ir com a senhora? A senhora teme que êle possa*... e também que *não* possa! Já no trem, a senhora se convencerá de que seu marido *está de planos feitos para uma farra com algum beberrão inveterado.*

As separações do verão são realmente lamentáveis; particularmente, quando as espôsas são ciumentas. Um indivíduo consegue meios para se juntar à família no "fim-de-semana". Casualmente perde o trem do horário. A espôsa, preocupadíssima, liga imediatamente para casa e... ouve uma voz feminina ao telefone. Enraivecida, bate com o fone e começa a arrumar as malas para a volta. Felizmente o marido chega no trem seguinte. — Na ansiedade ela havia *discado* um número *errado!*

O Dr. Haak acha que a senhora pode ficar descansada quanto a isto! Assim abandonados ao calor e à umidade, raríssimamente os homens se sentem animados a trocar de roupa e sair em busca de distrações externas!

"O infiel solteiro de verão" — declara o Dr. Haak — pode ser levado à incoerência pelo desconfôrto e a solidão. Mas, *sem dúvida, êle incorreria, de qualquer maneira, na mesma falta, mais cedo ou mais tarde!*

Os filhos podem apresentar um problema mais sério. Se são muito pequenos, podem ficar intrigados — e até asustados — com o súbito *desaparecimento* do pai do círculo familiar.

Certa vez, quando cumprimentava a família, de volta das férias, um pai ficou indignado e triste ao mesmo tempo, ao ouvir a filha menor exclamar: *"Oh! Que bom! Pensei que o senhor tivesse morrido!"*

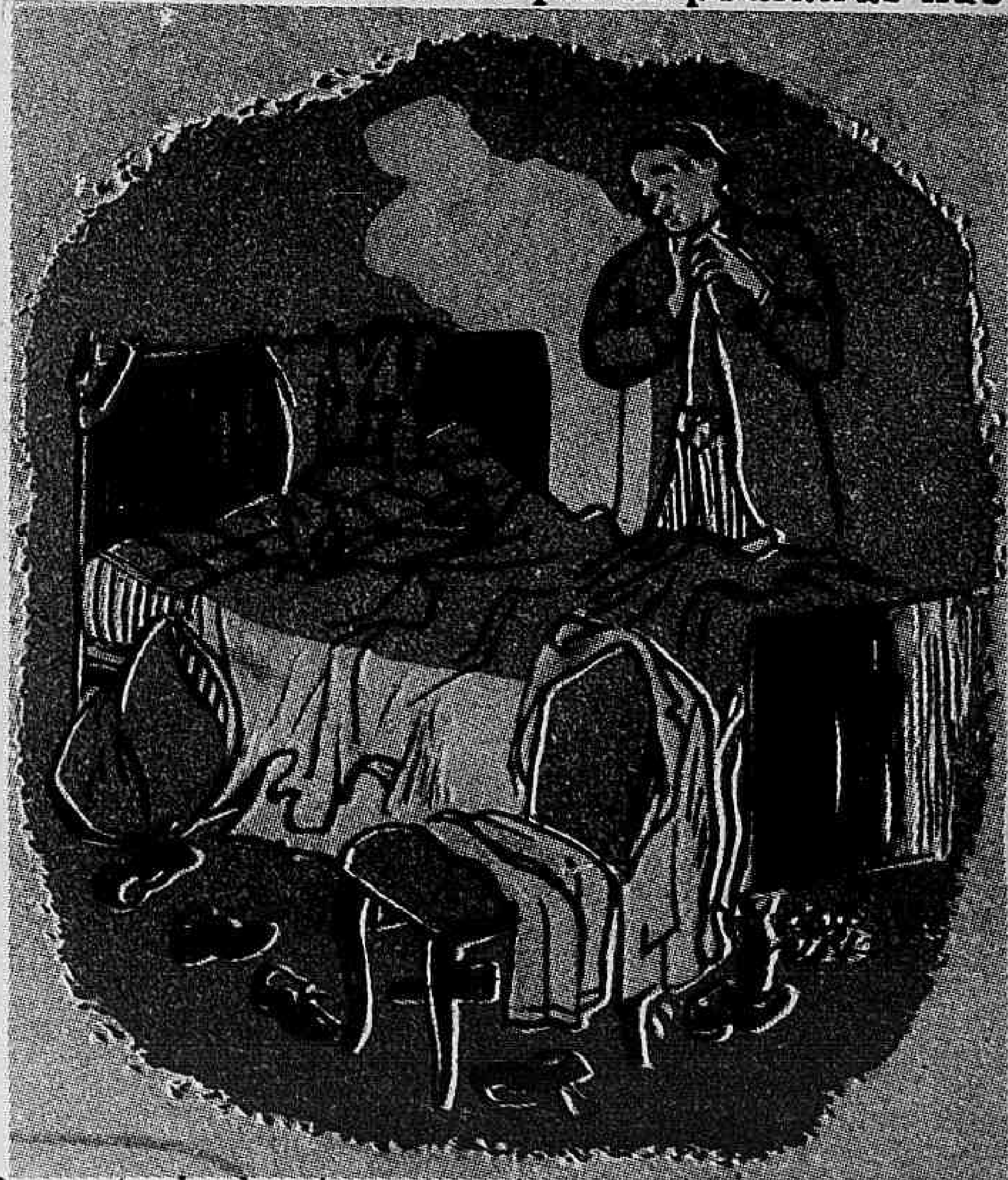
Se as separações, no verão, causam tantas dificuldades, por que continuam os casais se torturando? A Dra. Leona Baumgartner, assistente da "Comissão de Saúde" de Nova York, acredita que "muitos casais se separam, simplesmente por uma questão de *ética*"



Poderá haver coisa mais desagradável do que passar noites inteiras em salas assim, com panos poeirentos cobrindo os móveis... numa casa vazia?

"Como um casaco de peles — diz a Dra. Baumgartner — as longas estações de veraneio são uma espécie de prova das *possibilidades* de um pai. Êle se orgulha, mostrando aos vizinhos que *pode proporcionar à família um descanso, no verão!*"

PARA O BEM DOS MENINOS! — Em geral, as senhoras dizem que "é *para o bem dos meninos*" que se afastam da cidade, durante o verão. Não obstante, a Doutora Baumgartner acentua que os pediatras não



O quarto de dormir se transforma em qualquer coisa inabitável, ao fim da segunda semana e o marido nunca pode recordar em que dia a lavadeira virá buscar a roupa suja...

afirmam que passar o verão na cidade seja prejudicial, física ou psicològicamente, para uma criança. Nenhuma criança sadia e normal, necessita passar 10 semanas fora da cidade! Os três elementos considerados *vitais* ao desenvolvimento de seus filhos, durante o verão, (sol, areia e água) são eficazes com alguns dias no campo, coisa ao alcance de *expedições* de "fins-de-semana"...

— "Muitas pessoas — diz a Dra. Baumgartner — podem proporcionar aos filhos muitos outros meios de obter as vantagens do verão, no campo, sem desfazer aquela preciosa unidade familiar."

Circunstâncias individuais, contudo, podem deixar a senhora convencida da necessidade de um repouso verdadeiro (pelo menos de uma parte da família). Se esta é a sua decisão, não é necessário deixar seu marido ao distúrbio e ao abandono.

A Dra. Joyce Wike, do "Departamento de Psicologia", da Universidade de Buffalo, outra autoridade interessada nestes problemas, diz: *"Êle pode, perfeitamente, cuidar de si; mas é necessário que a senhora providencie, para que sua ausência seja, nesse ponto, compensada."* E aconselha:

1) PROVIDENCIE O SEU BEM-ESTAR *ANTES DE VIAJAR* — Um homem, abandonado pela espôsa durante todo o verão, compra enorme quantidade de alimento-enlatado no dia 1 de janeiro e gasta uma lata, tôda noite, até ao fim das férias da família. Mas, em geral, êsses *solteiros-temporários* sofrem uma certa espécie de indigestão, comum àqueles que se limitam a essas comidas de lata.

Muitos homens podem, muito bem, preparar pratos como espaguete, bife e carne assada. Mas necessitam de uma sugestão para prepará-los de maneira apetitosa. Nesse caso, a senhora deve improvisar uma certa quantidade de *menus,* muito simples e suficientes para uma semana, pendurando-os em algum lugar, na parede da cozinha.

Talvez possa proporcionar-lhe também o *luxo* de um "serviço de limpeza", diàriamente ou três vêzes por semana. Uma casa que esteja sempre limpa terá particular atração e forçará o marido abandonado a ficar *quietinho,* conforme a espôsa quer que êle fique. Porém mesmo imaginando que êle estará pouco tempo em casa, por favor... *não cubra a mobília nem enrole os tapêtes!*

2) RESPEITE O SEU "FIM-DE-SEMANA"! — Se houver possibilidade de um recurso que permita passarem o fim de semana juntos, não estrague êsses dois dias de descanso!

— "Quando desci do trem não foi para começar a tomar conhecimento das ocorrências da semana!" — declarou um *solteiro temporário.*

Isto quer dizer que êle não quer ouvir as acumuladas queixas da espôsa sôbre pouca comida, serviço incompleto ou hóspedes tagarelas. Aliás, êle nada poderá fazer para remediar o mal.

Os maridos também detestam servir de *carregador.* Não peça ao seu para vir, tôda semana, carregado com triciclos, petecas, etc. Leve todo o equipamento necessário, compre o que fôr preciso, lá mesmo, ou passe sem êle!

3) PROTEJA AS RELAÇÕES DÊLE COM OS FILHOS — Êle necessita de seu auxílio para ser *um bom pai distante.* Explique aos filhos os motivos da sua ausência; mas não *mais de uma vez.* As crianças são, por natureza, mais curiosas sôbre essas separações do que os adultos.

Incentive, tanto o seu marido quanto os seus filhos, a manter correspondência separada, mesmo que os menores só possam deixar marcas digitais em cartões postais. Mantenha um instantâneo (ampliado) ou uma recente fotografia de seu marido, bem visível, no dormitório dos seus filhos.

4) FAÇA-O VER QUE A SUA AUSÊNCIA É SENTIDA — Escreva-lhe cartas (naturalmente longas, um tanto amorosas, talvez mais do que comumente escreveria); junte à correspondência algumas "lembranças", tais como instantâneos e cartões-postais românticos. Se puder arranjar alguém que tome conta das crianças, *passe o "fim-de-semana" na cidade, com êle!*

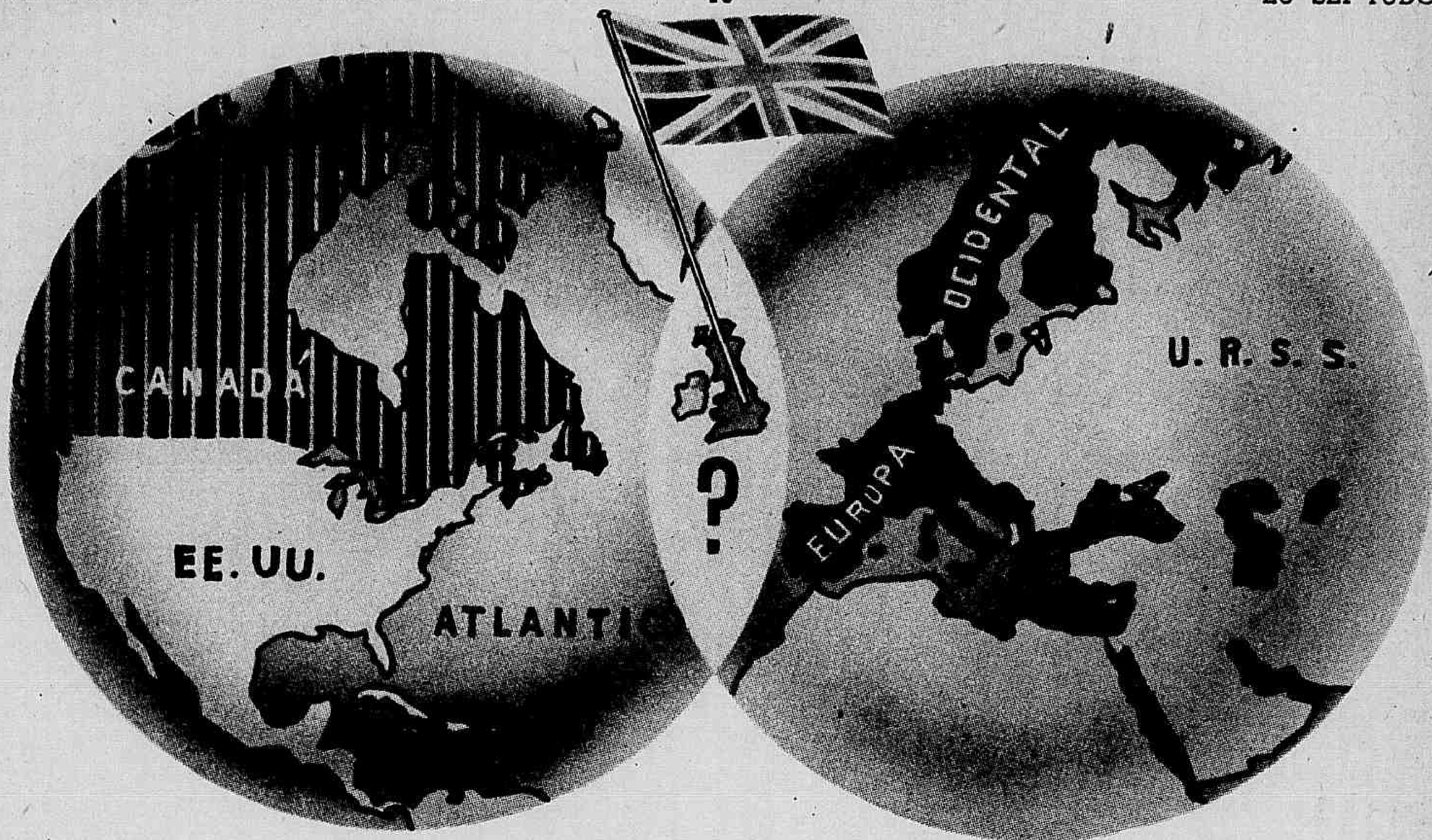
Quando voltar para casa, a espôsa deve brindar o marido com o que, òbviamente, adquiriu com o tempo: esfôrço e auto-disciplina! A Dra. Eike recorda o caso de uma sua colega que quando regressou das férias surpreendeu seu marido com mais 20 quilos, que, positivamente, não tinham sido solicitados — *nem agradaram!*

Uma outra espôsa aprendeu a tocar um instrumento musical, *porque o marido gostava de cantar!* A leitora podia prover o seu marido com um bom estoque de meias para o inverno, ou organizar um "álbum" de fotografias sôbre as atividades do verão, para que êle não se considere tão abandonado!

A volta ao lar deve ser tão bem planejada como a saída. Aconselhamos a leitora a não fazer como muitas outras, que nos atropelos de última hora disputam o caminho através da multidão, ficam exaustas e quando finalmente chegam à casa, deixam-se cair num sofá pedindo que a *acudam!* Tal comportamento é digno de observações como esta: — "Que é o que desejam com êsse *"acudam"*? Quem estêve gozando férias? E' assim que começa o drama...

Procure planejar sua viagem-de-volta de modo que, quando chegue em casa, esteja com o espírito alegre e descansado.

Com certeza, quando a espôsa saiu, êle ficou cantarolando: *"Minha espôsa foi para o campo — ôba!"*; porém, depois de um longo verão, em que ficou assim abandonado, êle descobriu que a melhor ocasião para *"ôbas!"* é quando a *espôsa volta!*



A QUE MUNDO DEVE A INGLATERRA PERTENCER? — Os Estados Unidos consideram a Inglaterra uma unidade da Federação Européia. Os Inglêses, porém, preferem estar ligados sòmente aos países de língua inglêsa, como o Canadá e os Estados Unidos.

ESTARÁ A INGLATERRA SABOTANDO A UNIDADE EUROPÉIA?

Muitos americanos sentem que a indiferença britânica quanto à formação de um exército europeu e ao Plano Schuman, bloqueia uma federação européia e a paz. Mas aqui está o dilema dos britânicos.

Por T. R. FIVEL

"Estarão os britânicos sabotando a *chance* de uma Europa unificada?"

Durante minha recente visita aos Estados Unidos, esta era uma questão que constantemente se me apresentava. Não era difícil concebê-la, num ponto de vista americano.

Primeiro, a responsabilidade pela Europa Ocidental (militar e financeira), não é nenhuma das que são hoje arcadas com entusiasmo pelos Estados Unidos.

Segundo, sendo êles próprios cidadãos de uma União Federativa, estão, na maioria, convencidos de que se ao menos pudessem, os bulhentos Estados da Europa Ocidental se unir de algum modo, numa base federativa, suas *chances* de conter a ameaça soviética e garantir o avanço da estabilidade econômica, seriam grandemente aumentadas.

Terceiro, se o progresso no sentido dêsse ideal tem sido lamentàvelmente lento, muitos estão convencidos de que o êrro recai, principalmente, na obstinada indiferença da Inglaterra.

Para os americanos, a evidência é bem clara. No outono passado um grupo de congressistas visitou a "Assembléia do Conselho da Europa"; os seus componentes ficaram desapontados por encontrá-la aparentando ser *uma simples sociedade de debates*. E seus relatórios lançaram grande parte da culpa para a Inglaterra.

Em 1951, a Inglaterra, o maior parque industrial da Europa, recusara unir-se ao plano Schuman para conciliar a produção de carvão e aço da Europa.

A FRANÇA ESTÁ DESILUDIDA! — Recentemente a Inglaterra, a potência militar mais forte da Europa, deixou de comparecer quando o tratado criando a "Comunidade de Defesa Européia" — plano *chave* para um exército europeu — começou a ser discutido em Paris, por seis nações ocidentais. Esta ausência, em particular, causou desapontamento geral entre os franceses, que estão cada vez mais temerosos do domínio alemão em qualquer exército europeu. O secretário do Exterior da Inglaterra, Sr. Anthony Eden, considerou necessário fazer uma série de discursos "calmantes" entre as fôrças britânicas da Europa e as do Exército de Defesa da Europa.

Em abril dêste ano, a Grã-Bretanha avançou um passo, realmente, unindo-se ao já conhecido "Pacto de Garantia dos Seis Podêres" para dar assistência imediata e automática em caso de agressão a qualquer dos Estados da Europa Ocidental. Isto, porém, só serviu para que dissessem que a Inglaterra aceitara as mesmas responsabilidades militares concernentes à Europa Ocidental, mas ficara, *efetivamente*, fora do Exército de Defesa da Europa!

Estarão os britânicos, por conseguinte, portando-se como maus europeus?

Posta em tais palavras, a questão seria indignamente rejeitada em Londres.

Inegàvelmente, o inquiridor achar-se-ia envolvido num argumento abrangendo desde quando a Inglaterra, sòzinha, salvou a Europa do jugo hitlerista até presentemente, quando existem na Europa, à disposição das nações ocidentais, cinco divisões britânicas, devidamente equipadas, contra seis dos Estados Unidos.

Não obstante, exteriormente, permanece a confusão quanto à atitude inglêsa na Europa.

TALVEZ NÃO HAJA TEMPO!... — Durante seis anos em exercício, o govêrno Trabalhista se mostrou indiferente à idéia de uma União Européia.

A razão ostensiva era a de que, como bons socialistas, não podiam conciliar suas políticas com as dos governos da ala direita da Europa. Churchill, por outro lado, até quando foi apenas um simples *líder da oposição*, deu à federação européia forte apoio.

Já em setembro de 1946, em Zurich, Suíça, exclamou entre delirantes aplausos:

— *"Talvez não haja tempo... Se temos que formar os Estados Unidos da Europa — ou seja qual fôr o nome — devemos começar desde já!"*

Estaria Churchill exprimindo mais seus próprios sentimentos românticos do que a política oficial do Partido Conservador? Parece que sim. Em qualquer hipótese, porém, logo que recuperou o pôsto de Primeiro Ministro da Inglaterra, êsses sentimentos pareceram ser postos de lado.

EDEN CAUTELOSO E CORRETO! — Tôda a atenção de Churchill parece estar voltada para Washington.

Para a Europa, há sòmente a cautelosa e correta voz de Mr. Eden:

— *"Seria inconcebível que a Inglaterra devesse dissociar-se da Europa ou, indiferentemente, retrair-se, uma vez que é parte dela e está sempre envolvida no seu destino."*

Não há dúvida de que as generalidades, cuidadosamente enunciadas, representavam o parecer fundamental do "Foreign Office" onde estão os argumentos políticos, militares e econômicos mais fortes contra qualquer adesão da soberania britânica a uma Federação Européia.

Os argumentos políticos quase podem



PARA A DEFESA DA EUROPA — Êsses tanques, de variados modelos, fazem parte das fôrças britânicas Os Estados Unidos, entretanto, te

ser resumidos em uma simples frase: *A preservação da Comunidade Britânica!*

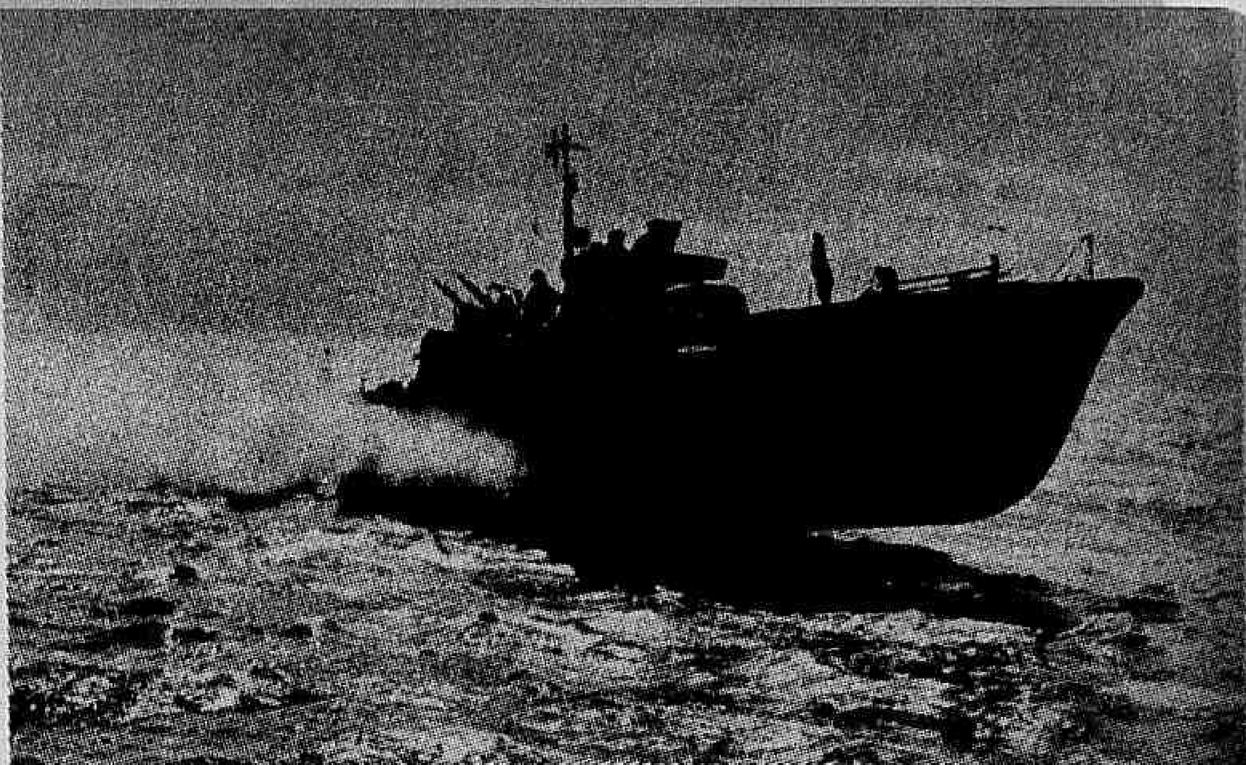
O império onde o sol nunca se deita vai desaparecendo, sim, mas a *Comunidade Britânica* subsiste com a união da Grã-Bretanha com o Canadá, a Austrália e a África do Sul.

Existem também outros laços — embora sem grande importância — que têm conservado os "novos domínios" da Índia, Paquistão e Ceilão na estrutura da *Comunidade.*

Como centro da *Comunidade,* a Grã-Bretanha é uma potência mundial, política e militar. Fora desta posição tornar-se-ia uma vulnerável nação de segunda classe, situada numa ilha superabitada, nas costas da Europa.

Qualquer participação britânica numa federação européia que infringisse a sua soberania, comprometeria os laços britânicos com suas nações irmãs, cujos interêsses na Europa são muito ligeiros. Dada a presente ameaça comunista ao mundo, prevalece o argumento. Não é só pelo interêsse britânico, mas pelo da Europa e da América que a *Comunidade* deseja continuar intacta e como uma potência mundial, mesmo que isto obrigue a Grã-Bretanha a se afastar da Europa.

O ARGUMENTO MILITAR! — O argumento militar se firma nas mesmas bases. A Inglaterra está mantendo 11 divisões no exterior — cinco na Europa e outras seis espalhadas desde Gibraltar até Hong-Kong e Coréia, patrulhando os mares, estreitos e bases da *Comunidade.* A opinião britânica é a de que a necessidade de desenvolver estas fôrças não pode ser prejudicada por uma adesão a qualquer ato *de interêsse puramente Europeu!*



A INGLATERRA tem, além das suas famosas esquadra e aviação, mais de seiscentas lanchas torpedeiras que patrulham as suas costas e principalmente a Mancha, para estar sempre bem separada do Continente europeu...

Há outro argumento que surge das relações especiais entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. Isto foi confessado com invulgar franqueza num folheto publicado pelo Partido Trabalhista em abril último.

— *"O princípio fundamental da política britânica* — diz êsse folheto — *é o de evitar compromissos permanentes na Europa, a menos que os Estados Unidos estejam também preparados para sustentá-los."* Mais adiante: — *"Se a Ingla-*



atualmente na Alemanha. A Inglaterra tem cinco divisões no continente europeu para a defesa do Ocidente. m seis, só na Alemanha Ocidental.



terra — uma vez comprometida no continente europeu — se unir a um Exército Europeu, sem os Estados Unidos, os americanos, que gostariam de efetuar uma retirada, estariam grandemente encorajados a fazê-lo. A Inglaterra, neste caso, seria deixada só a enfrentar o duplo perigo: expansão soviética e domínio alemão."

Embora êste argumento tenha aparecido sob o sêlo do Partido Trabalhista, não há razão para duvidar que êle represente, igualmente, a política do Foreign Office, sob um governo Conservador.

PREFERÊNCIA PELO "ATLÂNTICO"! — Os argumentos quanto aos aspectos econômicos da Federação Européia refletem a mesma decisiva preferência britânica por uma ação mais efetiva no "Atlântico" que no continente europeu.

Destituída, pelas despesas de guerra, de muitos de seus outrora vastos bens ultramarinos, a Inglaterra tem estado, desde 1945, lutando pelo equilíbrio comercial. Tem que comprar alimentos e matéria prima, especialmente no campo do dólar, e as exportações de seus produtos manufaturados não cobrem completamente estas compras.

A Inglaterra considera um sofisma acreditar-se que ela poderia superar êste problema, unindo-se, numa federação, às nações da Europa Ocidental, cujas economias são mais de competição que favoráveis às dela própria ou, como no caso da Itália, cujo desequilíbrio financeiro é ainda maior do que o dela.

LAÇOS COMERCIAIS! — Em 1950, isto é, no último ano antes do rearmamento para a guerra da Coréia, sòmente 25% das importações britânicas vieram da Europa Ocidental e de suas possessões coloniais e 62% da *Comunidade* e do hemisfério ocidental. A lição dêstes algarismos está bastante clara em Londres. Os Franceses, os Alemães e os Italianos não necessitam de automóveis ou máquinas agrícolas da Inglaterra, uma vez que também fabricam tudo isto; tampouco estão propensos a ter uma vez preferência pelo *whisky escossez.*

Muito menos poderão prover a Inglaterra com substitutos para a lã australiana, a carne argentina, o algodão americano ou o trigo canadense — e êstes dois últimos têm que ser comprados com o que mais falta na Europa — dólares.

Não há remédio para o mal, pelo menos *ao alcance da mão.* E quanto a encontrar um, a Inglaterra o terá mais fàcilmente no Atlântico do que em uma base européia — através de planejado intercâmbio econômico e tarifas reduzidas entre os Estados Unidos, a Comunidade Britânica e a Europa Ocidental, cada um considerado separadamente como uma unidade.

Uma medida prática seria a queda brusca nas barreiras de tarifa nos Estados Unidos, de modo que a Inglaterra pudesse melhor cobrir sua crise de dólares com a exportação.

AINDA INCOMPLETO — Também se sugere que os Estados Unidos deviam aumentar consideràvelmente o auxílio financeiro do *Ponto Quatro* para as nações subdesenvolvidas como a Índia e o Paquistão. Dêsse modo êstes países poderiam vir a ser mercado mais amplo para as exportações britânicas, especialmente de artigos de primeira necessidade.

Depois de ouvidos todos os argumentos britânicos — militares, políticos e econômicos — contra a união da Inglaterra a uma Federação Européia, surge outro decisivo obstáculo: os Inglêses de tôdas as classes ainda não estão preparados para descer de sua posição de membros de uma nação empobrecida, mas ainda uma potência imperial mundial, para abrir mão de sua soberania e ser apenas outra simples *nação européia.*

Além do mais, ao contrário da França, da Alemanha e da Itália, a Inglaterra não sofreu nem derrota nem ocupação, durante a última guerra mundial.

Como muito bem disse êsse famoso humorista inglês, George Orwell, *"foram os mesmos aspectos do caráter inglês que mantiveram afastados os invasores e os turistas."* Hoje, êsses mesmos aspectos característicos mantêm a distância a Federação Européia.

A TRÁGICA HISTÓRIA da Colonia Rollingstone

por Earl V. Chapin

Um dos maiores logros da história norte-americana foi praticado por William Haddock, em 1852. Suas inocentes vítimas não sòmente entregaram ao aventureiro as suas economias como também mais de 200 perderam a vida.

ENTRE tôdas as conhecidas histórias de emprêsas temerárias e de aventuras românticas, que se multiplicaram na chamada *época dos descobrimentos e das colonizações,* nenhuma, possìvelmente, poderia ser mais trágica do que aquela que ficou registrada nos anais com o nome de "Colônia Rollingstone".

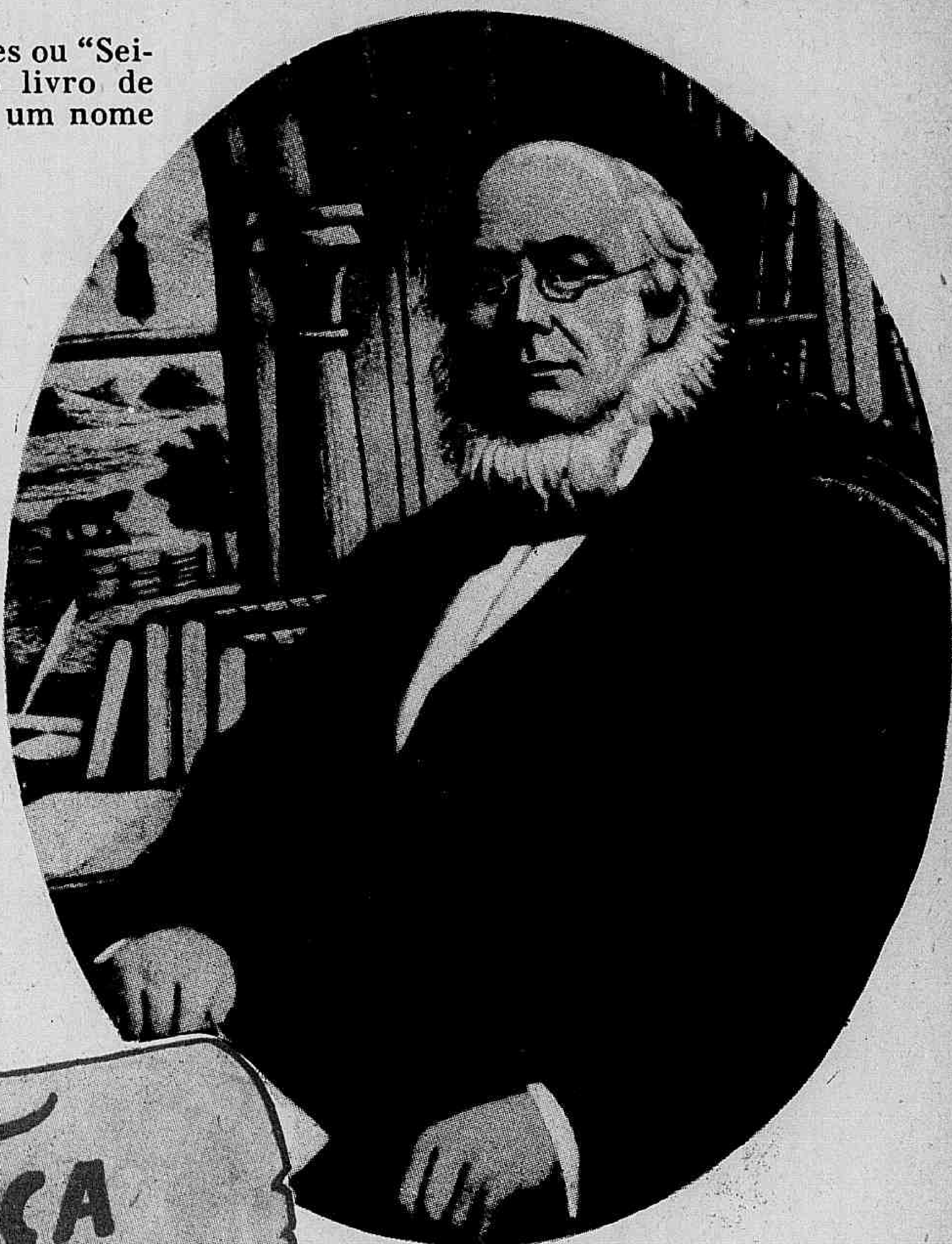
★

Rollingstone! (Pedras Rolantes ou "Seixos Rolados" — como o belo livro de Roquette Pinto). Na realidade, um nome sedutor para o local onde se pretendia erguer *"uma grande cidade"*. E, sem dúvida, os colonos — em número aproximado dos 500 — que se sentiram animados a deixar as suas ocupações no Estado de Nova York, a fim de fixar uma nova *Utopia,* também pensaram que êsse era um nome bonito e atraente.

Um nome, muitas vêzes, ajuda. Porém o projeto da "Colônia Rollingstone" dispensava êsse detalhe, porquanto tinha tôdas as atrações possíveis. Os seus promotores anunciavam, por assim dizer, *tôdas as maravilhas sonhadas!*

★

No rigoroso inverno de 1852, os capitães de vapores fluviais fazendo pôrto em Galena, no Illinois, foram pro-



O famoso anúncio de Horace Greeley causou um verdadeiro desastre nacional!

curados por um grupo de imigrantes do Este norte-americano, que informaram desejar viajar para "Rollingstone City", no Estado de Minnesotta, *"ao lado do Mississippi"*, *"um lugar pouco acima de La Crosse"*, no Estado do Wisconsin.

Os velhos navegadores do lendário rio, que conheciam a bem dizer cada polegada da região, não esconderam a sua surprêsa, ouvindo o nome da "cidade".

Maior ainda foi a sua surprêsa quando os imigrantes exibiram bela litografia, contendo um mapa da *cidade!* Era um esplêndido lo-

cal. Cada bloco continha um parque com 24 acres! Numa grande praça, no centro da cidade, havia um gigantesco edifício, no qual, mesmo em pleno inverno, "os habitantes de Rollingstone podiam encontrar vegetais sempre frescos!"

★

Tudo isso fazia parte do material de propaganda com que os agentes da "Colônia Rollingstone" vendiam *ações*, para levar avante o projeto sonhado pela Western Farm and Village Association, de New York. Cada ação concedia ao seu possuidor "um lote na própria cidade, com a superfície de dois acres", ou "160 acres de terras lavráveis".

O esquema dessa colonização foi concebido por um cidadão de nome William Haddock. Típico da época, a sua romântica finalidade era a de poder levar pessoas das mais diversas condições e profissões a fim de, juntas, criarem uma comunidade com vida própria e capaz de sustentar-se nas terras do Oeste.

★

Centenas de indivíduos atenderam a êsse sedutor apêlo, que se apresentava duplamente atraente pois que, defendendo um sentido patriótico, reunia condições econômicas compensadoras, sem contar a fôrça de atração romântica que tal empreendimento encerrava em seus prospectos.

Médicos, advogados, mecânicos, traficantes dos mais variados artigos, operários e artesãos, todos compraram ações...

Porém bem poucos puderam saber como encontrar o solo prometido! Menor ainda era o número dos que tinham alguma idéia dos rigores de uma vida de fronteira ou estavam preparados para suportar tamanha luta.

William Haddock, sem o querer, havia desferido o "coup-de-grace" contra a sua "cidade"... Tomara um simples vau como o principal canal do Mississippi, e localizara a *Colônia Rollingstone* à sua margem.

★

Nesses dias em que os transportes eram feitos quase que exclusivamente pelos rios, apenas os portos fluviais floresciam. Um *sócio*, que se dizia entendido em cartografia, preparou o mapa e o fêz litografar. O mesmo sócio, Murphy, foi encarregado de enviar para o local da futura cidade pedreiros e carpinteiros.

Fêz, conforme prometera! Ninguém sabe! A verdade, porém, é que nada chegou!

Ou melhor... Só os "acionistas" chegaram! Ao todo eram 90 homens e 400 mulheres e crianças. Navegaram ao longo do Mississippi, explorando ansiosamente as suas margens, procurando ouvir o espoucar dos tiros, que eram os "sinais" convencionados para as boas vindas e a identificação.

No pôrto fluvial de *Red Wing*, os colonos, convencidos de que haviam errado o caminho, alugaram uma grande barcaça



Fome e cólera atacaram os colonos que encontraram o inferno em vez de riqueza. Mais de 200 morreram!



Sòmente pobres esqueletos ficaram indicando o local da "Grande Cidade" dos criminosos roubos do charlatão, William Haddock.

de fundo chato e retornaram à ansiosa procura ao longo do rio.

A nova embarcação estava tão carregada que as mulheres e as crianças passaram longos dias de verdadeiro pavor, enquanto os homens quase não faziam outra coisa senão lutar, noite e dia, infatigàvelmente, a fim de manter a embarcação flutuando.

De milha em milha eram disparados tiros, conforme fôra combinado como *sinal*. Às 10 horas de uma fria manhã, outros tiros foram ouvidos, em resposta a êsses sinais. Os homens trataram, imediatamente, de acostar a embarcação. Mulheres e homens, carregando as crianças, tiveram que se enterrar no lodo até quase à cintura, a fim de poder atingir a margem. Assim, encharcados, imundos e exaustos puderam, finalmente, chegar a Rollingstone City... para verificar que esta "maravilhosa cidade" não passava de um miserável acampamento.

★

Porém o pior — muito pior — estava para vir. *E chegou depressa...*

As mulheres e as crianças tiveram que ser reunidas, sem qualquer confôrto, numa só tenda, com solo de terra batida e que tinha capacidade para a metade. Não tardou a surgir o desconfôrto, a imundície... e o *cólera!*

Os pobres colonos muito sofreram. A mortalidade — particularmente entre as crianças — foi terrível.

Ao chegar a primavera, apenas uns 300 dos 490 colonos continuavam com vida, embora o organismo abalado pelas enfermidades e desconfortos. Assim, quando surgiu a primeira embarcação, ao terminar a primavera, os remanescentes da "Colônia de Rollingstone" trataram de fugir daquele local de tra[illegible]ia, onde nem uma só família escapou à dor de perder, *no mínimo, um* dos seus entes queridos.

★

Hoje, um simples marco, à beira da moderna estrada de rodagem, quase invisível para os milhares de motoristas que por ali passam em grande velocidade, indica o local do drama, como o único epitáfio da "maravilhosa cidade".

★

ENERGIA ATÔMICA PARA FINS PACÍFICOS

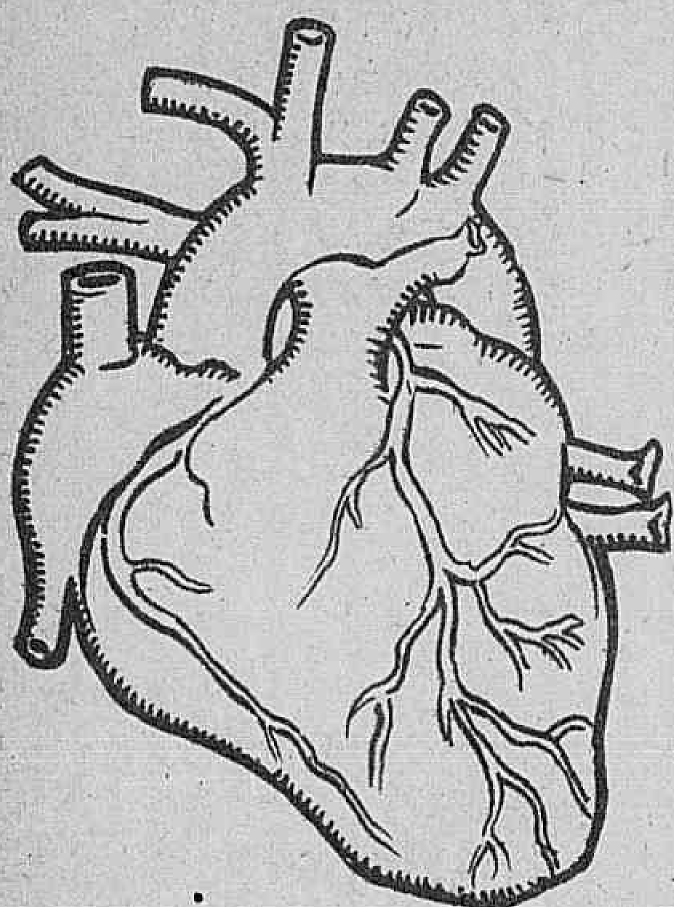
Na opinião do Dr. E. R. Gilland, do Instituto de Tecnologia de Massachussetts, é duvidoso que a energia atômica venha a ser utilizada, de maneira considerável, para fins pacíficos, nos Estados Unidos, pelo menos nos próximos cinqüenta anos.

Falando num programa radiofônico, o Dr. Gilland opinou que, como fonte direta de energia, é pouco provável que a desintegração nuclear seja interessante para muitas de nossas atuais atividades.

"Por exemplo — disse êle — a energia atômica, tal como é hoje concebida, não parece ser adequada para automóveis, para aquecimento de edifícios, para estradas de ferro e para grande parte de nossas atividades industriais, devido aos riscos acarretados e ao aspecto econômico.

"E' possível que a energia atômica seja útil para serviços públicos e para algumas das grandes instalações industriais, mas, de qualquer maneira, não parece que virá a ser fator considerável no setor de combustíveis, nos próximos 25 anos e é duvidoso mesmo que venha a ter importância durante os próximos 50 anos. Sem dúvida, terá grande importância para usos especializados, mas não modificará, sensìvelmente, nossa presente situação, no que diz respeito aos combustíveis.

"E' possível — concluiu o Dr. Gilland — que os cientistas venham a criar outras reações atômicas, que tornem mais atraente o uso da energia atômica, mas essa possibilidade não parece muito grande."



Boas notícias para o

Pode ser mais sério do que em geral acreditamos... — diz êste especialista de fama mundial. E aqui êle expõe alguns mitos que quase podem causar mais agonia do que a própria doença do coração.

Pelo DR. PAUL D. WHITE

NÃO há, positivamente, sintomas de doenças do coração. Mas experimente dizer isto a "peritos" amadores, pessoas que conservam noções antiquadas e passam as mesmas a amigos preocupados, como se fôssem sadios conselhos. Uma pessoa pode ter dor no peito, palpitações ou falta de ar — e até as três coisas juntas — mesmo assim as *chances* ainda lhe são bem favoráveis.

Seria tolice o fato de que perturbações cardíacas prevalecem nos óbitos registrados nos Estados Unidos, sendo mais constantes do que qualquer outra causa, isoladamente. Contudo, não há desculpas quanto a aderir a sofismas de arrepiar cabelos e que, muitas vêzes, causam o pior de todos os sofrimentos: *a dor aguda no estômago*, o "temor mudo".

Idéias tolas sôbre doenças do coração têm preocupado milhares de pessoas, *homens e mulheres, que, devido ao excessivo receio, deixam de visitar seus médicos, têm vivido anos de angústias sem necessidade e até morrido antes do tempo!*



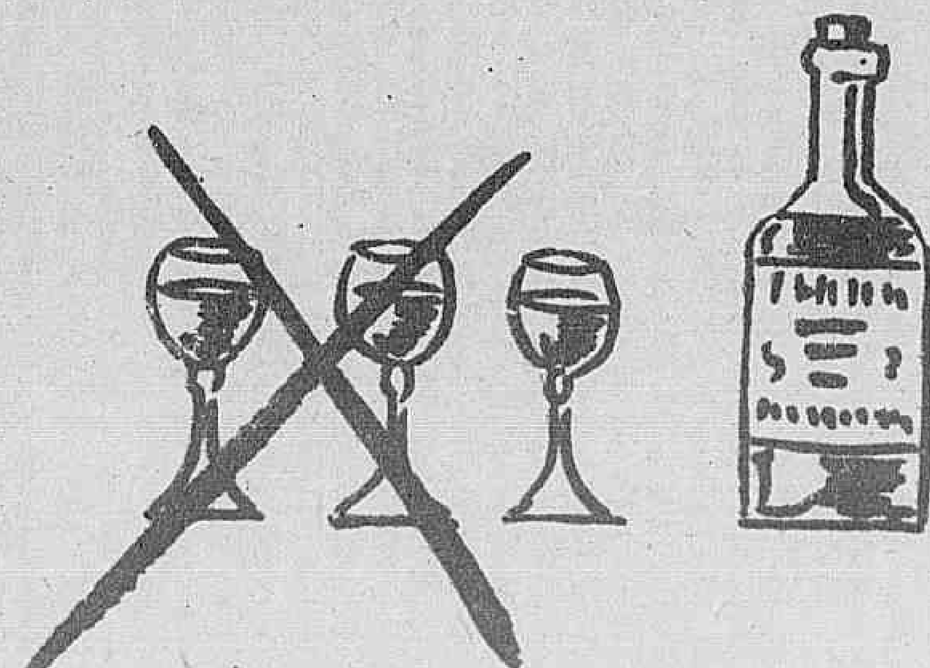
Consulte o seu médico...

Vejamos o caso de Joe Brown, um criador de galinhas, na Nova Inglaterra. Às três horas, em certa madrugada, êsse indivíduo travou o despertador e, pulando da cama, tomou o caminho das *chocadeiras;* ali chegando, começou a verificar se os ovos estavam sendo aquecidos por igual em todos os lados. Nesse instante sentiu uma pressão, que lentamente aumentava, causando dor em seu peito, bem atrás do ôsso esterno. O ataque durou 30 segundos, mais ou menos. Joe terminou seu rabalho e voltou para a cama. Uma hora ou duas, mais tarde, os ovos deviam ser mudados novamente de posição. Joe se levantou temendo um segundo ataque. Como nada acontecesse, deixou escapar um suspiro de alívio e esqueceu o incidente. Mas, poucas semanas mais tarde, sentiu outra vez a dor no mesmo lugar e, 15 dias depois, outra mais.

AQUELA APARÊNCIA PREOCUPADA — Finalmente Joe apareceu em meu consultório com a expressão de quem se convenceu de estar doente do coração.

Mas não havia nada com o coração de Joe. Um exame cuidadoso revelou que perturbações no esôfago (o tubo de nove polegadas que vai das cordas vocais ao estômago), estavam causando dor no seu peito. Esta espécie de perturbação muscular pode resultar da irritação dos nervos na base do pescoço, irritação essa causada pelo fumo excessivo, indigestão e até demasiado café, chá ou álcool. No caso de Joe, era simplesmente excesso de trabalho. Depois disso êle resolveu empregar um homem, para atender ao serviço da noite — *e a dor desapareceu.*

Tais casos são familiares a todo especialista do coração. A idéia de que tôda dor no peito resulta de um coração doente, é própria sòmente dos que ignoram os fatos registrados pela experiência médica. Positivamente, em mais de oito casos em dez, isso é um sinal de doença inteiramente diferente, geralmente sem gravidade.



A bebida deve ser moderada...

Está absolutamente provado que temores infundados, podem causar maior mal a um doente do que a própria doença. A falta de ar é um bom exemplo: são de nove contra uma, as probabilidades de ser asma, pulmão afetado ou qualquer uma de doze outras

doenças, mais do que coração enfêrmo. Um negociante em férias foi ao oeste em pleno inverno, e, num de seus passeios matinais, começou a sentir-se gradualmente cansado *como se tivesse corrido um quarteirão*. Como a falta de ar continuasse, resolveu consultar um atarefado médico local que auscultou seu coração e, visto que as batidas eram invulgarmente fracas, concluiu imediatamente que se tratava de insuficiência cardíaca, receitando *digitalina*.

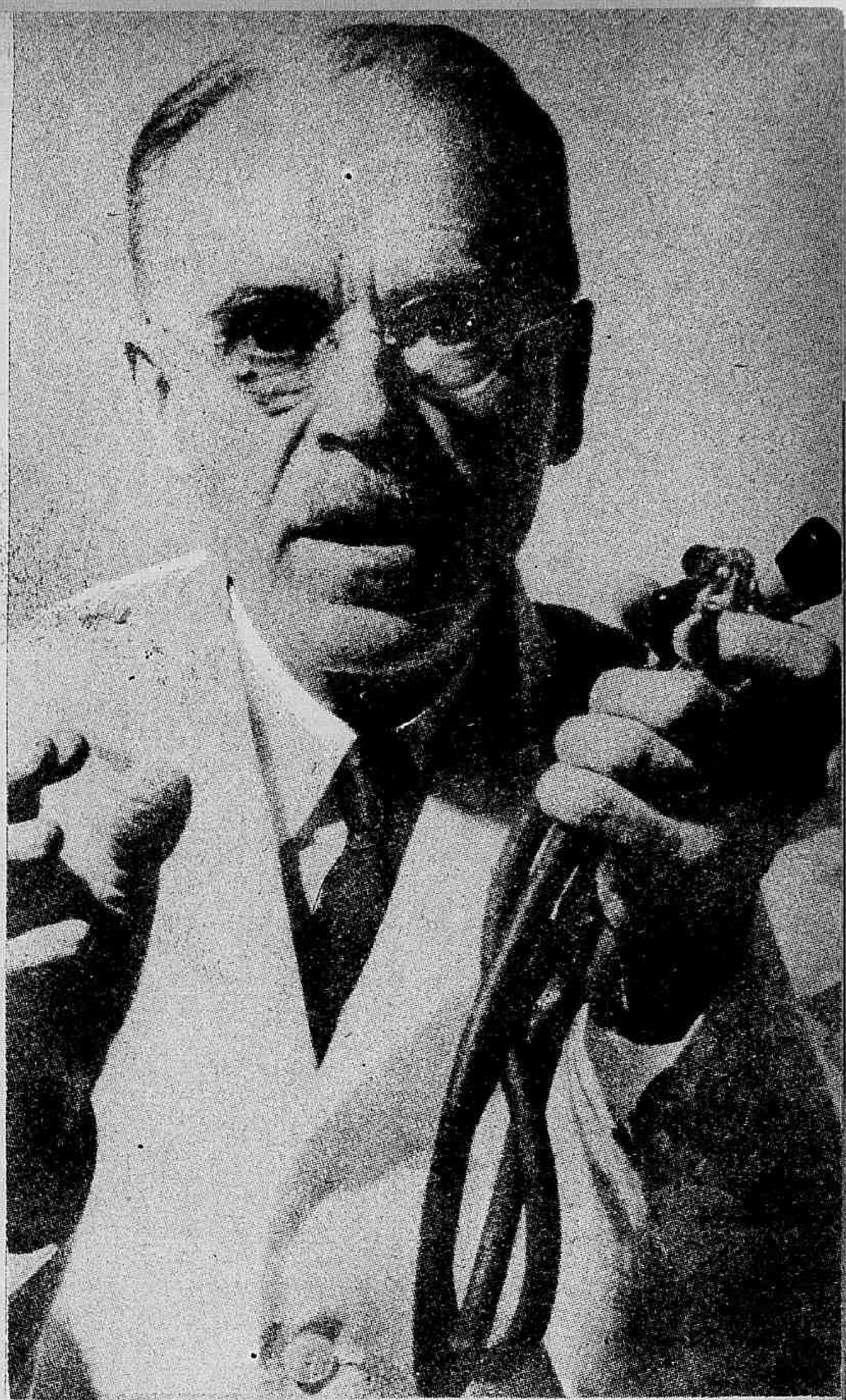
EXAME COMPLETO — Agora muito assustado, o paciente fêz o que devia ter feito em primeiro lugar — foi ao seu médico assistente e fêz um exame completo. Êste facultativo concluiu que a falta de ar era resultado de bronquite. A *penicilina* teria sido, portanto, mais eficaz do que a *digitalina*.

O mito dos "ruídos do coração" tem ainda mais fôrça. Uma senhora entrou no meu consultóro trazendo seu relutante filho de oito anos. Tinham viajado mais de mil milhas *só porque o menino tinha "ruídos no coração"*! Quando as coisas se aclararam, eu não tinha nada que fazer pelo seu filho — êste tinha o coração perfeitamente sadio. Mas a mãe do menino era o grande e difícil problema! Perdi um tempo enorme, com ela, aconselhando-a a agir como devia a fim de que o menino não criasse mêdo angustiante *de uma doença que não tinha!*

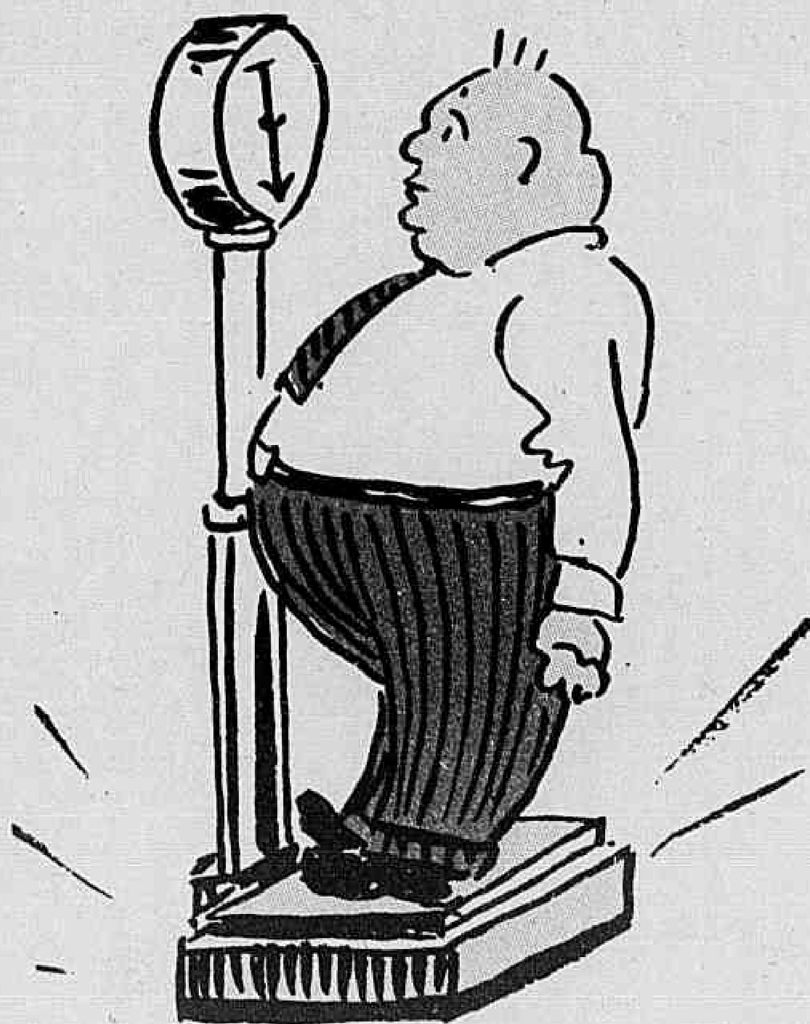
Muitas vêzes, palpitações, zumbidos, vertigens, pés inchados, todos êstes possíveis sintomas de perturbações cardíacas, não são mais do que sinais de *outras doenças*. De fato, vemos muitas pessoas que têm quase todos os sintomas enunciados e, na maioria das vêzes, estão sofrendo simplesmente de "ansiedade neurótica". *Êsses pacientes estão preocupados e em alta tensão nervosa.*

Ainda não sabemos, ao certo, o que há com êles, mas os seus músculos cardíacos estão em perfeita ordem.

Não quer isto dizer que deva ir ao extremo de não tomar conhecimento do que sente. *Não deve estar muito seguro* porque, embora as probabilidades sejam contra, *qualquer um dos sintomas acima mencionados pode ser sinal de afecção*. Qualquer demora em ir ao médico, verificar a verdadeira causa, é êrro grave, especialmente quando um indivíduo considera que sendo o dono de um carro não pode ouvir um ruído estranho no motor sem recorrer à garagem mais próxima!



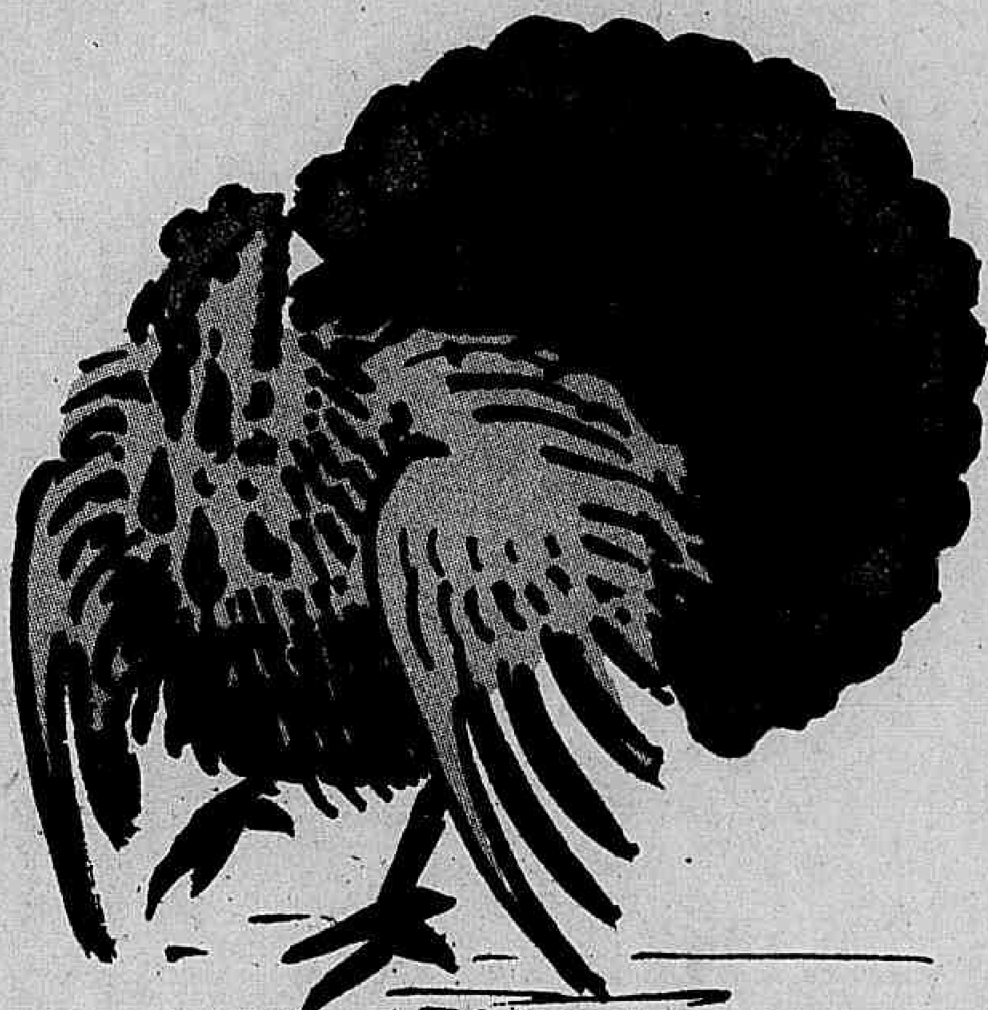
O Dr. White, um dos mais destacados especialistas do coração é o fundador da American Heart Association e professor da Universidade de Harvard.



O excessivo pêso agrava o mal..

NOVAS TÉCNICAS — Alguns especialistas têm desenvolvido novas técnicas no sentido de auxiliar a localizar tais afecções. Há o *balistocardiógrafo*, espécie de mesa onde o paciente fica deitado e que é tão engenhosamente montada que oscila às batidas do coração e ao fluxo do sangue através das artérias. Êste instrumento dá uma indicação aproximada da emissão de sangue. Um sistema muito mais importante é o do *electro-*

cardiógrafo, que capta as tênues correntes elétricas que acompanham a ação cardíaca e representam os impulsos em linhas sinuosas impressões num papel. Tais descrições têm que ser interpretadas cuidadosamente e *nem sempre* os aspectos anormais são sinal de afecção. Estas e outras técnicas recentes jamais substituem um exame completo, sendo usadas sòmente como suprimento de *outra evidência*. As três causas que mais determinam a afecção cardíaca são: alta pressão do sangue, febre reumática e dilatação arterial. A última condição resulta de um "espessamento" nas artérias do coração e seu sintoma característico é a dor no peito como resultado do esfôrço. A dor se restringe quase sempre à região peitoral ou se irradia a um ou a ambos os braços, usualmente ao braço esquerdo. E' interessante o fato do coração não ser afetado diretamente, de um modo geral. Dores no peito e muitos outros sintomas são causados por danificação nas artérias que se orientam para o órgão vital e em suas válvulas. O coração é, provàvelmente, o músculo mais forte do corpo humano. Bate 2.500.000.000 vêzes, em 70 anos, e "bombeia" de 5 a 10 toneladas de sangue por dia! Emoção alguma, mesmo intensa, tem danificado um coração sadio — *nem mesmo o amor!*


Um peru, anualmente...

Mesmo quando o coração age anormalmente, nem sempre é perigoso. Costuma-se pensar que uma invulgar fraqueza pulsátil indicasse sempre danificação dos nervos ou fibras musculares que regulam a ação cardíaca. Mas, no tempo em que batia recordes na milha, Glenn Cunningham tinha a insignificante indicação de 40 por minuto! Na marinha norte-americana, havia dúvida sôbre Leslie MacMitchell, corredora da Universidade de Nova York, porque seu coração só batia 38 vêzes por minuto! (Foi aceita, mais tarde, depois de cuidadoso exame).

CURA PELO REPOUSO — Em outro extremo, uma dona de casa, com 50 anos, teve casualmente, um ataque de *taquicardia*, uma condição na qual o coração pode pular do 70 normal a 160 por minuto! Ficou tão assustada que, para esconder o fato do resto da família, continuou trabalhando. O resultado foi que os ataques passaram a durar 3 a 4 horas. Quando, finalmente, foi consultar o médico, êste lhe disse para tomar menos café e deitar-se sempre que começasse a sentir o mal. Só isto reduziu os ataques a meia hora de duração. Com a continuação passou a tê-los mais fracos — e hoje está em boa forma.

Quando sintomas invulgares determinam, *positivamente*, afecção mais grave, o paciente tem que modificar radicalmente alguns de seus hábitos, dependendo do que esteja sofrendo. Terá que fumar menos — ou deixar de fumar; coquetéis (de vez em quando) não farão mal; mas, se tiver o hábito de beber muito é aconselhável reduzir a *dose*.

TRATAMENTO PELA DIETA — A alta pressão do sangue é, às vêzes, tratada pela dieta que recomenda *menos sal* e *menos calorias;* comer demais deve ser evitado no caso da hipertensão ou outros males das artérias do coração. Em qualquer caso o paciente deve perder pêso se o tiver em demasia.

Porém, a idéia de que uma pessoa tem que parar de trabalhar e retirar-se *para morrer calmamente*, é errada. A atividade moderada é tão necessária para um coração doente como para qualquer outro. O coração conserva a atividade circulatória, mantendo a boa forma muscular em todo o corpo. Pernas bem ágeis e musculosas, por exemplo, auxiliam a impulsionar o sangue de volta ao coração e aos pulmões. Se pudéssemos conservar os músculos e vasos sanguíneos funcionando devidamente o coração doente seria um problema a menos.


A mesa deve ser para refeições nunca para excessos de alimentação...

OUTRO SOFISMA — O temor de subir escadas é outro êrro que deve ser corrigido de uma vez por tôdas. Em verdade subir escadas — andando — é, em geral, bom para o coração, desde que não haja afecções em estado adiantado. As pessoas que têm elevadores instalados em casa, para evitar exercício, estão desperdiçando dinhei-

ro. Muitas vêzes fariam melhor se fôssem a uma pescaria, se passeassem de vez em quando, e continuassem em seus afazeres.

O "golf" é um esporte ideal para muitos pacientes, a despeito da publicidade terrorista que conta um mundo de coisas sôbre *"o homem que morreu, outro dia, na sétima tacada"*. E' bem provável que êle tivesse morrido 10 anos mais cedo, caso tivesse ficado em casa deitado numa espreguiçadeira.



COMO SE CONTRAEM ESSAS AFECÇÕES — Que pode uma pessoa sadia fazer para evitar as afecções cardíacas? Por um lado, um sistema de atividade moderada é sempre importante. Isto porém, não quer dizer exagerar essa moderação. Negociantes que têm pressão alta e outros que estão sempre parados estão contraindo o mal. O presidente de uma grande companhia disse, certa vez, que pagou aos seus empregados 100.000 dólares (cêrca de Cr$ 2.000.000) como compensação, porque, *como trabalhavam*, provàvelmente morreriam dentro de 10 anos. O mesmo risco corre qualquer um que trabalhe demais *esquecendo-se de sua própria saúde.*

O homem que trabalhe com excesso numa semana, coma demasiado nas refeições e espere recuperar-se nos dias de folga, mais cedo ou mais tarde estará visitando um cardiologista — e, provàvelmente, *mais cedo*. O repouso não é, simplesmente, uma condição para fim de semana, e há quem nem êsse repouso dê ao corpo, sendo capaz de jogar "golf" do mesmo modo como trabalha, seguindo cada curso da bola como se estivesse apostando 10 dólares em cada partida.

Muitos gozam férias quando devem. As tradicionais *duas semanas*, no verão, não fazem muita vantagem de um ponto de vista médico, porque os negócios enfraquecem durante a estação quente, e o indivíduo precisa mais de descanço *quando a faina é pesada!* De acôrdo com os estudos da "Clínica Mayo", as mortes por afecção cardíaca, nos Estados Unidos, são mais freqüentes em dezembro, janeiro e fevereiro (no norte) — e se o indivíduo tem só duas semanas, os meses frios são os mais aconselháveis para desistir delas. E' melhor tirar dois ou três dias, de vez em quando, do que tirar tudo, de uma só vez!

Quanto a dietas, o grande problema, nos Estados Unidos, é o da demasiada alimentação. Muitos empregados de escritórios ficam de ventre proeminente, *porque comem tanto quanto comiam quando jogavam futebol,* 20 ou 30 anos atrás! Há provas evidentes de que *muito pêso* prejudica o coração. E também impõe um grande esfôrço à circulação, o que é, inegàvelmente, prejudicial à saúde em geral.

A GORDURA PODE PREJUDICAR — O que pode, efetivamente, iniciar certas perturbações cardíacas é gordura demais na alimentação (fique ou não no corpo). As gorduras podem atravessar as paredes dos vasos sanguíneos e, depois de certas reações químicas, formar depósitos de cálcio no seu interior. Tais depósitos, não sòmente podem levar as artérias ao endurecimento como estreitá-las a um ponto tal que órgãos importantes como o coração não consigam obter suficiente sangue.

A hipótese da mulher contrair menos doença do coração que o homem é aceitável, porque seu metabolismo é diferente e retarda a formação de depósitos, nas artérias.

Mas, para uma pessoa que esteja afetada — e tais condições são o resultado da idade — a perspectiva é menos desesperadora. Nunca me esquecerei de um doente que me visitou alguns meses depois de sofrer uma "trombose coronária", (coágulo em uma das artérias do coração). Era homem de seus 53 anos e cuidava de uma fazenda na ilha de Príncipe Eduardo, ao longo da costa canadense. Estava convencido de que morreria dentro de um ano ou dois.

Só havia uma coisa a fazer. Manter o paciente sob observação. Sabíamos, meu assistente e eu, que um coágulo havia bloqueado uma ramificação de uma das artérias que nutriam os músculos cardíacos, suprimindo o fornecimento de sangue a uma pequena porção do tecido. Esperávamos que o coração estabelecesse uma circulação colateral por si próprio — em outras palavras: *que o sangue represado encontrasse outros vasos sanguíneos e assim contornasse a artéria bloqueada e estabelecesse novas linhas de suprimento.*

UM PERU TODO ANO — Isto foi, realmente, o que aconteceu, como em muitos outros casos, embora não compreendêssemos o tratamento tão bem naqueles dias. O paciente queria saber se poderia voltar e continuar cuidando de sua fazenda. Disse-lhe que encurtaria a própria vida se não o fizesse. Intimamente eu acreditava que êle viveria 5 ou 6 anos, caso seguisse o meu conselho, talvez nem tanto *se abandonasse o trabalho completamente.* Antes do paciente deixar o hospital apertou-me as mãos e disse:

— Dr. White; vou enviar-lhe um peru, anualmente, enquanto viver.

Isto foi em 1924. Eu os recebi 23 anos consecutivos!

E' claro, nem tôdas as pessoas com coração afetado vivem 20 anos mais (ou me enviam perus). Afinal as perturbações cardíacas só se manifestam, comumente, entre os 50 e os 60 anos. Mas tenho examinado cêrca de 30.000 pacientes desde que comecei a estudar cardiologia, em 1920; e os casos de vida longa são muito mais comuns do que se supõe e, geralmente, para os doentes do coração.

A ESTRADA AVANTE — Temos aprendido muito, desde então. Por exemplo, costumávamos pensar que a intensa dor no peito, causada pela "angina pectoris", significava uma expectativa de quatro anos de vida, mais ou menos. Agora sabemos que é mais do que o dôbro disto.

As pesquisas para descobrir mais sôbre as causas fundamentais das perturbações cardíacas, estão aumentando. Isto promete para as gerações futuras outros preventivos para muitas perturbações que, infelizmente, ainda são muito comuns entre pessoas jovens e de meia idade.



VALE A PENA MULTIPLICAR

SE o leitor quer descansar, possuir uma nova casa ou estabelecer-se em negócios, por que não experimenta ser... *pai de quádruplos?*

Existe um Chinês, homem de meia idade, chamado Chiu Shekhoi que não precisa mais mover uma palha para seu sustento, e ainda é muito admirado em tôda a cidade de Cantão, onde reside. E sabem por quê? porque Chiu é pai de quádruplos! Um govêrno bem intencionado, assegurou-lhe condições favoráveis dando-lhe uma casa e dinheiro suficiente para a sua manutenção. Agora, Chiu procura um bom lugar para sentar, acende o cachimbo de bambu, e em cada nova baforada, que lhe permite mostrar os dentes, parece dizer: *vale a pena multiplicar!*



Triplos são raros (1 vez em 8.846) e, se não considerarmos a grande quantidade de alimentos e roupas que consomem, semanalmente, podem trazer grandes vantagens. Os triplos-Perry, do Estado de Kansas, ganharam leite suficiente para um ano de consumo. Para o serviço de três amas-sêcas, os triplos Wilk foram agraciados com 150 dólares semanais, *até quando seja necessário!* No Missouri, o Dr. A. Walters se ofereceu para atender, gratuitamente, à senhora Coon, *se ela tivesse triplos.* E, realmente, ela os teve!

No Tennessee, Cleve Smith, teve a sua casa construída em tempo recorde. A princípio, a falta de trabalho e de material estava impedindo a boa marcha das obras. Quando o médico entregou a Cleve uma chapa de Raio-X que acusava a presença de *triplos*, Cleve a levou imediatamente ao local das obras e mostrou aos trabalhadores o que aquilo significava. Automàticamente, os trabalhos tiveram sua marcha acelerada e a obra foi concluída, mesmo antes do prazo, a tempo de receber o novo *trio*.

Quádruplos são mais raros que triplos (1 vez em 600.000). Em 1938, os quádruplos-Kasper, de Nova Jersey, *com dois anos de idade*, puderam "retirar-se dos negócios" e "aposentar-se" com 15.000 dólares cada um! Em Pennsylvania, Andrew Zavada ganhava 48 dólares por semana num árduo trabalho. Para sua felicidade a senhora Zavada deu à luz quatro robustos meninos. Com *aquilo* Andrew se viu ainda mais atrapalhado, não tanto com a questão do sustento, mas sim para arranjar lugar onde colocar... uma infinidade de colchões, brinquedos, berços e uma série de outras coisas que vinham acompanhadas com os cumprimentos de seus fabricantes. A "Federação Católica Eslava", fêz uma coleta em todo o país, a fim de conseguir fundos que servissem para auxiliá-lo no futuro. E como *fundo de reserva* Andrew assinou, para propaganda de uma companhia de laticínios, um contrato no valor de 25.000 dólares!

Os quádruplos-Peikar, de Teerã, conseguiram para os seus pais, se não a fortuna, pelo menos um significativo respeito em todo o Oriente Próximo. A senhora Peikar tinha 50 anos quando deu à luz a quádruplos; o pai dos meninos tinha 70!

Quíntuplos aparecem uma vez em 57.000.000; isto porém, não esmoreceu o Sr. Dionne. Suas quíntuplas já têm cêrca de um milhão de dólares, investidos em ações do govêrno canadense, graças a contratos cinematográficos e para propagandas.

E aqui está uma notícia encorajadora para pioneiros: na história da medicina houve seis casos de *sêxtuplos*, nunca tendo havido sobrevivência total. O *leitor poderá ser o primeiro a conseguir êsse recorde e passar a ser um nababo!*

OS CÉREBROS ELECTRÔNICOS

EMBORA SUPERIORES AO NOSSO TAMBÉM REVELAM FADIGA E... CÓLERA!

RECENTEMENTE reuniu-se, em Paris, o Congresso dos Engenheiros Electrônicos. Um dêles foi abordado por um repórter, que indagou, à queima-roura:

— Afinal, que vem a ser a... electrônica?

O técnico, depois de medir o importuno, com o olhar, respondeu, lacônico:

— *A ciência dos milagres.*

E não respondeu mal... Tendo partido do uso simples de uma célula fotoelétrica, essa ciência está no caminho de se tornar uma das mais poderosas e eficientes que a humanidade tem à sua disposição.

NO PRINCÍPIO, UM BRINQUEDO! — Os primeiros passos da electrônica foram (podemos dizer!) quase infantis... O primeiro exemplo foi apresentado em feiras e cinemas, apenas para distrair os que esperavam pelo fim das sessões. Quando alguém se aproximava, as portas se abriam automàticamente para lhe dar passagem. Uma célula fotoelétrica tinha "visto" seu próprio foco interrompido pelo corpo do caminhante — e imediatamente provocava a abertura da porta.

Como se vê, tudo muito simples... No entanto, foi dessa coisa simples que nasceu a ciência dos milagres.

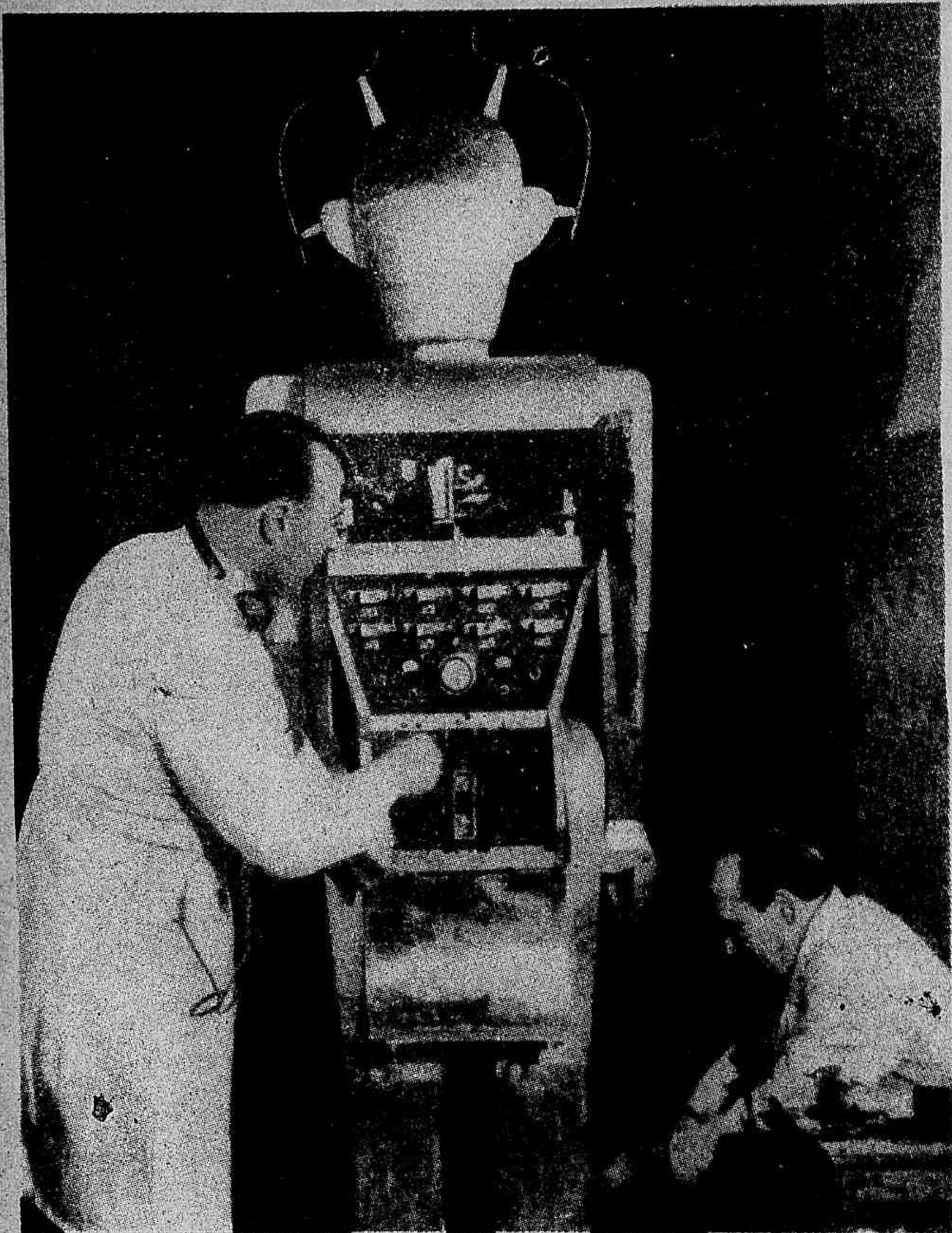
Com surpreendente rapidez os técnicos foram adiante. Hoje existem nos Estados Unidos aparelhos que distribuem passagens para o trajeto da escolha de qualquer um, sendo suficiente para isso retirar de um classificador, próximo do aparelho distribuidor, uma pequena placa metálica, que corresponde ao percurso desejado. Coloca-se a placa no aparelho, com o dinheiro correspondente. O aparelho "Robot" carimba o bilhete, lança-o para um aparador e registra a quantia recebida.



Êste rosto terrível, tem cérebro electrônico. E', entretanto, mais paciente e mais resistente que o nosso.

AS TARTARUGAS MÁGICAS? SIMPLES DIVERTIMENTOS! — Pouco depois surgiam essas pequeninas tartarugas que divertiam todo o mundo e cujo mecanismo era também muito simples. Tartarugas metálicas rolando pelo chão, munidas de células fotoelétricas, viajavam — de alguma maneira — por meio do radar, isto é: dirigiam-se como os morcegos, por sua emissão, que se repercutia sôbre as paredes. Quando chegavam à distância conveniente, desviavam para não bater contra a parede. Todo êsse mecanismo aparecia, em 1951, como coisa quase ingênua.

REPENTINAMENTE, UM PASSO DE GIGANTE! — Repentinamente os técnicos se voltaram para as máquinas de calcular. Por quê? Muito simples. Um calculador, fôsse êle o mais prodigioso dêste mundo não podia mais seguir Einstein em suas vastas hipóteses; ninguém podia terminar



O mecanismo de um "Robot" é, relativamente, muito simples. As máquinas de calcular são infinitamente mais complicadas.

a tempo os cálculos indispensáveis a tais empreendimentos.

Experimente, por exemplo, multiplicar: 97.956.853.719 × 36.578.275.519...

Mesmo um calculador profissional levaria alguns minutos. As novas máquinas electrônicas de "Tio Sam" fazem operações dêsse gênero... à razão de 330 vêzes por segundo!

Como? Porque nas antigas máquinas de calcular eram rodas que giravam enquanto agora, são raios elétricos que emitem sinais... com a velocidade da luz!

A máquina de calcular electrônica pode fazer uma adição ou uma subtração num cinqüenta milionésimo de segundo. Pode multiplicar em um quatricentésimo de segundo.

Pode-se, hoje, dividir 99.999.999.977 por 80.000 números diferentes e ter resultados corretos em trinta minutos. Um homem, encarregado dêsse cálculo — e muito hábil — levaria dois meses, trabalhando oito horas por dia (e necessitaria, a seguir, de *exatamente* o mesmo tempo, para conferir as suas contas).

CEM ANOS PARA UM SÓ TRABALHO! — Vemos, portanto, como essa máquina electrônica salvou os astrônomos e filósofos da escola de Einstein. Poderão ser, talvez, uns vinte indivíduos neste mundo, mas os seus cálculos, de qualquer maneira, têm grande importância e sua filosofia não a tem em menor grau.

Para executar os cálculos que Einstein exige, quando estuda os movimentos dos astros, uns em relação aos outros, seriam necessários, de fato, quase cem anos. Isto porque êsses cálculos devem ser escalonados... Não seria suficiente ter dez homens ocupados com êsse trabalho. O primeiro calculador deveria, durante dez anos, estabelecer as bases do primeiro cálculo. O segundo calculador viria depois dêle e trabalharia outros dez anos para tirar as conclusões. Essas cifras seriam fornecidas a uma terceira equipe, que gastaria ainda outros dez anos, a fim de obter resultados satisfatórios. As contas a que a alta ciência se entregaria, exigiriam uma centena de anos...

As máquinas de que dispõe o "Instituto Especializado", de Nova York, podem executar êsses cálculos numa só manhã! E é muito natural que essa manhã de trabalho — pois que é necessário pagar uma imensa máquina e um grande número de técnicos — custe 1.500 cruzeiros a hora!

Que nos desculpem os leitores se empregamos constantemente uma linguagem simples, mal aludindo à *cybernetica* (que é o nome dessa nova ciência), não dizendo que é uma "ciência operacional que não separa o estudo da lógica, da ciência da máquina". Estas são frases incompreensíveis para o comum dos homens. Por isso desejamos nos fazer compreender por meio de palavras simples, de todos os dias, explicando com tôda a clareza de que se trata. E estamos seguros de que o leitor nos seguiu com facilidade até aqui... (?)

Não falaremos sequer do *feedback*, como dizem os *cyberneticos*, e que vem a ser o órgão central que comanda uma ação e é informado, em retôrno, dos resultados

dessa mesma ação, por meio de novas mensagens.

E' evidente que nenhum leigo poderia entender sendo êsse trabalho reservado a especialistas. E, a bem dizer, se nos entregássemos igualmente a profundas teorias sôbre o rádio, o leitor não nos acompanharia! Justamente, trata-se, neste caso, de atividade muito parecida com a dos postos rádio-emissores. Mas quando, de fato, êsses estudos se tornaram sensacionais, foi no momento em que — sem o procurar e sòmente pela própria fôrça das coisas — ficou reproduzido...

UM CÉREBRO HUMANO! — Quando um sábio fisiologista recebeu, para opinar, o plano de uma das camadas elétricas do aparelho de calcular, exclamou:

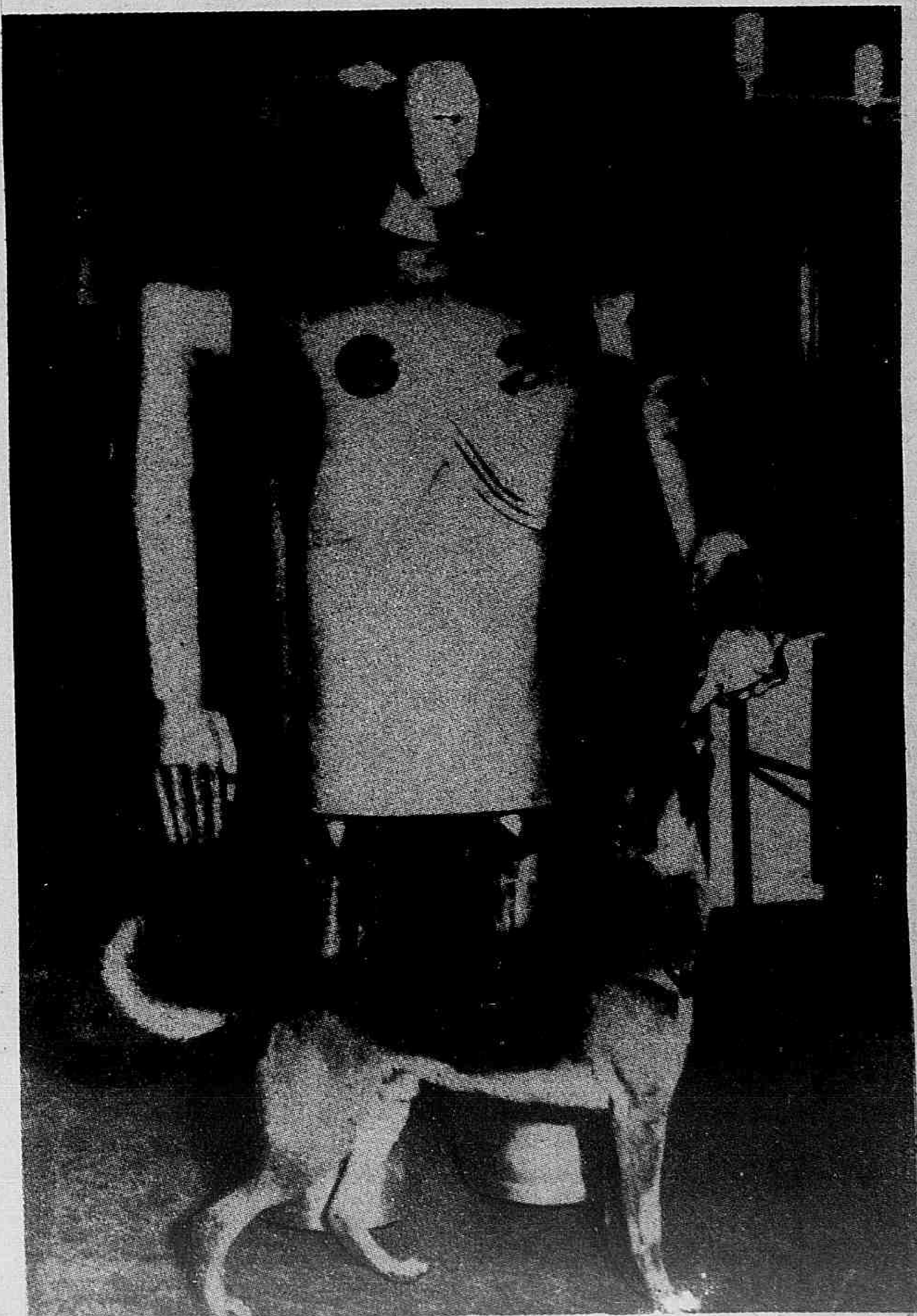
— Mas... os senhores copiaram a quarta camada do cérebro!

Responderam, então, que *não haviam procurado copiar nada,* absolutamente; simplesmente *tinham encontrado, sem o querer...*

Parece, portanto, que o homem — sem o haver desejado — conseguiu criar um cérebro superior ao seu! E os especialistas da nova ciência pensam que os neurólogos — também êles, sim! — poderão aprender alguma coisa, estudando o funcionamento dessas máquinas! Seus distúrbios nos darão, talvez, a "chave" dos distúrbios humanos...

Já houve, mesmo, quem dissesse que os doentes mentais eram "máquinas de calcular, desarranjadas" e que "os desarranjos dessas máquinas, se pudessem ser estudados elètricamente, dariam, talvez, as razões dos erros humanos".

IMENSAS E INESPERADAS CONSEQUÊNCIAS — Já apaixona verdadeiramente, pensar que a máquina de calcular permite a meteorologia a longa distância, mas — pràticamente — condena a futura marinha. O navio não viaja mais suficientemente depressa para ela! A *cybernetica* proporciona engenhos que permitem seguir um avião nos seus cursos mais complicados e velozes e, com isso, o bombardeiro fica sèriamente ameaçado!



O "Robot" se diverte. Porém êsse é passatempo impróprio para as máquinas científicas.

O couraçado não pode, sequer, subsistir.

A América do Norte, que constrói e fornece para o mundo os bombardeiros mais rápidos, mais pesados — e também os mais leves — trabalha ainda (vejam só!) na construção dos engenhos que possam lhes ser opostos. O último, o "G.A.P.A.", é destinado a substituir o "D.C.A."

O "D.C.A." não pode mais seguir o aviãc a 13.000 metros de altura e 1.000 quilômetros por hora. Porém ao "G.A.P.A." — cérebro elétrico, que prevê o futuro e o momento seguinte — aquêle avião não poderá escapar. A máquina, no caso, pensa mais depressa que o leitor ou qualquer de nós.

— "CHEGA! ESTOU FARTO!" — DIZ O ROBOT... — Bem vê o leitor que mais uma vez, insensìvelmente, voltamos à noção do cérebro. E chega a assustar o pesar que as novas máquinas chegam a adoecer, como os homens!

Um dia de trabalho excessivo, as fatiga. Conservam os traços de um problema mais difícil, que tenham resolvido algum tempo antes, um pouco como o fio do di-

tafone apaga mal as palavras registradas na véspera. *As máquinas têm memória!* Não é espantoso? Inaudito? E — *fato ainda mais extraordinário* — as máquinas a 1.500 cruzeiros a hora, precisam ser "despertadas", cada manhã...

Estão frias e "bocejam", "arrastando os pés", nas primeiras horas.

Apresentam, mais tarde, um período de plena forma, depois começam a fatigar-se. E, se os técnicos insistem, elas dão respostas estúpidas, adicionam os erros, ficam encolerizadas, *esquentam*, detêm-se, furiosas, com as lâmpadas rubras, que assinalam os erros, brilhando ameaçadoramente. E, entre parênteses, mais uma vez verificamos como são superiores à humanidade. Porque, quando um homem ou uma mulher diz uma tolice, nenhuma lâmpada se acende entre suas orelhas, para o acusar!

★

ERRAR É HUMANO

O leitor ficou encabulado? Pois saiba que não foi o primeiro! Até a famosa "Scotland Yard", tem cometido "gaffes" de fazer corar...

No Extremo Oriente, o desapontamento — por ter colocado a ponta de um sapato em lugar indevido — pode *transfigurar* um rosto. No nosso hemisfério, porém, o efeito é quase nulo; os rostos conservam as próprias formas, mas ficam, em geral, corados! Aqui estão alguns casos em que êles ficaram *muito* corados.

ESTADO DE CONFUSÃO — Depois de ter feito um discurso, aconselhando o povo de Kentucky a visitar os parques de seu Estado "para melhor conhecer a sua terra natal", o Governador Earle C. Clement — juntamente com vários membros da Câmara do Comércio — partiu para uma recepção com hora marcada, no parque estadual "Columbus-Belmont". O Governador e comitiva chegaram muito atrasados à recepção por tomarem o caminho de Memphis no Tennessee, "por engano".

LIGEIRA MODIFICAÇÃO — Em Petersburg, no Estado de Virgínia, um motorista foi multado por estacionamento proibido. O motorista foi à delegacia, pagou a multa, recebeu 9 dólares de trôco e retirou-se. Pouco depois de sua saída, o policial que o atendeu descobriu, na gaveta, uma cédula de 1 dólar... hàbilmente transformada noutra... de 10!

COLORIDO INCORRETO — Numa exposição de pinturas em Marblehead, no Estado de Massachussets, um "conhecedor da arte" desclasificou um pintor, acusando *discordância de côres* num certo "quadro" que não era outra coisa senão a *plancheta* do pintor!

TEMPO DESCONHECIDO — As garôtas da Universidade de Oxford venceram uma regata contra as de Cambridge. Jamais se soube o tempo das vencedoras. O relógio do cronometrista, que acompanhava a regata montado numa bicicleta, caiu dentro do rio, sendo levado pela correnteza!



CAUSA PARA ALARMA — Um guarda do Serviço Florestal, da Flórida, estava em sua "tôrre de observação", inspecionando o horizonte *para ver se havia alguma causa para alarma,* quando o telefone tocou. O telefonema era para o avisar de que a sua "tôrre" estava pegando fogo!

O HOMEM DO SEGUNDO ANDAR — Grande massa popular se acotovelava no primeiro andar de uma grande casa comercial no centro de Londres, para assistir a uma exibição dos "Novos métodos de prevenção contra crimes", apresentada pela própria "Scotland Yard".

Enquanto isso, no segundo andar, um *ladrão* retirada da *máquina registradora, tôda a féria do dia!*

TRUMAN DECIDIRÁ

SE A TERRA DEVE TER NOVO SATÉLITE!

Por STEPHANE HARLEY



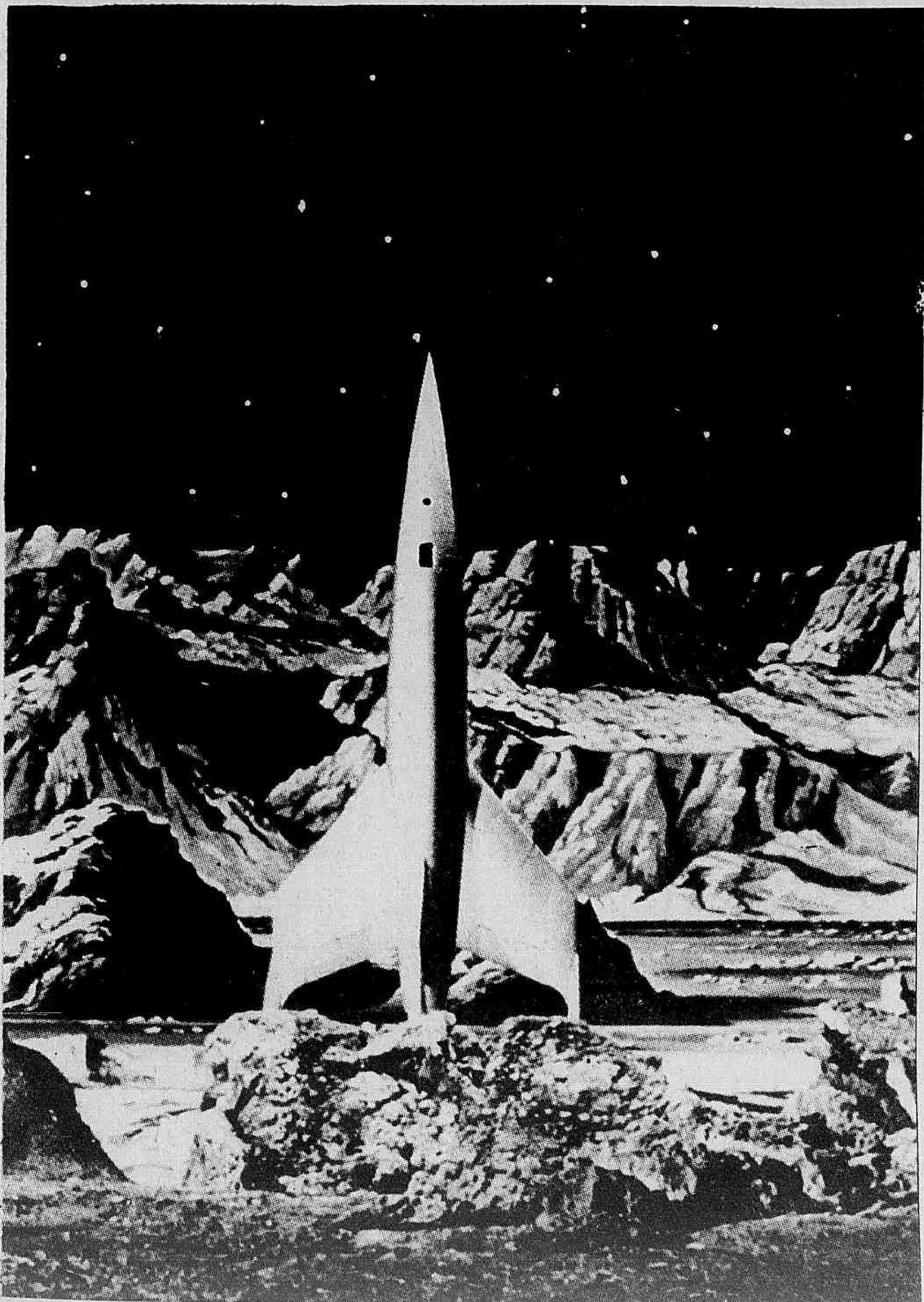
O Presidente Harry S. Truman

TRATAMOS, na nossa edição anterior, sob o título de "Polícia Sideral para Reforçar a Paz Mundial", do projeto de construção de um foguete capaz de se manter por longo tempo patrulhando o nosso planêta, como um asteróide feito pela mão do homem.

Hoje reproduzimos, para os nossos leitores um dos artigos de Mr. Stewqrt Aslop, que causou a maior sensação nos Estados Unidos e que começa assim:

"Um antigo empregado de granja, mais tarde camiseiro, terá que decidir, em breve, se deve ou não ser criado um novo corpo celeste".

Reiniciando, nos Estados Unidos, os trabalhos dos especialistas alemães, alguns sábios investigam, desde 1947, a possibilidade de criar satélites artificiais da Terra, que se conduzem como pequenas *luas*, mais próximas do homem que a verdadeira.



Para que um projétil, lançado da superfície da Terra e abandonado a si mesmo não volte a cair ao solo, sua velocidade, ao sair da atmosfera, terá que ser superior a onze quilômetros por segundo!

Porém, então, surge outra dificuldade: o projétil se afastará *indefinidamente*. Mr. Aslop, em sua crônica não prestou qualquer atenção a êsse detalhe.

UM PROJETO DO FINADO JAMES FORRESTAL — Efetivamente, as experiência para dar à Terra uma nova *Lua* puderam ser iniciadas graças ao projeto que o antigo Secretário da Defesa, James Forrestal, conseguiu fazer votar no Congresso.

Segundo parece provado, o vasto programa de armamento, que está em vias de realização nos Estados Unidos, permite dispor dos duzentos e cinqüenta milhões de dólares necessários para a criação de um planêta artificial. Vejamos qual seria o processo de lançamento dêsse novo satélite:

Um foguete "V-2", muito maior que os útilizados



Com as "V-1" e "V-2" (do mesmo von Braun) os homens pretendem chegar à Lua... e voltar à Terra.



O engenheiro Wernher von Braun, que revolucionou a ciência de navegação pelos ares. Quando o alto comando aliado teve acesso aos arquivos secretos do E. M. do Exército do III Reich, surgiu pela primeira vez o nome de von Braun, como criador dos engenhos bélicos mais terríveis de nosso tempo. Os projéteis voadores da série "V", lançados sôbre a Inglaterra! Percorriam distâncias enormes a uma velocidade desconhecida e muitas vêzes acertavam o alvo com precisão assombrosa. A surprêsa dos oficiais aliados cresceu quando souberam que o inventor das "V-1" e "V-2" era êsse jovem simpático e jovial. Logo a América convidou Wernher von Braun para ir viver no Novo Mundo, a fim de melhor explicar suas teorias e traçar outros planos maravilhosos no domínio do espaço. E o sorridente gênio alemão já apresentou outro invento: um pequeno satélite da Terra, destinado à vigilância sôbre a redondez total do nosso planêta.

até agora para fotografar a Terra, impeliria outros dois foguetes. O segundo, do tamanho de uma "V-2" alemã, levaria um terceiro, do tipo "Vac-Corporal", muito menor. Êste terceiro foguete, sim, constituiria o primeiro satélite artificial do globo.

Êste projeto que, muito provàvelmente, seria lançado do Estado do Novo México, subiria para o espaço a uma velocidade relativamente moderada. O segundo foguete teria uma velocidade bem maior. O "Vac Corporal" alcançaria — e mesmo passaria — as dezessete mil milhas por hora a uma altura de trezentas milhas! Assim escaparia à lei da atração.

Porém o foguete não deve "cair no vácuo" — se assim podemos dizer — e afastar-se indefinidamente. E' preciso evitar que retorne à Terra, quando se acabar o seu carburante químico. Seria necessário, por isso, que estivesse convenientemente orientado pelo radar, a fim de que executasse uma trajetória elíptica, cuidadosamente calculada e transmitida com tôda exatidão aos compassos automáticos.

DIFICULDADE DE UMA PRESENÇA HUMANA NESSE FOGUETE — Em 1948 pensaram os técnicos norte-americanos em colocar um ou vários observadores sôbre um projétil semelhante. Porém as dificuldades técnicas para o lançamento de um foguete suficientemente espaçoso (foguete que deveria conservar o carburante químico para aterrissar) pareceram demasiado importantes.

A existência de sêres humanos a bordo de um foguete dêsse gênero, movendo-se no espaço vazio passava a criar outros problemas, que não puderam ser resolvidos de maneira satisfatória.

Não havendo gravidade, ninguém pode dizer como reagiria o organismo humano, caso perdesse a sensação física do equilíbrio. A axistência da gravidade exigiu nos sêres viventes a criação de órgãos (os canais semi-circulares do ouvido interno, principalmente), cujo não funcionamento engendra violentíssimas perturbações mentais. Eis por que não pensam os técnicos em colocar um ser humano no terceiro foguete.

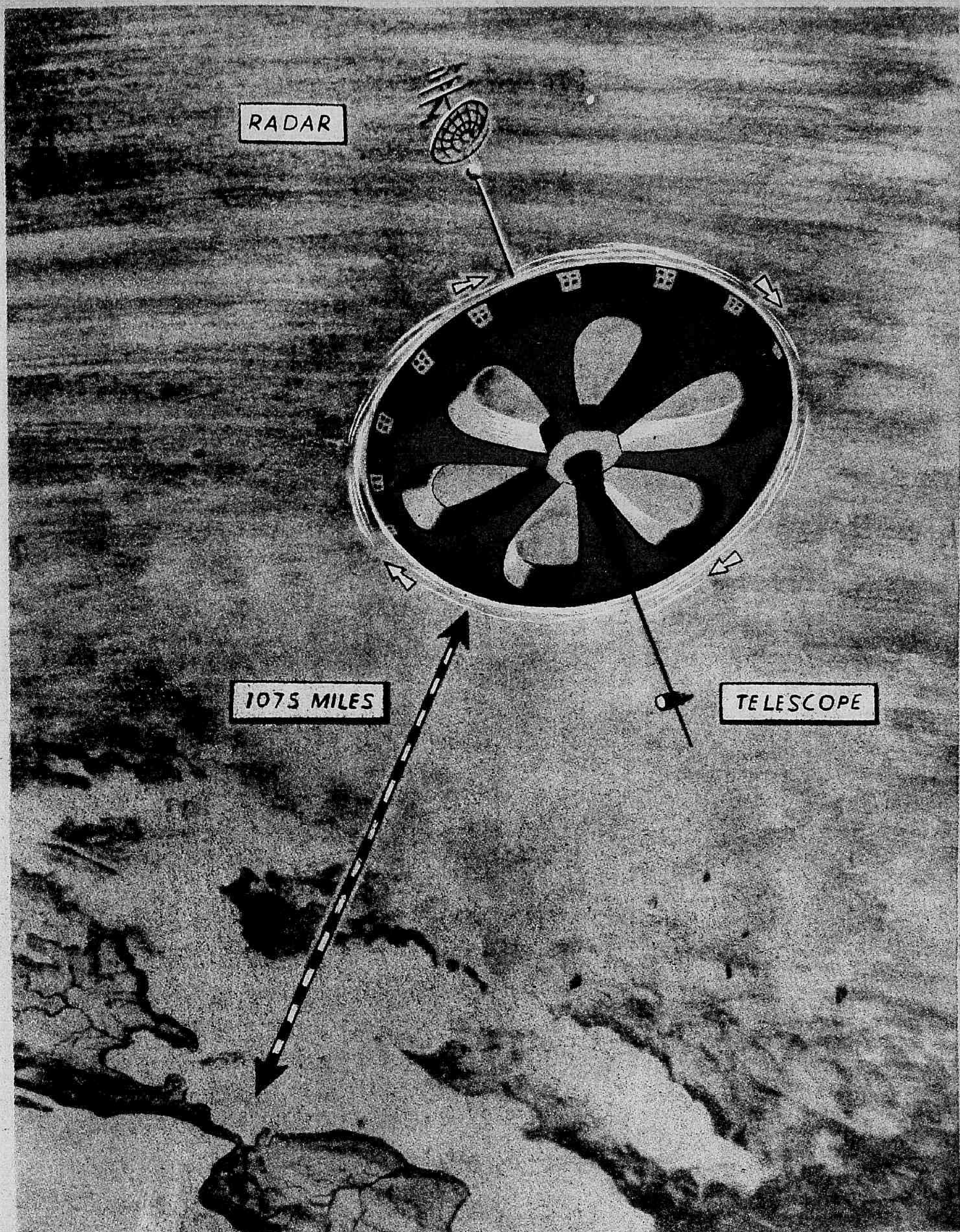
Êste, convenientemente orientado e a boa altura, dará a volta à Terra... dezesseis vêzes em vinte e quatro horas. Poderá viajar em tôdas as direções sôbre tôdas as regiões do globo, ao qual dará volta completa em hora e meia, aproximadamente.

Os peritos calcularam que, a trezentas milhas de altura, o terceiro foguete... *se gastaria ao cabo de dois anos*. Êste desgaste seria produzido pela fricção, a grandes velocidades, contra os resíduos da atmosfera — que ainda existem a essa altura. Transcorrido êsse tempo, o foguete perderia a velocidade e cairia na Terra.

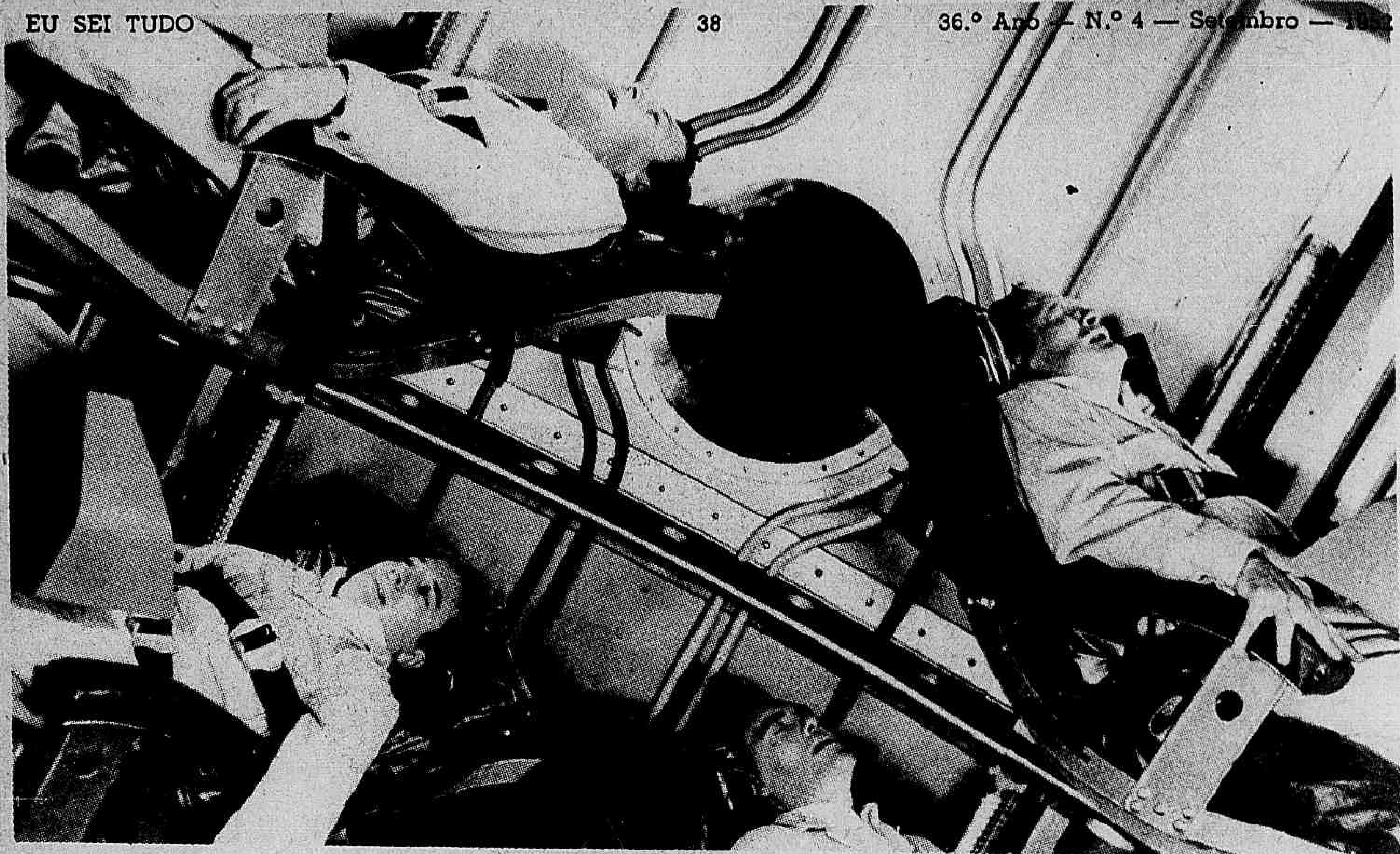
A quatrocentas milhas de altura, a fricção atmosférica seria quase nula; porém as dificuldades técnicas para enviar a "Vac Corporal" cem milhas mais além implicaria num gasto excessivo.

UTILIZAÇÃO DA "VAC-CORPORAL" — Por outro lado a distância de quatrocentas milhas seria muito grande para que o novo satélite da Terra pudesse cumprir a missão a que os norte-americanos o destinam.

Mr. Aslop assegura que o papel dêsse satélite consistiria em atuar como ôlho automático, que observaria a Terra por conta dos Estados Unidos. Tudo o que visse, mediante instrumentos aperfeiçoados, se-



"A LUA MILITAR" VIGIARA' A TERRA... — *Essa coisa estranha, em forma de pião é o invento de Wernher von Braun, tal como há de ficar em dias próximos, tão logo saia das fábricas secretas do Alabama (no caso do govêrno norte-americano ouvir as teorias do jovem sábio alemão). O autor do projeto chama o seu invento de "Lua Militar", porque sua função de satélite da Terra será aliada à de sentinela de nós todos. Um telescópio poderosíssimo permitirá observar, de tais alturas, as idas e vindas dos habitantes dêste planêta. A velocidade dessa sentinela voadora será tão grande que poderá dar a volta completa à Terra cada duas horas. Um dispositivo misterioso como os demais mecanismos científicos de altitude e navegação servirá para contemplar a superfície do globo, em qualquer instante, como se estivesse iluminado pela melhor luz do dia. Já terá sido feito algum ensaio prévio com o descobrimento de Wernher vo nBraun? Uão encontram os leitores alguma relação entre a "Lua Militar" do sábio alemão que acabamos de descrever e as descrições largamente publicadas pela imprensa dos que viram os famosos discos voadores?*



Como colocar tripulação nesses "satélites" é o que parece ser problema mais difícil, mesmo, que a construção dêsse "espião voador", que poderá dar a volta completa ao nosso planêta em apenas duas horas.

ria televisionado ou comunicado por outros meios a um centro de comando e registro. Êste projeto seria mais realizável do que o do motor atômico, para submarino, atualmente em estudos por uma emprêsa privada. Pelo menos, durante as primeiras experiências, o satélite não levaria passageiro e não seria preciso temer a ràdioatividade.

Tudo isso poderia servir para o estudo de viagens interplanetárias ou interestelares. Recordemos que, a dez quilômetros por segundo, velocidade astronômica moderada, a viagem da Terra à Lua seria feita em dez horas. Porém seriam necessárias mais de duas mil horas para ir da Terra a Marte, utilizando um foguete que viajasse àquela mesma velocidade! E, daqui à estrêla mais próxima, há mais de quarenta anos luz!

E' absurdo pensar em uma viagem dêsse gênero. Um foguete cuja velocidade atingisse sessenta quilômetros por segundo, levaria mais de vinte mil anos para chegar à região do sistema planetário mais próximo do nosso!

A CORRIDA ARMAMENTISTA ... NO ESPAÇO SIDERAL — E' fácil compreender tôda a utilização que poderia ser conseguida de um foguete observador. Seria o melhor agente de informação do mundo. Os Estados Maiores ocidentais saberiam perfeitamente o que ocorre além da "Cortina de Ferro". Poderiam traçar mapas detalhados daqueles países, planos das suas cidades misteriosas, situadas além dos Urais, etc.

Em caso de guerra, o satélite teria um papel primordial. Já explicamos de que maneira seria utilizado como "guia" de outros projéteis-foguetes que alcançariam, seguramente, o objetivo a destruir.

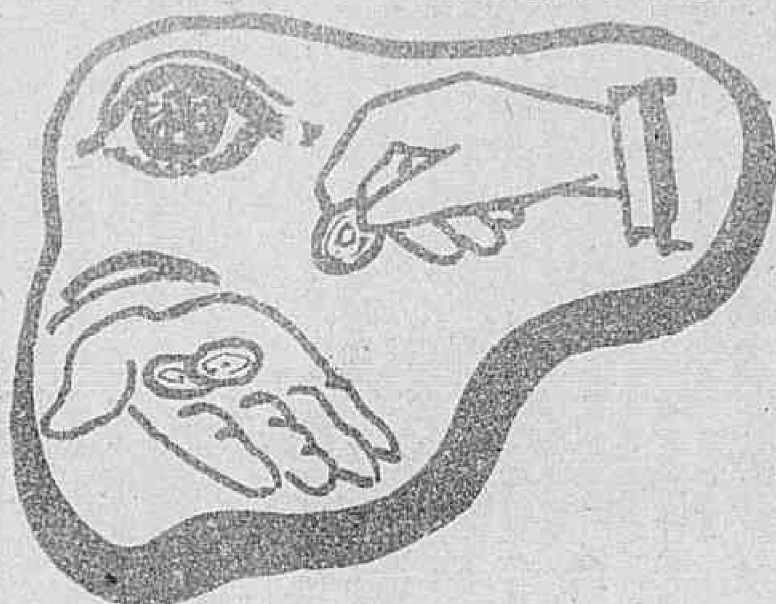
Os projetos de construção dêsse satélite estão tão adiantados que sua existência é objeto de uma nova rivalidade entre a Marinha e a Aviação dos Estados Unidos. Trata-se de saber qual das duas terá o privilégio de lançar êsse foguete... *desde que Mr. Truman autorize.*

Os aviadores pretendem ser lógico que a êles está confiado o trabalho geral. Os marinheiros alegam que o terceiro foguete navegará como um avião... *torpedeiro.* Navegará fora da atmosfera, fora do ar, e, por conseguinte, fora do domínio habitual da aviação. Fala-se até em criar um novo departamento no Ministério da Guerra, para que fiquem contentados marinheiros e aviadores.

O que mais permite esperar que o satélite-espião venha a ser pôsto em funcionamento, brevemente, é que se teme que os Russos tomem a iniciativa. São perfeitamente capazes, graças aos técnicos alemães que têm a seu serviço.

A corrida armamentista prossegue. Desta vez em pleno espaço sideral...

A "Gorgeta" — PROBLEMA MUNDIAL



A gorgeta sói ser coisa aborrecida para quem a dá. Ao contrário, constitui uma espécie de complemento do ordenado de quem a recebe. Que pensa o senhor a respeito? Tal foi a pergunta formulada a várias personalidades, em diferentes partes do mundo. Eis o que responderam.

UM DESAFIO ÀS EMPRÊSAS — *na opinião de Jorge E. Worster, Presidente de uma emprêsa de taxímetros de Los Angeles, Califórnia.*

A gorgeta é fundamentalmente má porque *"ninguém dá gorgeta a um igual"*! Por isso me desagrada e bem desejaria que nos livrássemos dela. Infelizmente, não é possível: o mais que podemos fazer é restringi-la a certos limites. Tal é o repto lançado por êste problema aos que dirigem importantes negócios.

Devemos começar por remunerar decentemente nossos subordinados para que não tenham que "arrastar-se" com a aspiração de obter renda adicional, que complete o seu salário. Pagamos aos motoristas mais do que o ordinário. Assim os ajudamos a que não sacrifiquem a sua dignidade. Se alguém lhes dá gorgeta é como prêmio por algum serviço especial ou por um tratamento mais cortês — algo que muito interessa à nossa própria emprêsa. Em alguns negócios, como por exemplo em restaurantes, poderiam ser alcançados resultados satisfatórios suprimindo-se a gorgeta e substituindo-a por um acréscimo de uns 10 por cento da despesa de consumo. Dêste modo, o dinheiro assim obtido poderia ser distribuídc pelos empregados do salão, da copa e da cozinha. Porém teria que ser largamente anunciado — *"Estão proibidas as gorgetas!"*



E seria, igualmente, indispensável instruir *muito a sério* o empregado para que não exercesse qualquer pressão sôbre o cliente com o fim de extrair-lhe alguma gratificação adicional ao que já teve que pagar com referência ao "serviço".

Uma conduta contrária às regras estabelecidas pelos camareiros ou garçons, prejudica a emprêsa que os emprega. Lembro-me de que em certo restaurante elegante ofereci um almôço a certo grupo de amigos. Oportunamente tratei de gratificar a cada um dos garçons que nos atenderam e também à mocinha do guarda-roupa e ao porteiro. Quando abandonava o local aproximou-se um dos garçons que não nos servira, mas que *espontâneamente* ajudara a colocar em seus lugares os meus convidados, para reclamar a *sua* gorgeta! Desde então jamais retornei ao aludido restaurante.

ESTIMULA A SERVIR BEM — *comenta Vicente L. Faelner, advogado em Cebu, nas Filipinas.*

Sou partidário da gorgeta, porque sempre acreditei que ela constitui um meio eficiente para que desfrutemos de serviço melhor e mais rápido nos lugares públicos. Trata-se de um costume velhíssimo e há lugares em que a remuneração da emprêsa empregadora depende da quantia provável que o empregado receberá em gorgetas.

Por isso, principalmente, não nego jamais uma gorgeta, como, protesto porque não me tenham servido bem ou depressa. Deixar de dá-la poderá significar privar um garçon do necessário para equilibrar o seu orçamento. Também nego que o aceitar uma gorgeta desagrade a quem o faça. O processo a que se recorra para remunerar o que desempenha um serviço não há de significar para êste último nenhuma ofensa. Nas Filipinas é costume dar gorgeta a barbeiros, condutores de táxi e a garçons de restaurante. Nos hotéis também damos gorgeta aos servidores, porém não aos cozinheiros e, além do mais, é costume abonar uma gratificação ao abandonar o hotel, não como recompensa de cada serviço que se recebe. A importância de tal remuneração fica a critério de quem a dá.

Em geral é abonado um "pêso" por dia passado no estabelecimento, desde que se trate de uma permanência mais ou menos curta.

Quanto ao futuro da gorgeta, tenho a certeza de que tal costume não desaparecerá nestes próximos decênios. Não sou partidário de que se estenda a outros campos de serviço, porém declaro-me favorável a que se conserve dentro dos limites atuais.

DEVERIA DESAPARECER! — *diz Ildefonso P. Martinez, advogado e escritor de Managua, Nicaragua.*

A gorgeta é uma gratificação que se dá a alguém que presta um serviço não remunerado por quem a

dá. Quer êste, corresponder, de tal forma, ao empregado atento e complacente, porém, na maioria dos casos, a gorgeta é dada por hábito... e por temor de que o indivíduo obrigado a prestar serviço se torne desatento e descortês, caso falte a gratificação.

Se o patrão ou proprietário de uma emprêsa que tenha estabelecido uma relação de trabalho entre êle e o empregado — paga com justiça o salário, é óbvio que o empregado estará satisfeito e pensará menos na gorgeta.

O patrão deveria explicar a seus empregados que se lhes paga uma remuneração justa, com a qual estejam conformados, hão de agir de modo que o serviço que prestam aos clientes não necessite do estímulo da dádiva.

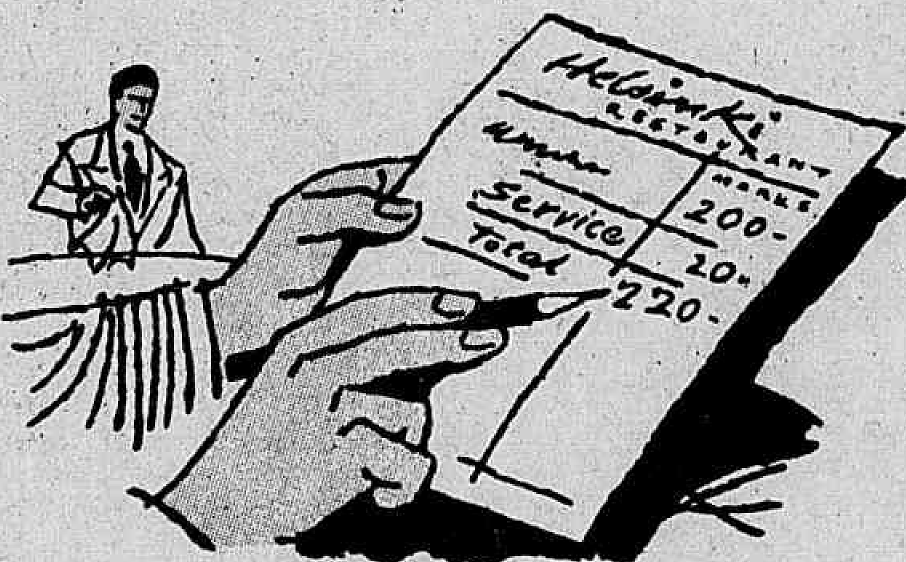


Não haveria boa fé no empregado que, para realizar uma operação, preferisse em suas atenções e diligências a quem gratifica, esquecendo ou deixando *para depois* a quem não o faça; e como um dos ideais é a boa fé como norma nos negócios e nas profissões, interessa que a gorgeta venha a perder a *carta de natureza* que, pelo costume, chegou a adquirir.

Muito bem faria um patrão se por meio de cartazes para sua clientela fizesse esta saber — e também a seus empregados — que a prestação do serviço não está sujeita à gorgeta e que os últimos estão dispostos a servir com agrado em troca ùnicamente do preço lícito e da íntima satisfação de haver dado satisfação ao cliente, servindo-o bem e em seu devido tempo.

UMA OPINIÃO AUSTRALIANA — *De J. Gordon Hislop — Doutor em Medicina —Perth, Austrália.*

Os Australianos, em sua maioria, consideram indevido o costume da gorgeta. Não obstante, trata-se de algo tão enraizado entre nós como em tôda parte. Consideramo-la uma forma pouco digna de remunerar um serviço que se recebe, como fica claramente demonstrado por ser dada quase sempre *às escondidas: coloca-se* uma moeda sob o prato ou desliza-se na mão do camareiro. Parece que tanto o que dá quanto o que recebe comete um ato vergonhoso.



Por mim sei apenas dizer que me sinto mais à vontade nos lugares em que a gorgeta está proibida, como nos aviões de passageiros e clubes sociais.

Além do mais, na Austrália é a gorgeta censurada de outro ponto de vista: os impostos que pesam sôbre nós são tão elevados que é muito raro alguém poder economizar alguma coisa. Porém o que recebe gorgetas não declara seu produto para os efeitos do pagamento do impôsto sôbre a renda, com o que fica colocado numa situação de injusto privilégio.

Diante de todos êsses inconvenientes não faltam os que acreditam no breve desaparecimento da gorgeta, na Austrália. Por mim, receio que tal coisa não suceda *enquanto não mude a natureza humana.* Enquanto isso, abriguemos a esperança de que seja cada dia maior o número dos servidores do público que *por motu próprio* recusem a gorgeta, como já foi feito pelos empregados de muitas linhas aéreas.

SUPRIMA-SE TOTALMENTE! — *recomenda Karl A. Ohlsson, proprietário de Restaurante em Helsinki, Finlândia.*

Na minha opinião a gorgeta rebaixa a dignidade humana e não acredito, absolutamente, que haja necessidade dela, *se forem pagos salários adequados aos que hoje são gratificados dêsse modo.* Na Finlândia as leis do país proíbem a gorgeta. Em lugar dela é costume juntar às contas de restaurantes, hotéis e outros estabelecimentos uma parcela para "serviço". Porém, embora com tal disposição se venha obtendo resultado bastante satisfatório, a clientela continua a dar gorgetas... e os empregados a recebê-la.

Digamos que o consumo, num restaurante, importa em 200 marcos. Adiciona-se 20 para o serviço e, se o cliente se considera bem servido é comum que deixe sôbre a mesa um ou dois marcos mais, como gorgeta adicional.

A mim sempre pareceu que a gorgeta deve guardar proporção com o tipo de serviço de que desfrute quem a dá. Tenho a impressão de que em algumas ocasiões constitui uma espécie de estímulo para que se atenda com maior eficiência ao cliente em futuras oportunidades. Isto, naturalmente, depende do caráter de quem tenha que prestar o serviço.

Pelo que me diz respeito, gostaria de ver abolidas universalmente as gorgetas em hotéis, restaurantes, veículos de alguel e outros lugares em que o público é servido. Tenho a esperança de que o costume de dar gorgeta vá desaparecendo. Mas, ao mesmo tempo, receio que suceda jùstamente o contrário.

A CULPA E' DO PATRÃO! — *diz Guilherme J. Chinworth, comerciante de utensílios caseiros no Estado de Indiana (EE. UU.).*

Talvez eu seja um idealista fora de minha época, porém acredito que, se remunerassem adequadamente o empregado, êles seriam os primeiros a falar em favor da abolição da gorgeta. *A dignidade é algo inato em todos os sêres humanos e o ato de aceitar uma gorgeta representa certo rebaixamento.*

No Japão, onde se fêz da cortesia uma das mais belas artes, sei que aos camareiros, barbeiros, estafetas e outros indivíduos que atendem a misteres mais ou menos modestos, é costume dar gorgeta em pequenos envelopes especialmente destinados para tal propósito. Dar-lhes uma moeda "nua" seria para êles verdadeiro insulto!

Tal atitude está a muitas léguas de distância do sorriso insolente a que costumam recorrer as mocinhas encarregadas dos "guarda-roupas" em diversos

lugares públicos e com o qual pretendem arrancar de suas vítimas uma gorgeta maior. E o dinheiro que assim obtêm vai parar às mãos dos "concessionários", que chegam a pagar cem e duzentos contos por ano pelo privilégio de extorquir dinheiro dos freqüentadores de certos cafés e restaurantes elegantes, nas grandes metrópoles.

A verdade é uma só: a gorgeta ganhou proporções de *negócio em grande escala* nos grandes centros e como conseqüência — principalmente — do fato de que os proprietários de certas emprêsas não remuneram devidamente os que estão encarregados de servir à clientela.

Só nos Estados Unidos, segundo dados fornecidos pelo Ministério do Comércio, as gorgetas pagas em 1949, importaram em 598 milhões de dólares! Não é tempo, já, de nos rebelarmos contra essa calamidade?

QUE NÃO PASSE DOS 10 POR CENTO! — *aconselha W. R. Macarthur— Diretor da Cia. Petrolífera no Canadá.*



Embora não acredite que deva ser aumentado o alcance do sistema da gorgeta, creio que nos lugares onde já é costume dar a referida gratificação, esta constitui uma espécie de *incentivo* para que os beneficiados sirvam melhor ao público.

A faculdade que qualquer pessoa tem de negá-la, embora raramente a exerça, determina que o servidor se mantenha sempre alerta, a fim de conquistar a boa vontade do cliente. Isso, na minha opinião, fica fartamente provado, nos restaurantes onde se costuma juntar à conta correspondente ao consumo, uma parcela de "serviço", de 10 a 15 por cento; o garçon sabe que *de qualquer maneira* terá essa remuneração e já não faz qualquer esfôrço para atender aos interêsses do cliente.

O meio mais eficiente, para conseguir que a gorgeta não supere os devidos limites é uma espécie de amistoso acôrdo por parte do público com o propósito de obter a uniformidade.

No Canadá, costumamos dar aos pequenos servidores dos hotéis, 25 centavos por volume carregado e, nos cafés e restaurantes, mantemos como regra, com raríssimas exceções, gratificar os garçons com uma quantia equivalente a 10 por cento do valor do consumo.

Não esqueço as limitações das leis, porém ouso sustentar que seria benéfica, em têrmos gerais, a lei que restringisse a gorgeta a 10 por cento.

Pelo menos se conseguiria que tanto o que dá quanto o que recebe a gorgeta, tivessem uma noção mais clara da *índole* de tal estipêndio: trata-se de *premiar* serviços recebidos, *não de pagá-los!*

Enganam-se os que alegam que em épocas de inflação as gratificações dêsse tipo devem ser maiores, dado que a importância da gorgeta, calculada esta numa porcentagem fixa, aumenta automàticamente com o valor do consumo. Mais ainda: aumentar a percentagem porque o custo da vida subiu, introduziria na questão um novo princípio, a saber: *que a gorgeta constitui compensação.* O empregador, sim, deve pagar a seus empregados adequadamente.

A gorgeta — se é preciso que a demos — deve ser um *adicional*, uma *demonstração de aprêço* pelos serviços de caráter pessoal, que recebemos.

CONFUNDE E ABORRECE... — *declara numa queixa sincera Frederico DeArmond, escritor, Estado do Misouri, Estados Unidos.*

Eu curvo a cabeça, resignado à idéia de que a gorgeta não desaparecerá! Mas vamos limitá-la, antes de que nos deixe na miséria.

Certo amigo convidou vários companheiros de escritório — a mim, inclusive — para almoçar num restaurante. A despesa importou em trinta dólares. Deu de gorgeta 10 por cento e, em lugar dos agradecimentos que esperava, recebeu do garçon um olhar furibundo. Sei, também, do caso de um homem de negócios, que não conseguia que lhe reservassem lugar em carro-dormitório, num trem em que pretendia viajar, porque não havia dado a correspondente "gratificação", detalhe que o citado indivíduo desconhecia.

Tudo isso confunde e aborrece, principalmente, quando se viaja por lugares cujos costumes desconhecemos. Na França, segundo penso, é preciso dar gorgeta até aos indicadores de lugares, nos teatros e cinemas!

Oh tempora, oh mores! Em minha mocidade, não era coisa rara que viesse correndo até à porta do restaurante algum garçon para nos dizer: *"Senhor... Deixou esquecido sôbre a mesa êste dinheiro!"*

CONSTITUI UM INCENTIVO — *opina Guilherme Winkler, negociante em peles, de Edimburgo, Escócia.*

Conta-se que Lord X deu de gorgeta, em certa ocasião, a um garçon um *shilling*. Ante a ausência de qualquer manifestação de gratidão por parte do servidor, o personagem comentou:

— Não se esqueça, amigo, de que êsse *shilling* representa para mim a inversão de um *soberano*.

O garçon examinou novamente a moeda e replicou:

— De acôrdo, senhor; mas, para mim, não vale mais que seis *pence*..."

Êsse fato deixa ver que a gorgeta envolve algo mais que o mero valor nominal da mesma Trata-se, como muito bem sabemos, de um velhíssimo costume. Não se logrou com êle, isto é, com um punhado de moedas, comprar Salomé; porém, em compensação, é possível comprar muitas outras vontades e, como conseqüência disso, não se vê muito claramente a possibilidade de se prescindir de tal sistema, em futuro próximo.

E' evidente que o incentivo de um possível lucro estimule a prestar bom serviço. Nada tem de censurável, que um carregador transporte as malas de um passageiro até o vagão da estrada de ferro, como não é justo que o passageiro que seja capaz de carregar as próprias malas tenha que arcar com a despesa correspondente.

No assunto das gorgetas, é preciso julgar cada caso segundo as características especiais de que o mesmo se cerca.



Quem disse que não existem Fantasmas?

O "gracioso" fantasma de Evelyn Byrd assombra os jardins e passeios de uma suntuosa mansão de Westover, na Virginia. Essa linda amostra de ectcplasma está eternamente em busca do seu amor, perdido há muitos e muitos anos.

NÃO. Não é preciso ir à Inglaterra e visitar os seus velhíssimos castelos, para estremecer de emoção diante de fantasmas, espectros e outras assombrações ancestrais. Neste hemisfério, nos Estados Unidos da América do Norte, também podemos encontrar uma linda série de casarões, igrejas, velhas prisões e cavernas *comprovadamente "mal assombradas"* e

Sim! Quem disse que não existem fantasmas? Ouçam estas arrepiantes histórias de medonhos espectros e dos seus gritos e lamentos... e compreenderão que êste mundo é mais misterioso do que acreditamos. Por LESLIE DAYTON

podendo apresentar fantasmas mais ou menos horripilantes, todos dignos de comentários.

A variedade realmente, é sedutora, contando-se entre essas "aparições" um grande conjunto de imagens espectrais, surgindo de elevadas janelas, arrastando correntes intermináveis pela calada da noite, com grossas cordas em redor do pescoço esquelético e soltando gritos e gemidos capazes de gelar o sangue dos indivíduos mais corajosos.

Ouçamos, para começar, a história de uma "assombração" que traz os residentes nessa florescente cidadezinha de Sulphur Springs, no Estado do Texas, um tanto amalucados com as suas diabruras de péssimo gôsto.

Trata-se de uma "assombração", não de um "fantasma"!

E, realmente, há uma grande diferença entre "assombração" e "fantasma"... O leitor não sabia? Sim; um "fantasma", segundo os entendidos em fenômenos psíquicos é uma *alma que volta do outro mundo;* pertence a determinado indivíduo e, em geral, aparece nos lugares que sempre freqüentou, quando vivo, e a pessoas igualmente determinadas, enquanto que uma "assombração" nunca pode ser identificada como um indivíduo específico, podendo, por isso mesmo, aparecer em diferentes e insuspeitados lugares. *Em qualquer parte...*

Numa noite quente de julho, um lavrador que se dirigira à sua cozinha, a fim de beber um gole d'água, encontrou-se cara a cara com uma criatura alta, muito branca, lembrando um albino, e envôlto numa substância muito branca e úmida, que era atravessada pelo fogo terrível de dois olhos ferozes. Antes de que pudesse gritar ou esboçar qualquer gesto, aquela medonha figura simplesmente recuou, passando através da parede e desaparecendo!

Não muito tempo depois, uma linda menina de quinze anos encontrou a mesma *aparição,* sentada junto de um monte de feno. A pobre criança caiu sôbre os joelhos e histèricamente gritou, implorando à "assombração" (êle ou ela) que não lhe fizesse mal. A estranha e medonha figura simplesmente riu, numa gargalhada convulsiva e ululante, desaparecendo.

Êsses dois fatos deram motivo à maior *caçada ao fantasma,* de que há notícia nos Estados Unidos. Bandos de residentes, armados até aos dentes, espalhavam-se pelos campos, nas noites mais quentes do verão, porém o caprichoso *Homem de Branco* se materializava diante dos olhos dos caçadores, e logo desaparecia, antes de que pudessem pegá-lo ou ao menos falar-lhe.

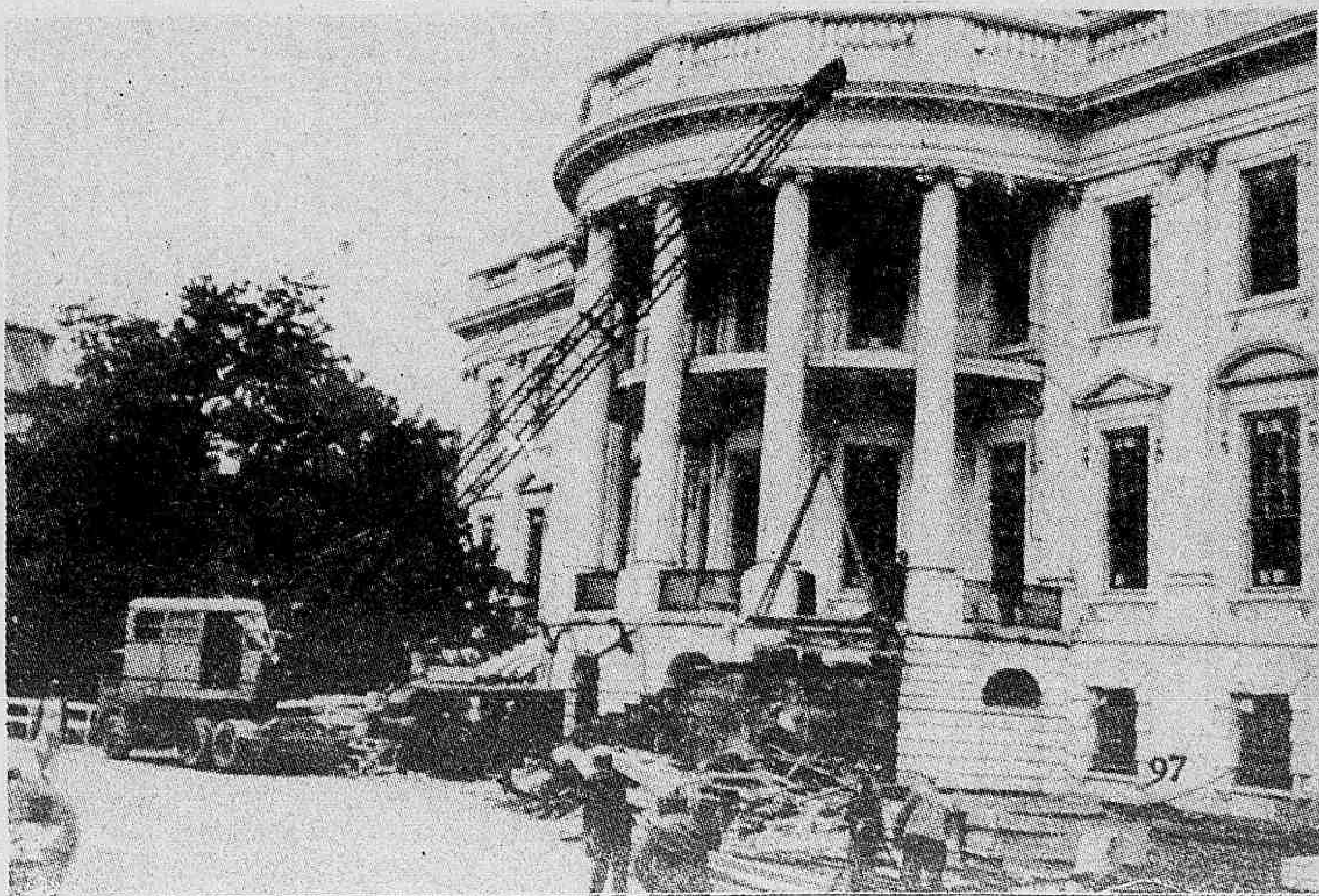
Durante essa colossal *caçada,* um dos homens feriu com chumbo de sua espingarda o nariz de uma cunhada... que teve a triste idéia de se apresentar numa varanda, vestindo longo *peignoir* branco.

Mêdo pânico se alastrou perigosamente por tôda a região, alarmando a própria polícia, que ordenou ao povo abandonasse as armas e recolhesse cada qual, a sua residência. Poucos, porém, obedeceram...

Em verdade, a "aparição" jamais revelou a sua "missão". Da mesma forma nunca atacou ou prejudicou a quem quer que fôsse. Simplesmente, aparecia... e desaparecia. Depois, quase ao findar o verão, desapareceu para nunca mais voltar!

Ninguém mais tornou a vê-la, mas a





Fantasmas na "Casa Branca"? Os carpinteiros que trabalharam na recente remodelação dêsse famoso edifício, residência dos presidentes norte-americanos viveram horas de angústia pela possibilidade de ver surgir o lendário espectro





Janela do sótão da casa residencial de Carrollton, no Alabama. (ao alto, à direita) E' a "sede" de um dos mais famosos fantasmas dos Estados Unidos. A medonha imagem de Henry Wells, conforme costuma aparecer na vidraça inferior direita (segundo indica a seta) está desenhada no "cliché" menor, à esquerda.

verdade é que deixou uma impressão que Sulphur Spring jamais pode esquecer!

Essa, entretanto, é apenas uma pequenina prova de que a América do Norte é um campo preferido pelos fantasmas.

De fato, sòmente no Estado de Louisiania existem mais de... 1.000 casas *mal-assombradas!* E — detalhe dos mais interessantes... — a maior parte dessas casas se localizam nas ruas do *Bairro Francês,* em Nova Orleans, ruas eternamente batidas por vento forte...

Espalhadas ao longo das belas estradas que correm ao sul do Estado de Nova York, entre o rio Hudson e Buffalo, também existem centenas de locais, onde formas espectrais têm sido vistas caminhando, à noite.

Tão numerosas são essas estranhas, inexplicáveis visitações que uma das principais estradas, que atravessa, justamente, a área *mais densamente povoada* de fantasmas, passou a ser chamada de "Auto-estrada Psíquica"!

Também as costas sudoeste e oeste estão pontilhadas de lugares nos quais irriquietos espíritos passeiam sem a menor cerimônia.

De fato, os representantes da "Sociedade Americana Pro-Pesquisas Psíquicas" estiveram recentemente trabalhando incessantemente nessa região, registrando os casos "autênticos", isto é, *sòmente aquêles que, de fato, não podiam ser explicados ou atribuídos a razões terrenas...*

Justamente, na última primavera, um motorista, dirigindo o seu automóvel através de *Mid-Hudson Bridge,* em Nova York, ao escurecer, viu três operários, com os corpos recortados sombriamente contra o fundo do ceu, muito altos, entre os cabos da gigantesca ponte. Junto dêles havia um gato de dimensões exageradamente grandes. Poucas milhas além, o motorista parou num bar e mencionou o fato de ter visto três homens trabalhando na ponte até tão tarde...

— *Hora imprópria para trabalhar, não acham* — perguntou.

O proprietário do bar, depois de trocar um longo olhar com alguns clientes que já ali se encontravam, surpreendeu o motorista com esta resposta:

— Êsses trabalhadores, que o senhor viu, *não são homens! Foram homens! Hoje são fantasmas!* Quando a ponte estava sendo construída, três homens tombaram e morreram tràgicamente. Com êles também morreu um gato, que se encontrava no mesmo andaime que despencou. Agora, todos os quatro costumam voltar, ao escurecer, colocando-se na ponte, no mesmo lugar de onde caíram... para morrer.

O motorista, quase paralisado pelo horror, ficou no bar até que o dia amanhecesse. Então, pagando a conta, retirou-se pisando o veículo, sem olhar para trás, onde a silhueta da ponte se recortava contra o lindo céu matinal.

Uma das mais fantásticas histórias de todos os tempos, a respeito de fantasmas, refere-se ao que ocorreu na pequenina cidade de Lily Dale, ao norte do Estado de Nova York, considerado, por isso mesmo, como o maior centro espiritualista em todo o mundo...

De fato, centenas de videntes e *mediuns* de tôda sorte ali realizam trabalhos em sessões que se prolongam pela alta madrugada, com sublinhamento de vozes do além túmulo, gargalhadas espectrais, gemidos inexplicáveis, tudo de envôlta com mesas dançantes, etc. Também são realizadas grandes sessões públicas em salões imensos ou ao ar livre, assistidas por vários milhares de pessoas.



Uma fotografia que causou sensação em seus tempos. A viúva do famoso "mágico" Hary Houdine tentando comunicar-se com seu marido no "roof" de um hotel, em Hollywood. O fantasma, entretanto, não compareceu...

A história de Lily Dale e os espíritas começou há mais de cem anos, quando John Fox, um lavrador, foi instalar-se em Hydeville, próximo de Rochester, com a mulher e suas filhas, ainda meninas, Margaret e Catherine. Não muito tempo depois de ali estar, a família começou a ouvir ruídos estranhos — como pancadas e arranhões nas paredes, rosnares e passos arrastados em plena noite. Êsses ruídos se tornaram mais e mais assustadores, aterrorizando os pais, *porém não impressionando, absolutamente, as crianças.*

Uma noite, Catherine, estando deitada no leito, chamou: *"Espírito! Faça como eu faço!"* E juntando o gesto à palavra, estalou a ponta do dedo médio contra a do polegar, três vêzes seguidas. Três arranhadelas distintas foram feitas contra a parede. Ela voltou a estalar as pontas dos dedos ou arranhar a guarda da cama e cada vez que o fazia o mesmo número de arranhões respondia. Chamou a mãe, que ficou alarmada e decidiu fazer um *test* com o espírito. Perguntou-lhe quantos anos tinha Margaret e a resposta, correta, logo foi ouvida: 13 arranhões. Para Catherine respondeu, também acertadamente, com nove arranhões. Então, a Sra. Fox indagou:

"O senhor é um espírito? A resposta afirmativa, (yess) será dada com dois arranhões."

Houve um silêncio; depois, claros, separados um do outro, foram ouvidos dois arranhões.

O casal Fox, agora completamente aterrorizado e assombrado, aprendeu ainda outra coisa: antes de se mudarem para aquela casa, a mesma fôra residência do Sr. e Sra. John Bell, que, certa noite de tempestade, tinham dado pousada a um vendedor ambulante. Nem o vendedor nem a sua grande mala, contendo as mercadorias — e dinheiro — tinham sido vistos novamente!

Os vizinhos entraram a comentar o misterioso desaparecimento e a dizer que John Bell e a espôsa tinham matado o comerciante, para roubar o dinheiro que possuía, queimando a seguir o seu corpo no celeiro. Imediatamente, ajudado por vizinhos, Fox começou a sondar o celeiro e o terreno em redor, não tardando, realmente, a encontrar partes de ossos humanos.

Então era verdade! Todos ficaram convencidos de que os arranhões eram feitos pelo espírito do comerciante, e que as duas meninas eram *mediuns* que podiam comunicar-se com êle. Logo as meninas se tornaram famosas, viajando por todo o país e mesmo pelo exterior, ganhando fabulosas quantias em demonstrações públicas e privadas de seus poderes.

Entretanto, ao fim de dez anos a sensação aumentou. Isto porque as duas irmãs repentinamente anunciaram ao mundo boquiaberto, que não passavam mesmo de... duas embusteiras ou coisa pior. Margaret revelou que tinha uma espantosa habilidade para estalar as juntas dos dedos dos pés como se fôssem tiros de pistola. Isso, confessava, era o bastante para explicar as pancadas contra as paredes!

Porém, de fato, essa revelação podia explicar *tudo?* Ouçam êstes dois fatos e julguem.

1º) — Três dias após a sua confissão Margaret morreu em Brooklyn, num hospital. Um médico estêve ao seu lado nos seus ins-

tantes finais e relatou que, *embora a moribunda não movesse sequer as mãos ou os pés, durante os dois derradeiros minutos de sua vida, uma série de pancadas surdas e arranhaduras saiu das paredes e tetos do hospital.* O médico não pôde explicar a natureza dêsses ruídos, mais afirmou que *os mesmos não teriam podido ser provenientes das juntas dos pés de Margaret Fox.*

2º) — Em 23 de novembro de 1904, algumas crianças brincavam no vasto celeiro de um casarão abandonado, em Hydeville (a mesma casa em que os primeiros ruídos tinham sido ouvidos) quando uma parede ruiu. Os trabalhadores, chamados para remover os escombros, encontraram um esqueleto humano... e uma grande caixa — exatamente igual à que era usada pelos vendedores ambulantes, muitos anos antes!

Mais tarde a casa foi removida e reconstruída em Lily Dale, onde agora é o centro do "Movimento Espírita" local e onde qualquer pessoa poderá visitá-la... e ouvir estranhas pancadas e arranhaduras que continuam a atormentar as suas paredes.

E, se o leitor se aventurar até à cidade de Carrollton, na parte mais ocidental do Alabama, poderá dar de cara com um fantasma que olha para o trenseunte desde a elevada janela de um velho casarão, construído no estilo inglês, inteiramente de tijolos vermelhos. E' o fantasma de Henry Wells e olha assim, terrível, para os visitantes... há 64 anos — desde que ali morreu, justamente quando uma multidão furiosa tentava linchá-lo.

Wells fôra prêso, em 1878, acusado de assalto, roubo e tentativa de assassinato. Levado para a cadeia de Carrollton, ali aguardava sentença. Porém os habitantes do lugar tinham ficado revoltados com o triplo crime de Wells e estavam decididos a fazer justiça pelas próprias mãos. Alarmado, o *sheriff* retirou o criminoso da frágil cadeia, removendo-o para o sótão do velho prédio, onde estaria mais protegido da fúria popular.

Já o povo se aproximava, gritando ameaçadoramente e exigindo que o criminoso lhe fôsse entregue, quando, repentinamente, um raio desceu do céu, tudo iluminando... e deixando ver o rosto cheio de mêdo do desgraçado Wells, que, nesse instante, colava o rosto à vidraça da janela, a fim de observar o movimento do povo, a seu pés. Na manhã seguinte o prisioneiro foi encontrado morto, no seu catre — e desde então o seu rosto apavorado pode ser visto nessa janela!

Muitos milhares de visitantes viram a "face". A "Carrollton Civic Club" tomou conhecimento da matéria, considerando a figura na janela *um caso como o provocado pela explosão do magnésio necessário à fotografia.* Isso foi o bastante para acalmar os mais nervosos... Entretanto, em 31 de dezembro de 1927, furiosa tempestade caiu sôbre a cidade de Carrollton, quebrando vidraças e destelhando inúmeras casas numa vasta área. Cada vidro de janela foi estilhaçado em muitos quarteirões seguidos — *exceto aquêle em que surgira o rosto de Henry Wells!*

E, outra vez, o povo foi dominado pelo terror, convencendo-se da autenticidade do fenômeno.

O drama ocorrido com uma linda jovem foi a base para a reputação de "mal assombrada" que cercou — e ainda cerca — uma vasta plantação na Virginia.

Evelyn Byrd, filha de William Byrd, vivia num casarão quadrado, com formidáveis paredões, denominada Westover e que fôra construído no início do século anterior. Segundo o costume, então, foi ela enviada à Inglaterra, a fim de receber educação. Ali, conheceu ela um jovem pelo qual se apaixonou. O pai, entretanto, não quis ouvir sequer falar nesse romance. Evelyn teve que voltar aos Estados Unidos onde, não resistindo à dor daquele amor perdido, morreu.

A partir de então, seu gentil fantasma passou a "assombrar" a plantação. Os trabalhadores e visitantes curiosos, atraídos pela notícia do fato, afirmaram ter visto uma nublada, como transparente figura, passeando vagarosamente pelas alamedas das plantações e dos jardins. Quando se aproximava mais do que o fantasma julgava permitido, logo êle deslizava velozmente afastando-se até desaparecer, sempre gracioso e em silêncio.

"E' um lindo e gracioso fantasma — diziam — Suave e quieto fantasma de uma mulher que morreu de um mal de amor..."

E como esquecer o mais famoso *home* da América do Norte — a "Casa Branca"? Sabem os leitores que muita gente que acredita nesses fenômenos psíquicos, afirma que a Casa Branca é local de *aparições?*

Ouçam esta história de arrepiar:

Pouco tempo antes de ser assassinado, Abraham Lincoln teve uma série de sonhos proféticos. Conta-nos a História que Lincoln confiou seus receios à sua espôsa e também a alguns membros do seu gabinete não muito tempo antes de John Wilks Booth contra êle disparar o tiro fatal, no "Teatro Ford". Que sonhos tivera Lincoln? *Sonhos que lhe mostravam quase exatamente o que afinal aconteceu!*

A América do Norte, está realmente ganhando uma reputação de "campo preferido pelos fantasmas" e construindo uma tradição de fenômenos psíquicos narrados em histórias inexplicáveis que desorientam os homens de ciência.

O leitor não acredita nessas histórias? Nem mesmo quando venta muito e a noite é escura? Quando as aves noturnas se mostram inquietas e estranhas coisas se movem na sombra?

Nós, também, não. Mas há ocasiões...

O CORAÇÃO DE LUÍSA

Romance de HENRY GRÉVILLE

Tradução de NICOLE PASCHIER

A pobre órfã levantou a cabeça para a sua grande amiga e de seus olhos as lágrimas correram silenciosas e fartas.

— Sim, Aliette. Você tem que zelar por suas irmãs; tem que ser para elas, o que era a Sra. Rieul...

— Com Elisa isso não será possível... — disse Aliette, sufocando de emoção — Não tenho qualquer influência sôbre ela. Mesmo mamãe não conseguia ter muita autoridade sôbre aquêle caráter indócil; eu, então... E meu pai jamais permanece em casa, à noite!

A Sra. Mornand pensou, para si mesma, que isso talvez fôsse até preferível, mas nada podia dizer e silenciou sôbre êsse ponto.

— Mas você tem Lúcia! — insistiu ela — Lúcia é encantadora. Uma criança, ainda, sem dúvida; mas não tardará a ser uma mocinha... E você mesma, Aliette, não tardará a casar...

Intenso rubor invadiu o rosto daquela que amava o ausente. "Oh, mãe bem amada, que delícia é ter sido abençoada por ti, nesse casamento ainda incerto e distante!" Como custava a passar, um ano! Um ano sem notícias! E que confiança era preciso haver no coração de um e de outro para estar seguro do reencontro...

— Não mereço ser feliz — pensou amargamente Aliette — Não devia ter deixado mamãe só um minuto sequer. Eu, que conhecia seus temores! Se Richard me esquecer, será um justo castigo do céu. E receberei o castigo em silêncio, humildemente, porque sei que o terei merecido!

A emoção da pobre Aleiette foi grande, quando, dois meses depois, a Sra. Mornand a procurou:

Desde sua primeira visita, a propósito das lições de bordado, a espôsa do professor, muito ocupada e para simplificar as formalidades inúteis, não voltara ao pequenino apartamento.

Lágrimas desceram dos seus olhos, ao

(RESUMO D APARTE JÁ PUBLICADA)

Na velha cidadezinha de Bayeux, tranqüila e provinciana apesar dos seus ares de nobreza, que não quer abandonar, vive a Sra. Belfroy, viúva de regular fortuna, em companhia da filha, a adorável Luísa, a quem adora. Em criança, durante uma pequena excursão marítima, Luísa sofrera um grande choque. Repentinamente prêsa de incêndio, a embarcação em que viajavam estêve prestes a naufragar com todos os seus passageiros, que se salvaram por milagre, quando tudo já parecia perdido. A partir de então, com raras exceções, tôdas as noites Luísa desperta tôda a casa com os seus gritos de incêndio, fogo, etc. Porém continuava dormindo e só acalmava quando a Sra. Belfroy a cercava em seus braços, murmurando em seus ouvidos palavras carinhosas, como se faz com as crianças. O Dr. Brochaux, velho médico e amigo da família, que a vira nascer, sempre afirmara que êsse choque nervoso desapareceria quando tivesse a vida nova proporcionada pelo casamento. E agora mesmo a Sra. Belfroy teimava em arrancar da filha a decisão: aceitava ou não o jovem Jacques Rieul, empregado num banco local, para marido? E Luísa, que já tivera dez pretendentes e vira todos recusados por sua mãe, via agora esta apressada em casá-la com Rieul, menos brilhante que os anteriores, como se ela fôsse uma solteirona e não tivesse apenas dezenove anos. Luísa desposou Rieul, sendo abençoados por Monsenhor, para quem Luísa bordara uma véstia maravilhosa. No mesmo dia, no correr da festa oferecida pela viúva, Rieul revelou ser egoísta, autoritário e ciumento, conquistando assim a geral antipatia dos convidados e causando à sua noiva, à sua sogra e ao velho médico as primeiras apreensões. Rieul é sêco no falar, autoritário e vive torturando sua jovem espôsa com o seu ciúme doentio. Após a lua-de-mel vão residir com a Sra. Belfroy, mas não tarda a haver um sério choque de autoridade entre genro e sogra, com maior sofrimento para Luísa, principalmente depois que os "sonhos" voltam a perturbar o seu repouso. Êsse fato é mesmo motivo para ser maltratada pelo marido, que não hesita em declarar que aquilo pode ter um fundo de loucura. O Dr. Brochaux intervém e pede a Rieul que se mostre mais humano e carinhoso e êle próprio faz questão de atender à pobre Luísa, que esperava o primeiro filho. Dias passados Rieul lembra à sogra o pagamento do dote e esta o envia ao tabelião onde Jacques sofre uma dolorosa surprêsa. O pobre homem acabara de praticar o suicídio. Estava falido! Perdiam-se, assim, os cem mil francos de dote. Porém a Sra. Belfroy resolve vender a casa e pagar o dote ao genro, indo ela morar num apartamento acanhado, enquanto Rieul decide ir tentar a vida em Paris, separando assim mãe e filha. Oito dias depois um telegrama do médico chama Luísa e Rieul apressadamente, a Bayeux, onde a Sra. Belfroy passava muito mal. Rieul não atende ao chamado com a urgência solicitada e quando Luísa chega em sua companhia à sua cidade natal, sua mãe já estava morta. Isso pouco mais rendeu ao ambicioso Rieul e êste se queixa tanto que Luísa decide trabalhar, bordando para conseguir mais algum dinheiro para a casa, embora o médico a proíba, por enquanto, devido a estar a jovem espôsa prestes a ser mãe. No intuito de melhor proteger Luísa, o Dr. Brochaux decidira deixar-lhe todos os seus bens, porém embora conhecesse o seu mal não agiu tão depressa como a morte que o levou antes de haver assinado o testamento. Era a segunda derrota de Rieul, que via outra fortuna fugir-lhe das mãos. Agora com três filhas e um filho, o casal vivia modestamente, Luísa costurando auxiliada por Aliette, a filha mais velha. O ciúme de Rieul continuava, porém, inalterável, envenenando sempre a existência de Luísa. Aliette, já mocinha, sofria com a mãe, e se torturava ao ouvir o pai, por qualquer coisa, afirmar que sua mãe era doida. Com isso apenas conseguia piorar o estado da infeliz, que

rever as coisas, tais como as deixara, revelando o envelope exterior dessa alma agora ausente. Com gesto automático prendeu entre os seus braços, apertando contra o próprio corpo, a linda cabecinha de Aliette.

— Recebi — disse ela, sem outro preâmbulo — uma carta que vem de longe e que se refere a você; nosso amigo Richard Destrée comunicou a sua chegada a La Plata; está bem de saúde e revela ainda que tudo vai correndo segundo as melhores expectativas; mas...

Sorriu, detendo-se para espreitar a expressão ansiosa do rostinho grave e puro.

— ...mas deixou o seu coração aqui, na França, nesta casa; e confessa que não suporta mais a ausência e deseja voltar... voltar para não mais deixar você, minha querida!

Que meiga voz maternal, e que boas para o seu coração eram essas palavras!

— Entretanto — continuou a Sra. Mornand — êle não sabia... e sentiu muito! Está mesmo preocupado... Mas aqui tem a sua carta. Leia.

Trêmula, com os olhos transbordando de lágrimas, Aliette recebeu a fôlha de papel que lhe era apresentada; a primeira carta de amor daquele que sua mãe lhe pedira que aceitasse como noivo, carta que não lhe era dirigida, mas que, da primeira à última linha, fôra feita para estar sob os seus olhos.

Aliette leu em silêncio, depois restituiu a carta à Sra. Mornand; então, bruscamente, lançando-se ao ombro da boa amiga, desatou a chorar convulsivamente.

— Se eu soubesse — disse ela — Se eu pudesse! Mas não posso... Elisa é tão difícil...

— Ora... Você levará Lúcia em sua companhia. E Lúcia, você deve saber... Lúcia não ficará muito tempo solteira! Então? Que devo responder ao pobre exilado?

— Que eu gostaria... — Aliette corou, detendo-se; depois prosseguiu, com firmeza — Que eu gostaria de dizer sim... Não lhe diga nada, por favor... Mas sempre amei Richard. Quando êle passava, pela escada, meu coração de menina saltava alegremente. Não sei se casarei com êle; mas não desposarei outro homem! Aí está o que pode responder para êle.

A Sra. Mornand sorria, com os olhos úmidos; sim... era lindo um jovem amor sincero!

— Eu lhe direi exatamente assim — prometeu ela — E, por favor, não julgue indiscreta, mas gostaria de saber... Quando você terá vinte e um anos?

— Em treze de outubro — respondeu Aliette.

— Pois bem... Trataremos de não matar de saudades êsse pobre rapaz — disse a

---

continuava a sofrer os sonhos terríveis, que a deixavam prostrada. Um rapaz, Richard, morador no mesmo prédio, se interessava por Aliette e num fim de tarde, quando Luísa e suas filhas arrumavam a mesa para o jantar, êle se apresenta para uma visita, anunciando que vai viajar pelo estrangeiro e vinha fazer as suas despedidas. Retira-se quando Rieul chega e êste anuncia à família que todos farão uma viagem de fim de semana, para assistir às manobras navais em Cherburgo, o que é recebido com alegria pelos filhos, mas sem grande satisfação por Luísa, que preferia viajar até Bayeux. No dia seguinte Richard surge novamente e confessa a Luísa que ama Aliette e que vai viajar para ganhar mais dinheiro. No regresso pretende desposá-la. Luísa pede-lhe que guarde segrêdo, por enquanto, pois seu marido jamais aceitaria um genro que ela própria escolhesse. Aliette, por sua vez, informada do pedido, recusa aceitá-lo entre lágrimas, declarando que jamais abandonaria sua mãe. Luísa consola Richard afirmando que também sua filha o amava. Que esperasse até ao seu regresso, quando Aliette seria maior de idade e tudo se resolveria com ou sem a vontade do marido. Ao chegar, Rieul sabe da nova visita do rapaz e logo é assaltado pelo ciúme, acusando a espôsa de estar de namôro com o vizinho. Insultada Luísa protesta com veemência, sem porém declarar a verdade, para não prejudicar Aliette. Depois de uma cena violenta, Luísa sofre nova crise e é consolada por Aliette, com quem dorme essa noite, para ter cuidados especiais. Ao amanhecer Rieul ordena à família que faça os preparativos para a viagem a Cherburgo. Chegados, porém, à última hora, instalam-se em lugares distantes, uns dos outros, ficando Luísa e Aliette no compartimento especial das senhoras, enquanto Lúcia e Elisa, junto de Richard no mesmo vagão, indo Alberto e Jacques para um dos últimos carros. Pouco antes do amanhecer, em plena noite, um dos carros é prêsa de incêndio. Justamente o das senhoras. Richard, um dos primeiros a notar o sinistro, salta de carro em carro, a fim de ir até à locomotiva prevenir o maquinista, que detém o comboio. Ainda Richard, no meio do enorme braseiro salva Luísa, Aliette e Lúcia, lançando-as do vagão, pouco antes do comboio parar completamente. Depois, no meio da confusão geral, dos gritos de desespêro, os sobreviventes buscam os seus parentes e amigos. Richard, porém, tem que prosseguir imediatamente, para não perder o navio que o levará ao Prata. Antes, porém, encontrando Aliette só, volta a falar do seu amor e nessa suprema entrevista Aliette promete esperar pelo seu retôrno. Perguntalhe a seguir por sua mãe e Richard afirma que a vira sem qualquer ferimento, dirigindo-se, quase a correr, na direção oposta. Rieul, Alberto e as duas filhas também procuravam Luísa. O mecânico contou o que sabia e elogiou a conduta de Richard que com seu gesto ousado evitara que a catástrofe fôsse maior. Porém onde estava o herói? Ninguém mais o viu. Por isso foi êle somado entre os desaparecidos na catástrofe. Já o sol ia alto quando os trabalhadores começaram a limpar as linhas. Luísa não fôra encontrada. Já alguns passageiros, que haviam sido prêsas do pânico e fugido para o campo largo começavam a voltar. De Luísa, entretanto, nenhuma notícia. Esta, na verdade, prêsa de estranha vertigem imaginara que a tôrre da igreja que avistava à distância, era a de sua querida Bayeux e decidiu correr para ela, fugir de Rieul, da escravidão... Fugir para poder morrer e descansar para sempre... Um sacerdote a recebe, sob o pórtico e justamente, ali, a seus pés, Luísa tomba morta. Quem era a desconhecida? No lugar surgem velhas comadres que afirmam conhecê-la. E' uma estranha criatura que vivera na cidade muitos anos antes e como as iniciais de Luísa, bordadas em sua roupa, coincidem com as da outra mulher, a pobre Luísa é enterrada como sendo a ex-habitante do lugar. Porém como não há absoluta certeza, a cruz do seu túmulo tem apenas as iniciais: "L. B.". Por sua vez a família Rieul continua no apartamento. Jacques teima em negar a morte de Luísa, afirmando que ela simplesmente fugira.

Sra. Mornand — Vou para casa, correndo, a fim de escrever a resposta, pois sei que hoje vai sair um navio e não gostaria de perder êsse correio. Também fui moça, Aliette... Também tive meus problemas de amor...

Beijou a fronte inocente que se inclinava para esconder mais lágrimas e saiu tranqüila e satisfeita, como costumamos ficar depois de um belo espetáculo, um bom concêrto, uma impressão emocianante que deve permanecer por muito tempo e que perfuma a vida...

CAPÍTULO XVII

Oito meses apenas tinham decorrido desde o dia em que, sob os raios do sol levante, Luísa Rieul exalara o último alento, sôbre os degraus do pequenino pórtico, diante da igrejinha de Louvières.

Quem se recordava disso, agora, naquela aldeiazinha tranqüila?

Ninguém.

A cruz que ostentava as iniciais "L. B." fôra lavada pelas chuvas do céu e a umidade salgada do mar, que ficava pouco além; às vêzes, quando o sol se mostrava particularmente suave e agradável, nas horas calmas do entardecer, o bom cura se recordava do fato, ficando a meditar alguns instantes sôbre os mistérios da vida e da morte.

Depois seu pensamento voava muito alto, numa prece vagarosa, e êle retornava, a seguir, para a sua igreja, para as suas roseiras...

Embora boa pessoa e muito sensata, a velha criada, Úrsula, não se mostrava tão discreta quanto o cura.

Fôra ela uma ativa e carinhosa ajudante do entêrro da desconhecida e pensara, bem no fundo de si mesma, que a solteirona um tanto aluada, cujas iniciais eram as mesmas de Luísa, não poderia ter possuído uma roupa tão cuidada, embora modesta, nem uma pele tão branca e tão fina. Mas guardava êsse raciocínio para si mesma. Então? Não se via tanta gente passar por outra, na vida? Quando se morre isso tem ainda menor importância.

Alguns dias antes de 15 de agôsto, uma bela manhã, as Filhas de Maria saíam da igreja, onde haviam ensaiado seus cânticos para a festa próxima. Em face, a dois passos de distância, a fachada da casa em que morava a lavadeira e engomadeira, estava inteiramente coberta por uma nuvem de *mousseline* branca.

Os vestidos das meninas, já prontos para a procissão, acabavam de secar ao sol, com os grandes véus brancos, cuidadosamente abertos, ao vento.

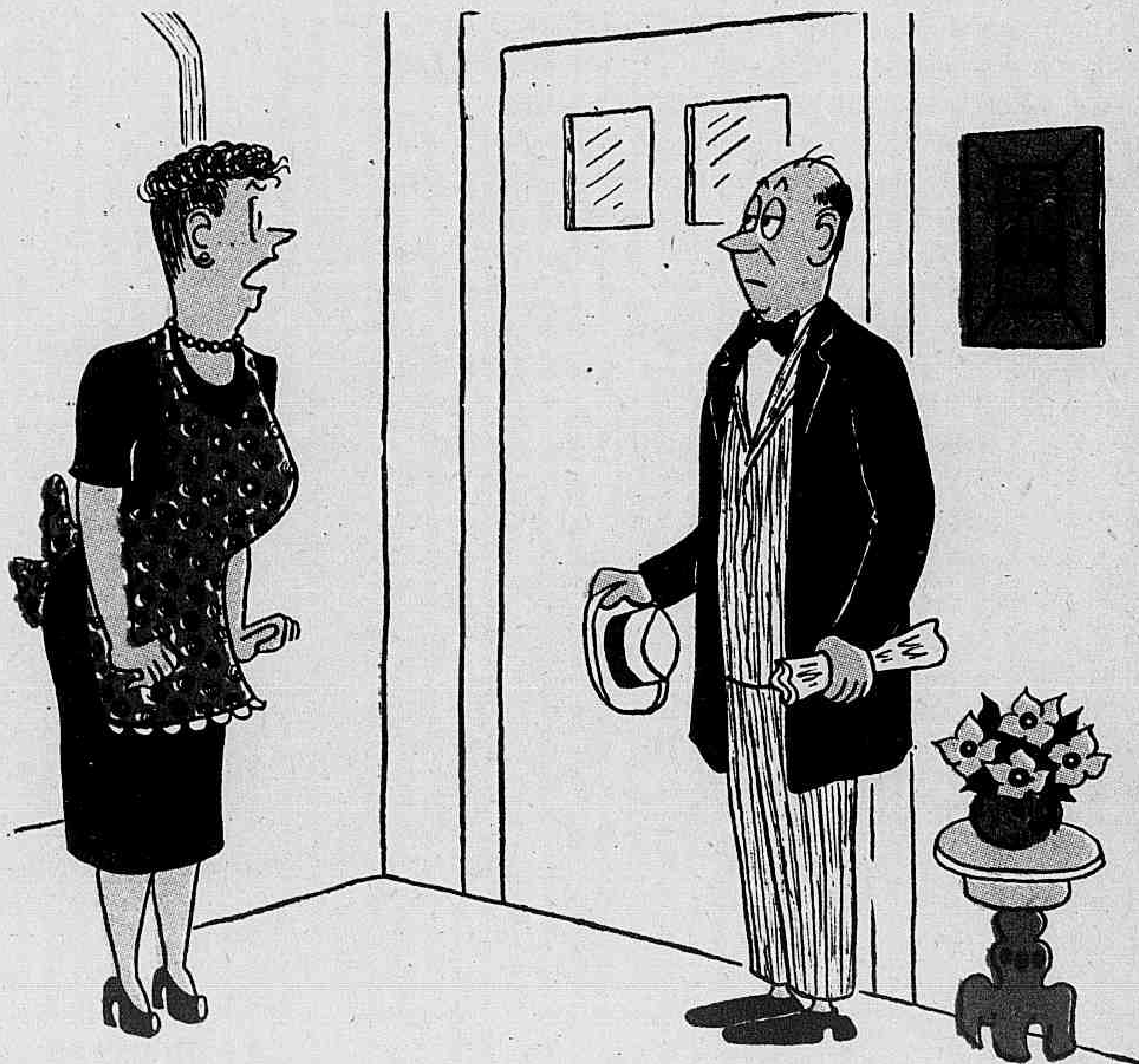
O Cura, que foi o último a sair, ficou observando o belo grupo, que se afastava atravessando o cemitério; uma das meninas, loura e magrinha, com lindos olhos marrons, meigos e sérios, deteve-se junto ao túmulo de Luísa, e depois de fitá-lo por alguns instantes, nêle deixou cair uma flor, pequenina e branca e que pela manhã espetara na própria blusa; depois, apertando o passo, alcançou as companheiras.

— E' uma boa menina, essa pequena Seraphine — pensou o cura — Possui uma alma terna e delicada; quem com ela casar não será infeliz, porém ela...

O excelente homem curvou a cabeça, repentinamente triste. Conhecia os seus paroquianos tão bem como os habitantes das povoações em redor. Não era gente ruim, mas apenas escravos do "calvados", a terrível bebida fermentada, comum na região.

"— Nunca poderá viver com um homem que lhe baterá ou simplesmente voltará para casa bêbedo nos dias de pagamento...

Havia pensado, certa vez, no convento; mas Seraphine Laubier era uma criatura



— Você, que sempre diz, exatamente, a minha idade às visitas, como jamais pode lembrar o dia do meu aniversário?

de alma livre, um pássaro destinado ao céu azul e amplo; gostava de palmilhar os caminhozinhos forrados de relvado novo, sob os olmos direitos e perfumados... das *églantines* que crescem ao longo dos fossos e que "não podem ser colhidas, porque logo se desfolham" — conforme explicara um dia à velha Úrsula.

Sim; o cláustro não poderia convir àquela menina, que adorava a luz e o vento livre. Então... Ficaria solteira?

O cura respirou com fôrça, tornando a levantar a cabeça.

Estupefato, abrigou os olhos com a concha da mão, para ver melhor.

De pé sôbre a escadinha de pedra grosseira, apenas suficiente para impedir a entrada dos animais nos terrenos consagrados, um ciclista, figura desconhecida na região, depois de deixar sua máquina em local protegido, olhava para trás, para o grupo de meninas. Seraphine era a última e, sem refletir, voltou-se duas vêzes, em sua inocente curiosidade.

O recém-chegado saudou nobremente, a menina, como se ela fôsse uma princesa ou mesmo rainha; a seguir, sorrindo, voltou-se para examinar atentamente a velha igreja romana, cujo torreão magnífico prometia muito mais que o resto do edifício.

Baixando finalmente a cabeça, avistou o cura, que o observava. Êste era um homem de quarenta anos no máximo, com gestos simples e agradáveis. O cura de Louvières adorava o campo e a natureza, mas era homem muito educado e pertencente a uma velha família de pequena nobreza.

— O senhor tem aqui um belíssimo torreão, Sr. Cura — disse o viajante, saudando o religioso com o maior respeito.

— E uma igrejinha bem mesquinha — respondeu o abade Verbois — Mas devemos estar contentes com o que temos.

— Tem razão — replicou Richard Destrée, com o seu sorriso sedutor — Por exemplo, eu me contentaria com bem pouca coisa... Não haverá nesta zona prodigiosamente fértil um pouco de pão para se trincar... mesmo que fôsse pão dormido?

— Creio que o pão dormido é o que menos se encontraria nesta terra em que se fabrica o necessário e se come tôdas as fornadas — disse o cura — Mas o senhor deve ter encontrado albergues em caminho?...

— Nenhum! E' verdade que não vim pela estrada principal; com a minha bicicleta preferi fazer uma viagem mais pitoresca...

— Viagem... de recreio? — perguntou o cura, sorrindo — O rosto franco e agradável de Richard o atraía irremediàvelmente.

— Não... exatamente isso; antes diria... uma peregrinação... Há cêrca de um ano, escapei de morrer em circunstâncias particularmente horríveis, não distante daqui, e não tendo muita coisa que fazer de urgente, desejei rever esta região...

— Com o trem de Cherburgo, talvez? — perguntou o abade com um brilho rápido nos olhos claros.

— Exatamente. Eu tinha razão para desejar rever êste local... E, além do mais tudo é tão lindo... Sempre subindo e descendo! Foi assim que cheguei até aqui, enganado talvez por três torreões que se parecem a ponto de causar confusão, sem falar dos outros, que eu via tão logo atingia uma elevação... E' uma região magnífica... e deserta! Dá licença que passe a bicicleta para êste lado do muro? Assim evitaremos aborrecimentos... e poderei, com vagar, conhecer melhor a igreja. O senhor tem ali dois pinheiros como há muito tempo não vejo!

— Pode trazer a bicicleta. — disse o sacerdote simplesmente.

Richard obedeceu, sustentando a máquina com cuidado e caminhando com largo rodeio em redor dos túmulos, sem os tocar. Depois de encostar a bicicleta contra a muralha venerável, voltou-se para os pinheiros. A rosinha branca, que Seraphine Laubier tinha deixado cair sôbre o túmulo, brilhava sôbre a grama, junto da cruz, sob as iniciais ainda bem visíveis: "L. B.".

— L. B. — disse Richard, como se falasse para si próprio. Êste... ou esta, ao menos, tem um túmulo. A outra, coitada, não teve nada!

Depois, voltando-se para o cura, perguntou:

— Foi aquela menina loura, que caminhava atrás das outras, quem deixou cair esta flor, não foi?

— Sim...

Deve ser o túmulo de alguma amiga, sem dúvida?

— Não — disse o cura, com ar pensativo — E' o túmulo de uma mulher desconhecida, que veio morrer aqui... Interessante! Foi, justamente, no dia dêsse acidente de que o senhor escapou!

Richard ficou muito pálido.

— Uma mulher desconhecida? — repetiu êle — Mas, então, por que essas iniciais?

— Porque algumas mulheres daqui — gente tola — acreditaram reconhecer na morta uma antiga moradora do lugar... Jamais acreditei nisso. Mas, enfim, duas iniciais não podem fazer mal a ninguém... Aliás, a morta está registrada no nosso obituário apenas como: *desconhecida.*

Richard fitava o sacerdote, como se pensasse em coisa distante. O bom cura o estudava, por sua vez, com intensa curiosidade.

— Talvez o senhor a conhecesse? — perguntou o religioso com a autoridade que lhe concedia seu ministério.

— Estou muito tentado a acreditar que sim — disse lentamente Richard — Era uma criatura muito bonita, muito distinta

e educada... Talvez tivesse o espírito um tanto enfraquecido...

— Como o senhor pode saber tudo isso? — perguntou o abade.

— Amo a filha da pobre morta e, se Deus permitir, dela farei minha espôsa — respondeu Richard com firmeza.

Úrsula apareceu no limiar da porta, entre o presbitério e o jardim dos mortos.

— O seu nome, meu caro senhor? — perguntou o cura.

— Destrée. Richard Destrée: Tenho vinte e sete anos. Fui chamado de volta à França, a fim de cumprir um período do serviço militar.

— Sr. Destrée — disse simplesmente o sacerdote — Vamos trazer a bicicleta para o jardim da igreja; a seguir o senhor aceitará a minha hospitalidade; terá ùnicamente a minha companhia. Mas tenho a certeza de que a preferirá à imundície dos albergues. Úrsula — disse, voltado para a velha servidora — Você acrescentará dois ovos ao presunto e nos servirá bem depressa, pois êste senhor além de fatigado, tem fome.

Foi um almôço delicioso: além dos ovos, fresquinhos, do presunto defumado, havia também o creme delicioso e consistente, batido pelas mãos peritas de Úrsula, licor de maçãs do presbitério, uma grande xícara de café fumegante e, a seguir, uma dessas longas palestras, em que as almas se tocam, se confundem... Nessa hora em que o ar está mais perfumado, quando as abelhas atarefadas, entram e saem pelas janelas abertas...

Não tardou que o abade Verbois sentisse como se tivesse conhecido Richard tôda a sua vida e que a partida dêsse novo amigo abriria em sua existência um dêsses vácuos que nada pode cumular. Depois, refletindo melhor, compreendeu que era absurdo; na sua idade, com sua sensatez e madureza, não podia deixar-se prender, assim, tão depressa, a um recém-chegado... No entanto, uma irresistível simpatia impelia êsses dois homens, um para o outro...

— Que pretende fazer? — perguntou o religioso, quando Richard terminou de contar sua história.

— Esperar a maioridade da Srta. Rieul. Então ela terá o direito de exigir do pai um consentimento que, de outro modo, jamais obteria; isso foi o que êle já afirmou de modo a não deixar dúvidas! E nisso é amparado pelo filho, rapaz vadio e do qual nada de bom é possível esperar.

— Isso é bem triste — disse o abade — Um mau filho é para um pai a mais pesada de tôdas as cruzes.

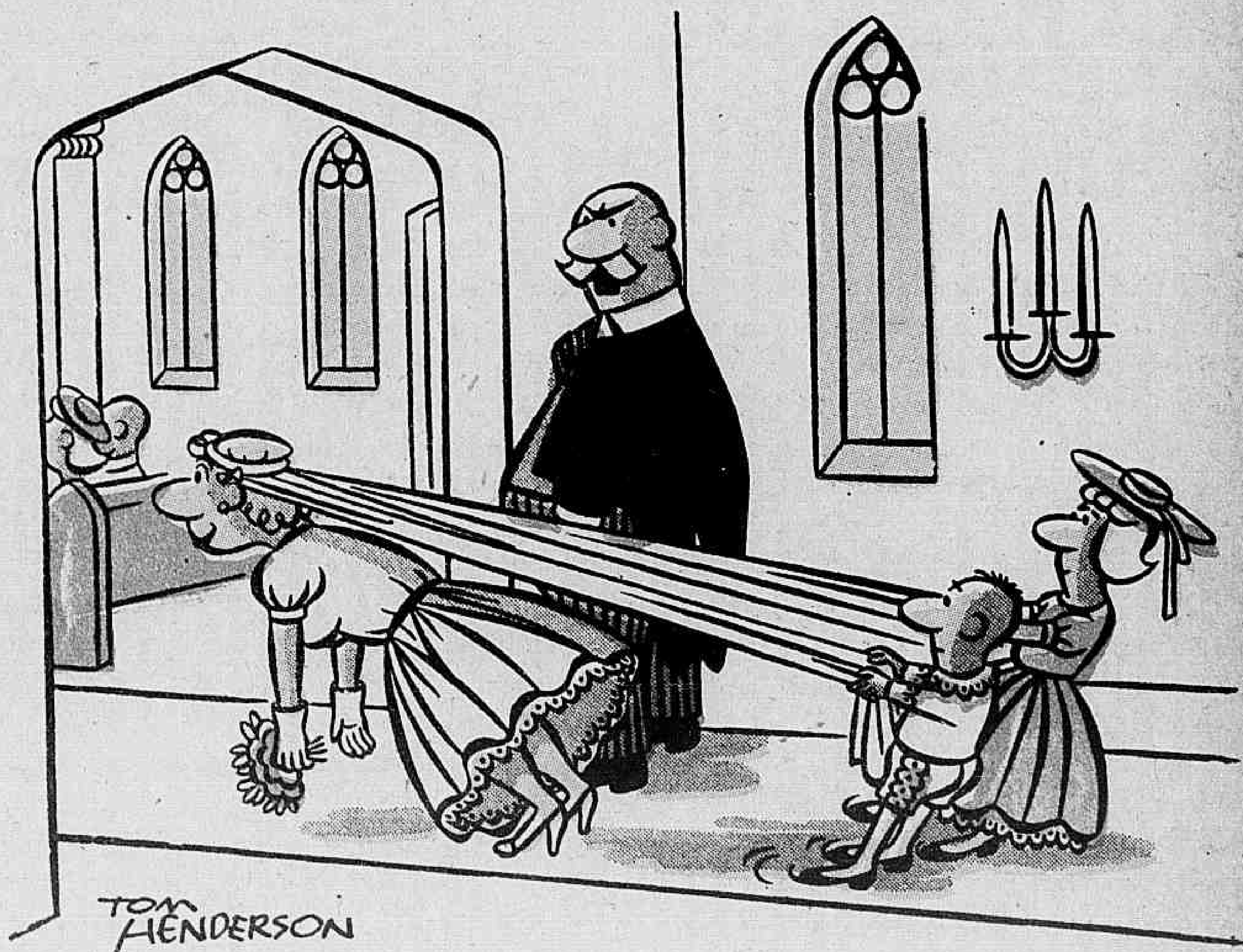
— E' um caso vulgar de baixo ciúme — continuou Richard, corando com a confissão que era forçado a fazer. — A Sra. Aliette é a paz, a felicidade, o bem-estar vivo de tôda a família; por isso estão resolvidos a açambarcá-la, a devorá-la até o último alento, a fim de que nada lhes falte... Foi, pelo menos, o que me deixou entender claramente a boa Sra. Mornand, sem a qual a pobre Aliette teria vida muito pior.

— Não poderia eu aprovar um casamento em que não estivesse presente o consentimento paterno... — declarou o padre, depois de longo silêncio — Mas... Não poderia o senhor trazer até cá o pai da sua noiva? Talvez eu o pudesse fazer sentir o seu verdadeiro dever de pai...

— Jacques Rieul não admitiria jamais outra coisa senão o que êle próprio concebeu; se um acaso, uma série de circunstâncias propícias o trouxessem aqui, Sr. Cura, talvez, êle compreendesse o próprio êrro. Saiba porém que, até ao presente, êle não se convenceu da morte da infeliz espôsa! Não cessa de repetir, martirizando com isso o bondoso coração de Aliette, que foi abandonado pela criatura que jurara amá-lo até ao túmulo...

O sacerdote meditava.

— Tenho uma idéia — disse êle, finalmente — O senhor tem à sua frente quase um mês de folga; passe-os aqui, comigo; poderemos então conversar sossegadamente, e talvez a presença dessa criatura que foi mártir, que morreu a meus pés, os braços estendidos para a cruz, conceda ao senhor a paz e a caridade de que muito necessita, segundo receio...



— *Sim, sim, o noivo já está lá... Tenha calma Filomena!*

— Aqui! — exclamou Richard, olhando pela janela o jardim inundado de sol, o alto torreão, sob o céu azul. — Por que não? Poderei, realmente, encontrar alojamento e trabalho, pois não saberia viver ocioso. Tenho dinheiro, que ganhei honestamente; mas os dedos ficam tremendo, ansiosos por trabalho, quando fico sem o que fazer...

— Compreendo isso... — disse o padre, rindo — Se eu não tivesse o meu martelo, o meu serrote — os dias de chuva são dias como outros quaisquer, não é verdade? — muito triste seriam os dias em que nada há que fazer na igreja... Mas, vejamos: o senhor seria capaz de realizar trabalhos humildes? A forja não o assustaria?

— Por que havia de assustar? A forja, o arado ou outro qualquer emprêgo dos braços são nobres ocupações...

— Falou bem, meu jovem amigo. E aposto em como é capaz de bater um prego sem amassar muitas vêzes a ponta dos dedos!

— Não muito, de fato — disse Richard, rindo — Em todo caso, tenho a certeza de que o senhor mesmo é mais hábil do que eu.

O cura afastou o elogio com gesto cheio de modéstia.

— O senhor vê... — disse êle, levantando-se para chegar à janela — aquela casa em que dormem máquinas agrícolas diversas? E' ali a residência do velho Loubier. Começou por ser ferreiro, depois serralheiro; nas visitas que andou fazendo às cidades vizinhas, aprendeu o ofício de mecânico; agora, de muito longe mandam para êle máquinas complicadas, compradas no estrangeiro. Êle sempre arranja um meio de consertá-las. Ùltimamente, porém, sua vista está um pouco fraca e as máquinas — devemos reconhecer — são um pouco mais complicadas... Êle está precisando de um auxiliar, e creio que, se o senhor quisesse ajudar um pouco...

Richard hesitou.

— Mas... — disse êle — Serei competente? E, além do mais, tenho horror a aprender coisas com gente estranha...

— Quanto a isso pode estar tranqüilo! Laubier é homem educado e bom... Por isso mesmo, por só aceitar gente igualmente boa, é que tem vivido sem ajudantes... E' o pai de Seraphine, aquela menina loura...

— Que deixou cair uma rosa sôbre o túmulo?...

— Justamente. A roseira de onde veio essa rosa, cresce ao longo da fachada da casa do seu pai.

— Oh! Nesse caso — disse Rich. rd — aceito e agradeço. O pai de uma menina tão boazinha e tão carinhosa com uma infeliz senhora desconhecida, enterrada sob os pinheiros, tem que ser realmente um homem de coração magnífico.

— E saiba que Seraphine não tem mãe! A pobre mulher morreu há muitos anos. Confesso mesmo que não enviaria para a casa de Loubier um "ajudante" que já não tivesse o coração comprometido. Seraphine, já é quase uma mocinha — e a ovelha eleita do meu rebanho. Isso o senhor há de verificar com os próprios olhos.

CAPÍTULO XVIII

Richard cuidou imediatamente de informar a Sra. Mornand relativamente ao seu novo enderêço e ao gênero de vida que levava. Ardia de desejos de ir a Paris, mas não ousava, com o receio de ser encontrado, reconhecido... O ciúme de Rieul bem podia tomar outras proporções, caso soubesse que êle voltara à França! Talvez nem acreditasse, sequer, que alguma vez tivesse deixado a pátria! Sua presença poderia servir para novas complicações e mais lágrimas para os belos olhos de Aliette!

Destrée resolveu passar os seus dias de folga, primeiramente na Beauce, para onde fôra convocado; em seguida veria o que seria melhor, um pouquinho de paciência ainda... para evitar agravar uma situação delicada para Aliette.

Esperando pelo momento mais propício, ajudou o velho Laubier a consertar tôdas as mecânicas imagináveis; limitando-se, em geral, a *suprimir as "complicações" que não marchavam como era devido,* Laubier restituía ao proprietário a máquina que trabalhava, realmente, mas que o fabricante teria recusado, cheio de horror.

Que importava isso? A fama do velho Laubier subia até às nuvens.

Entretanto, essa glória ameaçava macular-se. Como bem havia dito o cura, as máquinas recusavam, agora, voltar a funcionar sem as suas *"complicações"* — ou aquilo que Laubier considerava simples *"complicações"* ou *"enfeites tolos"*.

Certa vez, tentando retirar um dêsses "exageros", um tubo de ar comprimido explodiu quase diante do seu nariz e o velho mecânico teve que se dar por muito feliz por não haver sucumbido no acidente.

Seraphine, que correra ao ouvir o estampido, largando o trabalho de agulha, que a prendera tôda a manhã em seu quarto, foi recebida à entrada da "oficina" por Richard.

— Tranqüilize-se, senhorita — disse êle — O Sr. Laubier nada sofreu, além do susto...

Muito pálida, apoiada ao batente da porta, ela fitava o pai com os olhos cheios de terror e de ternura.

— Vamos, menina... Não precisa ficar *assim*... — disse o pai — Em nossa profissão não podemos trabalhar sem fazer um pouco de barulho, não é mesmo, Sr. Richard?

Todos chamavam "Sir Richard" a êsse companheiro tão franco, risonho, simples

e gentil com todos; apesar de tudo ninguém ousara mostrar-se familiar com êle.

— Vem me dar um beijo, Seraphine — concluiu Laubier — E nós dois, Sr. Richard, vamos tentar saber por que esta máquina, que não funciona na casa do seu proprietário, aqui se atreve a atirar parafusos à minha cara!

— Foi talvez porque não soubemos agir como ela pedia! — respondeu Richard.

— Bem, o senhor não tem culpa disso! — disse Laubier com escrúpulo em que havia uma pontinha de amor próprio. O senhor não tem, mesmo, obrigação de saber essas coisas. Porém eu, com a minha longa prática...

— Realmente, conheço muito pouco. — confessou o artista — Mas recordo-me de haver visto lá distante, além do oceano, e também aqui, nas exposições organizadas pelos construtores, muito maquinismo que nada tem de comum com o que se fabricava antes... O senhor permite que eu veja esta máquina mais de perto?

O velho Loubier hesitou um instante: o cetro que empunhara até então iria passar para as mãos de outro homem mais moço e viajado? E, além do mais, um "estrangeiro" e um "estrangeiro" que talvez se lembrasse de ficar na região.

No instante de ceder seu lugar a Richard diante do mecanismo arruinado, deteve-se, apoiando-se contra a porta, conforme costumava fazer para ouvir as propostas dos clientes.

Era uma porta como tôdas as outras, não muito espaçosa, que se abria para a rua; mas tinha, talvez, ouvido mais histórias e choros que um confessionário. Laubier, bom homem, de algumas letras e prudente, tinha a reputação de dar bons conselhos e por isso todos os que se sentiam em dúvida ou embaraçados com algum problema íntimo recorriam ao "mecânico".

— De onde vem o senhor? — perguntou êle repentinamente a Richard — Sabemos pelo Sr. Cura que o senhor nos caíu, por assim dizer, do céu, com a bicicleta! Mas não chega, segundo há de compreender. Naturalmente... o senhor tem família, em algum lugar?

Richard cessou de rir e foi muito sério que disse:

— Sou francês... e orgulho-me disso, mas não tenho família. Meu pai era filho único; morreu quando eu era pequeno. Minha mãe era órfã; perdi-a há cinco anos... Nem irmã, nem irmãos... Apenas parentes afastados, que não se preocupam com a minha sorte e nem sabem, talvez, se existo ainda ou se alguma vez existi... Tinha amigos... Espero encontrá-los... e constituir família. Oh! espero isso, sim!

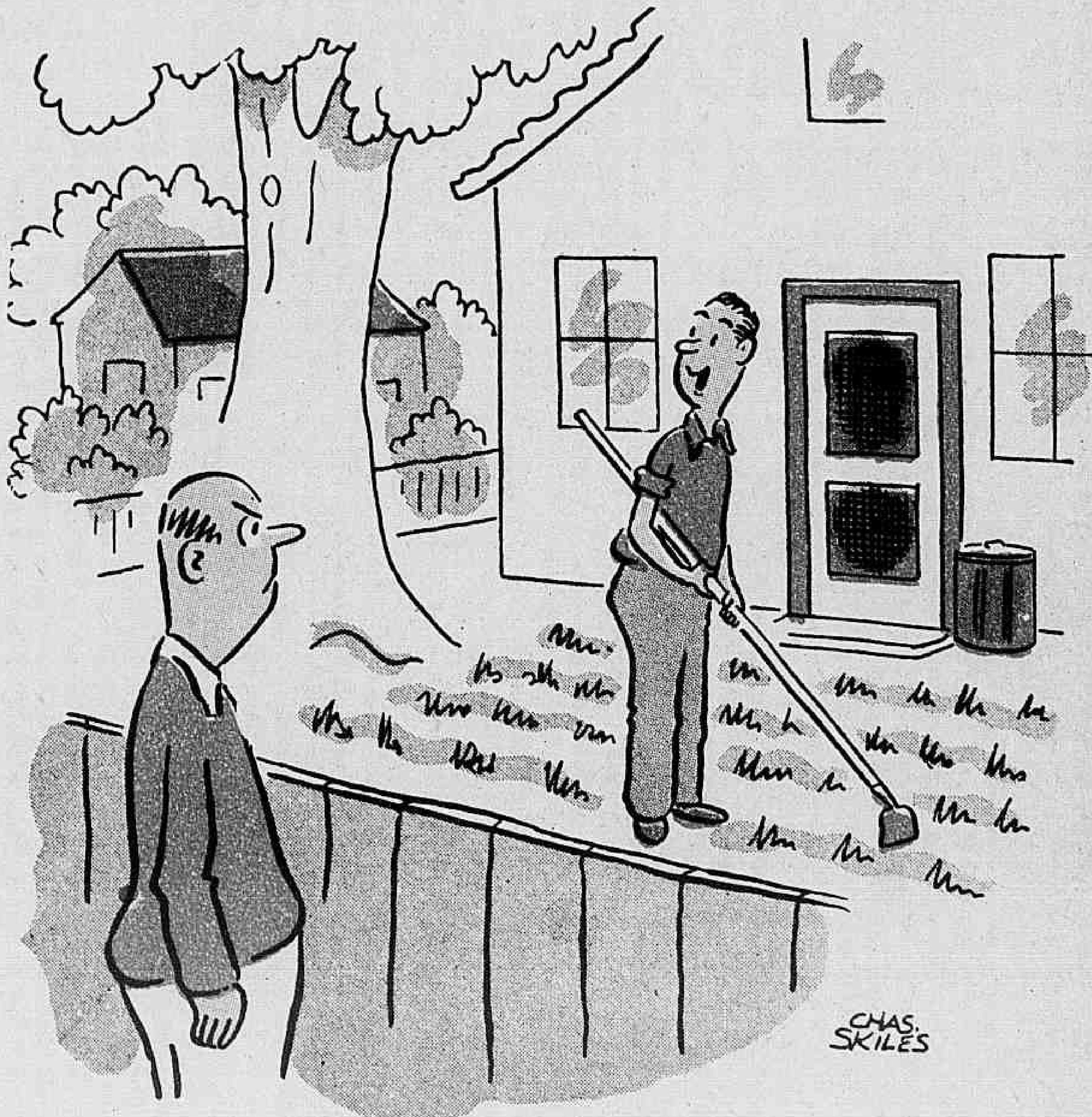
Seu olhar se voltou para o torreão de Louvières, que se recortava altivo contra o céu azul.

— Neste caso o senhor não pretende ficar muito tempo nesta região? — perguntou o velho Laubier, escorregando um olhar para a janela do primeiro andar, onde sua filha trabalhava o dia todo, por trás das vidraças das janelas; porque — coisa estranha — numa terra de tanta luz e de ar tão puro, as janelas quase sempre estão fechadas.

— Mais uma ou duas semanas e irei dar serviço no quartel; em seguida... será o que Deus quiser! Parece-me que também mereço um pouco de felicidade... Enquanto êsse dia não chega, o senhor consente que o ajude, Sr. Laubier, a ver porque não anda essa caprichosa mecânica?

— Sim... Vejamos o que tem ela! — respondeu Laubier agora tranqüilo.

Observava a filha com mais atenção nestes últimos quinze dias. Achava-a estranha, diferente do que sempre fôra. Sem ser um grande conhecedor das almas femininas, receava que aquela cabecinha de menina se tivesse enchido de fantasia pelo belo "companheiro" de passagem pela terra. Essas coisas às vêzes causavam do-



Olá, vizinho. Outra de suas saborosas galinhas estêve na minha horta.

res, feridas sérias, *porque eram feridas abertas na alma*, e Laubier não queria que a sua Seraphine sofresse!

Mas, se Richard realmente deixava a região, as coisas não tardariam a voltar à normalidade, por si sós. E, se aquêle rapaz pretendia constituir família, conforme dissera, com tanto fervor, isso significava que o mesmo possuia em alguma parte uma noiva...

Que ao menos não pretendesse zombar do terno coração da inocente Seraphine! Havia tantos assim... Tendo noiva em algum lugar, não hesitavam, enquanto esperavam o dia do matrimônio, só para distração, em declarar amor a outras mocinhas...

Laubier prometeu a si mesmo abrir os olhos e, caso houvesse necessidade, despedir seu ajudante, apesar de ser o mesmo muito útil, principalmente neste momento em que as máquinas chegavam, cada qual pedindo consêrto mais urgente.

No entardecer dêsse dia, após o jantar, Richard foi esticar os passos para o lado do mar. Era a alegria dos seus olhos, a atração irresistível do seu espírito: precisava de ver o mar, como precisava de comer e beber.

Junto da fonte onde tôda a aldeia vinha apanhar água, encontrou Seraphine, carregando um pesado balde de cobre.

Embora o pai a tivesse criado e educado como uma mocinha, Seraphine gostava de voltar aos costumes dos seus antepassados e, assim, era com coração alegre que carregava sôbre um ombro, forrado com um pedaço de couro dobrado, o balde de cobre polido, que não enchia até ao bordo, pois que, se o seu querer era grande, a sua fôrça era medida.

— Permita-me, senhorita — disse Richard, apoderando-se àgilmente do fardo baixo, neste momento. Bem se vê que bastante pesado para fazer subir o sangue às faces formosas. — O rio está bem quase não tem chovido...

Ela se defendeu instintivamente, com ligeiro movimento de recuo; depois ficou repentinamente séria.

— Sim — disse ela — a água está muito baixa; mas baixa que nunca... Mas o senhor *tem* que me restituir êsse balde, Sr. Richard — disse, noutro tom — O senhor não poderá levá-lo até a nossa casa... E' impossível!

— Impossível? — replicou êle, alegremente — Por quê? Tenho carregado muitos, por êsses caminhos, desde que aqui cheguei, que não estavam nos ombros das moças.

O rubor de Seraphine se acentuou:

— Não sei de quem o senhor está falando... — disse ela — pois não ouvi o que acaba de dizer; mas, entre nós, quando um rapaz carrega o balde com água para uma moça solteira...

Deteve-se, curvando a cabeça, incapaz de continuar.

— Significa que estão noivos? — concluiu honestamente Richard — Neste caso, peço-lhe perdão, senhorita e vou restituir agora mesmo êste pesado balde para os seus ombros fraquinhos, bem fraquinhos mesmo...

Ficaram algum tempo, sem trocar um olhar, parados e em silêncio, no ar da noite, que ficava agora mais fresca e mais escura.

Richard pensava em Aliette... Oh! Que bom seria poder caminhar assim com ela pelas estradas tranqüilas, por onde ninguém se lembra de passar, onde o bom calor do dia parece dormir ainda por algum tempo, sob as árvores imóveis... Seraphine pensava que jamais teria alguém para carregar o seu balde, ao longo das estradas de veludo verde. Não prometera a si mesma permanecer solteira?

— Senhorita — disse repentinamente Richard — Será possível que ninguém, até hoje solicitou a honra de carregar o seu balde d'água? Talvez eu seja indiscreto... mas é sem má intenção, pode acreditar!

— Sei que não pergunta por maldade, Sr. Richard — respondeu Seraphine com sua voz grave e tranqüila — Pediram, sim, muitas vêzes...

— E... recusou?

— Sim. Não saberia suportar ao mesmo tempo um homem mal educado e de palavreado feio — replicou com altivez a linda e gentil filha de Laubier.

— Compreendo... Nota-se que não nasceu para isso. — Mas se surgisse, mais tarde — muito mais tarde, um digno rapaz, mesmo que fôsse um camponês, desde que tivesse coração leal e soubesse respeitar a sua espôsa, a senhorita recusaria... *por orgulho?*

Ela se voltou para êle, bruscamente. Êle acabara de tocar com um ferro em brasa a parte enfêrma da sua alma. Sem dúvida havia muito de altivez na recusa da adolescente, camponesa realmente, mas educada e tendo gôsto mais apurado que o comum de suas companheiras, — mas havia também orgulho. Já o Sr. Cura o dissera; e agora, êsse rapaz, que ali chegara recentemente, repetia as mesmas palavras do religioso!

Seraphine baixou a cabeça, não podendo suportar aquêle olhar sério e muito meigo, quase paternal.

— Senhorita — continuou Richard — é preciso pensar também um pouco na felicidade dos outros; o Sr. Laubier vai ficando velho e precisa de ajuda; eu, como já deve saber, irei qualquer dêstes dias, como cheguei, deixando apenas uma lembrança — que espero seja grata a todos.

O peito de Seraphine se levantou numa respiração mais profunda, talvez um soluço.

(*Continua no próximo número*)



Os SAPATOS não crescem!

"Entre os erros que os pais cometem comumente, o que se refere ao calçado é um dos mais freqüentes. E', também, um dos que têm conseqüências mais desastrosas para o futuro..."

UM bom têrço dos civilizados, realmente, sofre dos pés. Em certos casos, segundo temos visto, os sapatos são os responsáveis e o uso de um calçado apropriado é suficiente para que tud o volte ao normal. Mas conhecemos também casos em que os pés sofrem de verdadeira deformação, à qual nenhum calçado (mesmo ortopédico) pode dar remédio.

E, podem crer, em oito casos sôbre dez, essas deformações têm por origem a negligência dos pais na ocasião em que os pés crescem.

E' que, nisso, economia e razão de saúde se encontram em evidente contradição. Os pés crescem mais depressa que os sapatos acabam... Quando algum irmão ou irmã menor pode usá-los, ainda bem. Mas, em caso contrário, há a tendência de prolongar o uso dos sapatos o *maior tempo possível*. "Dentro de mais um mês o sapato estará imprestável. Então será ocasião de comprar outro..." A criança bem pode esperar até lá...

Se a criança se queixa, os pais lhe dizem para pensar nas outras crianças, naquelas que andam descalças... ou com calçados grosseiros, que magoam mais que protegem os pés.

Mas a criança é dotada de uma grande facilidade de adaptação. Muitas nem pensam em queixar-se, aceitando o incômodo dos sapatos apertados como um dos múltiplos inconvenientes que, pouco a pouco, a vida lhes revela.

O QUE GERALMENTE IGNORAM — O pé de um *bebê*... mede cêrca de 8 centímetros; o de um adulto entre 25 a 30 centímetros. Acontece, muitas vêzes, que a estatura adulta é alcançada aos dezesseis anos. O pé, por isso mesmo, não tem tempo a perder, pois que deverá *esticar* muito no espaço compreendido entre os dezesseis e dezoito anos!

Por outro lado, é sabido que o crescimento se efetua por meio de "esticões" sucessivos. Durante algum tempo, o pé permanece estável; depois, *da noite para o dia*, o calçado se tornará pequeno demais! Em certos períodos, um menino deveria mudar de tamanho de calçado no mínimo cada três meses.

Determinar quais são êsses períodos — eis uma coisa impossível! Em certas crianças o crescimento se efetua mais cedo do que em outras. Podem permanecer estacionárias durante seis meses e, a seguir, crescer de um ponto e meio — ou dois — durante o resto do ano!

Que problema para as mamãs! Comprar sapatos novos cada três meses! Procuram, então, enganar a si mesmas. Palpam a ponta do calçado e juram que "*o dedo grande apenas encosta, de leve*..."

Mas, para estar à vontade num sapato, é indispensável que a extremidade do dedo grande fique justamente a meio-centímetro, *pelo menos*, da extremidade do sapato...

Um inquérito, realizado recentemente por um ortopedista nas escolas-maternais, demonstrou que três quartas partes das crianças usavam calçados apertados *de meio ponto a... três pontos e meio!* O mesmo inquérito estabeleceu que, entre as crianças de seis anos, metade já tinha calos, calosidades ou deformações do pé... Todos êsses males provocados, sem qualquer dúvida, por calçado muito justo.

COMO CRESCE O PÉ — O leitor já deve ter notado que as crianças, muito pequeninas ainda, dão a impressão de ter *pés-chatos*. E' porque os ossos estão envolvidos por gordura protetora; porque ainda não estão inteiramente formados. Sabem, por exemplo, como se apresenta no Raio-X o pé de um recém-nascido? No centro o tarso apresenta "centros ósseos", porém o metatarso (os dois ossos alongados que predecem os artelhos) está ainda em estado de cartilagem. Por outro lado, êsses ossos não estão ainda ligados uns aos outros, mas separados por ligeiro espaço. O bebê-de-colo, mesmo que o sustentássemos, não poderia permanecer sôbre os pés.

Com a idade de um ano, o pé já sofreu mudança. Sais minerais (particularmente cálcio) se incorporaram às cartilagens, que, dessa forma, foram transformadas lentamente em ossos. E' o que se chama "ossificação" ou "calcificação": êsse processo se realiza, aliás, da mesma maneira, em todo o esqueleto.

Se olharmos a radiografia do pé de uma criança de um ano, veremos, no centro do pé, não mais dois, mas quatro "centros ósseos"... Aos três anos, um quinto "centro" surgirá; aos cinco anos, os sete ossos anteriores do tarso estarão por sua vez calcificados: a gordura que protegia a chamada sola do pe desapareceu. Nesse momento já os vinte e seis ossos que compõem o pé estarão formados: terão *esticado* aproximando-se uns dos outros.

Entretanto, o processo de calcificação continuará até cêrca dos vinte anos. Até essa idade, o pé não terá atingido a sua forma definitiva.

OS INCONVENIENTES PARA O FUTURO — Verificamos, assim, que, se o porte de calçados inadequados pode provocar perturbações nos adultos, na criança que cresce pode provocar verdadeira enfermidade. Os ossos que se calcificam, na verdade, tomam a forma que se lhes dá; era apertando os pés das meninas em tiras de pano forte, que os Chineses de ontem davam a suas filhas o que chamavam de "pés aristocráticos", formados por uma espécie de *pata*, inepto para o caminhar e reservado às mulheres nobres *que só viajavam em palanquin*...

As mães que deixam os filhos viver muito tempo com os sapatos de tamanho inferior, não imaginam, por certo, que estão reeditando um velho suplício chinês...

Uma das deformações mais correntes do pé adulto, o "joanete" — que algumas vêzes chega a exigir intervenção cirúrgica, é provocado pela posição defeituosa, imposta ao pé na infância, pelo uso de sapatos curtos.

OS QUE DEVEM USAR SAPATOS ESPECIAIS — Em muitas crianças podemos notar que o tornozelo se entorta ligeiramente, enquanto um caso doloroso surge sob a articulação do grande artelho. Isso é sinal de que o primeiro metatarso não tem capacidade para desempenhar o papel que lhe foi destinado.

Cada um dos ossos do metatarso, realmente, deve suportar um pêso determinado. O primeiro, que é mais longo e mais largo que os demais, deve fazer *duplo* esfôrço. Por exemplo, numa criança de 36 quilos, cada um dos pés deve suportar 18 quilos, dos quais, o primeiro metatarso, sòzinho, suportará 6, enquanto os 12 restantes serão repartidos entre os quatro metatarsos seguintes.

Mas também pode acontecer que o primeiro metatarso seja mais curto que o segundo — ou que seus ligamentos estejam relaxados e não o mantenham sòlidamente no lugar devido. Nesse caso, o pé, mal equilibrado, terá uma tendência para inclinar para o interior.

Sapatos especiais, usados no tempo oportuno, corrigem ràpidamente êsse inconveniente. Assim, se o leitor verificar que um filho tem um tornozelo fraco ou calosidades na planta do pé, não deve hesitar um só instante em levar o menino a um especialista que lhe indicará o sapato ortopédico próprio

para o seu caso. O modêlo conveniente vencerá o mal em pouco tempo.

Em caso de não apresentar nenhum dêsses sintomas graves, não necessitará de calçado ortopédico. O simples fato de trocar de sapatos, sempre folgados, nas épocas próprias, será suficiente.

SAÚDE CONTRA ECONOMIA — Como dissemos acima, o crescimento do pé é irregular e por isso é impossível dizer com antecipação *quando* os sapatos devem ser trocados. Eis alguns conselhos que permitirão garantir o crescimento do pé da criança, protegendo seu futuro.

1 — Vigiar o pé da criança, palpando-se freqüentemente a extremidade do sapato que usa, para verificar se há folga suficiente. Se esta fôr inferior a meio centímetro, o sapato estará condenado.

2 — Não palpar um pé sòmente, mas *os dois*. Pode acontecer que um pé se desenvolva mais depressa do que outro. O pé maior dará a medida correta para o sapato a calçar.

3 — Não chamar de "molenga" uma criança que se queixa dos pés. Ao contrário, verificar imediatamente o seu calçado.

4 — Não comprar, jamais, sapatos... por *antecipação*, mesmo que apareça alguma tentadora "liquidação". Ou, então, compre-os realmente *grandes*.

5 — Se a bôlsa do leitor não é muito folgada, deve renunciar ao "sapato para passeios". Êstes, usados raramente, tornam-se pequenos *muito antes da "próxima saída"*.

E só depois de muito pequenos é que as mamãs se decidem a "aproveitar em casa"...

Não tendo filhos menores, para aproveitar os sapatos que se tornaram pequenos, dê-os a uma vizinha, a uma amiga...

Um sistema de trocas bem pode salvaguardar os pèsinhos de muitas crianças — e a bôlsa dos pais!

Que atitude tomar com um Louco?

A MAIS TERRÍVEL DAS SITUAÇÕES — Uma senhora escreveu recentemente para o "Consultório Médico" de uma revista especializada, que se edita em Paris:

"Por favor, ajudem-me. Meu marido, nestes últimos meses, tem revelado sintomas de desequilíbrio mental positivo... Não tenho sequer coragem de sair, deixando-o em casa, com nossos filhos... Por outro lado, quando sugiro que procure um médico, êle se enfurece... Ninguém pode me ajudar, porque, diante dos vizinhos, êle se mostra inteiramente normal..."

★

O caso é menos raro do que muitos imaginam. Muitos alienados têm suficiente consciência do seu estado para procurar escondê-lo. Por isso, perante pessoas estranhas, nada fazem que possa trair um elemento anormal.

Na verdade, fora dos períodos de agitação próprios de certas formas de loucura ou fora da confusão mental, que outros jamais apresentam, nada, geralmente, pode distinguir — à primeira vista — um louco de um homem são de espírito!

Os que vivem com êles, entretanto, podem notar certos sintomas que passam despercebidos para os indiferentes. E nada poderá ser pior, sem dúvida, que ver assim vacilar o juízo de um ente querido!

SÓ O PSIQUIATRA PODE AGIR — Em tal caso, impõe-se uma só medida: levar a pessoa enfêrma quanto antes ao exame médico especialista.

1º — Só êle é capaz de fazer o diagnóstico e determinar se, realmente, é caso de uma psicose e a natureza e extensão da mesma.

2º — Só êle pode instituir o tratamento que conduzirá o enfêrmo à cura total. Porque é erradamente que muita gente considera a loucura incurável: se algumas enfermidades mentais ainda são, de fato, incuráveis, outras são suscetíveis de regressão diante de um tratamento apropriado: o *electrochoque*, choque de insulina, etc. Sem falar da psicanálise, que se aplica a um sem número de nevroses que podem, muitas vêzes, aparentar ser loucura verdadeira.

3º — Só êle pode empreender medidas que impedirão o doente de fazer mal a si próprio ou aos demais. Se a "loucura súbita" é rara, ao contrário é freqüente que uma pessoa atacada de "loucura tranqüila" empreenda bruscamente atos de violência que podem chegar, em certos casos, ao extremo do suicídio ou do assassinato.

UM PROBLEMA DELICADO: CONDUZIR O DOENTE A UM PSIQUIATRA — Conduzir um enfêrmo ao médico, pode parecer coisa fácil... No caso de um doente mental, o caso se complica porque muitos dêles recusam obstinadamente procurar um médico.

Muitas vêzes essa recusa provém do fato de não querer o enfêrmo confessar a si mesmo a própria moléstia. De outras vêzes, temem que o médico descubra o mal, que aconselhe o seu internamento, etc. Em todos os casos, o resultado é o mesmo: uma resistência absoluta a tôda tentativa de exame médico.

E' preciso, neste caso, usar a astúcia, a diplomacia. E a mais simples de tôdas con-

siste em ir procurar o médico ou chamá-lo à casa a pretexto de fazer examinar outro membro da família: marido, espôsa, parente do enfêrmo.

Uma vez em presença do médico, êste é avisado e trata de conversar com o verdadeiro enfêrmo, forçando o mesmo a falar, por sua vez.

Depois, o médico declara que "já que está ali", vai examinar de uma vez tôda a família. Em geral, o enfêrmo não ousa fugir a êsse exame.

NÃO CONTRARIEM JAMAIS UM DOENTE MENTAL — Antes da chegada do médico — ou mesmo, algumas vêzes, durante o tratamento instituído por êste, podemos nos encontrar em presença de crises de agitação, durante as quais não sabemos que atitude tomar em relação ao enfêrmo.

Devemos, porém, não esquecer êstes três princípios fundamentais:

1º — Não contrariar jamais um enfêrmo mental. Se êle afirmar coisas extravagantes: que acaba de ganhar um grande prêmio da loteria, que é o novo presidente da República, etc... devemos felicitá-lo por sua boa sorte, tratar com o máximo respeito *Sua Excelência*, etc. Se êle desejar sair, voltar, comer, deitar-se, devemos deixá-lo agir à vontade, *contanto que sua extravagância não implique em perigo imediato, para êle próprio ou para terceiros!*

2º — Se formos forçados a opor a nossa vontade à do louco, agir com a máxima cautela e suavidade. Jamais elevar a voz, o que apenas serviria para irritar o enfêrmo. Nada de gestos violentos, que provocariam uma reação igualmente violenta.

3º — Finalmente, vigiar constantemente o enfêrmo, sem aparentar que o fazemos. Jamais perder o enfêrmo de vista. Isso deve ser observado mesmo quando o enfêrmo pareça momentâneamente calmo. Um doente mental é capaz de revelar a astúcia de um Pele-Vermelha para alcançar seu objetivo... que poderá ser, em certas ocasiões, o assassinato ou o suicídio! ★ SE O ENFÊRMO SE TORNAR PERIGOSO... — Quando um doente mental se torna perigoso para si mesmo e para os outros, poderá tornar-se necessária a sua internação. A êsse respeito, desejamos frisar, há duas espécies de internamento:

1º — O internamento "voluntário" (trata-se, no caso, naturalmente, não da vontade do enfêrmo, mas da vontade dos seus parentes e responsáveis principais). Trata-se do internamento numa casa de saúde particular, efetuado a conselho de dois médicos. Êsse internamento termina logo que o enfêrmo receba alta e seja dado como curado.

2º — O internamente obrigatório, que é ditado pela autoridade administrativa e por motivos de ordem pública. Isso, naturalmente, é feito após as devidas medidas policiais e legais. Êsse internamento só poderá cessar por meio de outro ato administrativo.

Há tempos, recorria-se — preferentemente — à primeira modalidade, nos casos curáveis; para a segunda nos casos incuráveis. Mas a prática do internamento voluntário se generalizou cada vez mais, à medida que aumentava o número dêsses estabelecimentos em que os enfermos mentais são cuidados por especialistas dos mais competentes e amparados pelas terapêuticas mais recentes, com o máximo de probabilidades de cura.

De qualquer forma, se o enfêrmo tem uma crise, no correr da qual se torna perigoso, o primeiro cuidado é afastar dêle todo objeto podendo constituir perigo ou lhe servir de arma. Afastem dêle, também, as crianças e as mulheres — e não hesitem em apelar para os vizinhos fìsicamente muito fortes, para o hospital psiquiátrico ou muito simplesmente, em caso de necessidade, para a polícia ou o socorro-urgente. Não esquecer que um louco, em seus períodos de crise, tem as suas fôrças decuplicadas e que serão necessários vários homens para o dominar. Por mais dolorosa que seja essa necessidade para os seus parentes, é ela indispensável *para evitar mal muito maior!*



Que faria o leitor se se encontrasse numa situação como esta?

OS problemas de Nancy eram iguaisinhos aos que muitas outras moças ricas, antes dela, haviam conhecido. Enquanto ela própria, por decisão de sua família, veraneava de junho a setembro, os rapazes ali passavam sòmente duas semanas, no máximo, logo retornando a suas cidades e seus afazeres.

Na verdade, essa troca de namorados, assim, cada duas semanas, tinha as suas vantagens. Mas devemos reconhecer, também, que a variedade, *às vêzes, atrapalha!*

Assim estavam as coisas em Marlowe-by-the-Sea nessa segunda-feira, quando "o desconhecido de pele muito branca" surgiu inesperadamente na praia.

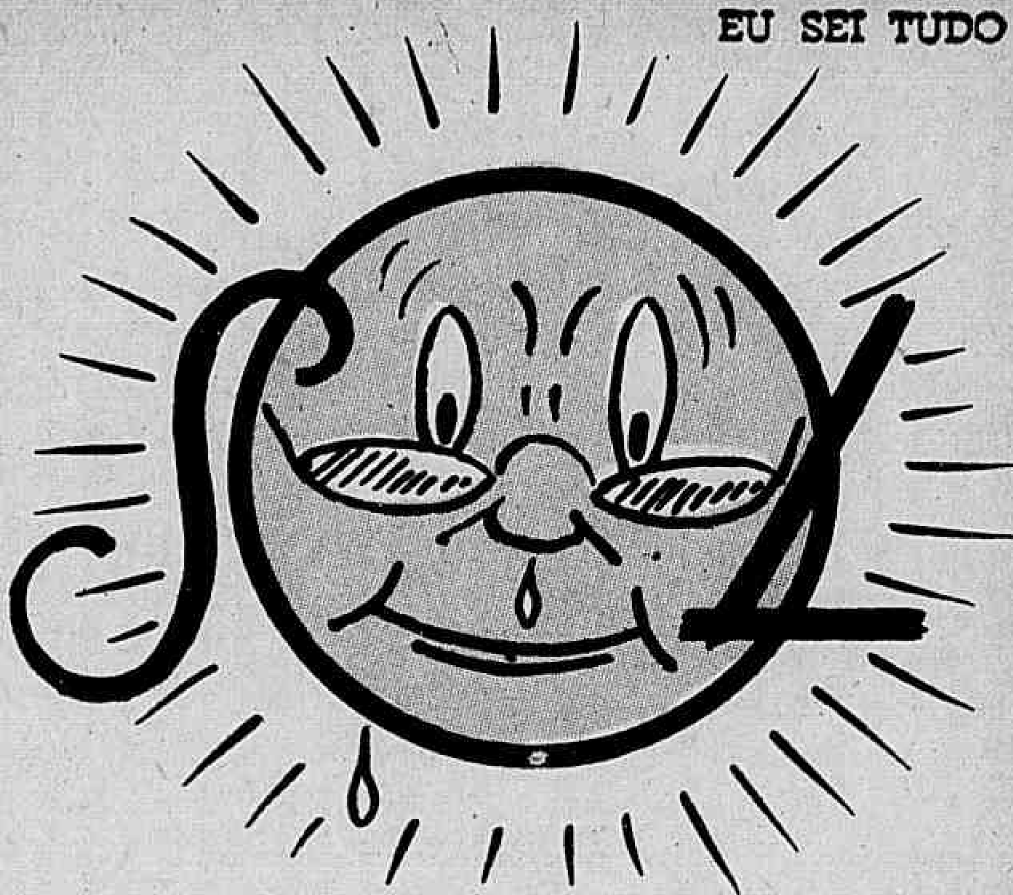
Devemos dizer que êsse desconhecido mereceu imediatamente o olhar interessado de Nancy, primeiro, porque ela comparecia à praia, cada segunda-feira, a fim de fazer um primeiro reconhecimento da nova turma; segundo, porque êle se colocara bem protegido do sol e, finalmente, porque não pareceu de maneira nenhuma interessado por sua adorável pessoa.

Os cortejadores de Nancy, nessa altura dos acontecimentos, eram três, todos já na sua segunda semana de férias, prestes portanto a voltar ao trabalho e, por isso mesmo, ansiosos e lutando por conquistar a preferência da linda criaturinha. Talvez estivessem mesmo entusiasmados pelos encantos de Nancy ou, simplesmente, pelo fato de ser filha de papai *muito rico* — ou pelas duas coisas.

Dois dêles, ela chamava, sem a menor cerimônia, de *Smith* 1 e *Smith* 2 — não que êsses fôssem os seus nomes, mas porque eram parecidos entre si e também parecidos com um milhão de outros rapazes: altos, musculosos, pele queimada... e sem qualquer originalidade. O terceiro era Jed, um homem bem diferente dos dois primeiros: trinta e cinco anos, magro, cabelos encaracolados e moreno *natural*. Era um decorador de interiores; tinha muito mais atrativos que os dois



UM "queimadinho" de SOL



O ESTRANHO PROBLEMA DE NANCY WOODS, QUE TROCAVA DE NAMORADO CADA SEGUNDA-FEIRA, ATÉ QUE ENCONTROU UM DIFÍCIL DE "APANHAR"

Por DICK PEARCE

outros, entre êles o de saber explicar essa coisa nova e magnética: Existencialismo!...

Logo que teve uma oportunidade de "fugir" dos três companheiros diários, Nancy caminhou para os lados do enorme guarda-sol do pálido desconhecido.

Oh! Seu caminhar nunca foi mais estudado; e tanto jogou o corpo, da cintura para baixo que acabou torcendo o tornozelo e lançando areia, com a ponta do pé, contra o livro que êle mantinha aberto entre as mãos.

— Ih!... — exclamou ela com uma careta — Estou horrorizada com o que acabo de fazer...

Êle olhou para ela, sorriu, soprou a areia das páginas do livro e disse:

— Não tem importância.

O olhar dêle voltou para o livro; mas, após um instante, transferiu-se para o caminhar ondulante e o tornozelo-agressor. Nancy prosseguiu, catalogando o desconhecido como homem de vinte e seis, pêso insuficiente e pertencente ao tipo-mental. Gostara da maneira dêle olhar...

Durante o resto do dia êle não pensou em oferecer a sua pele branca aos raios do sol. E continuou sob o guarda-sol, no dia seguinte — segunda-feira pela manhã.

Nancy estava intrigada. Como um homem se atrevia a conservar a "côr natural" entre centenas de "queimadinhos" "escurinhos" e "oleados"? Seria coragem só? Seria mêdo? Seria um caso de pura alergia ao sol?

Nancy esperou, paciente, até que *Smith* 1 e *Smith* 2 se lançassem ao oceano e Jed se estirasse sôbre o próprio estômago.

Então caminhou, quase flutuante dentro da sua pele dourada, na direção do desconhecido, parando logo que o viu volver o olhar da página do livro para o seu tornozelo, como se dêle esperasse nova agressão.

— Não há perigo — disse ela — Hoje está firme...

— Está ótimo — disse êle.

Ficaram um instante a se fitar. Depois ela falou:

— Então? Nunca vai deitar-se ao sol?

— Por que devo ir? — perguntou, sério.

— Por quê? Ora... Porque... Porque todo mundo faz isso. Faz bem.

— Quem disse isso?

Era enervante. Enervante e desconsertante! Finalmente, ela respondeu com ar de desafio:

— Os médicos! Êles dizem que precisamos de vitaminas e uma porção de outras coisas.

— Bem... O Dr. Joshua Chandler diz justamente o contrário. Na opinião dêsse médico o mal que o sol causa à camada epitelial da pele é maior do que o benefício que o corpo pode obter dos raios ultravioletas assim recebidos.

Assombrada com o que ouvia e com os conhecimentos que o desconhecido parecia ter sôbre o assunto, Nancy perguntou:

— Quem é o Dr. Joshua Chandler?

— Então não sabe? O famoso pediatra. Quer dizer: médico especialista para crianças, sabe? E' também uma autoridade em tornozelos que, embora bonitos, às vêzes falham...

— Oh, sei muito bem o que significa pediatria. — disse ela com acrimônia. Ao mesmo tempo lançou uma olhadela ao livro que agora estava fechado, com a capa voltada para cima. Leu "*Quimioterapia*"... O resto era ainda mais difícil de se ler, de cabeça para baixo. Não conseguiu saber o que era, mas uma suspeita começou a surgir na sua mente.

— Qual é o seu nome? — perguntou, com ar intimativo.

— Josh Chandler. E o seu? — Agora voltava a observar os tornozelos dela.

Nancy Woods. E pode continuar a olhar como um estudioso para mim, Dr. Chandler!

— Oh... Obrigado, Nancy. Mas noto que os seus três *cães de caça* não parecem lá

muito satisfeitos com a falta do chicotinho da dona...

Era a verdade. *Smith* 1, *Smith* 2 e Jed esperavam, ansiosamente — e a não grande distância. Nancy se ergueu e sem mais uma palavra, caminhou para êles, agradecida intimamente por tanta devoção.

Quando ela chegou à praia quarta-feira pela manhã, logo o avistou, sonolento, sob a proteção do guardasol. *Smith* 1, entretanto, desviou a sua atenção. Êsse era o dia escolhido por êle para "exibições"; para demonstrar a sua indiscutível superioridade sôbre os dois rivais! Nadou e tornou a nadar; furou ondas de três metros; depois, atiradeira em mão, óculos protetores e "pés de peixe", foi para o fundo, caçar "uma boa peça" para ofertar a Nancy. Como um "delfim", varava a água, fazendo remoinhos violentos, enquanto *Smith* 2 e Jed olhavam desdenhosamente.

Agora Smith 1 voltava à superfície, com um peixinho de um palmo, empalado e sangrento, no arpão de aço brilhante. Orgulhoso, subiu a praia suave e veio depositar a prêsa ainda trêmula aos pés de Nancy.

— Apanhei-o lá no fundo! — disse êle, todo prosa.

— Maravilhoso *Smith* 1! — disse Nancy —E que grande!

Smith 1 não contava ouvir tantos elogios. Ficou entusiasmado. Foi assim, louco de alegria e de orgulho, que voltou para o mar e de novo entrou a mergulhar, a varar ondas, dando aos pés, ornados com a borracha negra das "natatórias", posições que lembravam a cauda dos tubarões. Mergulhou uma, duas, três vêzes. Após o terceiro mergulho custou muito a voltar à tona. Quando o fêz, finalmente, estava lívido, procurando flutuar e batendo os braços fracamente...

Smith 2, Jed e Nancy correram ao seu encontro, trazendo-o para a praia sêca, onde já encontraram Jos Chandler, pronto para ajudar. Todos, tàcitamente, concordaram em deixar *Smith* 1 em suas mãos competentes. Em poucos minutos êle conseguiu extrair tôda a água dos pulmões do quase-afogado.

— Êle está bem, agora — disse o jovem médico — Apenas esqueceu que o fato de ter natatórias de borracha nos pés, não lhe dava guelras, como os peixes... — voltou-se para Nancy, com olhar acusador. — Mas seria preferível que êle fôsse levado para casa, a fim de repousar tôda uma semana. Ali será por mim melhor examinado...

— E sem o risco de apanhar sol — disse Nancy, mordaz.

Quinta-feira pela manhã, o Dr. Chandler dormia realmente na sombra do guarda-sol. Roncava até, embora mansamente. Nancy, ao passar, retardando o passo, pensou que o médico havia perdido a palidez dos primeiros dias. Continuava, porém, magrinho como Jed — mas sem os encantos de Jed para compensar aquêle senão.

Smith 1 não compareceu, como era natural. Porém um Jed estranhamente nervoso ficou sentado ao lado de Nancy, enquanto *Smith* 2 iniciava o seu grande espetáculo. *Smith* 2 era uma "ás" do "áquaplano". Fazia mil diabruras, assumindo posições verdadeiramente malucas, atléticas e sensacionais, arriscando quebrar o pescoço com essa pose indiferente e bem estudada que têm os homens quando uma certa mulher está presente.

Foi, realmente, um "big show", até que *Smith* 2 cismou de desafiar uma onda colossal, que aparentava vir chegando numa lenta e majestosa alteação. Porém, repentinamente quebrou-se a dois metros de distância, arrancando-o do áqua-plano, embrulhando-o, rolando-o, dando-lhe tremendíssima surra contra a areia, entre espumas furiosas e estouros como os de trovões, até atirá-lo como massa inerte, semi-enterrado na rampa de areia úmida, como um tatuí desastrado. Ali ficou êle até que Nancy e Jed o foram arrancar, apressados. Nancy não se surpreendeu de encontrar o médico, de pé, na praia sêca, esperando pela nova vítima.

Após rápido exame, o Dr. Chandler declarou:

— Estado de choque... Felizmente sem gravidade... O mais difícil vai ser recolar a pele dêsse nariz esfolado. Temos que levá-lo quanto antes a algum pôsto de socorros e fazer um curativo cuidadoso, para não ficar marca...

Depois de ver *Smith* 2 reanimado e de pé, voltou-se para Nancy, com expressão de censura:

— Estatisticamente seria interessante conhecer a média total de acidentes que você provoca num só verão.

— Ainda devia agradecer-me. Afinal, estou lhe arranjando clientes...

Sexta-feira o tempo estava claro, firme e mais quente que nunca. E, pela primeira vez, Jed estava só ao seu lado. Por isso mesmo passava mais tempo ao sol do que usualmente. O infeliz torrava, suava... e falava eloqüentemente de amor e de Jean-Paul Sartre.

Nancy dava a êsse "sobrevivente" tôda atenção, com o rosto, porque seu pensamento estava atarefado pelo fato do jovem Dr. Chandler haver despertado do seu sono. Estava agora sentado sob o guarda-sol; lançando freqüentes olhares para ela e Jed e fumando um cigarro atrás de outro. Agora mesmo lançava mais um a distância e levantava-se.

— Insolação pode ser coisa gravíssima — disse êle, com autoridade, falando para Jed, sentado na areia escaldante — Você está desidratado até um extremo deveras perigoso. Trate de ir para casa e tomar li-

monadas. E fique em repouso, à sombra, por tôda uma semana. Risque a praia por uns dez dias pelo menos.

Jed se ergueu com ares beligerantes, porém, para sua própria surprêsa, cambaleou ligeiramente. Dr. Chandler, logo o amparou.

— Tome também uma dose de sal de frutas — ordenou — Pode, mesmo, tomar duas doses!

Jed se afastou, ainda com passos pouco firmes. Nancy comentou, amargamente:

— E... eu agora fico sem companhia!

Josh fingiu não ouvir e por sua vez comentou:

— Irra! Agora, ao menos, vou poder repousar...

— E que tem feito o senhor, a semana inteira?

— Nada...

Sentara-se agora ao lado dela, em pleno sol.

— Não sou contrário a um "queimadinho"... Mas ficar deitado e exposto ao sol o dia todo, esquenta o corpo — e o calor queima energia! Não tenho muitas sobras para queimar... Por isso tenho ficado à sombra.

— Volte, então, para a sua sombra.

Êle não ligou importância.

— De fato sou um pediatra — disse êle — Ou melhor: vou ser um pediatra dentro de um ano. Atualmente ainda sou estudante... Interno num hospital... Muito trabalho, dia e noite... Tenho que repousar alguma vez, Nancy!

— Pois vá repousar... Não o perturbarei outra vez.

— Agora é muito tarde... Tenho o espírito perturbado... Sinto-me tolhido... — olhou para ela, fitando-a bem nos olhos como se fôsse ficar assim, aprisionado o resto da vida — e... *enfeitiçado.*

— Também eu... Oh! E's terrível.

Êle lhe tomou as mãos, que se entregavam submissas.

"— Graças a Deus ainda temos outra semana inteirinha para que tudo isso que sentimos... *piore* muito, fique mesmo *sem remédio!*

— Não... Impossível... Eu tenho que voltar para o hospital domingo à noite.

— Oh Josh... — exclamou ela. Pensou então que "jogara fora" três rapazes para apanhar justamente o que realmente queria. Não fôsse perdê-lo, agora, como os demais. Então, pondo-se de pé, num salto ágil e decidido, propôs:

— Vamos, querido. Vamos para a sombra!

★

COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

RECENTEMENTE, no Mississippi, um pilôto em vôo de treinamento, alçou do aeródromo-base da Fôrça Aérea de Greenville e... ficou inteiramente perdido em razão da queda brusca da noite. Vendo-se asim em noite escura, tratou de enviar um rádio para a sua base:

— Ajudem-me a saber onde me encontro. Não posso ver o solo e muito menos seus acidentes.



O operador, na base de contrôle, compreendeu que o cadete não tinha radar a bordo nem os necessários aparelhos auxiliares, de rádio, nem poderia saber como usá-los, caso os tivesse. A êsse tempo, as bases aéreas civis não tinham êsse aparelhamento. Podiam, quando muito, enviar aviões da patrulha quando algum aparelho ficava assim perdido e, mesmo em tais casos, êsse recurso tinha poucas probabilidades de êxito para localizar o avião de treinamento perdido. Entretanto, depressa o operador da tôrre arranjou um meio de localizar o avião do cadete e guiá-lo em segurança até à base. Pode o leitor dizer qual foi êsse recurso?

(Caso o leitor não descubra o recurso utilizado, encontra a resposta à pág. 111)

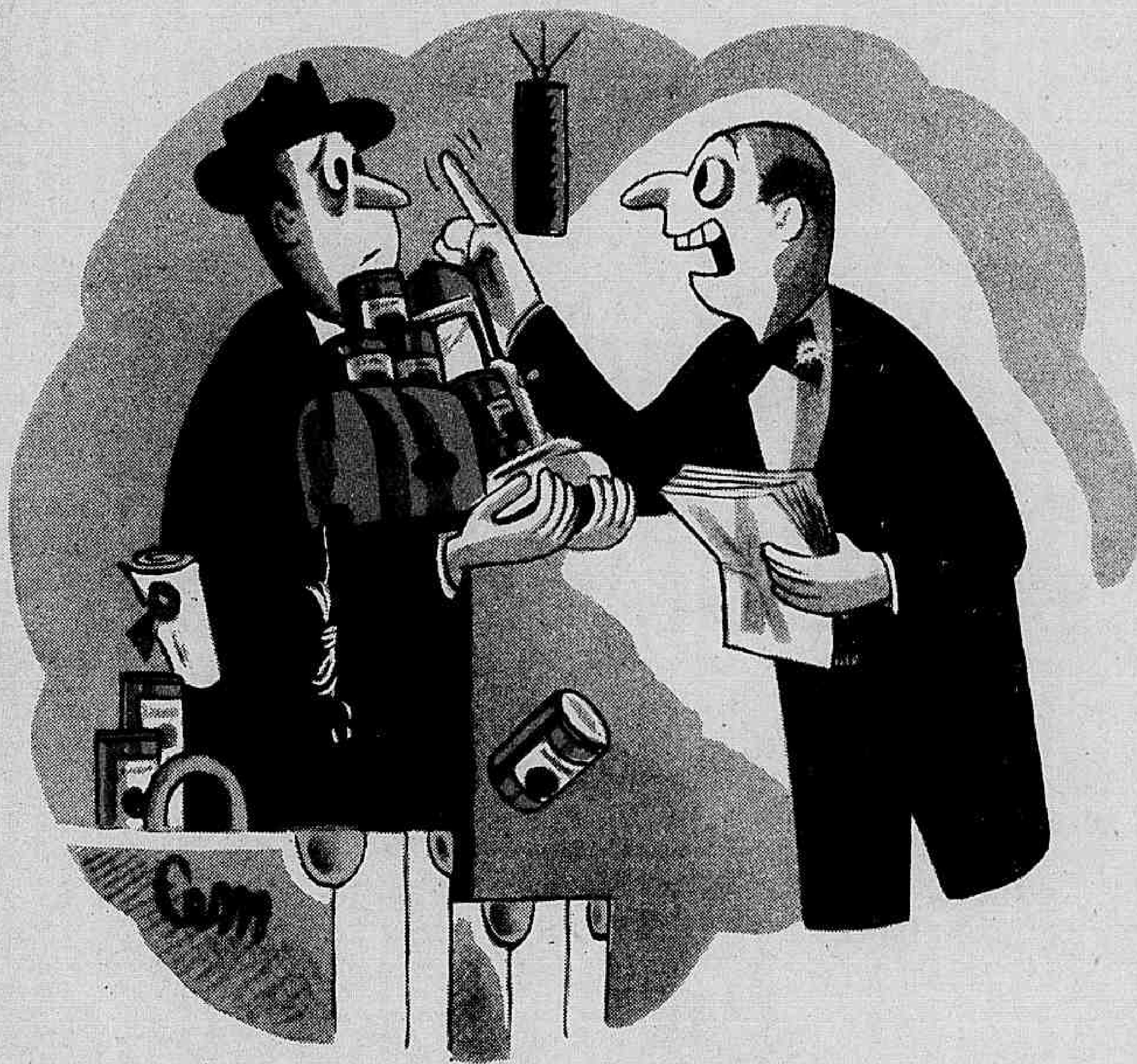
O VENCEDOR "RAPA" TUDO

O jôgo e os sorteios podem encerrar surprêsas inacreditáveis. Um homem, que possuía apenas um níquel, acabou ganhando um automóvel, novinho...

De fato, a sorte é uma senhora muito caprichosa e sempre atarefada. E' ela quem distribui milhões de prêmios em concursos, loterias, jogos, etc. E, algumas vêzes, ocorrem coisas de assombrar... Vejamos, por exemplo, os casos seguintes:

*

FRANK VINCENT, oficial de justiça, foi enviado a uma rádio-emissora de Chicago, a fim de entregar uma citação a um dos diretores. Êste tentou escapulir, porém o meirinho o seguiu até... um dos estúdios. Ali foi imediatamente apanhado para responder a alguns "testes" diante do microfone... e voltou para casa com uma caneta-tinteiro, doze latas de presuntada, meia dúzia de meias, um faqueiro de alto preço, um ferro elétrico e uma motocicleta!



Só não teve tempo de entregar a intimação.

*

A FAMÍLIA GARDNER, de Nova York, tem uma invejável reputação de honestidade e espírito trabalhador. Tem também outra reputação *ainda mais invejável*: a de ser gente de muita sorte! Isto porque, numa tômbola de caridade, em que os prêmios principais eram automóvel, motocicleta, piano, geladeira e máquina de costura, John Gardner, Alfred Gardner, Willard Gardner, Clifford Gardner e Margaret Gardner foram os cinco primeiros vencedores!

*

JOSEPH B. ROBBINS, de dezenove anos, pequeno empregado comercial em Columbus, Ohio, estava passando fome, certo meio de semana, e tendo no bôlso apenas um níquel de dez centavos! Nisto surge um amigo, que o convida a apostar o níquel. Êle aceita... *e vence*. Com o segundo níquel comprou o cartão de um "Bingo"... e tirou o primeiro prêmio — um *ticket* no valor de 10 dólares para um *super*-restaurante. Tratou de ir encher o estômago. Aconteceu, porém, que êsse "ticket" era numerado e concorria a um outro prêmio — um automóvel novinho! — que Robbins também ganhou!

*

NUM PIQUE-NIQUE em Flagstaff, Arizona, uma mulher reclamou o seu direito a um primeiro prêmio numa tômbola; porém não pôde provar o que reclamava... porque seu filhinho de apenas dez meses — segundo explicou — havia engolido o cartão numerado! Talvez o *bebê* tivesse "cheirado" a natureza do prêmio — uma caixa de espinafre enlatado...

*

O PROPRIETÁRIO DE UM CINEMA de Filadélfia decidiu celebrar o décimo aniversário do seu estabelecimento, oferecendo um faqueiro de prata legítima ao freqüentador cujo cartão — distribuído à entrada — fôsse premiado num sorteio... Quando o número foi anunciado, 377 pessoas levantaram o braço, exibindo o cartão da sorte!

Tinha havido um êrro da tipografia encarregada de imprimir os cartões!

Os maridos podem vencer (às vêzes...)

Aqui estão alguns casos em que *êles* são superados, no tribunal.

FALTA DE SORTE! — Pode o marido reduzir a mesada da espôsa quando *a situação não está boa?*

— *Não! A menos que êle costume aumentar essa mesada "quando a situação melhora"!* — declarou a "Côrte Suprema", de Nova York.



MARIDOS CREDORES — Se um marido compra a casa em nome da espôsa *para evitar que seus credores a penhorem,* deve a espôsa devolver a propriedade, logo que os credores sejam eliminados?

— *Não! Deve o marido ficar nas mesmas condições que êle próprio impôs aos credores!* — determinou um tribunal de Kentucky.

ELA QUE TRABALHE... — E' admissível que uma mulher ainda moça ganhe mesada suficiente para lhe proporcionar uma vida folgada?

— *Não! Ela não deve ser incentivada para viver na ociosidade!* — declarou o Tribunal de Apelação da Califórnia.

A ESPÔSA NÃO REEMBOLSA... — Se um indivíduo "empresta" dinheiro à própria espôsa, todo mês, durante 10 anos e não recebe de volta um níquel dêsse dinheiro poderá considerar-se roubado?

— *Não! Depois do primeiro ano de casado êle devia ter compreendido que as "doações" eram "presentes" e não "empréstimos"!* — afirmou a Côrte Distrital dos Estados Unidos.

A MOBÍLIA E' QUE PAGA... — Pode a espôsa vender a mobília para cobrir as despesas domésticas?

— *Claro! Que outra coisa podia ela fazer, se o marido não proporcionava outros meios?* — perguntou a Suprema Côrte do Estado de Connecticut.

CORTE! — Pode o marido *cortar* a mesada de sua espôsa, se ela não age sensatamente?

— *Pode! Porque não é admissível que êle trabalhe para custear os divertimentos noturnos da espôsa!* — asseverou a Suprema Côrte de Minnesota.

MUITO PERIGOSO! — Deve a mesada de uma espôsa, *depois da separação,* ser maior do que quando o casal vivia unido?

— *Não! Porque isto comprometeria a união de muitos casais!* — advertiu a Côrte de Erros e Apelações de New Jersey.

O AMOR E' GRÁTIS... — Pode a espôsa deixar de falar com o marido *até que êle lhe dê tanto quanto ela quer?*

— *Não! Ela não pode dar um preço ao seu amor!* — declarou a Côrte de Apelações de Maryland.

EXPERIMENTE FAZÊ-LO... — Pode um marido abandonar a espôsa, se ela passar a gastar demasiado?

— *Não! Seria aconselhável que êle lhe desse menos dinheiro e, ao mesmo tempo, a orientasse no sentido de o usar sàbiamente!* — advertiu a Suprema Côrte de New Jersey.

A PRIMEIRA ESPÔSA EM PRIMEIRO LUGAR... — Pode a mesada da primeira espôsa ser reduzida *porque não permite a um indivíduo sustentar a segunda espôsa?*

— *Não! O homem não tem o direito de casar uma segunda vez "às custas da primeira espôsa"!* — asseverou a Suprema Côrte da Flórida.

PARA O SOGRO, NÃO! — Pode a espôsa deduzir da importância que seu marido dá para as despesas, certos valores *para atender às necessidades dos próprios pais?*

— *Não! Porque o marido está custeando sòzinho o seu sustento e, se ela reduz a importância, será êle o prejudicado!* — disse a Suprema Côrte de Nova York.

PAPAI... — Se um homem casa com uma mulher que já tenha filhos, terá que sustentar os últimos, no caso de divórcio?

— *Sim! Porque, ao casar, êle se tornou automàticamente, pai dos filhos dela!* — afirmou a Suprema Côrte de Iowa.

OS GRANDES ERROS JUDICIÁRIOS — (IV)

TODOS os historiadores que trataram dêsse célebre caso passional mostraram extrema severidade por sua heroína. E' tempo, a duzentos e cinqüenta anos de distância do drama, de considerar os fatos com mais sangue frio.

Aqui está, de início, o drama tal como o expõem os *dossiers* da Justiça.

Estamos na tarde de 8 de abril de 1699. A noite se aproxima. O conselheiro Tiquet, do Parlamento de Paris, que acaba de jantar na residência do seu primo, Sr. de Villemur de Rieutor, à rua da Universidade, volta para casa, situada à rua dos Saints-Pères. Restam algumas centenas de metros... Um lacaio o acompanha.

Repentinamente, diante da casa do conselheiro, dois homens de má catadura avançam contra Tiquet, cobrem-lhe o rosto de sôcos, descarregam um tiro de garrucha contra um dos seus ombros... O infeliz tomba e os bandidos, depois de feri-lo cinco vêzes com as espadas, fogem!

Tudo não durou mais que alguns segundos. O lacaio, paralisado pela surprêsa e o terror, só alguns instantes depois encontra voz para gritar por socorro. Já os miseráveis haviam desaparecido! Da residência do conselheiro Tiquet surgem dois criados que pretendem levar o patrão para o interior; Tiquet parece ter perdido os sentidos, mas logo os recupera, para ordenar aos criados:

— Não... Não... Não me levem para casa... Desejo ser conduzido para a casa do meu primo, Villemur...

O pedido é extravagante? Não. Não... para os que conhecem os segredos da vida do casal Tiquet. Desde muito tempo o conselheiro deixou de confiar na espôsa, Angélica Tiquet. Acredita que deve temer tudo, dela! Acredita que só se salvará dos ferimentos — se tiver que se salvar — longe de uma enfermeira sob todos os aspectos, suspeito. Dirá mesmo, algumas horas mais tarde, aos policiais que o interrogam:

— *Não tenho nenhum inimigo, com exceção de minha espôsa!*

Frase singularmente pesada e cheia de reticências perigosas nas circunstâncias em que é pronunciada. E' bem verdade que Cláudio Tiquet não fêz um feliz casamento. Foi êle, no entanto, quem, uma dezena de anos antes, seduziu Angélica, usando mesmo processos condenáveis.

A linda adolescente, excepcionalmente bela, era, além de tudo, excelente partido! Angélica Carlier era a filha única de um "controlador das rendas do Estado", homem bastante rico e que concedia à filha uma quantia considerável: 500.000 libras!

Os dotes naturais da jovem Angélica não eram menos tentadores. Além dos seus encantos físicos, reconhecidos por todos os seus contemporâneos, Mlle. Carlier era de uma grande inteligência e de uma cultura que ultrapassava de muito a que era concedida às outras moças de então. Tocava espineta, cantava deliciosamente, dançava com graça soberana, apreciava os bons livros, não desprezando, por isso, remendar as meias do pai, ou cozinhar os seus pratos favoritos.

Uma jovem, por certo, como havia poucas. E que não tinha pressa de casar! Quando Cláudio Tiquet a encontrou, Angélica acabara de completar os dezessete anos. Cortejou-a desde logo e ela o aceitou sem entusiasmo ou má vontade, pois que o conselheiro não era homem tolo, nem tinha mau aspecto. Êle falou em casamento. Ela não demonstrou qualquer entusiasmo. Astucioso, Tiquet tratou de conquistar uma tia de Angélica, que tinha grande influência sôbre a mocinha — e esta acabou por consentir.

Dois filhos nasceram, quase a seguir. Cláudio era muito atencioso com a espôsa, que saía muito, assegurando ao marido utilíssimas relações. Mas ninguém sai sem despesas. O dote de

A BELA MME



À PORTA DE SUA CASA

"— TENHO APENAS UM

Angélica ficou sèriamente enfraquecido e, uma noite, Cláudio, depois de olhar sem entusiasmo, para um trabalho de bordado que sua espôsa terminava, pe-

TIQUET—VÍTIMA DO SEU MARIDO



O CONS. TIQUET FOI ASSALTADO POR DOIS HOMENS
INIMIGO" — DISSE ÊLE À POLÍCIA — "MINHA MULHER!"

diu-lhe que, para o futuro, procurasse ser mais econômica. Pretendem os referidos cronistas que já então tinham sido gastas as 500.000 libras, mas acrescentando, sem atentar à contradição, que *Angélica, inquieta por ver sua fortuna em perigo, pediu e obteve uma separação de bens, que enfureceu seu marido.*

UM NOVO AMOR DE Mme. TIQUET — A verdade é que, a partir dêsse momento, nuvens negras se amontoaram no céu dos cônjuges. Tiquet não tardou a maldizer a inteligência da espôsa, queixando-se não apenas de sua prodigalidade, como também de sua "faceirice" e sua "ousadia". Angélica em breve se prendia de profunda amizade a um companheiro de armas de seu irmão, o capitão dos Guardas, Nicolas Carlier. Êsse seu amante era um belo soldado, de valor quase lendário, o capitão Gaulmin, de Montgeorges.

Angélica Tiquet melhor teria feito não arranjando amante; entretanto, já que o fizera, não teria podido encontrar outro mais amável nem mais estimável. Montgeorges se mostraria — de resto — até ao fim, digno de sua enamorada.

Escondiam-se pouco, aliás. Tiquet não tardou a conhecer seu infortúnio. Mme. Tiquet levara a audácia ao extremo de pendurar à cabeceira do seu leito um retrato de Montgeorges... e êste obtivera do conselheiro, locação de um quarto, em sua própria residência!

Ficara mesmo previsto, nesse contrato, que o oficial teria liberdade de acompanhar o casal a todos os lugares para onde tivesse, por qualquer eventualidade, de se mudar para outra residência.

Como reagiu o parlamentar ultrajajado? Conhecemos dois fatos, de modo seguro: um protesto dirigido a Luís XIV, que, homem de paz, convidou Montgeorges "a deixar Angélica em paz", recomendação de pura forma e que apenas causou riso aos enamorados. Depois, a instalação, na rua dos Saints-Pères, de um porteiro, encarregado de impedir a saída de Angélica da residência, tôda vez em que não se fizesse acompanhada por um guarda armado; êsse porteiro era um Suíço hercúleo, chamado Jaques Moura. Precaução ultrajante para Angélica, além de perfeitamente vã, pois que ela podia sair da residência pela janela do seu quarto de vestir. Mais vã, ainda, quando Moura, seduzido pela beleza, a amabilidade (e talvez também pela faceirice) de sua patroa, apaixonou-se de tal forma por Mme. Tiquet, que passou a ser seu servidor submisso.

Verificando que seus esforços eram logrados, Tique solicitou um mandado de reclusão contra a espôsa. Logo que o obteve, foi

bastante tolo para exibi-lo a Angélica. Esta, representando uma comédia, fingiu não acreditar na validade do papel, pedindo para o examinar mais de perto, para reconhecer os selos e assinaturas, teve-o em suas mãos e, tranqüilamente, jogou-o ao fogão, onde depressa foi consumido pelas chamas. Tiquet solicitou outro documento e apenas viu que os funcionários riam da sua pobre sorte.

Tal era a atmosfera em que explodiu o "dramático atentado" do dia 8 de abril de 1699.

CONDENADA À MORTE — "Não tenho nenhum inimigo, com exceção de minha mulher!" — havia declarado Tiquet ao comissário Eustáquio de Barry, que compareceu à sua cabeceira.

Era uma denúncia formal! E a bela Angélica tinha muitos invejosos e ciumentos para que uma tal denúncia não fôsse ouvida favoràvelmente. No dia 12 de abril, o tenente da polícia, Deffita, em pessoa, dirigiu-se à residência da rua dos Saints-Pères, com três guardas, a fim de convidar Angélica a acompanhá-lo à delegacia.

Moura também foi encarcerado.

Mas... *Que revelou o inquérito?*

Algumas intrigas e "disse-me-disse", como sempre são ouvidas em casos semelhantes. No próprio dia do drama, Mme. Tiquet teria ido consultar uma vidente que lhe revelara excelentes coisas e a cujas palavras Angélica teria acrescentado:

— *Nada poderia acontecer de mais feliz, para mim, do que a morte do Sr. Tiquet.*

O depoimento de um tal Augusto Cattelain, criado da residência e guia para os provincianos em visita a Paris revela que o mesmo tinha sido comprado, quatro anos antes, por Moura, para matar o conselheiro Tiquet, na esquina de uma rua distante da sua residência.

"— *Cheguei a ficar emboscado... Mas o Sr. Tiquet passou sem que eu o reconhecesse!*"

Outro depoimento, enfim, de um antigo lacaio dos Tiquet, um rapazola chamado Soppée e que, carregando uma tisana, certa noite, para o seu patrão, foi detido, num corredor, pela Sra. Tiquet, que a pretexto de provar a beberagem, nela lançou um pó. Prudentemente, o mesmo Coppée fingiu esbarrar num móvel e deixou cair a xícara com o conteúdo *que acreditava estar envenenado.*

Não era preciso tanto para convencer os juizes do Châtelet. Êstes, em 3 de junho, condenaram Angélica, apesar de seus enérgicos protestos, a ter a cabeça cortada na praça da Grève; Moura, por sua vez, foi condenado a ser enforcado. Tiquet recebia, a título de indenização, o usufruto de cem mil libras. E os dois condenados seriam ainda submetidos "a rigoroso interrogatório", antes do suplício final.

Todos os interessados apelaram: Angélica e Moura, por motivos evidentes; Tiquet... porque considerava que êsse usofruto era irrisório e desejava obter em posse definitiva uma quantia superior a duzentas e cinqüenta mil libras! O Parlamento confirmou as duas sentenças de morte, concedendo o que Tiquet solicitava.

Sob a aparelhagem da tortura, Moura cedeu imediatamente: sim, recebera de sua patroa ordem para fazer desaparecer o conselheiro. Angélica resistiu mais tempo, mas acabou por "confessar", sem fôrças, "tudo o que desejassem, contanto que não fôsse maltratada."

NA PLACE DE GRÈVE — Nem mesmo a Brinvilliers tivera tão grande assistência para o seu suplício. Sôbre todo o percurso do Châtelet à *place de Grève,* na própria praça e suas ruas imediatas, calculou-se que se comprimiram mais de sessenta mil espectadores! As menores janelas tinham sido alugadas a pêso de ouro. "*Houve casas* — escreveu Mme. de Noyer — *que renderam nesse dia a seus proprietários mais dinheiro do que haviam gastado para comprá-las.*"

Jamais Angélica fôra tão bela! Quando o carasco sustentou a sua cabeça cortada, para a exibir, segundo o costume sinistro, ao povo, Mme. de Noyer desviou o olhar, murmurando:

"— *Ela me deslumbra!*"

O capitão Carlier, fraternal até ao fim, fêz enterrar a infeliz de maneira cristã, com um epitáfio latino, que dizia: "*Que ficas aí, pensando, transeunte? Lê e foge! Aqui repousa uma mulher, que foi em vida amiga de todos, exceto do seu marido.*"

E' estranho que todos os historiadores que falaram de Mme. Tiquet tenham visto nessa inscrição a confissão de sua culpa; nenhum, compreendeu, que Nicolas Carlier, ao contrário, quis mais uma vez afirmar, nesse texto, na medida permitida pelo respeito à justiça, a sua convicção na inocência da bela Angélica. Leiam com atenção o epitáfio: contém uma acusação formal, terrível... *contra o marido!*

Na opinião do historiador Leon Treich, em cuja narrativa baseamos o presente "Grande êrro judicial", não pode haver dúvida: todo o episódio de 8 de abril de 1699 não passou de uma infernal maquinação de Cláudio Tiquet.

A que desígnio obedeceu o conselheiro? Só nisso pode haver dúvida: ciúme, talvez.... ou interêsse — ou, ainda, mêdo realmente de que a mulher o quisesse assassinar. Porém o maquiavelismo do parlamentar era evidente. Tudo o demonstra. Como acreditar no depoimento dos criados, que foram "espontâneamente" acusar Mme. Tiquet? Para o caso de Cattelain, era bastante comparar duas datas: a do pseudo atentado provocado por Moura era, afirmava o rapazola, de 1695; no entanto Moura só entrara para o serviço dos Tiquet em

1696. E por que motivo, tendo falhado a primeira tentativa, Moura e seu espadachim desistiram de repetir a tentativa? E o veneno anunciado pelo jovem Coppée? Quanta simulação! Que coisa podia ser mais inverossímil... e tola? Angélica tivera cem ocasiões para envenenar secretamente o marido! Onde já se viu uma envenenadora deitar veneno diante de um criado? E, mais uma vez, no espaço de dois anos (o incidente foi no início de 1697) Angélica não encontrou ocasião para renovar a tentativa?

O "atentado" de 8 de abril... Se os assaltantes agiam a sôldo de Angélica é possível acreditar que tivesse agido diante da residência dos Tiquet, em hora em que as ruas tinham bom movimento, em vez de apunhalar o conselheiro longe de casa, em noite sombria, quando regressasse do teatro ou de algum sarau em casa de amigos? Ninguém teria surgido para atrapalhar os sicários em seu "trabalho": e no entanto, sendo dois, empregando ora os punhos, ora as pistolas, ora as espadas, tinham feito no agredido insignificantes ferimentos que o prenderam ao leito apenas dois dias! Os cinco *golpes* de espada, dados contra um homem caído, tinham simplesmente rasgado seu colete e arranhado um ombro!

E por que, enquanto Moura era torturado, não lhe fizeram a pergunta que se impunha:

"— Quem eram êsses dois sacripantas? Onde os havia encontrado, contratado e instruído sôbre o que deviam fazer?"

Mais ainda: no início do processo, os amigos de Mme. Tiquet lhe proporcionaram meios de fugir; um religioso levou ao seu cárcere um hábito de monja, convidando-a a vesti-lo e, assim disfarçada, deixar a prisão. Ela recusou. E houve quem afirmasse que o religioso, era nada menos que o tenente de polícia Deffita. E, ainda: condenada à morte, sem poder mais agasalhar qualquer esperança, Angélica teve mais uma vez ocasião para fugir; seu irmão e seu amante tinham comprado dois guardas e cinco sargentos, que se encarregariam de raptá-la, levando-a para local seguro. Pela segunda vez ela recusou! Estava desiludida, enojada com tanta traição, tanta injustiça e vilania!

E (infelizmente quando não havia mais tempo!) parece que os juizes da Sra. Tiquet acabaram compreendendo que o odioso papel representado por seu miserável colega: depois da execução de Angélica, Cláudio Tiquet foi forçado a deixar o Parlamento durante longos meses, *para se fazer esquecer*, no interior da Normandia.

"— Sim. Já é tempo de reabilitar a bela Mme. Tiquet! — conclui León Treich, no seu minucioso estudo sôbre mais êsse "grande êrro judiciário".

★

Anatole e a Academia Francesa

Anatole France palestrava com Haraucourt sôbre uma das raras sessões da Academia Francesa a que compareceu o grande escritor:

— Estávamos sempre na letra A (organização do dicionário), pois que se trabalha a marcha lenta sob a Cúpola (Academia). Redigia-se o artigo (verbete) anel. Era o Duque de Broglie quem presidia Por maioria de sufrágios adotou-se a definição: "Anel pedaço de metal de forma circular".

— "Anel de fumo", soprei eu insidiosamente.

Estas palavras provocaram confusão. Mas, um gramático replicou com segurança:

— Pois bem! Incluiremos — por catacrese — anel de fumo.

Catacrese pareceu sublime.

Como exemplo citaram — "o anel de Saturno".

— Os astrônomos descobriram vários, fiz observar. E' preciso, pois, escrever: os anéis de Saturno.

— Não, responderam-me, é costume dizer-se "o anel de Saturno"; estamos aqui apenas para ratificar o uso.

Tanto pior para os astrônomos.

A «BOA RESPOSTA» DO MÊS



Um famoso condutor de orquestra estava dirigindo uma nova peça sinfônica, que continha uma super floreada e difícil passagem para a flauta. Tão difícil era que o solista estava bastante atrapalhado, sem poder executá-la como era devido.

Depois dêsse trecho musical ter sido tentado sem êxito muitas vêzes, o maestro bateu nervosamente com a batuta contra a estante à sua frente e declarou, muito sério:

— Bem... Não podemos perder mais tempo com essa passagem; nós o "apanharemos" quando repetirmos êste ensaio...

E voltando-se para o pobre flautista, rubro de vergonha, concluiu:

"— Mas veja lá... Terá que estar pronto para seguir a viagem conosco!

Milagre de Velocidade

OS AVIÕES SUPERSÔNICOS, A JATO, SÃO MUITO RÁPIDOS! MAS NÃO PODEM SER TÃO VELOZES COMO...

LÁ começava a sentir a vertigem novamente! Chegava ao extremo limite de sua resistência. Só podia ter uma causa. Oxigênio! Não tinha oxigênio suficiente! Johnny Morgan desceu da estratosfera como fazia tudo, na vida, *zunindo*. Era forçado a lançar uma olhadela à *Velha Terra*. Talvez pudesse tomar um pouquinho de contato com ela, desde que fôsse possível encontrar algum terreno com a metade dos pastos normais em sua terra, na Califórnia. E, se encontrasse também *o resto que lhe faltava*, tornaria a alçar vôo e... sem dúvida, bateria o record do vôo em redor do mundo!

Desceu depressa até cêrca de três mil metros, cortando a sua vertiginosa velocidade para quatrocentas milhas horárias; mas o chão Tibetano continuava muito vago — e muito ameaçador, com seus picos terríveis...

— Diabos levem metade dessas montanhas Asiáticas! — resmungou entre dentes — Aquilo lá em baixo mais parece o espinhaço de um animal antidiluviano!

Tinha razão. O platô Himalaio impressionava pela sua rugosidade, onde a neve eterna desenhava clarões caprichosos. Era coisa imensa e medonha.

Quebrando mais umas cem milhas da velocidade, Johnny desceu uns dois mil metros, recolheu o teto da carlinga e tratou de observar o solo, inclinando o aparelho para um lado. Ajustou melhor os óculos para ter a certeza de que não estava vendo uma *miragem*. "Então? *Era*... ou não era? Oh, sorte! *Era!*"

— Não é lá muito maior que uma estrada suburbana — murmurou Johnny — Mas será minha! Aí vou eu, querida!

Quando executava um círculo fechado sôbre a clareira miniatura, que parecia estar suspensa por meio de arames entre três picos principais, Johnny percebeu um edifício baixo, de teto liso e uma só tôrre quadrada, num dos lados do que seria o seu campo de pouso.

— Só uma raça de pinguins-humanos poderia viver num lugar assim — murmurou Johnny, enquanto procurava conhecer a direção do vento sôbre o campo.

Executando novo círculo pôde encontrar um lugar baixo, entre duas ligeiras elevações às quais lhe parecera que estava pendurado. Com alternadas descaídas de asas, perdeu ràpidamente altura, dirigindo o nariz do avião para a estreita passagem:

— Agora... Se não bater em alguma ponta de gêlo dêstes Alpes Mongólicos, espero que o resto corra bem...

Arriou as alavancas e, oh! Graças a Deus! As rodas do seu *triciclo* tomaram a devida posição.

— Diabos! — tornou a resmungar, em seguida, ao mesmo tempo que diminuía tanto quanto era permitido a velocidade do aparelho — A "pista" é mais acidentada do que eu esperava... De qualquer maneira, aconteça o que acontecer, *tudo* há de ser muito rápido.

As rodas tocaram o chão. Johnny tratou de firmar quanto pôde as alavancas e, dançando perigosamente, o aparelho foi perdendo velocidade, até se imobilizar completamente.

— Irra! Eis o que se pode chamar de uma estrada para anjos! Só mesmo com asas e pisando na ponta dos pés! — sentenciou Johnny.

Respirou novamente e moveu as alavancas para trás. Em seguida abrindo o *capot* sôbre a cabeça, estirou as longas pernas, inclinando o corpo para todos os lados, a fim de fazer massagem e aliviar a dormência provocada pela longa inatividade. Finalmente, retirando as luvas, esfregou as pálpebras, a fim de aliviar a ardência dos olhos, quase queimados pelo vento e pelo incessante esfôrço de sondar as distâncias.

Olhando então para o estranho edifício, que ficara bem distante, à direita, pôde ver três figuras imóveis e vestidas com panos que chegavam até ao solo. Duas eram altas e tinham entre elas uma terceira, bem mais baixa e mais gorda também. Sem pressa começaram a descer os curtos degraus do edifício. Então Johnny compreendeu que havia descido no campo preparado para um festival em homenagem aos *Ventos Propícios*, e que era um dos mais brilhantes do Tibet.

— Assim, era *isso* o Tibet; a terra dos tão falados místicos e filósofos que desprezavam o tempo... O fabuloso local onde êles realizavam milagres com o tempo e o espaço! Pois bem. Também êle, Johnny, em breve realizaria um "milagre" no tempo e no espaço! E agindo só com a pressão das pontinhas dos dedos... logo que pudesse



levar a sua máquina novamente para a estratosfera. E não demoraria muito...

Tornou a voltar tôda a sua atenção para o avião, começando por examinar o tubo de oxigênio. Conforme esperava, o defeito era ali mesmo — e coisa simples. A uns dez centímetros do bocal encontrou um orifício do tamanho de um alfinete. Em poucos minutos consertaria aquilo com fita gomada especial. Se se apressasse, talvez pudesse, ainda, bater o record!

Enquanto trabalhava, qualquer coisa, no canto mais próximo do campo, despertou a atenção do cantinho de um de seus olhos. Voltou-se, um instante, para ver melhor. Justamente à sua direita, junto de uma pequena plataforma onde findava uma estrada em degraus, que descia da montanha, havia um pequeno pedestal de pedras sôltas e brancas. Sôbre êle um pequenino objeto de forma curiosa.

Não resistindo à curiosidade, Johnny

saltou do avião e foi ver de perto... uma pequena roda-de-orações, de prata filigranada.

Apanhou-a sem cerimônia e, de vagar, fêz girar a roda a fim de enviar mais uma prece aos Céus, em intenção da alma dos peregrinos que ali haviam deixado o piedoso objeto.

Porque, embora não pudesse ler o que nêle estava inscrito, Johnny logo compreendeu que aquela não era uma *roda-de-orações*... de estilo comum. Era um belíssimo trabalho de ourives.

— Minha querida — disse Johnny, enquanto retornava apressado para o avião carregando a roda-de-orações — Vou precisar de você! De agora em diante será a minha "mascote"! Um anjo me obrigou a descer... ùnicamente para apanhá-la e tornar a subir para o céu...

Instalou-se novamente no pôsto de comando e tratou de fechar o teto da carlinga.

Enquanto manobrava com os contrôles, viu os três Lamas caminhando em sua direção, como se passeassem. Ou melhor, com os longos panos cobrindo as pernas, era de se jurar que não caminhavam e que o solo, sim, *fugia sob os seus pés*...

Os dois sacerdotes de maior estatura caminhavam ligeiramente afastados e voltados com respeito para o do centro, que devia ser algum chefe.

— Dizem que êsses *caras* conhecem os segredos do tempo e do espaço — pensou Johnny. — Mas o seu comité de recepção tem que se mover com maior pressa, se quiser falar com o simpático Morgan, hoje.

No instante em que acionou os motores, o mais baixo dos três Lamas levantou os braços, como se desejasse detê-lo. Johnny respondeu ao apêlo com um largo gesto de despedida. Instantes depois acelerava o motor e após curta corrida alçou vôo. Tudo foi muito fácil e Johnny, lançando um olhar para a *roda-de-orações*, murmurou: "*Obrigado por me haver ajudado, querida!*" E depois, olhando para o mapa, exclamou: "*Aí vou eu, Nova York! E em tempo record!*"

Johnny, recostado o mais cômodamente possível, dirigiu seu avião com um mar de nuvens sob os pés e o claro céu estratosférico sôbre a cabeça. Tinha apenas mais duas paradas: Irlanda, no aeródromo de Gander, e a seguir — La Guardia, em Nova York! Os motores tinham boa "voz" e Johnny só uma coisa receava: ser vencido pelo sono.

Trabalhou um instante com o compasso, consultou o cronômetro, girou momentâneamente a *roda-de-orações* e procurou varar as nuvens com o olhar. Felizmente um vento forte o empurrava pela retaguarda. Seiscentas e cinqüenta milhas horárias! Ótimo!

Suécia — O Mar Báltico trouxe-lhe recordações da guerra — "*A primeira coisa que vou pedir, chegado à Irlanda, há de ser um bom café!*" — pensou. Londres estava envôlta em espêsso "fog", mas chegou sob o sol festivo ao Canal da Irlanda. Entrando em contato com a tôrre de contrôle, soube que a imprensa e o rádio só falavam em sua façanha. Enquanto tomava um café escaldante, na sala dos pilotos, foi fotografado centenas de vêzes. Depois, quando ficou só, para tomar ligeiro banho, refletiu sôbre o que os jornais diziam a seu respeito. Êle era um herói. Herói da velocidade; um homem miraculoso, conquistador do tempo e do espaço. Tornara o mundo muito pequeno com o seu *super-jato*.

Agora Johnny voltava a conversar com a sua *roda-de-orações*.

— "*Querida... Está vendo aquilo, lá em baixo? Os outros chamam de oceano. Chamavam... Agora, depois que eu o atravessar em três horas, dirão que é uma piscina. Jamais poderão falar em velocidade sem mencionar o meu nome. Serei um sinônimo para a velocidade. Entrarei para os dicionários, entende?*"

Examinou a gasolina e a pressão de óleo. Tudo *O. K.* Poderia ir até Nova York, sem parar.

Aeródromo de La Guardia! Johnny estava tão cansado e semi-morto de sono, que mal pôde saber como o recebiam: autoridades, jornalistas, Exército, Marinha. Figurões políticos... A demorada passagem triunfal pela Broadway, sob a chuva de papéis rasgados; o prefeito, o governador, tudo envolto em névoa; tudo distante!

Uma escolta policial conduziu, entre alaridos de "sereias" para o mais esplêndido hotel da cidade e do mundo... Por que não? Também êle era *o maior do mundo!*

Ao girar o trinco da porta, Johnny tentou recordar o que lhe dissera um dos repórteres... Ah, sim! "*Quem quiser voar mais depressa do que você, Johnny, terá que se agarrar à cauda de um cometa.*"

Johnny abriu a porta, penetrou no quarto e deteve-se, imobilizado pelo assombro.

Ali, de pé e imóveis, estavam os três Lamas *que êle deixara no Tibet!*

O mais baixo e gordo avançou um passo, estendendo o braço em sua direção, com a mão espalmada para cima dizendo:

— Estávamos à sua espera; queremos que nos restitua a nossa Roda-de-Orações.

EXPLORANDO O BRASIL MERIDIONAL

(*Continuação do número anterior*)

Pus um pé no chão, com a intenção de me unir ao grupo em volta do fogo, quando fui mordido e ferroado em uma porção de lugares. Havia colocado o pé bem em cima de uma trilha de formigas, que subiram imediatamente pelas minhas pernas acima, mordendo-me com ferocidade. Tirava umas cinqüenta cada vez que passava a mão. Depois, sem sair da minha rêde, risquei um fósforo e acendi uma lamparina e fui procurar o inimigo.

Bem em baixo da minha rêde havia uma móvel e larga coluna, constituindo dezenas de milhares de formigas, que atravessavam o rancho de ponta a ponta. Dessa coluna saíam ramificações que se estendiam em diversas direções; no espaço compreendido entre estas últimas eu via formigas isoladas, andando de um lado para outro, sem destino aparente. Estas últimas estavam, entretanto, pelo que observei depois, ocupadas em tarefa muito importante, que era a de procurar alimentos.

Vendo como iam as coisas no chão, resolvi permanecer onde estava, pois até então só algumas formigas isoladas haviam descoberto a maneira de chegar até à minha rêde. Logo, porém, verifiquei que me achava entre dois fogos, pois as formigas estavam enviando as escoteiras para subirem às fôlhas sêcas de palmeira do teto, de onde se desprendiam, caindo na minha rêde, sôbre a minha cabeça e pescoço descobertos, mordendo-me como loucas quando entravam em contato com qualquer parte do meu corpo. Quando olhei para cima vi que tôda a parte de baixo das fôlhas estava coberta de centenas de milhares de formiguinhas, correndo de um lado para outro em grande atividade. O barulho de seus movimentos entre as fôlhas sêcas de palmeiras se assemelhava ao sussurro das fôlhas das árvores, sob o sôpro mômo da brisa do outono.

A fim de escapar a êste segundo perigo, vindo de cima, enfiei-me debaixo do cobertor, cobrindo-me inteiramente. As formigas, ao caírem sôbre êle, ficavam emaranhadas na lã, não podendo, por isso, continuar as suas explorações por baixo do cobertor. Algumas, no entanto, sempre encontravam uma entrada nas extremidades da rêde, na parte onde se prendiam as cordas por meio das quais ficava pendurada, de modo que eu me via constantemente atarefado, debaixo das cobertas; matando-as logo que se faziam notar com as suas mordidelas. Os brasileiros, cujas rêdes haviam sido invadidas em massa, haviam se reunido no meio de um círculo de brasas, que foi o meio mais eficiente que encontraram para se verem livres delas, exceto das que caíam da palha da cobertura.

Duas horas depois do aparecimento, no rancho, dêste exército de formigas, elas desapareceram, não ficando uma única no chão ou no teto. Tôdas elas tinham seguido o movimento progressivo da larga coluna, e sòmente sôbre os nossos cobertores ainda se viam algumas que ficaram prêsas na lã. Na noite seguinte tivemos outra visita dêsses mesmos animais. Permaneceram duas horas, como o fizeram da vez anterior, e depois desapareceram completamente. Não me lembro de ter visto estas formigas, a não ser à noite e em grande quantidade, como já disse. Também observei que elas, às vêzes apareciam no mesmo acampamento durante duas noites consecutivas, como ainda que o limite dessa permanência era de cêrca de duas horas. As suas marchas não são meros ajuntamentos. São organizadas regularmente, e parecem ser dirigidas por oficiais, alguns dos quais eu via estacionados nos dois lados da linha de marcha principal, a curtos intervalos, enquanto outros acompanhavam os movimentos do grosso da tropa. As que eu julgo serem oficiais têm o dôbro do tamanho das que formam no grosso do exército. Os oficiais que ficam estacionados levantam-se geralmente nas patinhas traseiras e, nessa posição, parecem dar e receber ordens, que são comunicadas por formigas de tamanho menor, cujo dever parece ser semelhante ao de ajudante de campo. Se observarmos uma dessas últimas, veremos que ela, geralmente, anda em direção oposta ao da linha de marcha geral, parando, por um segundo ou mais, em cada um dos postos em que estão estacionados os acima mencionados oficiais, dizendo-lhe qualquer coisa por meio de movimentos das antenas, que são vistos durante a curta parada. Depois de se comunicar, desta maneira, com diversos oficiais, o pequeno ajudante de campo volta e se perde entre a multidão de formigas que se comprimem, marchando em determinada direção.

Não sei se algum observador já deu informação completa sôbre estas formigas, especialmente à parte referente ao modo e ao meio especiais pelos quais os movimentos de seus grandes exércitos são organizados e dirigidos. Por mim, estou convencido da verdade da teoria popular de que elas de fato conversam por meio do tato, e que êsse sentido lhes proporciona todos os meios necessários a uma língua mais ou menos complexa e intelectual.

Os "batedores", que saem para os dois lados da coluna principal, não se afastam muito, sendo o limite geral de cêrca de três ou quatro jardas para cada lado. Dentro dêste, entretanto, não há animal inferior que lhes escape. Larvas, lagartas, aranhas, insetos de tôdas as espécies, ou fogem ou serão mortos e despedaçados. Como já vimos, elas não se limitam, no seu saque, à terra firme. Sobem, aos enxames, nas árvores ou paus que encontrem no caminho, alcançando grande altura. Quando entram num rancho não deixam um só canto inexplorado e as inúmeras lagartas, larvas e aranhas, que nasceram ou habitam na palha sêca, são destruídas. Até os ninhos de maribondos não escapam à sua sanha destruidora pois, uma ocasião, uma espécie pequena de maribondo prêto e amarelo fêz uma casa no frechal de um de nossos ranchos e as formigas, entrando ali à noite, destruíram-na inteiramente, não havendo na manhã seguinte um único vestígio que recordasse a sua existência. Bates, no seu interessante trabalho "O Naturalista no Amazonas" nos dá uma descrição gráfica da destruição feita, entre os animais inferiores, pelos

exércitos destas formigas. Minha experiência a respeito delas ajusta-se perfeitamente, em muitos pontos, às descrições que êle faz. Êle, entretanto, não diz nada quanto aos seus hábitos noturnos.

Muitos dos que viajam pelo Brasil estão habituados a falar e escrever sôbre as formigas dêsse país como sendo um dos seus principais flagelos, especialmente para o fazendeiro e o lavrador. Eu me aventuro a dizer que esta assertiva é um tanto exagerada. As formigas carnívoras, como a espécie que acabo de descrever, não deixam de ser um grande presente para o agricultor, destruindo, como o fazem em muitos casos, grande quantidade de lagartas e outras larvas de insetos que, se vivessem e se multiplicassem, destruiriam tôdas as plantações. Todos se devem lembrar do efeito ruinoso da destruição geral de pequenas aves, em determinada época, em certos países da Europa, e da rapidez com que os fazendeiros descobriram o seu êrro, quando suas colheitas e suas fruteiras foram arruinadas pela superabundância de bichinhos que apareceram. Se as formigas carnívoras — e a meu ver a maioria das formigas do Brasil o são — fôssem destruídas supondo-se que tal destruição fôsse possível, é certo que o mal que sobreviria para os fazendeiros e lavradores seria desastroso. Pois, num país como o Brasil, o mundo dos insetos é maravilhosamente fecundo; portanto, sem a luta incessante que miríades de formigas abrem contra os mesmos, em tôdas as suas fases, nenhum plantador colheria um só cereal em sua propriedade. Quanto a mim, serei sempre grato à tribo de formigas do Brasil. Sem a influência dos seus ataques, as florestas seriam, durante a metade do ano pelo menos, inabitáveis pelo homem. Mesmo assim, a praga dos insetos no verão é terrível, como já mostrei anteriormente. Há, entretanto, uma espécie de formiga conhecida como a saúva, que poderia, creio, desaparecer da face da terra. Costumávamos encontrá-la freqüentemente na floresta, marchando pelo chão, em coluna estreita e sinuosa, levando cada uma delas uma fôlha, com quatro ou cinco vêzes o seu tamanho, que havia sido roubada de alguma árvore distante e era transportada para a sua colônia em outra parte da floresta. O detalhe curioso que notei disto, foi que elas carregam as fôlhas verticalmente e não horizontalmente. Quando as vi pela primeira vez, foi que conheci a sua propensão para carregar fôlhas, não sabendo ou sabendo muito pouco, entretanto, a respeito de sua vida econômica. Eu pensava, pelo fato de vê-las com mais freqüência carregando fôlhas durante as chuvas do que no tempo sêco, que o faziam para abrigar-se da chuva durante as marchas, por meio das ditas fôlhas, embora por mais que raciocinasse, não me fôsse possível encontrar uma maneira que explicasse a razão pela qual elas tão estùpidamente persistiam em carregar as fôlhas da maneira que menos as protegia. Mr. Bates, entretanto, depois de longas investigações, descobriu o fim a que se destinavam estas fôlhas. E explica: — "as fôlhas são usadas para forrar a parte superior das entradas das suas habitações subterrâneas, protegendo da chuva, dessa forma, as larvas que nelas estão aninhadas". A descrição geral que êle faz dessas formigas e do seu maravilhoso trabalho de engenharia é muito interessante. Apesar da destruição que fazem nas plantações, cortando tôdas as fôlhas das árvores novas, não há dúvida de que até mesmo estas formigas destroem certa quantidade de insetos nocivos, embora não se possa negar que, de um modo geral, esta espécie particular é mais uma maldição do que uma bênção que cai sôbre as terras cultivadas.

Falando de formigas, tenho de me referir, automàticamente, aos grandes destruidores dêstes insetos — os tamanduás. O principal entre êsses é Tamanduá Bandeira, cujo exemplar pode ser encontrado atualmente no Jardim Zoológico de Londres. Já fiz referência a esta espécie de tamanduá e sugeri, para êle, uma tarefa na qual poderia usar a linda cauda. Depois dêste notável ornamento, as partes mais curiosas do animal são: 1.º — a cabeça e o focinho alongados, a língua com quase uma jarda de comprimento, que, segundo dizem, êle usa para retirar as formigas, cinqüenta de cada vez, no interior dos formigueiros; 2.º — as garras enormes com que é provido cada membro dianteiro. Esta garra, quando o animal está andando, curva-se por baixo da planta do pé ou mão, entrando a sua ponta num orifício que existe, possìvelmente para êste fim, na parte posterior da palma do pé.

Um dia eu passei muito tempo caçando, na floresta, um tamanduá bandeira que vinha sendo perseguido por um dos cachorros. A única arma que levava comigo era um revólver e, por isso custei a resolver arriscar um tiro, pois o cachorro interpunha-se sempre entre mim e êle, atrapalhando-me. Às vêzes o tamanduá corria nos quatro pés e outras corria de pé, nas patas traseiras. Cada uma das maneiras que usava para correr era mais esquisita do que a outra e eu, com relutância, acreditava ser êle um animal terrestre. Seus poderosos e bem armados membros anteriores são usados, dizem, para estraçalhar as resistentes estruturas exteriores das casas dos cupins que, segundo nos informaram, constituem o seu alimento principal. Eu nunca encontrei uma casa de formigas nas florestas do Ivaí, no entanto o tamanduá bandeira era freqüentemente encontrado e morto por nós. Na falta de cupins, por que não eram as suas unhas empregadas para rasgar ou abrir uma passagem para o interior das casas das abelhas, situadas no interior dos troncos ocos das árvores, servindo a sua comprida língua para lamber até os recônditos mais profundos do ninho onde fica o mel, e a sua cauda, como já sugeri antes, para anular os ataques das abelhas que estão do lado de fora, tarefa a que ela se adaptaria perfeitamente?

Os brasileiros dizem que o tamanduá é, às vêzes, um sério rival do jaguar e contam muitos casos em que o último foi encontrado morto, abraçado ao primeiro, do qual não pôde libertar-se, nem mesmo depois da morte da sua ambicionada prêsa.

Na noite do dia 27 de abril, estando acampados a cinco milhas acima do Salto do Ubá, tivemos uma misteriosa visita de um animal que entrou audaciosamente em nosso rancho, quando eu e todos os homens da minha turma dormíamos, levando um quarto de veado, do qual eu comera várias fatias ao jantar, pouco antes. Não tínhamos, neste dia, nenhum dos cachorros conosco, porque êles haviam ido para o local onde ia ser construído o acampamento do Salto do Ubá. A minha rêde e a de Miles estavam abertas numa extremidade do rancho; na outra havia a de um brasileiro e à sua volta o restante da turma estava sentada ou dormindo.

Fazia uma hora que o sol havia se ocultado. Eu estava cochilando na minha rêde e Miles roncava na

sua. Entre as duas ficava a mesa, sôbre a qual estava o que havia sobrado do jantar: uma perna de veado, dois ou três pratos de fôlha, facas e garfos. Sôbre uma caixa bem perto de minha rêde, estavam a minha carabina e uma lamparina.

Ouvi, sùbitamente, um barulho de pratos. Olhei, mas como estava muito escuro, não vi coisa alguma. O braseiro estava aceso, mas muito afastado, do outro lado do rancho. Ouvi, mais uma vez, o barulho dos pratos. Desta vez, entretanto, levantei-me, acendi a lamparina, e verifiquei que a perna de veado havia desaparecido. Não vi animal algum, por ali. No entanto, fiquei esperando, talvez uma hora, com a carabina sôbre os joelhos, na esperança de que, fôsse qual fôsse o animal, havia de voltar. Estando já cansado de esperar e não vendo nada aparecer, pus a carabina encostada à caixa e deitei-me para dormir, dizendo antes aos vigias o que havia acontecido. Saí no dia seguinte para a picada e não mais me preocupei com o fato, excetuando o pesar com que fiquei por haver perdido uma boa perna de veado, a qual, com a falta dos cachorros, não seria fàcilmente substituída. Ao cair da noite voltei para o acampamento e, depois do jantar, retirei-me, como de costume, para a minha rêde, onde fumava o meu cachimbo. Miles também se deitara, e entre nós dois a lamparina estava acesa.

— "Senhor, senhor! êle está aí outra vez" — gritou êle.

Como acabara de conversar com Miles a respeito do visitante noturno da véspera, ainda estava pensando comigo mesmo se porventura não iria êle aparecer novamente naquela noite. Por êsse motivo, quando Miles disse "êle", eu não tive dificuldade para entender a que se referia. Olhei e vi o animal, que me pareceu ter o tamanho de um cachorro, atravessando vagamente uma parte da clareira, onde ainda chegava o clarão da luz da lamparina, a umas oito jardas distante. Minha carabina estava carregada e bem à mão. Apanhei-a e sem sair da minha posição engatilhei-a, fazendo a mira. Ao engatilhar a arma a mola fêz um ruído e o animal parou para olhar-me. Foi num momento que atirei, saltei da rêde e corri para o lugar onde o animal estava antes. Não o encontrei mais. Sòmente achei o buraco que a bala havia feito no chão e a terra sôlta, cavada pelas suas patas. Fiquei amolado por não ter conseguido matar a fera, qualquer que fôsse ela. Depois de ficar por ali durante uns dois ou três minutos, conversando com Miles e alguns dos brasileiros, que saíram ao ouvir o tiro, sôbre a espécie de visita que havíamos recebido, voltei, novamente, à rêde. Uão me deitei, imediatamente; fiquei sentado, examinando a carabina, aborrecido por não ter comigo a minha espingarda, com a qual era mais fácil de fazer a mira, à noite. Ainda não fazia cinco minutos que ouvíramos o eco do estampido da carabina na floresta distante, quando Miles, que enxergava mais do que eu, disse: "Lá está êle outra vez, senhor". Foi com admiração que vi o animal andando, lenta e furtivamente na nossa direção, como se nada tivesse acontecido. O movimento que fiz com o braço para levar a carabina ao ombro o fêz, como aconteceu antes, parar. Apontei cuidadosamente a carabina, com o auxílio da luz oscilante e fraca da lamparina, e puxei vagarosamente o gatilho. Desta vez não errei. A bala atingiu em cheio o alvo, e quando cheguei ao local encontrei a fera morta. O projetil lhe penetrara na parte fronteira da cabeça. Era a minha velha conhecida, a Jaguaterica ou onça pintada, cuja propensão para os assaltos já nos era bem familiar.

A audácia extrema dêste animal era, provàvelmente devido ao fato dêle ter uma família ali bem perto, na floresta, que dependia de sua pilhagem para viver; pois era uma fêmea, magra e descarnada, quase esquelética.

O alimento principal da onça é o jacu, que, como já disse antes, abunda nessas florestas e é tão fácil de matar como galinha de terreiro. A presença de nossa expedição diminuiu consideràvelmente o número dessas aves nos seus retiros, à margem do rio. Como conseqüência lógica as várias espécies de onças, que dêles se alimentam, tiveram as suas fontes de abastecimento muito desfalcadas. Explica-se assim a sua audácia de entrar em nossos acampamentos à noite e roubando-nos nas nossas barbas.

CAPÍTULO XIV

Coisas problemáticas ✱ *Um novo projeto* ✱ *Agentes mentirosos* ✱ *O acampamento Ubá* ✱ *Os tempos mudam* ✱ *Banquetes homéricos* ✱ *Pescarias* ✱ *O dourado, rei dos peixes* ✱ *O uru* ✱ *Morte do tucano* ✱ *O começo de uma camaradagem.*

Não recebíamos notícias dos nossos colegas de trabalho dos 3.º e 4.º grupos, desde a sua chegada a Miranda, o que já faziam oito meses.

Quando o Capitão Palm saiu de Colônia Teresa, em princípios de setembro do ano anterior, com o propósito de visitar êsses grupos, ainda não havia sido definitivamente assentado até que ponto iriam os trabalhos de exploração do Segundo grupo; não sabíamos se iríamos até uma região chamada Corredeira de Ferro que, segundo se pensava, era o que constituia o última obstáculo à livre navegação no rio Ivaí, sendo, portanto, o ponto até onde correria a estrada de ferro em construção, ou se devíamos prosseguir, por água, até o rio Paraná. Êste detalhe, entretanto, provàvelmente foi resolvido quando o Capitão Palm encontrou-se com os 3.º e 4º grupos, em Miranda. Devido, no entanto, à sua morte súbita, ainda ignorávamos a conclusão a que êles haviam chegado. Em números redondos, a Corredeira de Ferro ficava a 300 milhas distante de Colônia Teresa; a foz do Ivaí ou, em outras palavras, o rio Paraná, não tinha menos de 100 milhas além desta cachoeira, isto é, situava-se a 400 milhas de Colônia Teresa.

Dessa forma, seria de suma importância, para nós do 2º grupo, se tivéssemos conhecimento do resultado das conversações que êles tiveram sôbre êsse ponto, considerando-se a diferença da distância no nosso setor, ou sejam 100 milhas.

Com o decorrer dos tempos e com o progresso de nossa exploração para dentro das regiões incultas e desconhecidas, ficando cada vez mais distantes de Colônia Teresa, vimos, como já era de esperar, que as nossas dificuldades com os camaradas aumentavam, proporcionalmente à distância de Colônia Teresa. Não tínhamos certeza se iríamos ou não receber os trabalhadores de que tanto necessitávamos, sendo, portanto, necessário que nós, enquanto ainda havia tempo, idealizássemos um plano apoiados no qual pudéssemos, se a necessidade assim o exigisse, le-

var avante, sòzinhos, a exploração até ao fim. Não era preciso que fôssemos inteligentes para prevermos que, dentro de pouco tempo, iríamos chegar a um ponto em que os obstáculos, que nos oferecia a natureza da região, e também os motivados pela deficiência de recursos, neutralizariam o progresso dos trabalhos, a menos que, antes de chegarmos a êste ponto, recebêssemos auxílio de fora, ou então contornássemos os obstáculos por meio de uma mudança radical no plano de operações seguido até aí. Desesperados com as desilusões que tivemos com o primeiro plano, começamos a trabalhar com o segundo.

Sem querer levar o leitor para fazer um longo processo de raciocínio pelo qual chegamos, por fim, ao que nos pareceu ser uma solução razoável do problema, que se nos apoquentava no momento, vou explicar, em poucas palavras, qual a solução encontrada. Explicando resumidamente e de um modo geral, o que fizemos foi o seguinte: abandonamos o traçado normal da exploração, isto é, em vez de continuarmos seu roteiro atual, que nos afastava diàriamente de nossa base de suprimentos, resolvemos dar um salto audacioso para o ponto final da linha a ser explorada, isto é, o rio Paraná, recomeçando de lá o trabalho e vir subindo para o ponto onde tinha sido o mesmo interrompido, aproximando-nos assim, ao contrário de nos afastar, da base de abastecimento. Êste plano era recomendado porque os obstáculos, para usar a mesma palavra que usei antes, surgiam nos caminhos e nos meios de transporte, em lugar de aumentarem constantemente, diminuiriam à proporção que caminhássemos. A dificuldade principal era, evidentemente, pôr em marcha a máquina. Uma vez posta em movimento, era bem natural que, não sendo mais atrasada por dificuldades sempre crescentes, ela se revigoraria à proporção que fôsse se adiantando e não pararia até que tivesse percorrido todo o trajeto.

Os preparativos para levar a efeito êste projeto tomariam algum tempo, porque, na ocasião, as remessas de homens e de materiais eram insignificantes. Estávamos no princípio do mês de maio e esperávamos que o terreno, no fim de julho ou do começo de agôsto, estivesse preparado para fazermos a arrancada do Paraná. Pensamos prosseguir a exploração, simultâneamente com os preparativos, na mesma direção anterior, até chegarmos a um ponto, determinado no mapa, chamado Salto da Areranha. Propôs-se fazer e manter aí um grande depósito de provisões e material que, a bem dizer, iria formar uma nova base de operações a umas 100 milhas mais perto de nós do que a de Colônia Teresa. Olhando-se para o mapa que acompanha êste livro, ver-se-á que existe um ponto, também situado a 100 milhas para baixo, no Ivaí, chamado Vila Rica. Êste ponto assinala o fim de uma longa e perigosa série de cataratas, que fica entre êle e o Salto d'Aranha.. Resolvemos construir outro depósito nesse local. Entretanto, 100 milhas mais rio abaixo, no ponto marcado como Corredeira de Ferro, teríamos de construir um terceiro e último depósito, a menos que, antes disso, recebêssemos notícias da vinda do 4.º grupo, ao qual havia sido confiada a hidrografia em geral, para tomar o nosso lugar no trabalho de levantamento do Ivaí, abaixo da Corredeira de Ferro. Posso aqui, para não ser prolixo, antecipar um pouco o curso dos acontecimentos, declarando que o 4.º grupo nos aliviou de muito trabalho, tendo sido, assim, desprezada a idéia da construção de um terceiro depósito.

Além dêstes depósitos, ficou programado a manutenção de um Serviço de Transporte constante, por meio de canoas, em tôda a extensão de Colônia Teresa ao ponto final, onde a turma que fazia o levantamento iria trabalhar a qualquer momento. Êste programa, se fôsse possível conseguirmos um número de homens e canoas suficientes para levá-lo avante, seria teòricamente perfeito. Com uma reserva de provisões para três meses em cada depósito, as irregularidades no serviço de canoas, como as que inevitàvelmente ocorrem, algumas vêzes motivadas por enchentes do rio, acidentes nas corredeiras e ainda por outras causas inesperadas, não teriam influência imediata sôbre a turma de trabalhadores, que poderia continuar a receber provisões do depósito mais próximo. Ao mesmo tempo, os mantimentos reservados nos depósitos seriam, mais ou menos constantemente, renovados pelo serviço de transporte que, como um fio d'água que corre para um tanque, seria contínuo, muito embora irregular pelas causas que acabo de mencionar, entrando sempre água nova por cima, para compensar a que sai constantemente pelas torneiras em baixo.

Não esperávamos que os mesmos homens, que antes haviam tentado nos obrigar a aumentar-lhes salário, pòr causa da maior distância de Colônia Teresa e dos crescentes perigos e privações, conseqüentes da exploração, se prontificassem, mansamente, a nos acompanhar outras duzentas ou trezentas milhas, através de regiões desconhecidas, sem fazer barulho para conseguir mais outro aumento. Posso, mais uma vez, antecipar os acontecimentos, dizendo que, por fim, obtivemos a sua adesão ao novo projeto, com a promessa de outro pequeno aumento de doze e meio por cento nos salários, perfazendo, portanto, um aumento total de vinte e cinco por cento sôbre o salário inicial dos canoeiros. Recebemos isso, considerando-se as circunstâncias em que estávamos, como uma imposição muito moderada. E' certo que, se não tivéssemos esperado de maio até agôsto para tratar com os homens, êles nos teriam obrigado a dobrar o pagamento. Isto, de fato, foi o que êles pretenderam a princípio, até que Curling viajou por um mês, conseguindo em outras partes da província reunir um grande número de homens, principalmente das cidades de Guarapuava e Tibagi, trazendo-nos consigo para o nosso grupo. Curling aproveitou esta oportunidade para estabelecer uma agência na cidade de Tibagi, de onde nos vinham homens e provisões. Embora conseguisse remeter grande quantidade de mantimentos, a agência, entretanto, falhou completamente quanto à remessa de homens. Num país como o Brasil onde a mentira é uma instituição reconhecidamente comercial, sem o auxílio da qual nenhum nacional sonha fazer algum negócio importante, é muito difícil dizer-se a razão verdadeira do não cumprimento de qualquer compromisso. Nosso agente declarou que, neste caso, os padres tinham trabalhado contra êles, impedindo que os homens, que êle empregara para o nosso grupo, viessem. Creio que, entre todos os países Católicos Romanos do mundo, o Brasil é o que sofre menos a influência do clero. De fato, na província do Paraná, sôbre a qual falo, os padres não têm absolutamente influência na massa popular, enquanto nas classes mais educa-

das êles são alvos do maior desprêso. (1) Só os proprietários de terras os grandes fazendeiros têm influência com a classe dos caboclos, da qual vinham os nossos camaradas; e foi êste, infelizmente, o motivo que veio dificultar o nosso agente. Os fazendeiros, em regra, são os que fazem maior objeção à procura de empregados nas suas zonas. Isto, não tenho dúvida, era o que explicava, verdadeiramente, o mal sucesso da nossa agência para obter operários em Tibagi.

As relações existentes entre as duas classes, isto é, o grande proprietário e o colono ou trabalhador (uso êste têrmo na falta de um melhor), serão melhor compreendidas mais adiante. A êsse tempo, entretanto, ignorávamos êstes detalhes e acreditamos piamente na defesa que o nosso agente apresentou, como sendo devido à influência que os padres exerceram contra nós.

Voltemos, em todo caso, ao assunto.

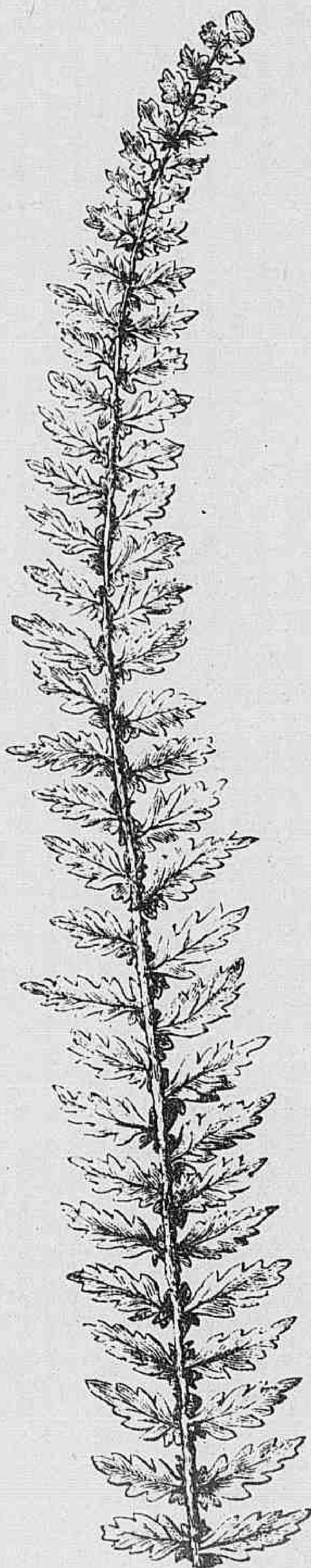
No dia 1.º de maio encontrei-me mais uma vez no Salto do Ubá. Os foiceiros estiveram trabalhando na margem direita do alto do Salto, e uma grande clareira já havia sido aberta, onde antes o único sinal que demonstrava a presença de um homem era o caminho abandonado pelos índios, que entrava serpeando pela floresta a dentro. Os ranchos também já estavam construídos e, em suma, havia surgido outra colônia naqueles sertões.

Eu e Curling morávamos numa cabana que ficava de frente para o rio, de modo que, quando ficávamos sentados à mesa ou fazendo as nossas refeições podíamos ver tudo que se passava na enseada. Como já foi descrito, esta enseada ficava na parte de cima do Salto.

Uma de nossas distrações prediletas consistia em exercício de tiros com as nossas carabinas, nas lontras que eram freqüentemente vistas ao sol, nas rochas que ficavam a uma distância de 250 jardas. Se acertástemos um tiro em alguma, não teríamos nunca a possibilidade de apanhá-la, pois elas, ao ouvirem o detonar da carabina, escorregavam para a água e, geralmente, já haviam mergulhado antes mesmo da bala chegar lá.

As manhãs eram geralmente frias, o nevoeiro denso, e o termômetro descia até 45º Fahr. Levantávamo-nos invariàvelmente, ao nascer do sol, nos enrolávamos em nossos cobertores grandes e nos íamos sentar em volta ao braseiro, aquecendo-nos e saboreando café quente, até que todo o esmorecimento desaparecesse, quando, então, dávamos início ao trabalho diário.

Costumávamos almoçar às 11 horas, quando nos era servido um repasto que teria conquistado os corações dos fidalgos folgazões de Homero. Peixe de muitas espécies, desde o delicado Alambari, que se parece com o arenque, até ao régio Dourado, ou salmão brasileiro, apareciam nessas ocasiões. Enormes costelas de anta ou quartos de veado eram, em seguida, servidos, pois a caça era tão abundante nesta época, nas vizinhanças do Salto, que o único trabalho a fazer era levar os cachorros para o outro lado da enseada, pô-los no rastro de uma anta ou de um veado, e esperar mais ou menos uma hora, à margem do rio, até aparecer uma dessas espécies de animais. Em duas ou três ocasiões, pudemos matar caça sem precisar sair do nosso acampamento, ou precisando andar, no máximo, umas cem jardas de canoa, para apanhá-la. A enseada era uma perfeita armadilha para matar anta, pois, havendo uma longa corredeira logo acima dela e uma barulhenta cachoeira abaixo, havia pequenina possibilidade de escapar, exceto quando ela se dirigia para a floresta. Quando isso acontecia, porém, havia sempre homens com espingardas e cachorros por ali para embargar-lhes a fuga.



Porção de galho de feto-trepa-Deira, 2/3 do tamanho.

Havia também peixes em abundância, dos quais apanhávamos grande variedade. Nas águas profundas e mansas da enseada, enxames de gordos e lustrosos surubis habitavam o fundo. Tôdas as noites eram apanhados cascudos em grande número, nas rêdes; e bem perto do local de desembarque, os deliciosos e pequeninos alambaris (2) eram fisgados logo que se punha o anzol nágua.

O peixe maior de todos e o único que dava trabalho para ser apanhado era o dourado. Curling era um pescador entusiasmado e íamos juntos diàriamente pescar ao pé do Salto, onde a água era impetuosa e revôlta, levando grandes anzóis de aço, muito maior do que o gancho de pendurar carne nos açougues, presos a linhas grossas. A isca que usávamos era pedaços de carne fresca de veado ou de anta.

Os dourados não eram muito abundantes nem mordiam tão fàcilmente o anzol, a ponto de me fazerem perder o prazer e o interêsse na pescaria, como tinha acontecido com as caçadas de anta. Em circunstâncias normais apanhávamos um peixe por hora, sendo isto um sucesso pois até mesmo um bom pescador raramente

---

(1) *Se é verdade que geralmente os europeus, como já foi dito antes, desfazem-se da consciência ao irem para o Brasil, ainda é mais verdade no caso dos padres Italianos, que vão como mercenários para aquêle país, levando uma vida tal que, em inúmeros casos, torna o seu nome sinônimo da palavra desprêso. E' possível, entretanto, que a Província do Paraná tenha sido infeliz em suas experiências a êste respeito.*

(2) *Êstes peixes são do tamanho da sardinha miúda e de paladar muito melhor. A isca mais sedutora é uma pequena bola feita de miolo de pão e colocada na ponta do anzol.*

conseguia pescar maior quantidade. Devido ao fato do dourado ser essencialmente carnívoro, para não dizer sanguinário, conseguíamos, em certas ocasiões, pegar mais de cem libras dêles durante uma manhã. Quando, por exemplo, matávamos uma anta ou um veado na parte de baixo do Salto, levávamos o animal morto para o sítio onde costumávamos fazer as pescarias e lá o limpávamos. Os dourados, sentindo o gôsto do sangue que se disseminava pela correnteza abaixo, subiam às dezenas para o local da operação, ansiosos para provar um pedaço de carne fresca. No entanto, quando chegavam, já encontravam muitos anzóis preparados e à sua espera. Eram assim apanhados com rapidez surpreendente, enquanto o sangue continuava a tingir a água e a abrir-lhes o apetite.

De vez em quando, neste ambiente de agitação que provocávamos, até a lontra subia ousadamente para participar da pescaria, agarrando, às vêzes, um peixe que já estava fisgado pelo anzol, e fugindo com a melhor parte do seu corpo, deixando apenas a cabeça pendurada.

O dourado é prêto e dourado. E' o mais bonito dos peixes do rio, e o mais procurado. Os lugares por êles freqüentados são as proximidades do pé das cachoeiras e saltos, onde a correnteza da água é forte e turbulenta. Seu desenvolvimento físico é grande, pois um membro da expedição matou um que pesava oitenta e quatro libras. Um gastrônomo ficaria, com tôda certeza, deslumbrado com a cabeça de um dourado, cujo sabor muito se assemelha à carne de tartaruga.

A beleza romântica da paisagem em que estava situado o recanto de pesca, aumentava muito o prazer da pescaria. O rio, nesta parte, se subdividia, por causa das ilhas, em inúmeros canais pequenos por onde, entre muralhas de flores aromáticas, e dominada pelas copas do gracioso Ubá, a água, ainda branca de espuma produzida pelo salto, encrespava-se e tremeluzia, como alguma coisa que tivesse vida, sôbre o leito de seixos e pedregulhos. A salubridade absoluta do clima, nesta época, e a sensação de completa liberdade agreste que nos rodeava, davam a tudo um encanto que é difícil descrever.

Além do peixe e de caça grande, havia outro prato muito fino que aparecia vez por outra em nossa mesa. Era um pássaro um tanto parecido com uma pequena perdiz, chamado Uru, palavra indiana cuja significação desconheço.

Era a primeira vez que encontrávamos êstes pássaros, pois só são encontrados junto às grandes cachoeiras ou saltos. Correm no chão em bandos de oito ou dez. Quando se espantam, voam geralmente um atrás do outro, chilreando, e pousam, por um ou dois minutos, nos baixos ramos e arbustos próximos; depois voam novamente e pousam no chão. São insetívoros. Nunca abandonam o abrigo da floresta e, pelo que consegui observar, nunca vão além de cinqüenta jardas da margem da cachoeira. Ignoro qual o motivo da atração que o Uru sente pela cachoeira, a não ser que a espécie de alimento de que se nutre exista apenas em tais lugares.

Não seria difícil matar todo um bando num dia, pois nunca voam uma distância superior a doze jardas. Acham mais fácil defender-se ocultando-se no chão do que voando. Como as crianças que brincam de procurar e esconder, um dêstes pássaros, em poucos minutos, denuncia-se a si proprio com um gorjeio nervoso, no que é acompanhado por todos os outros; perdendo a presença de espírito, voam novamente para os pequenos arbustos, presumìvelmente a fim de ver qual a causa ou quem é o perturbador de seu sossêgo.

Fiquei durante dez dias no Salto e foi êste o tempo mais agradável que vivi durante o tempo que passei no Brasil.

Ia quase me esquecendo de relatar um acontecimento triste, no dia da minha chegada. Foi a morte do tucano. A pobre ave vinha sendo, há muito tempo, um companheiro fiel e divertido, e eu fiquei bem magoado quando ela morreu. Se houvesse sido examinado por um médico legista, êste, após a autópsia daria, em seu laudo, morte por suicídio. Fôra o pobre tucano atacado de apoplexia, causada por excesso de comida. Êle consumia todos os dias, alimentos em quantidade maior do que o seu pêso.

No dia 2 de junho, Curling viajou outra vez, para fazer uma excursão pela província a fim de conseguir homens e gêneros. No dia 7 eu deixei o belo acampamento em Ubá, com destino a outro local a duzentas milhas rio abaixo, onde estava sendo construído um acampamento-depósito, na parte superior do grande Salto d'Areranha. (1)

A caçada de mais uma anta nos atrasou a marcha e só conseguimos chegar ao nosso destino uma ou duas horas depois do sol já ter desaparecido. Em resposta aos sinais que fazíamos enquanto procurávamos o local do acampamento, pois não tínhamos disso a mínima idéia, apareceram alguns homens na margem, com feixes de bambus secos acesos, no intuito de nos guiar para o local de desembarque.

Sob a luz pálida dêsses archotes improvisados e com o barulho do grande Salto, roncando sobrenaturalmente na quietude do princípio da noite, travei conhecimento com uma espécie de caçada que se tornou uma das cenas mais aterradoras assim como um dos acontecimentos mais dolorosos da história da expedição.

CAPÍTULO XV

Luco, o Caioá ✶ Pânico por causa dos índios ✶ Na pista ✶ Caçada humana ✶ Emoção e nervosismo ✶ O rancho ✶ Ninho de abelhas ou índio? ✶ O botocudo selvagem do Brasil.

Dia: 16 de agôsto. Horas: 20 horas. Cenário: um rancho de palha no acampamento Areranha. Protagonistas: eu e Luco, o índio coroado.

— "O doutor não sabe o que são estas expedições — dizia Luco.

— "Não, mas em breve saberei. Além disso, eu mesmo quero ver quem são êsses camaradas que nos estão tomando por covardes.

— "O doutor vai ficar muito cansado! Ficaremos dois, três ou mesmo quatro dias no mato.

---

(1) *O Salto do Areranha é o obstáculo maior e mais inofensivo que existe no Ivaí. Possui uma queda de água, quando está de vazante, de cêrca de trinta e três pés, numa distância de 800 jardas. Na ocasião das enchentes, a altura da queda fica muito reduzida, devido a tendência que têm tais obstáculos de nivelarem, quando o nível da água sobe por qualquer motivo.*

— "Isso não é nada. Levaremos comida para êste tempo. De quantos homens vamos precisar?

— "Seis ou sete camaradas bons serão suficientes.

— "Muito bem, escolha os que você quiser e mande-os falar comigo. Precisa dar-lhes pólvora de madrugada e de manhã cedo partiremos.

Depois de fumar o cigarro e tomar a pinga de cachaça, Luco levantou-se dizendo:

— "Então até amanhã, "seu" doutor.

— "Até amanhã, Luco, não se esqueça do trato!

— "Está bem."

Um minuto depois estava eu sòzinho no rancho, entregue às minhas cogitações.

Será necessário reportar a uns dias atrás, para que possa o leitor encontrar a chave desta conversa.

Já haviam passado várias semanas após os acontecimentos relatados no último capítulo. desde então muitas coisas aconteceram. Chegara, afinal, um novo auxiliar do Rio de Janeiro. Fôra morto o primeiro jaguar, encontrado rondando um dos ranchos já tarde da noite, por Armstrong, o almoxarife.

O levantamento até ao Salto do Areranha estava completo e havíamos partido, de acôrdo com o nosso plano de trabalho, para Vila Rica e Corredeira de Ferro. Curling e Vander Meuler (nosso novo companheiro) haviam descido o rio com destino a êstes lugares, levando umas seis canoas ou mais e cêrca de vinte e cinco homens. Estávamos fazendo uma roça do lado oposto ao acampamento, à qual pretendíamos recorrer no caso de futura escassês de gêneros, o que, ao mesmo tempo, nos permitia dar trabalho aos homens que iam ficar encarregados do depósito.

Fiquei no Areranha que, nesta ocasião, se tornara a posição chave de tôda a nossa linha de comunicações.

Tudo teria saído bem, não fôra um caso muito sério que viera perturbar a nossa paz. Havia poucos dias, o velho fantasma do Bugre bravo havia sùbitamente ressuscitado, embora não fôsse isso uma surprêsa. Um dos camaradas, que entrara no mato para apanhar lenha, havia visto um índio selvagem. Êle dera o alarme e com os outros brasileiros do acampamento formou um grupo, saindo para a floresta à procura do índio, de garruchas engatilhadas e facas em punho. Naturalmente o pobre bugre já havia fugido pois, depois de algum tempo, os homens voltaram sem nada ter encontrado. Quer seja verdade ou não, o fato é que êste incidente foi o comêço de um pânico que, dêsse dia em diante, cresceu e se desenvolveu até ao ponto de alarmar.

Apenas dois dias antes da conversa com que abrimos o presente capítulo, dois homens haviam pedido permissão para voltar para casa, sob o pretexto de se sentirem doentes. Não tendo, entretanto, sido atendidos em seu desejo — por estar clara a simulação — na manhã seguinte descobrimos que faltava uma canoa e, com ela, os dois ditos homens. Os vigias, cujo número, desde o presumido aparecimento do espia índio, tinha sido dobrado, quando interrogados declararam que não haviam ouvido nem visto nada. Ficava assim evidente que os dois homens haviam fugido e, o que era mais sério, que se não podia contar com a permanência dos restantes. Esperávamos assim, dentro de pouco tempo, que êsses também desertassem, sob a influência do exemplo que haviam tido e levados pelo mêdo que dêles se apoderara.

Devido àquela atmosfera de incerteza quanto à possibilidade dos índios continuarem a aparecer, sem que soubéssemos ao menos o seu número e a que tribo pertenciam — pois não havia dúvida de que, pelas notícias trazidas de tempos em tempos pelos escoteiros, estávamos dentro do território dos índios — era certo estarmos lidando com gente amedrontada e descontente que, no fim, fugiria rio acima.

Foi forçados por essas circunstâncias que decidimos pôr, definitivamente, um paradeiro a êste pânico crescente, ou, pelo menos, procurar uma maneira de provar que tal pânico não se justificava, não permitindo assim que a expedição malograsse só por uma ameaça de perigo.

Luco (1) era o único empregado que tínhamos conhecedor de todos os hábitos e costumes dos índios selvagens, pois antes tivera com êles uma vida cheia de aventuras. Êle também não cedia à onda de pânico generalizado que tomou conta do acampamento. Foi sôbre êle, portanto, que recaiu a minha escolha para realizar um plano que cortasse êsse pavor pela raiz, o qual, a meu ver, parecia ser fruto de pura ignorância quanto à natureza das possíveis intenções dos índios que estavam conosco.

Êsse plano era muito simples. Devíamos fazer uma excursão ao interior da floresta, com o fim de descobrirmos tudo a respeito dêsses índios selvagens e, se possível, estabelecer relações amigáveis com êles. Foi esta a expedição a que Luco se referira, como não sendo brincadeira de criança para os que a empreendessem, na qual eu também pretendia tomar parte. Afora os resultados importantes que, não duvidava, produziria, havia nela um sabor de aventura "Cooperiana" muito diferente daquele de nossas caçadas ou explorações diárias, o que muito me seduzia.

De manhã, na hora combinada, seis homens a quem Luco, segundo as instruções que recebera, escolhera para formar o grupo, entraram no meu rancho preparados para a partida; e pareciam dispostos, com as calças arregaçadas até aos joelhos, os pés largos e espalhados, os artelhos bem distribuídos e certos, não deformados por botinas ou sandálias.

Um pouco depois, entrou Luco. Era o tipo perfeito do sertanejo. Como os outros, estava sem qualquer roupa que lhe tolhesse qualquer movimento. Vestia, apenas, uma camisa fina de algodão, ceroulas do mesmo tecido arregaçadas até aos joelhos e uma tanga de pele crua de lontra atada à cintura por um largo cinto de couro, no qual se viam o coldre com a garrucha e a bainha com o afiadíssimo facão de lâmina larga, sendo êste último muito útil para se cortar espinho, árvores, ou dar o golpe de misericórdia numa fera. Outros apetrechos que também eram conduzidos pendurados ao cinto, constavam de uma bôlsa listrada de pele de veado, em que levávamos pederneiras, faca e fumo, e uma manta de baeta vermelha sôbre o ombro, amarrada frouxamente em baixo do braço oposto, para ser usada como cobertor, à noite.

Os meus apetrechos eram lògicamente mais completos, pois incluíam um par de fortes botas inglêsas de caçar, encimadas por perneiras de pele de veado, que me protegiam dos espinhos. Em lugar de uma garrucha igual à dos brasileiros, eu levava revólver

---

(1) *Vide Apêndice, nota H, "Luco, o Caioá".*

de seis balas e uma comprida faca de aço. Uma carabina Snider e uma bôlsa cheia de cartuchos completavam o meu equipamento de defesa.

Estando tudo pronto, e dadas as últimas instruções aos que iam ficar no acampamento, o nosso pequeno grupo de oito homens partiu na sua excursão arriscada.

Logo atrás do acampamento existia uma alta cordilheira de montanhas coberta por um mato raso, que subia a uma altura de 800 pés acima do nível do rio, nopon to em que pretendíamos atravessá-la. Havia muitas trilhas neste mato, algumas feitas por nós e outras pelos índios selvagens que íamos procurar. Os dois homens, que antes empregáramos como escoteiros, estavam conosco e um dêles era agora o nosso guia.

Subimos vagarosamente um atrás do outro, a elevada encosta da montanha, passando entre perobeiras gigantes, vetustas árvores do cedro e enormes figueiras silvestres. O silêncio da floresta era quebrado apenas pela nota melancólica e suave das pombas, que era ouvida ora ao longe ora perto, não dando a impressão de vir sempre de um mesmo lugar, mas de mudar constantemente de posição, como o canto de um nosso pássaro, o cuco. Daí a pouco, quando o sol começou a dissipar o nevoeiro da manhã, começamos a ouvir o grito rouquenho do tucano saudando, à sua moda, dos píncaros das árvores, a fonte da vida.

Não gastamos palavras comentando vistas ou sons da floresta que já nos eram familiares, como também permanecemos silenciosos ante as que, à proporção que avançávamos, surgiam no nosso caminho. Marchamos sem parar por uma antiga picada de índios, a qual, segundo o nosso guia, nos levaria a uma choça ou rancho de caçada que êle e seu companheiro haviam descoberto numa de suas caminhadas anteriores.

A marcha continuou durante horas seguidas e, muito raramente, qualquer um do grupo dizia alguma coisa. Só quando, de vez em quando, um riacho cortava o nosso caminho era que parávamos por um instante. Então cada um dos homens, depois de enxaguar a bôca apanhando a água com a mão, bebia um pouco da mesma, e continuávamos a viagem. Uma vez apenas deu-se um fato que nos fêz demorar mais de um minuto na nossa parada. Observamos que a água de um riacho que íamos atravessar estava turva, ao passo que a de todos os outros encontrados estavam completamente limpa. Realizamos uma ligeira conferência, e a maioria dos homens chegou à conclusão de que a lama, que aparecia toldando a água, fôra revolvida por porcos do mato, que haviam atravessado o riacho num ponto mais acima. De fato atravessamos, logo depois, uma trilha fresca de porcos, o que provava estar a opinião dos brasileiros muito certa.

Ao meio-dia mais ou menos chegamos à choça, que era feita de bambu, situada bem próximo a um pequeno barreiro. Fôra feita propositadamente em um lugar oculto, de onde os bugres poderiam atirar as suas flechas nos animais e aves que fôssem comer a terra do barreiro. Como não víssemos nela sinais de uso recente, sentamo-nos para descansar e comer feijão com farinha que, com um pedaço de carne de veado cozido, era o único alimento que levávamos.

Esperávamos começar ali a nossa verdadeira batalha. Até ao presente, embora fôsse a nossa marcha longa e enfadonha, não havia sido ela retardada pela necessidade de maiores precauções. O terreno em que caminhávamos já havia sido percorrido, por mais de uma vez, pelos nossos escoteiros, e estávamos certos de que não encontraríamos índios nessa parte da floresta. Não demoramos muito tempo na referida palhoça pois, logo que satisfizemos os nossos apetites, apertamos os cintos e continuamos a marcha.

Daí em diante Luco foi na frente, porque o escoteiro que nos havia guiado até aí nada conhecia da região em que íamos penetrar. Luco também não a conhecia, mas a sua experiência das coisas da floresta era superior à de qualquer outro homem do grupo, e era isto o mais importante no momento. Seguíamos por uma trilha sinuosa, coberta pelos juncos que parecia ser usada freqüentemente. Sendo a cobertura muito baixa e a trilha estreita, tivemos de andar abaixados, o que cansava muito o corpo. De vez em quando Luco parava por um momento para examinar uma fôlha ou um rebento, depois seguia novamente com alegria aparentemente renovada. Eu caminhava logo atrás dêle e os outros seis homens nos seguiam em coluna por um.

Caminhamos assim durante duas horas, desde que partimos da palhoça ou armadilha. Já havíamos saído dessa espécie de bosque e andávamos agora num caminho entre um mato mais aberto. Luco mostrara-me, uma vez ou duas, galhos recentemente quebrados, o que provava a passagem de bugres ùltimamente por ali. Quanto mais caminhávamos mais tornava-se patente a sua ansiedade, encontrando eu, pesadamente equipado como estava, dificuldade em acompanhá-lo. De repente êle se voltou e disse:

— "Lá vão os Bugres correndo... bem na nossa frente.

Luco havia suspeitado isso havia meia hora, e êsse fato veio explicar a ansiedade que lhe notara antes. Algum sinal, imperceptível para mim, indubitàvelmente o tinha convencido disso.

Todos nós apressamos o passo, o mais que permitia a natureza da picada — pois tínhamos entrado mais uma vez numa espêssa capoeira de junco que não nos deixava ficar de pé. Em vários pontos a picada havia sido cuidadosamente feita, de modo a evitar, o mais possível, as ladeiras e o caminho ruim.

Continuamos correndo por um quarto de hora ou talvez mais. Saíramos novamente da capoeira de junto e passávamos agora por um bambuel, que se tornava cada vez mais raso, à proporção que avançávamos. Apareciam gigantescos pinheiros aqui e ali, erguendo-se acima das outras árvores, como um sinal muito claro de que nos aproximávamos de uma parte mais aberta da floresta.

Luco parou de repente.

— Que é, Luco?

— "Não sente o cheiro, patrão?

— "Não. De quê?

— "Fogo. Estamos perto de algum acampamento.

O guia recomeçou a andar, embora mais devagar e com mais cuidado. Daí a pouco parou novamente.

— "Estamos pertinho. E' melhor eu continuar sòzinho.

Sem esperar que eu respondesse, desamarrou a baeta vermelha, que até agora vinha usando no ombro, deixou-a cair ao chão, a fim de ficar completamente livre e desembaraçado, avançou silenciosamente e em poucos segundos desapareceu em uma curva da picada. (*Continua no próximo número*)

A PUPILA RUBRA

Por ANTHONY WYNNE

Profundo silêncio voltou a pesar sôbre a casa, abafando todo o ruído. E, de tal maneira, que o médico chegou a pensar que seus sentidos haviam sofrido alguma alucinação. Caminhou alguns passos, até ao centro do vestíbulo.

Nenhum ruído se ouviu mais. À sua frente, com a ajuda da lanterna, descobriu a entrada principal, por trás de uma larga escada de carvalho. A luz das estrêlas, uma vez guardada a lanterna, apareceu através de elevadas janelas, que partiam desde o chão quase até ao teto. Subiu lentamente e já havia atingido o primeiro andar quando, novamente, o grito ecoou por tôda a casa.

Partira de um dos quartos à esquerda da casa. Ouvido assim, mais de perto, era menos terrível, talvez; mais triste também — e causando piedade. O médico subiu os últimos degraus, quase correndo, e se viu diante da primeira porta. O tapête era macio e abafava os seus passos. Seguiu apressadamente pelo corredor, na direção do grito que ouvira.

Repentinamente ouviu vozes de algumas pessoas, trocando palavras rápidas.

Aproximou-se da porta de onde provinham êsses sons. Tal era a sua agitação que ficou imóvel, retendo a respiração. Porém a porta parecia muito espêssa e pôde apenas distinguir algumas palavras.

—"— *Amanhã... Polícia... Prisão...*"

Parecia ser — não tinha certeza — a voz de Blunder.

Outra voz, esta mais calma e carinhosa, respondeu. Porém o médico nada pôde ouvir. Colou a orelha à porta e continuou atento. Então, voltou a ouvir a primeira voz, que dizia:

"— *De qualquer maneira, não podemos esperar... E o perigo não é assim tão grande...*"

Novamente a voz calma respondeu, sendo-lhe mais uma vez impossível distinguir as palavras. Outra coisa, porém, era clara. Estele Armand se encontrava naquela casa, e aquêles dois homens estavam procurando decidir o seu destino. Então um pensamento terrível atravessou o espírito do Dr. Hailey. Fôra ela, a filha do Dr. William, quem soltara aquêles gritos terríveis.

Nesse instante, novamente, voltou a gritar... e, segundo parece, no quarto vizinho àquele em que se desenrolava a conferência. Logo que se extinguiu, Hailey ouviu a primeira voz perguntar:

"— *Ouviu? Sem dúvida, isso chega, hein?*"

Que devia êle fazer? Aquêles homens estavam dispostos a tudo — *e eram dois!* Como podia êle esperar salvar a pobre moça, contra a sua oposição reunida? Por um lado, êle estava armado e os dois homens talvez não o estivessem. Mas, na verdade, era essa uma resolução desesperada. O melhor e o mais sensato seria retirar-se sem fazer ruído e prevenir a polícia de Hazlemere.

Por outro lado, o tempo talvez fôsse um fator vital — talvez mais do que êle imaginava. Se, por acaso, êles tivessem dado veneno à pobre criatura... e estivessem simplesmente esperando que o mesmo causasse efeito? Êsse pensamento o fêz estremecer. Mas não! Não podia ser isso, pois que falavam de entregá-la à justiça.

Que acontecera, então?

Mais um grito...

Desta vez, era diferente, porém; mais prolongado, quase selvagem. Repentina-

---

(RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA)

Jack Derwick, advogado residente em Londres, era noivo de Miss Estele Armand, filha do jurista Sir William Armand, homem de fortuna e com excelente casa acastelada em Calthorpe, perto da praia. Um dia, com surprêsa, Miss Estele comunica ao noivo que Sir William não queria mais o casamento. Jack procura indagar dos motivos de tão insólita decisão, mas a jovem, contristada, lhe responde que nada pode mais adiantar, e que êle considerasse o caso encerrado. Estada disposto a regressar a Londres, quando, naquela mesma noite, foi notado o desaparecimento de Sir William Armand. Entregue o mistério ao detective Biles, êste embarca em direção a Calthorpe a fim de entrevistar Miss Estele. Há suspeitas de que Jack esteja envolvido no caso, embora haja também uma terceira personagem, Mr. Sawyer, que, na tarde do desaparecimento de Sir William, mantivera com êste uma conferência no albergue local. O comissário Robson está procurando ajudar o enviado da Scotland Yard, mas ainda não se manifestou um indício capaz de produzir uma pista. Miss Armand confessa que apesar de tudo ainda ama Derwick e que não mais o viu depois do rompimento. No Touro Negro, onde alugara um quarto, encontra uma ponta de cigarro de procedência estrangeira e a criada informa que o mesmo pertencera ao Sr. Sawyer, homem de gôsto refinado e que fazia questão de bebidas da melhor qualidade, tendo aberto pessoalmente uma garrafa. Examinando essa garrafa Biles descobre marca digital, revelando uma larga cicatriz. Devia pertencer a Sawyer. Indo ao bosque, na manhã seguinte encontra um objeto de forma arredondada lembrando uma pérola grande, mas de frágil consistência. Resolve procurar seu velho amigo, Dr. Hailey e exibe-lhe o achado e o médico imediatamente afirma tratar-se de uma pupila humana e que o homem a quem ela pertencia devia ter sido assassinado. Os patologistas da Home Of-

mente, ouvindo-o, o médito compreendeu que sua pergunta acabara de ter uma resposta.

Não podia mais haver dúvida! Estele Armand enlouquecera! O tratamento que os miseráveis lhe haviam dado em todos êsses dias trágicos de sua dramática juventude lhe haviam roubado a razão. Um sobressalto de indignação furiosa sacudiu o médico, fazendo-o perder tôda noção de sua própria segurança e qualquer precaução. Introduziu a mão no bôlso, dêle retirando o revólver. Depois, com movimento brusco da mão e do braço, abriu a porta completamente.

O espetáculo que se ofereceu aos seus olhos o deixou sem fôlego. Sentados em redor de uma mesa, no centro da sala, encontravam-se Blunder, um rapaz de cabelos louros e uma mulher moça, vestindo uniforme de enfermeira, tendo uma grande cruz vermelha sôbre o peito. Blunder parecia ter chorado.

À vista do Dr. Hailey brandindo o revólver, todos se ergueram, quase executando um salto. A mulher deixou escapar um grito agudo e o homem, instintivamente — segundo parece — abaixou-se, para ficar protegido pela mesa. Apenas o solicitador conservou o seu sangue frio.

— Como, meu caro doutor... — exclamou êle — O senhor... realmente me seguiu até aqui, desde o Hamstead?

Olhava fixamente, sem o menor sinal de mêdo, para o cano do revólver. Os seus olhos, embora avermelhados, não piscaram.

— Que significa tudo isto? — perguntou o médico — Que fêz de Miss Armand? Que terrível infâmia está preparando nesta casa?

— Por favor... — Mr. Blunder levantou uma das mãos num gesto de súplica — Não poderei explicar enquanto o senhor estiver com êsse revólver voltado para mim... Como vê, há aqui uma senhora, que ficou assustada...

— Nada de embustes...

— Claro que não. E deixe-me dizer que admiro o seu zêlo, tanto quanto desaprovo a sua insensatez... Permita-me apresentar o Dr. Parsons e sua espôsa, que estão me prestando — e também a Miss Armand — um inestimável serviço.

O Dr. Hailey lançou um olhar para o seu colega. O rosto dêsse confrade refletia ùnicamente a ansiedade; parecia, realmente, ser indivíduo pouco perigoso, embora os seus olhos revelassem muita astúcia.

— Não compreendo — disse Hailey sem perder seu ar ameaçador — Que eram êsses gritos terríveis, de há pouco?

— Gritos? Eram Miss Armand, minha enfêrma... Receio muito que a pobrezinha tenha perdido o juizo...

— Onde está ela?

O Dr. Parsons designou com o dedo a porta que se abria para o quarto vizinho.

— Ali. — disse êle — Fêz um sinal à sua espôsa que logo deixou a sala, indo para junto da enfêrma.

— Então, meus receios tinham bom fundamento. O senhor conseguiu enlouquecer essa infeliz criatura...

— Meu caro doutor — exclamou Blunder — Por que concluir tão depressa e em têrmos tão... furiosos? O senhor costuma pensar coisas assim tão baixas e criminosas dos seus semelhantes? Bem sei que o senhor é um detective... Mas sei que os detectives costumam acreditar na honestidade... entre algumas pessoas.

O rosto redondo de Blunder se enfeitava com um sorriso um tanto cínico. Apesar de tudo, o Dr. Hailey sentiu aumentar a sua admiração por êsse homem. Sòmente o gênio e a honestidade poderiam ajudá-lo a desempenhar um tal papel em tão difíceis circunstâncias.

— Preciso de uma explicação — declarou êle em tom que não tinha mais a agressividade do princípio.

— Pois vai tê-la! Guarde porém êsse revólver. Não desejo privá-lo dessa arma... Peço ùnicamente, com tôda a delicadeza, que abaixe êsse cano para o chão. Porque o senhor poderia — Oh, sem o querer — apertar o gatilho... e eu não estou desejoso

---

fice confirmam a natureza do achado e Hailey se oferece para ajudar nas pesquisas. Juntos vão interrogar Derwick e êste declara que após o rompimento do noivado saiu a passear, indo tomar chá com o reverendo Hargreave. Apenas avistara Miss Armand. Quando Biles lhe informa que Sawyer viajara para Londres no mesmo trem que êle próprio, Jack estremece e exclama: "O homem da pelerine comprida!" acrescentando que o mesmo usava barba e tinha olhos amendoados, pequeninos. Novamente no bosque, agora com o médico, êste descobre numa árvore fragmentos de pele humana. Deduzem, então, que o corpo deve estar próximo. Medindo o terreno, em redor e pesquisando melhor descobrem uma fôlha manchada aparentemente de sangue. Depois de minucioso exame do local o Dr. Hailey conclui que Sir William fôra assassinado e seu corpo escondido no local ideal... no próprio cemitério da aldeia, num túmulo recém-aberto e que por isso mesmo não despertaria a atenção da polícia com a sua terra ainda fôfa por ter recebido conhecida figura do local. Assim realmente fôra feito pelo assassino... Quem era êle, porém? Nem Derwick nem Sawyer teriam tido tempo para executar todo o plano... Miss Armand? Porém esta também desaparece, levada em automóvel por um desconhecido, justamente quando a polícia pretendia interrogá-la e prendê-la, juntamente com o ex-noivo, Jack Derwick. Hailey decide vigiar os passos de Blunder, o sócio de Sir William. Descobre que o mesmo tinha relações em Londres com uma atriz teatral e que ùltimamente deixara de comparecer ao escritório alegando estar doente. Vai procurá-lo e pouco pode arrancar do solicitador. Pouco depois Biles vem anunciar a Hailey a prisão de Derwick, que não parece satisfeito com a notícia. Na mesma noite vai postar-se à porta do escritório de Blunder quando êste sai, já noite, e segue-o em seu automóvel.

de deixar tão depressa êste mundo perverso.

O Dr. Hailey fêz como lhe era pedido, mas recusou sentar-se, conforme foi convidado.

— Pode começar... — disse êle — Estou aqui para ouvir.

Blunder tossiu para clarear a voz.

— Com certeza o senhor deve ter notado — começou êle — que ontem à noite, falando com o senhor sôbre a morte de Sir William, eu o fiz em têrmos quase indiferentes.

Deteve-se. O Dr. Hailey simplesmente assentiu com ligeiro movimento de cabeça.

— Notei, realmente — declarou êle.

— Eu bem imaginara. Não foi — como talvez o senhor tenha concluído — por falta de afeição por meu associado. (Diante do médico, estupefacto, os olhos do solicitador voltaram a se encher de lágrimas) A verdadeira razão era que eu havia feito tudo para salvar o seu nome do desastre e da nódoa.

Deteve-se e enxugou os olhos com um grande lenço branco.

"— O senhor sabe melhor do que eu que foi expedido contra Miss Armand um mandado de prisão. Eu tinha previsto isso, desde o instante em que Sir William desapareceu, e antes de que fôsse descoberto o seu cadáver, pois eu sabia que o meu velho amigo não havia desaparecido por vontade própria. Uma tal medida, à primeira vista, era inevitável, da mesma forma que a prisão dêsse pobre rapaz. A polícia dêste condado não é tão tola como muita gente pode supor.

Havia, nas últimas palavras uma abundância de sarcasmo, que fêz o médico corar. Mas não deu resposta.

— Assim foi que decidi — talvez erradamente — contrariar a justiça dos homens, favorecendo os fins de uma justiça superior, trazendo Miss Armand para cá.

— Oh! Foi então o senhor, o misterioso personagem que estêve em Calthorpe Hall. Creio que posso me felicitar por minha perspicácia.

— Tem, realmente, êsse direito.

Blunder se ergueu, apoiando as pontas dos dedos sôbre a mesa, gesto que sem dúvida lhe era familiar no exercício de sua profissão.

— No correr dessa viagem — continuou êle — pude verificar que essa pobre moça seria submetida a terrível provação. Notei também que a sua saúde era precária e que estaria totalmente arruinada em pouco tempo, caso não tivesse o tratamento conveniente. Em outras palavras: não havia um minuto a perder, se desejava salvá-la da loucura!

Deteve-se novamente e mais uma vez enxugou os olhos. O médico observou que as lágrimas desciam pelas faces do solicitador.

— Esta casa, como o senhor sabe — ou talvez não saiba — é uma... casa de saúde para doentes mentais que corram risco de enlouquecer. O Dr. Parsons, que a dirige, é um dos meus velhos amigos. Trouxe-lhe Miss Armand, vindo diretamente de Londres até aqui, num automóvel particular. Infelizmente, era muito tarde! A crise de loucura surgiu, apesar dos meus cuidados. Foi ao receber essa trágica notícia, em Hempstead, por telefone, que empreendi a viagem desta noite.

O Dr. Hailey pareceu ainda mais contrariado.

— Não vejo — disse êle — a necessidade de se apressar de tal forma. Mesmo nestas circunstâncias trágicas, o senhor teria podido, certamente, esperar que amanhecesse para fazer esta visita.

Blunder não conteve um gesto de impaciência.

— Sei isso, muito bem. O senhor pensa que eu pretendi aproveitar a boa fortuna de o ter em segurança em minha própria casa. Admito que se eu pretendesse praticar qualquer infâmia, a ocasião era realmente a melhor. Porém, caro doutor, a razão que me fêz empreender esta viagem é muito mais simples do que imagina. E' que miss Estele Armand é epiléptica... e meus amigos não possuem, aqui, neste momento, qualquer coisa capaz de enfrentar o mal. No momento em que o senhor en-



— Ah! Ah! Ah! Por favor... Deixe-me ouvi-lo pronunciar "isto" outra vez!

trou, discutíamos o melhor partido a tomar em circunstâncias tão difíceis e tão trágicas... O senhor há de reconhecer que precisamos agir — a menos que seja de opinião que eu deva entregar a filha do meu velho amigo à polícia...

O rosto do médico permaneceu inexpressivo. Pensava que se preparara para tudo... e se via apanhado desprevenido!

— O senhor está falando sèriamente? — disse êle num tom que admitia, de má vontade, ter mal calculado o seu ato.

— Sem dúvida, falo muito a sério. O Dr. Parsons lhe dirá pessoalmente que pouco antes da morte de Sir William, eu o visitei com a finalidade única de confiar aos seus cuidados Miss Armand, a fim de que seguisse um tratamento novo e que, segundo ouvi dizer, muito promete. Meu antigo sócio vivia em mortal ansiedade a respeito da filha... E com razão! Por duas vêzes ela havia tentado contra a vida do pai...

— Que está o senhor dizendo?

— Sim... E, desgraçadamente, não pode haver dúvida a êsse respeito, embora o caso, como é natural, tenha sido mantido em segrêdo. Sir William e eu próprio éramos os únicos a saber, pois que as tentativas de assassinato tinham ocorrido à noite, quando ela e o velho pai estavam sós, no salão. Sòmente depois da segunda tentativa foi que êle pediu a minha opinião — e apenas, creio eu, porque, nesse intervalo, Miss Armand ficara noiva do jovem Derwick. O médico da família, porém, não foi consultado.

A voz do solicitador era agora um simples murmúrio. Parecia estar muito emocionado; mas já agora a faculdade de observação crítica do Dr. Hailey havia despertado, após o choque sofrido.

— Confesso — disse êle — que tudo isso está parecendo história... das mais improváveis. Não posso compreender que Sir William não tenha querido, em tal conjectura, discutir o caso com o seu médico.

— O senhor não o conheceu, como eu próprio conheci! Antes de tudo, Lady Armand também era epiléptica. E inseriu uma cláusula no seu testamento, pela qual o marido era obrigado a proteger a filha por todos os meios contra as terríveis conseqüências dessa doença, caso algum dia ela também fôsse vítima dêsse mal. Além do mais sua maior ansiedade era ver Estele contrair um feliz casamento. E sua única esperança era poder evitar qualquer publicidade local, procurando curá-la — se tanto fôsse possível.

— Então... Por que essa ordem à filha para romper o noivado? Suponho que o senhor vai dizer que a enfermidade tem alguma coisa que ver com essa atitude?

— Naturalmente. A razão foi a seguinte: êle se julgava obrigado, pela própria honra, a poupar o jovem Derwick das conseqüências de um tal casamento. O senhor, que é médico, teria coragem de discutir a retidão de uma tal atitude?

— Não discutirei, é claro.

— Sir William foi assassinado porque tinha tomado êsse partido honesto... partido do qual eu próprio tentei dissuadir o meu amigo e sócio — confesso — sòmente poucos minutos antes de sua morte.

— Oh! O senhor, neste caso, é... Sawyer!

— Claro que sim! Não está provado que sou, depois do que acabo de contar?

CAPÍTULO XVII

Falsa pista

Dizer que o Dr. Hailey ficou convencido pela surpreendente narrativa, seria menos que render justiça a seu dom de observação. Por um lado, essa narrativa o deixara perturbado. Blunder, sem dúvida o havia mergulhado no assombro. Seu olhar baixou para a mão, que empunhava o revólver e quase sentiu vergonha de haver agido com tal violência.

Tornou a guardar a arma no bôlso. Êsse gesto fêz nascer nos lábios do solicitador um sorriso que se prestava para interpretações diversas, embora nenhuma — de fato — lisonjeira para o médico.

— Posso ainda dizer — acrescentou Blunder — que, se me disfarcei, foi a pedido de Sir William. Anteriormente, eu havia passado vários fins de semana em Calthorpe Hall, podendo portanto ser fàcilmente reconhecido. No presente caso, era preferível — segundo pensava o meu falecido sócio — que ninguém suspeitasse dos seus próprios desgostos.

— Mas não compreendo...

— Meu caro doutor... — Sir William, como o senhor certamente já sabe — veio a Londres, a fim de pedir minha opinião, no correr da semana que precedeu a sua morte. Depois da sua visita, eu tive uma entrevista com o Dr. Parsons, com quem combinei o necessário para o tratamento de Miss Armand. Confesso que a notícia do rompimento do noivado me surpreendeu enormemente, mas não discutirei a lealdade dêsse ato, embora — conforme já confessei — eu tenha tentado diminuir o seu rigor. Quando deixei Sir William, êle estava profundamente perturbado e agitado.

Quando o advogado cessou de falar, pesado silêncio encheu a sala. Era possível ouvir a espôsa do médico da casa de saúde caminhar em redor do leito da enfêrma. Distante, na aldeia, um relógio bateu cinco horas. O Dr. Hailey sentou finalmente na cadeira que lhe fôra oferecida, enquanto retirava do interior do sobretudo a bôlsa de fumo-ralado.

— E' uma história muito estranha! — declarou êle — Não nos serve muito para resolver o mistério.

— A não ser que o desarranjo cerebral, no caso de Miss Armand, tenha sido provocado pela ameaça de ver a sua felicidade destruída. Minha opinião talvez não valha grande coisa, porém creio que, se já houve casos de loucura na família, uma violenta emoção pode provocar outras crises. A jovem Armand estava apaixonada por Derwick. Imagino que ela tenha tentado tudo para proteger a sua felicidade — *mesmo o crime!* E preciso não esquecer que por duas vêzes ela tentou matar o pai!

Blunder estava agora perfeitamente à vontade. Ergueu-se e caminhou para o médico, agitando as mãos à maneira de um nadador. Sua atitude revelava plenamente que não guardava rancor dêsse misterioso e mal inspirado auxiliar da lei.

— E' claro que, contando essas coisas ao senhor, estou me colocando inteiramente em suas mãos; acredito porém que me dirijo a um homem leal, a um homem honrado. E agora, por favor, venha ver Miss Armand...

Adiantou-se para a porta do quarto. O Dr. Parsons os seguiu. Instantes depois, o Dr. Hailey se encontrava em "tête-à-tête" com a própria tragédia.

Estele Armand estava deitada sôbre travesseiros que positivamente a escoravam de todos os lados e tendo os belos cabelos louros espalhados em desordem. O rosto estava muito pálido, porém manchas rubras marcavam suas faces, como queimaduras. Apresentava-se, então, de uma beleza estranha, quase assustadora. Os lábios movendo-se sem cessar, deixavam escapar uma torrente de sílabas incoerentes, enquanto as mãos pareciam procurar àvidamente alguma coisa sôbre os lados da cama. O Dr. Hailey se aproximou do leito, junto do qual estava de pé a Sra. Parsons, tendo nas mãos uma xícara e uma colherinha. Hailey se curvou para essa forma deitada, examinando em silêncio as pálpebras que se contraíam continuamente, assim como as mãos trocavam incessantemente de posição. Não duvidou mais tempo de que um transtôrno terrível do cérebro afetava a pobre moça; mâs compreendia, igualmente, que não podia dar qualquer nome ao espetáculo que se oferecia aos seus olhos.

Estele abriu os olhos e fitou o médico com ar tranqüilo. Pouco depois êle pôde ler o terror nesse olhar e, ao mesmo tempo, os lábios sorriam e Estele os moveu para afirmar que se divertira muito! Depois, lançando uma gargalhada histérica, voltou-se para a parede. O Dr. Parsons, que se postara ao lado de Hailey, disse-lhe:

— Não pude ainda formar um diagnóstico seguro... Trata-se de delírio, mas dizer qual é a causa é difícil. Dei-lhe uma dose de morfina...

O Dr. Hailey fêz um sinal de assentimento. Sabia bastante para não ignorar que os livros de medicina dão descrições de insanidade raramente corretas quando aplicadas num caso particular. Assim é para tôda moléstia. Esta varia com cada indivíduo, exatamente como a voz humana tem sua modulação particular. Afastou-se do leito, encaminhando-se para a porta. Blunder o antecedeu, para abrir e acompanhou-o, depois, até à antecâmara.

— Está satisfeito, doutor? — perguntou êle em voz baixa.

Parecia novamente muito emocionado. O Dr. Hailey se sentiu totalmente desorientado. Fêz um sinal de aquiescência, sem nada pronunciar.

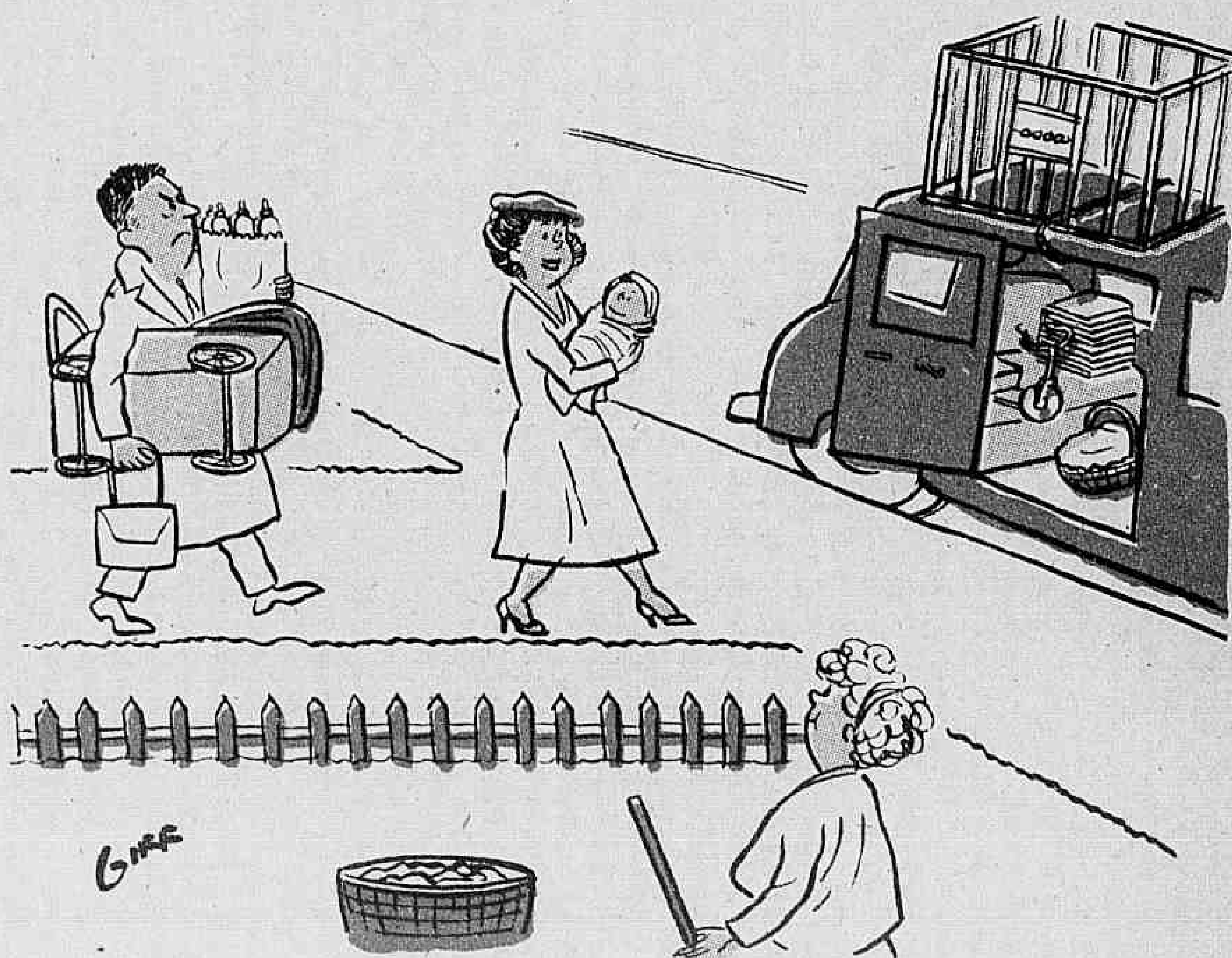
— No meu lugar, não teria o senhor feito o mesmo?

Havia na voz do advogado como que uma súplica.

— Não sei... Talvez... Creio que se imaginasse, realmente, que ela matara ou ajudara a matar o pai, teria feito o que o senhor fêz.

— Obrigado.

O advogado esboçou um sorriso vago, constrangido. Depois indicou com um dedo o *buffet*, onde se encontravam várias garrafas, sifons e *sandwiches*. Podia também oferecer, segundo anunciou, Pôrto, Xerez, whisky e soda. O Dr. Hailey, no entanto,



— Vamos passar o domingo em casa de mamãe.

não sentira a menor disposição para comer ou beber. A surprêsa alterara o seu sistema nervoso. Cada idéia que havia feito dêsse caso parecia ter sido falsa, *desde o comêço!* A fôrça do argumento de Biles de *que Blunder não podia ter tomado parte no assassinato, considerando-se apenas a razão simples e clara do tempo,* voltou ao seu espírito. A sua excessiva sutileza o levara a fracassar num ponto em que um espírito mais prático teria logrado êxito!

Em sua pressa de sair de casa, chegou a retrair suas suspeitas e assegurar ao advogado que, quanto a êle, nada comunicaria à polícia relativamente ao que sabia de Miss Armand. Prometeu igualmente deixar o automóvel na garage, por trás do palácio da justiça, desculpando-se ainda de haver usado o veículo. Retirou-se pela porta dos fundos, depois de tornar a calçar os sapatos e apanhar o sobretudo na pequena despensa.

Durante a viagem de volta, uma grande lassidão o invadiu, conseqüência, talvez, dos esforços realizados e do desânimo que o dominava. Mal pôde manter-se acordado até que as dificuldades do tráfego o vieram arrancar dêsse torpor. Da garage dirigiu-se diretamente para casa, recolhendo-se ao leito. Era quase hora de almoçar quando foi despertado por um chamado telefônico.

Estendendo o braço, apoderou-se do fone. Era Biles, que acabava de chegar de Newcastle, onde fôra iniciado o processo contra Jack Derwick. Hailey convidou o policial para almoçar e tocou a campainha, chamando seu mordomo.

Biles estava mais que nunca satisfeito com a marcha do inquérito. Novos depoimentos eram recolhidos diàriamente e todos concorriam para reforçar a principal acusação, isto é, a idéia de que Derwick era o assassino e que Estele o ajudara — provàvelmente depois de praticado o crime.

— Não acreditamos que tenha sido ela, realmente, quem deu a seringa e a morfina — explicou êle — Provàvelmente ela falou, sugerindo; êle sabia onde estava guardada e apanhou-a, antes de sair. Imagino que êle não tenha tido a coragem suficiente para matar o pobre velho, asim, de uma vez... Preferiu tonteá-lo com algum golpe e anestesiá-lo, a seguir. O resto foi fácil... E contava como certo que o corpo jamais seria descoberto... Foi nisso que o senhor surgiu muito superior a êle, doutor. Quanto mais penso no trabalho que o senhor realizou em Calthorpe, mais o admiro.

Devemos confessar que em seu despeito momentâneo, o cumprimento foi bem agradável aos ouvidos do Dr. Hailey. Êle teria de bom grado esquecido as suas mais recentes aventuras para aceitar a explicação, plausível em suma, embora pecando em diversos pontos, que Biles lhe oferecia.

Mas, por que, então, ouvindo o policial, voltava ao seu espírito a idéia de que *tudo isso era impossível?*

Êsse instinto teimoso, que lhe era peculiar, o levou a repelir o argumento com um vigor que até a êle mesmo surpreendeu.

— Meu caro Biles — disse êle no seu tom mais calmo — Já experimentou aplicar uma dose de morfina dessa maneira?

— Claro que não!

Biles assumiu um tom brusco. Sua experiência lhe ensinara que a pior maneira de resolver um mistério era tentar colocar-se no lugar do criminoso. Essa tendência revelada habitualmente pelo Dr. Hailey parecia-lhe o maior obstáculo para atingir a vitória. Era êsse o único ponto fraco e que revelava o amadorismo de um homem que verdadeiramente tinha nascido para ser o maior detective — e o mais sutil.

— Tentou explicar-lhe em têrmos que não o ofendessem de nenhuma maneira. O ardor do Dr. Hailey despertou um pouco diante dessa oposição.

— Se Derwick praticou o crime — disse êle — fê-lo num momento de paixão... durante — digamos — uma explicação com Sir William. Não vejo outra explicação possível...

Neste caso, a fatal dose de morfina deve ter sido administrada pela moça, *antes de que o pai deixasse a casa.* Sim... Isso é possível, realmente!

O médico levou aos lábios um copo cheio de um velho "Borgonha", bebendo lentamente alguns goles. Seus olhos calmos pareceram curiosos, enquanto o olhar examinava a bela sala de jantar cujo mobiliário obedecera exclusivamente ao seu gôsto, nos menores detalhes. Pediu, a seguir, que o policial lhe descrevesse a cena, no tribunal, no momento em que fôra lida a acusação de assassinato contra Jack Derwick.

— Foi, é claro, uma questão de pura forma. O prisioneiro parecia passar mal...

— E' natural...

— Creio que o seu defensor será Sir Abraham Smith... Foi, pelo menos, o que ouvi dizer...

— Ahn!

O mordomo trouxe o último serviço, retirando-se logo.

O médico empurrou a garrafa de vinho do pôrto para o seu amigo que estava ocupado cortando a ponta de grosso charuto. Para si mesmo, preferiu um pequeno cálice de *brandy.*

— Você mencionou outros indícios... — disse êle.

— Oh, sim! Parece que Sir William estêve em Londres alguns dias antes de sua morte e ali teve uma entrevista com o seu sócio. Isso, creio eu, foi a razão dada para explicar a viagem. Mas a *verdadeira,* provàvelmente, estava relacionada estreitamente com o assunto que levou Sawyer ao

"Touro Negro" e provocou o rompimento do noivado. Não duvido que exista uma correlação entre os dois casos.

O Dr. Hailey permaneceu silencioso. Não podia, por enquanto, mencionar que as suas suspeitas sôbre Sawyer tinham fundamento. Se era verdade o que lhe dissera Blunder, mesmo aproximadamente, a interpretação de Biles a êsse respeito, era digna de elogios. Novamente levou o cálice aos lábios.

— Além disso, encontramos uma carta no escritório de Sir William... Diria melhor, talvez, *o comêço de uma carta.* Não lhe empresto, aliás, grande importância. Estava dirigida a Lady Windwest, e dizia: "Minha cara Lady Windwest..." Seguiam-se duas linhas em que lhe dizia que fôra informado da sua enfermidade e desejava aproveitar a primeira ocasião para lhe fazer uma visita. A carta terminava bruscamente, com essas palavras...

— Lady Windwest!

A expressão do médico mudou sùbitamente. Biles observou êsse retôrno de atividade que até então parecia haver abandonado totalmente o seu amigo. Foi com alegria que viu o Dr. Hailey retomar interêsse por um caso que não parecia ter mais sedução para êle.

— Sim... E' a viúva do Conde de Windwest, como o senhor sabe. "Armand & Blunder" são os advogados dessa família.

— Realmente! E' a verdade!

O médico se ergueu e pediu ao seu convidado que o desculpasse por um instante. Saiu da sala e voltou pouco depois, com uma coleção do "The Times". Preparou espaço entre os copos e talheres, num canto da mesa e ali abriu um dos jornais, completamente. Era o número correspondente à data do assasinato de Sir William Num parágrafo dos "Ecos Mundanos", dizia-se que "a cura de Lady Windwest podia ser confirmada". Procurou o número da semana precedente e ali encontrou as linhas seguintes, que apresentou a Biles.

"— O estado de saúde de Lady Windwest causa bastante inquietação. A pneumonia de que vem sofrendo há dias, atingiu os dois pulmões e seu pulso continua a apresentar sintomas de fraqueza."

— Estas notícias chegaram a Calthorpe na véspera do dia em que Sir William se dirigiu a Londres...

Biles consultou seu caderno de apontamentos, estudando as diferentes datas, relativas ao caso.

— Sim! — disse êle — Foi isso mesmo!

Dois dias depois, o "Times" anunciava que se manifestara uma melhora no estado da enfêrma. Hailey chamou a atenção de Biles para êsse ponto.

— Você não sabe — perguntou êle — se a visita de Sir William teve alguma relação com o testamento de Lady Windwest?

Biles moveu a cabeça negativamente.

— Impossível. Ela reside no Condado de Herefordshire, próximo de Ross. Sir William certamente não foi lá!

O Dr. Hailey ficou alguns instantes pentivo, sorvendo seu *brandy.*

— Então deve ter vindo a Londres para verificar se tudo estava em ordem com relação à fortuna dessa senhora.

— Sim... E' possível...

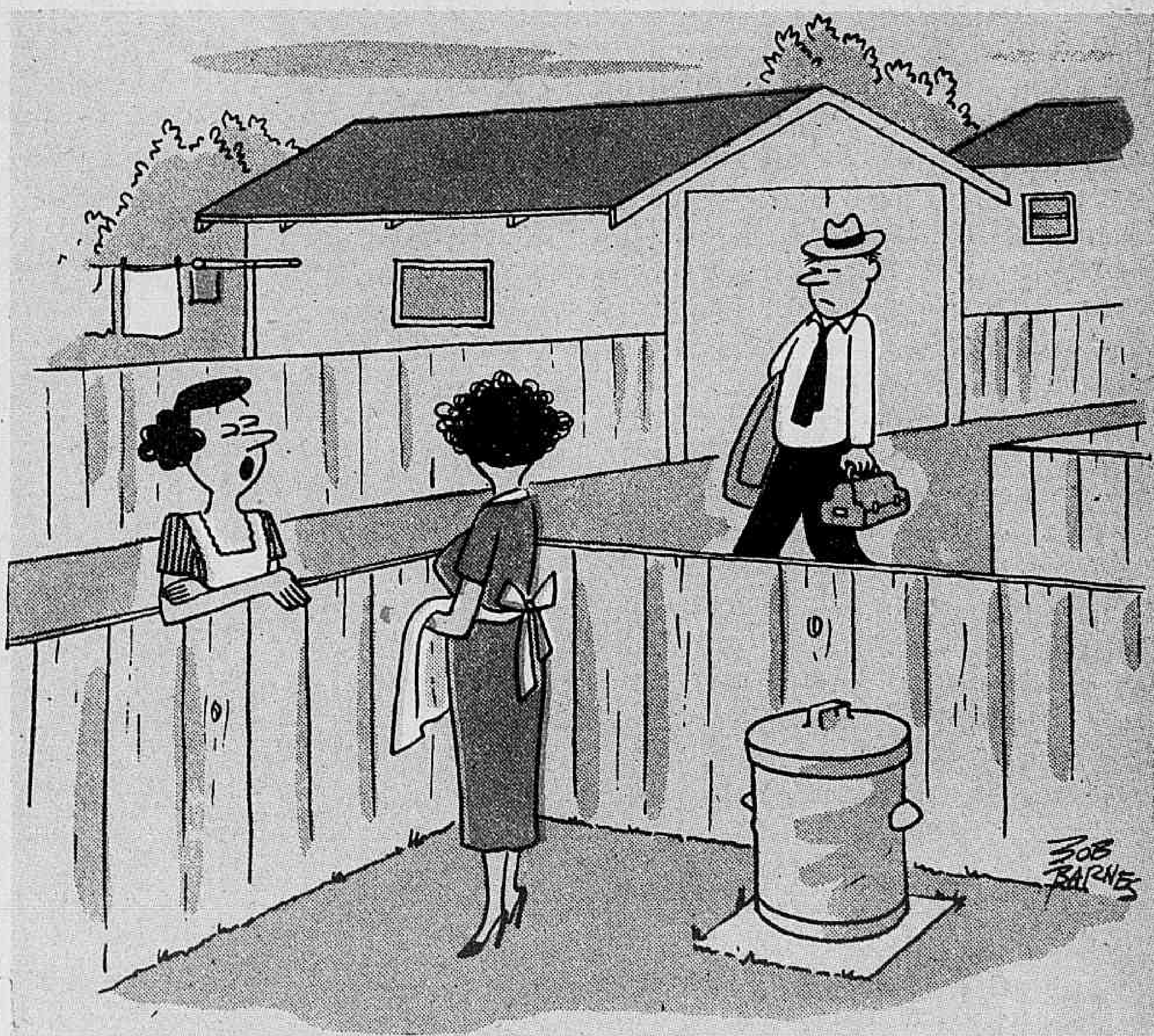
Hailey se curvou ligeiramente para a frente. Então, com os olhos brilhantes voltados para Biles, disse:

— E suponhamos... *que nem tudo estivesse regular?...*

CAPÍTULO XVIII

Último indício

O inquérito realizado em presença do cadáver de Sir William e que tinha sido aprovado, teve do júri um veredito afirmativo *de assassinato voluntário* contra Jack Derwick. O Dr. Hailey ali comparecera e por êsse motivo, justamente, absti-



— Agora tenho que ir para casa, Leocádia. Aí vem o "estômago"!

vera-se de ir a Calthorpe. Sentia que o tempo de que dispunha para resolver êsse mistério já era muito curto para se permitir perder sequer uma hora.

A menos que não estivesse em estado de apresentar provas convincentes, no espaço de algumas semanas, muito provàvelmente, Jack seria condenado talvez à morte!

Êsse pensamento era terrível, porque tôdas as instâncias acumuladas, de Biles, não haviam convencido o médico. Seu instinto recusava admitir a teoria do crime *tal como era apresentado pelo ministério publico;* entretanto era forçado a confessar que suspeitara de Blunder *sem ter podido confirmar suas suspeitas* nem mesmo com as teimosas pesquisas que havia efetuado. Passou longas horas de vigília, procurando verificar a exatidão da história contada pelo solicitador. Era forçoso admitir que, nessa história — falsa ou verídica — todos os elos funcionavam bem.

Estele Armand, sem dúvida, enlouquecera! Não devia haver exagêro nessa história de epilepsia. Sua experiência de médico trazia à sua memória muitos casos semelhantes: secretos ciúmes, acessos misteriosos, que pais, mães e mesmo irmãos e irmãs persistiam em considerar como casos de síncopes, tudo escondendo aos demais parentes e vizinhos.

Além do mais, uma coisa era certa: Blunder não havia enterrado o cadáver! A idéia de que podia ter havido um cúmplice parecia, à primeira vista, ridícula. Pensar que um homem tenha podido cometer um crime dessa natureza, crime evidentemente premeditado e bem estudado em todos os seus detalhes... e não terminá-lo, era absurdo.

No entanto, havia algumas circunstâncias suspeitas, ligadas ao solicitador, e que não podiam ser desprezadas. Por que, por exemplo, êle se esforçara tanto para esconder a própria identidade, enquanto permaneceu no "Touro Negro". Chegou a usar uma barbicha falsa, um nome falso e até mesmo tentara modificar as impressões digitais!

Que tivesse tomado cautela, a fim de evitar os comentários maldosos, isso era compreensível; mas essas precauções minuciosas sugeriam desejos mais profundos, *mais sinistros...*

E, além do mais, havia êsse detalhe dos estilhaços de vidro, encontrados no fogão de inverno. Blunder não tinha aspecto de morfinômano. Que necessidade tivera, então, daquelas ampolas?

O médico reconhecia, agora, ter esquecido de fazer uma pergunta ao solicitador. Não havia, porém, grande importância nessa omissão. O interrogado teria simplesmente fingido ignorar, e não seria possível provar que êsses estilhaços de vidro não tivessem sido lançados ao fogo por um anterior ocupante dêsse quarto.

Blunder acreditava, pois, que Miss Estele havia ajudado a matar o pai? Acreditava, realmente, segundo suas próprias declarações, que ela havia, por duas vêzes, tentado matar Sir Armand! Porém os dois fatos não podiam estritamente ser comparados. No primeiro caso, ela fôra irresistìvelmente impelida por um acesso de epilepsia; no segundo, estava de posse de tôdas as suas faculdades. Entretanto, êle próprio tinha visto quão frágil era o seu juízo e quão fàcilmente se perturbava diante do desastre.

Supor que tivesse sido ela — sòmente ela — a autora do crime... Mas não! Impossível! Nenhuma criatura com aquela constituição física teria fôrças suficientes para arrastar o cadáver até ao cemitério e ali o enterrar. Seu papel — se de fato desempenhara algum, no crime — só podia ter sido o de auxiliar — *antes* ou *depois* do crime.

Novamente seu pensamento se encontrou voltado para Derwick, pois era êle, evidentemente, a única pessoa a quem a pobre Estele ajudaria. E, além disso, os dois ex-noivos se haviam encontrado na orla do bosque... minutos antes da vítima nêle penetrar!

Tudo começou a rodar no cérebro do médico. Levantou-se e caminhou febrilmente pelo seu gabinete de consulta. Jamais se sentira perturbado por mistério mais impenetrável do que êsse! De qualquer ângulo que o considerasse, esbarrava contra impossibilidades grotescas.

Refletiu então que só lhe restava uma pista a seguir, a que sugeria a carta a Lady Windwest e deixada por Sir William, interminada, sôbre a sua escrevaninha. Por trás dessa carta, muito distante, surgia uma *chance* possível de Blunder ser um sócio desonesto, capaz de se haver apropriado dos dinheiros confiados à sua guarda.

Essa era uma *chance* bem pequenina, pois que a firma "Armand & Blunder" era conhecidíssima e considerada uma das mais sólidas de tôda a Inglaterra.

Por outro lado, Blunder vivia sòbriamente. O luxo de sua residência de Hempstead não era superior ao que lìcitamente era permitido a um homem de sua situação. O mesmo se poderia dizer quanto à sua residência londrina. Não havia motivos para imaginar que fôsse dado à paixão do jôgo...

Miss Poppy de Vere, a jovem atriz, poderia fornecer a chave do enigma?

Para um homem da sua experiência quanto ao lado tenebroso da natureza humana, as idéias do Dr. Hailey eram singularmente romanescas. Em um sentido, idealizava as mulheres; era-lhe extremamente difícil pensar mal de qualquer delas, embora, quando necessário fôsse um juiz muito capaz e perito quanto ao caráter da mulher.

(*Continua no próximo número*)

VIDA DO CAMPO

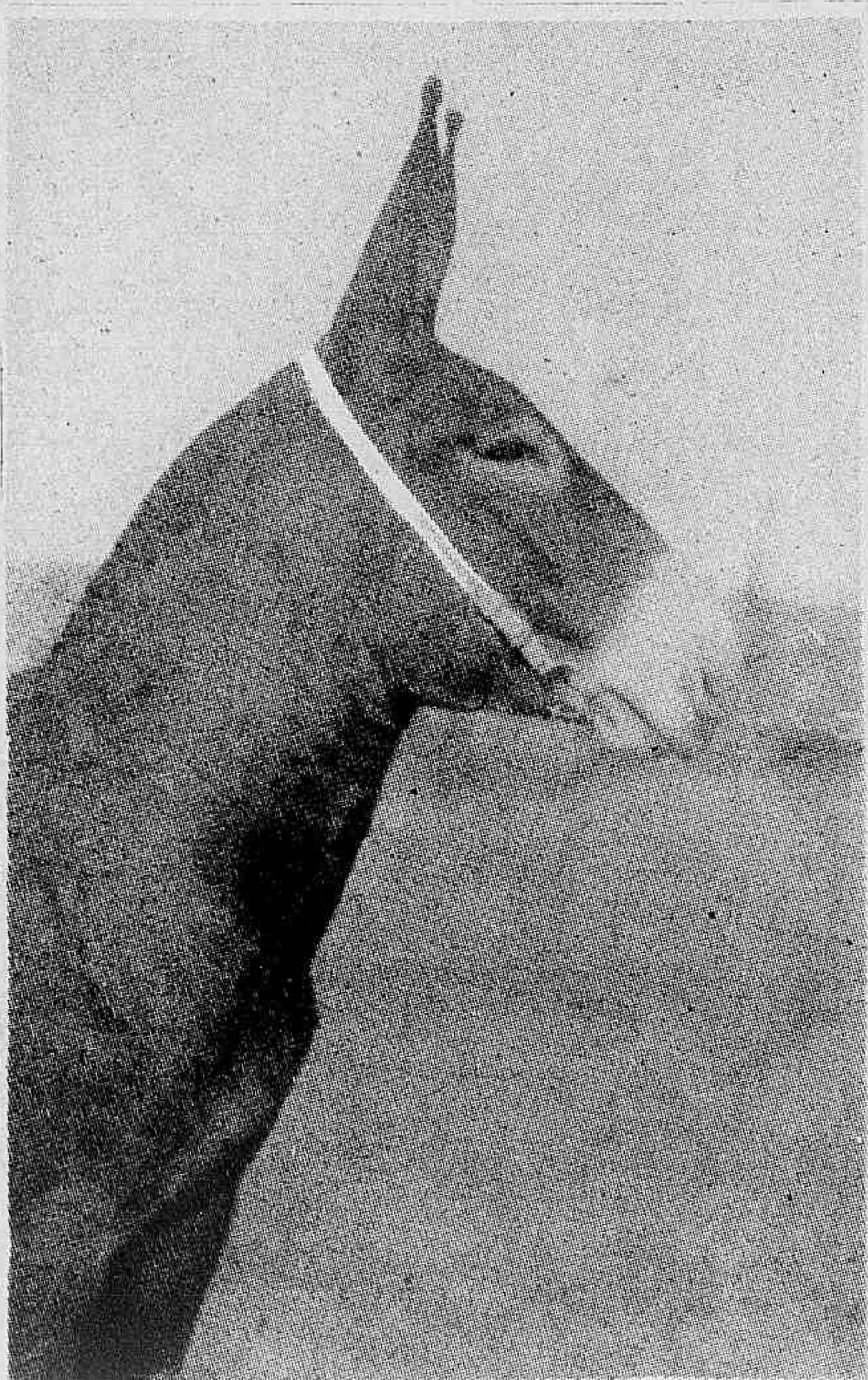
CRIAÇÃO DE MUARES

Por GEORGE H. DACY

DESDE os primeiros dias da civilização o muar sempre foi o principal animal de carga. E' usado como uma besta de carga segura no exército, nas minas, estradas de ferro, para o transporte de carga, nos trabalhos agrícolas, na indústria e no comércio. Tem ajudado a civilização a penetrar os desertos, as selvas e os pântanos. E' um trabalhador paciente e industrioso, que tem resistido sempre aos trabalhos mais penosos que lhe foram destinados.

O mulo não possui fôrça potencial para melhorar ou mesmo procriar sua raça. E' sòmente um animal de tiro, mas nisto ultrapassa tôdas as bestas de carga. O mulo é um híbrido que resulta do cruzamento da espécie cavalar (E cabalus) com a asinina (E. asinus). Um cavalo pode ser cruzado com uma jumenta e o produto se conhece por *Bardot,* o qual é inferior em tamanho e qualidade de tiro ao mulo.

Os muares são superiores aos cavalos porque possuem maior inteligência e paciência, podem resistir melhor ao esfôrço de um trabalho severo, comem menos alimento e podem prosperar com grão inferior e feno que provàvelmente seria recusado pelos cavalos; possuem maior fôrça para resistir às doenças e durante todo o ano podem trabalhar mais que o cavalo comum de trabalho. Geralmente, os muares são menos obstinados e mais fáceis de serem lidados que os cavalos. A crença popular tem falado mal dos muares considerando-os como animais depreciáveis que dão coices e, por isso, tem-se abusado dêles. A maioria classifica o mulo como um animal que exige o manejo de um homem diàriamente, por conseqüência tem-se abusado dêle constantemente. Não é, pois, estranho que tenha perdido a paciência e dado coices no seu atormentador. O dono de uma das maiores estâncias dedicadas à criação de muares, no mundo, e que tem criado milhares de mulas disse ao autor que era muito raro êle encontrar um muar que mostrasse disposição de dar couces. Naturalmente, se principiamos a castigar a mula nova logo que o animal seja suficientemente grande para compreender por si mesmo, é claro que principiará a dar coices depois de ter resistido por muito tempo ao abuso. No entretanto, êsse não é o modo de manejar muares. Se o dono trata os seus muares novos com bondade e doçura e ganha sua confiança, desde o princípio, nunca se aborrecerá com esta classe de híbridos.



Um bom exemplar de macho

Alguma vez ouviu-se falar de um muar que tenha morrido de cólica ou de alguma doença por ter comido demasiadamente? Em grande parte o muar é o seu próprio médico. Come quando tem fome, mas o faz com moderação e devagar, entremeando sua mastigação com um gole de água ou espojando-se sôbre o campo em que está pastando. Nunca engole o alimento nem come com voracidade como faz o cavalo se se apresenta a ocasião oportuna. Quando o muar satisfaz sua fome é impossível forçá-lo a comer mais. Êle sabe quando comeu o suficiente. Aparentemente é imune a muitas doenças e desordens dos cavalos. Isto é certo no caso das doenças das pernas e dos cascos.

O muar é um animal cosmopolita e encontra-se na África, Europa, Américas do Norte e do Sul e Austrália. O muar foi usado como animal de carga mesmo antes da vinda de Cristo; assim nos diz a história e uma grande parte do êxito e progresso da antiga Roma são devidos a êste híbrido.

Uma autoridade disse o seguinte sôbre as mulas: "O melhor tipo de mula deve mostrar excelente conformação geral. O corpo tende a ser mais cilíndrico e menor que o dos cavalos, mas um corpo espaçoso é preferível, embora um fôfo ou frouxo seja mau. Quanto mais a conformação geral do corpo se aproximar à do superior cavalo de tiro,

mais a mula se adaptará às demandas. Nos concursos, os muares preferidos possuem a forma do cavalo em um grau notável. Pernas de superior qualidade são finas e duras; a ossatura muito lisa e densa; os tendões proeminentes e os músculos bem desenvolvidos. Os pés dos muares são menores e mais compridos que os dos cavalos, e o arco do pé é maior. Geralmente o muar é distinguido pelas pernas e pés superiores."

O temperamento da mula é dócil e paciente, ao passo que para bom tiro ela não tem rival entre estabilidade debaixo da coleira e a espécie cavalar. Entretanto os muares devem apresentar um temperamento ativo com bom porte e estilo. E' hábito considerar-se a mula como um animal que só dá coices; isto, porém, não é baseado em fatos, pois as mulas não são piores que os cavalos neste sentido. Os cavalos são mais nervosos e incértos, quanto ao temperamento, que as mulas e também mais sujeitos a assustar-se e, por conseqüência, dispararem. Em côr, as mulas variam de pardo a baio, que são as côres comuns, a diferentes matizes de branco, prêto, alazão, cinzento e amarelo côr de gamo. As mulas têm notável fôrça de resistência à fadiga. Em uma ocasião seis mulas pequenas foram atreladas a uma carroça de carga pesando três toneladas e puxaram-na a uma distância de oitenta quilômetros, em um dia, sem mostrarem fadiga indevida ou maus efeitos, depois desta longa viagem.


Muares pastando na região da Laguna Torreon, Coah, México.


Muares em "Potrero", prontos para serem levados ao mercado.

Em muitas partes dá-se preferência aos mulos e às mulas para as equipagens e como animais de sela. Mulos pesando de 450 a 550 quilos e produtos de éguas mostrando a preponderância de trotar ou de sangue puro são excepcionalmente adaptáveis para êstes fins. Em geral vende-se melhor no mercado a mulo que o mulo porque cresce depressa e engorda mais fàcilmente que o macho. Comumente, os mulos têm uma conformação mais angular e é provável que incomodem o gado que esteja pastando no mesmo campo. Os mulos sempre obtêm mais preço que os cavalos quando se desejam os animais como besta de carga. Sempre há procura de mulos para uso na cidade e para trabalho nas minas, acompamentos de lenhadores, nos campos de cana de açúcar, milho, algodão e fumo, nas fazendas em geral, para trabalhos de estradas de ferro e construção, bem como para uso no exército. Os mulos variam em tamanho e pêso segundo as éguas de que procedem. Os caracteres comuns da família do mulo são a orelha comprida, corpo delgado, cauda com borla na ponta, pés pequenos e delgados. O burro ou mulo não zurra nem rincha, mas emite uns sons particulares, semelhantes ao do jumento. Geralmente os muares que trabalham nas fazendas de cana de açúcar ou de algodão, nos Estados Unidos, têm de 16 a 17½ mãos de altura e entre 500 a 640 quilos de pêso.

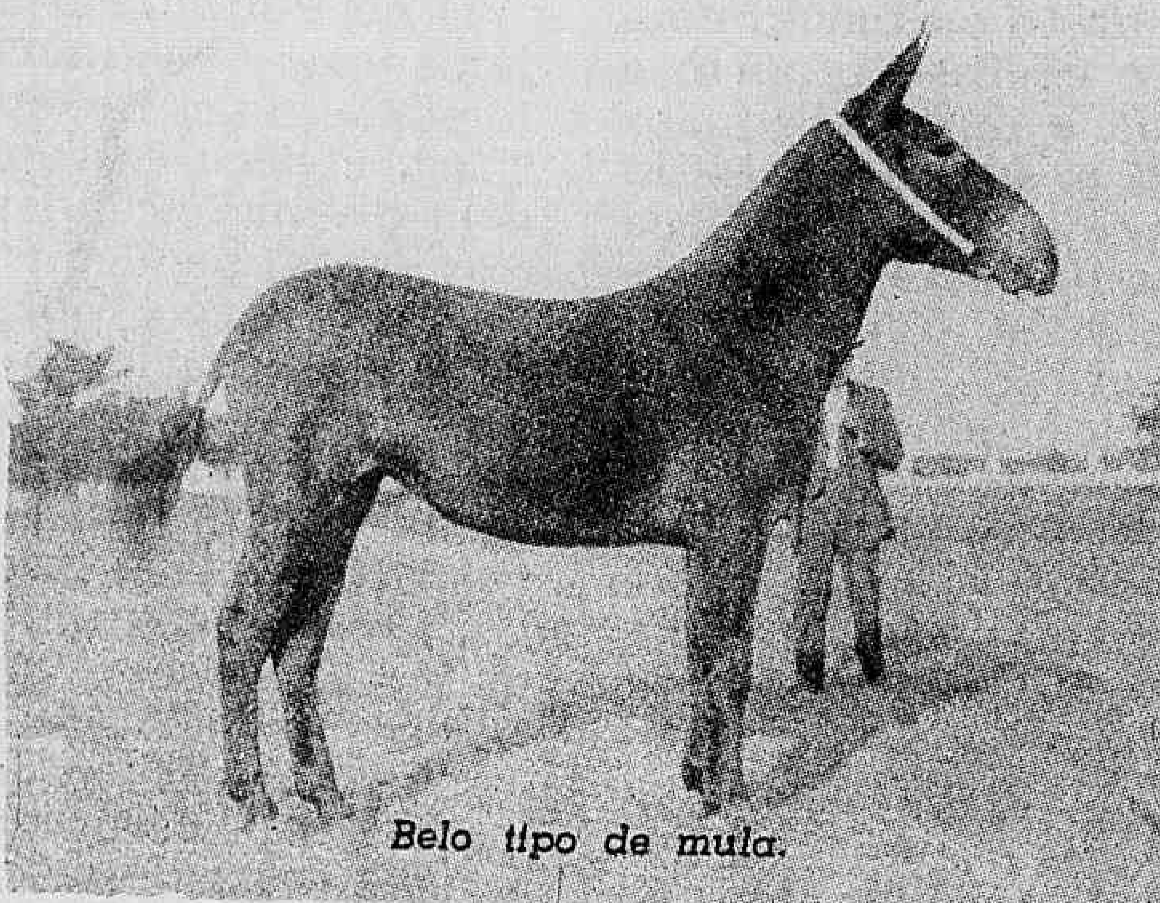
Foram feitas experiências de criação para determinar que classes de égua de criação produzem os melhores mulos e para determinar as despesas de produzir os mulos com diferentes rações e sob diversos métodos de manejo. Êste trabalho de investigação demonstrou que sob condições de uma estação longa de pastos podem ser produzidos bons muares de três anos de idade a um custo relativamente baixo.

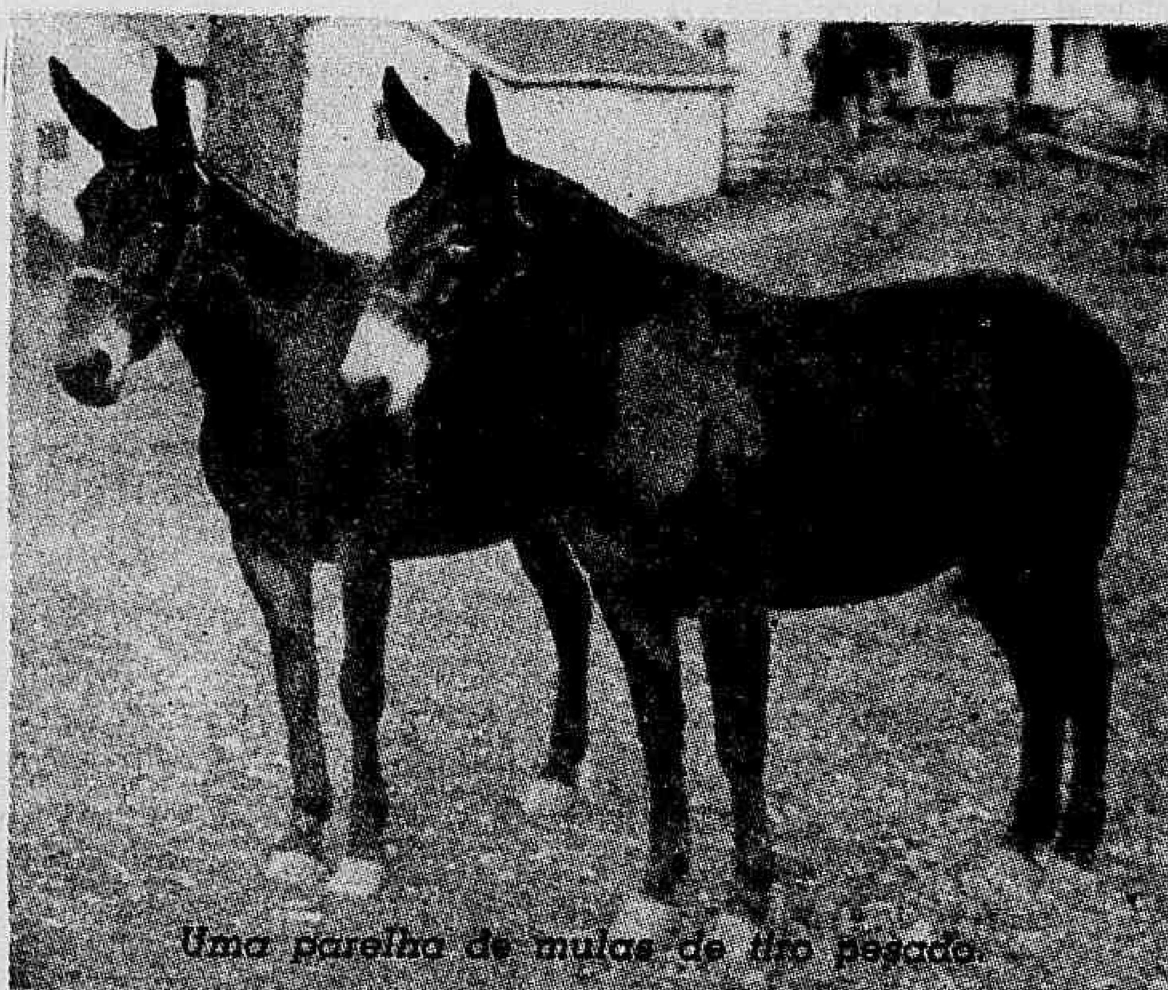
As éguas de raças Percheron, Clydesdale, Shire, Suffolk Punch, Hackney, de raça comum, de raça pura e raça de sela foram cruzadas com jumentos espanhóis e Mammoth de grande tamanho e boa qualidade. As éguas da raça Percheron e Clydesdale produziram uma descendência de muares que obteve os preços mais altos e há uma grande demando dos mesmos no mercado.

Uma égua Clydesdale, de 680 quilos pariu uma cria que pesou 335 quilos à idade de um ano. Uma égua Hackney pesando 590 quilos produziu uma cria que pesou 320 quilos no fim de um ano. Uma égua da raça comum de 570 quilos produziu uma cria que pesou 300 quilos aos dois meses de idade, enquanto que uma égua de raça de puro sangue de 545 quilos produziu uma cria que no cabo de um ano pesou 270 quilos. Êstes são exemplos típicos de

todos os resultados. O jumento espanhol pesa 410 quilos e tem 15 e 3/4 mãos de altura, enquanto o jumento Mammoth tem 16 mãos e pesa 455 quilos.

Em pêso, tamanho, qualidade, disposição e aptidão de fazer trabalhos pesados os mulos Percherons e Clydesdale sobressaem. São mais rápidos e mais ativos para seu tamanho que qualquer dos outros. Os mulos de éguas de pura raça e de raça de sela se adaptam ao trabalho em solos arenosos, pois são inferiores em tamanho, fôrça e resistência aos híbridos procedentes de éguas de grande tiro. Nove muares novos, recém-desmamados, tiveram um ganho por têrmo médio de 1 quilo de pêso vivo por dia com uma ração de 2 1/2 quilos de feno do país, 1 quilo de milho moído e farinha de maçaroca de milho, ½ quilo de farelo de trigo, 1 quilo de aveia e ½ quilo de farinha de caroços de algodão por animal. Esta prova que durou por um período de mais de cinco anos mostrou que os mulos de dois anos de idade podiam passar o inverno em ótimas condições com feno, milho e farinha de caroços de algodão.

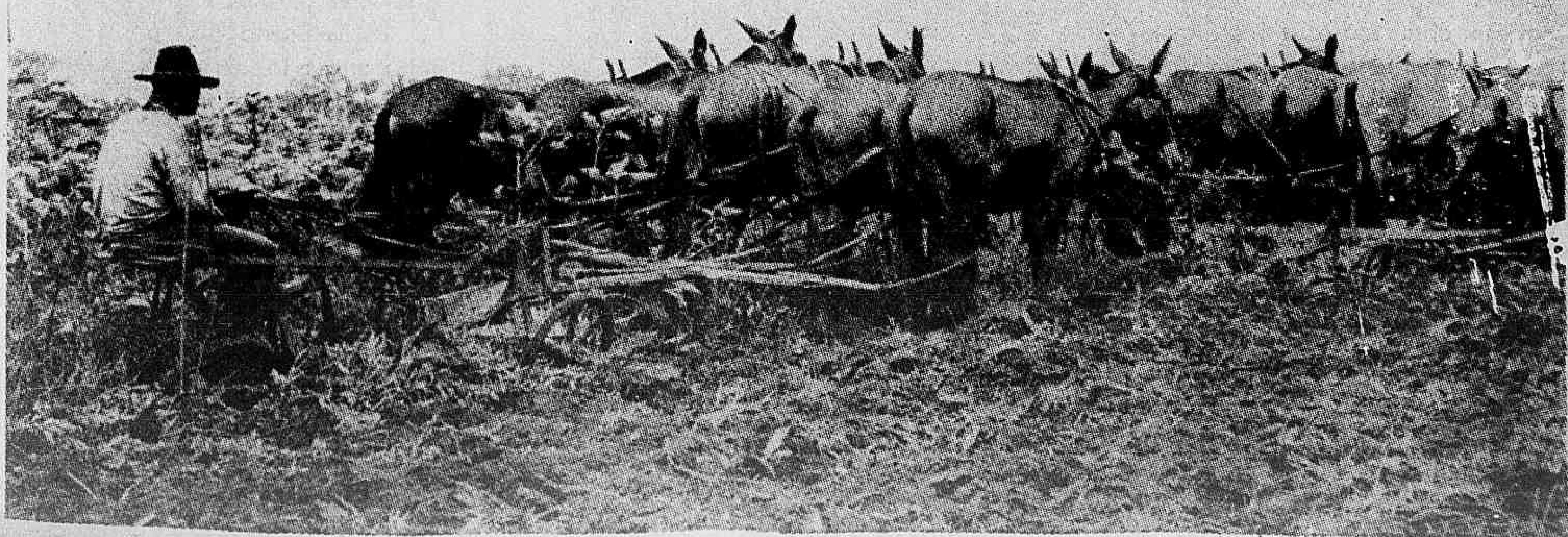

Belo tipo de mula.


Uma parelha de mulas de tiro pesado.

O mulo é um exemplo notável da teoria de que o pai forma o exterior enquanto que a mãe fixa os caracteres internos da produção, pois 99% dos mulos mostram as pernas, os pés, as orelhas e as marcas de côr do jumento, enquanto que levam o corpo e disposição da égua. Do jumento, êle herda a sagacidade, a paciência, a temeridade e a firmeza, enquanto que da égua toma sua velocidade, passo e resistência. Geralmente, um bom jumento adulto em seu primeiro ano de serviço poderá cobrir umas cinqüenta e cinco éguas. As jumentas se acham em condições para o trabalho de criação quando têm três anos de idade. São cruzadas com jumentos para criar mais de sua espécie. O asno selvagem da África e Ásia deu origem a várias famílias domesticadas incluindo as famílias da Andaluzia, de Malta, de Catalunha, de Majorca e de Poitou.

A Andaluza é uma raça antiga do Sul da Espanha. Êstes animais são cinzentos e ocasionalmente prêtos, de quatorze e meia a quinze e meia mãos de altura e possuem um bom pescoço e cabeça com excelente ossatura. O jumento maltez, procedente da Ilha de Malta, é pequeno e de côr preta ou parda, raras vêzes excede de quatorze e meia mãos de altura. Embora a raça mostre muita vida

Arando em terreno argiloso.



e vigor é criticada devido ao demasiado refinamento da ossatura e corpo.

O jumento catalão é procedente do Noroeste de Espanha e é prêto ou pardo com pintas claras. O pêlo é espêsso e curto e tem de quatorze e meia a dezesseis mãos de altura. Êstes animais possuem um estilo extraordinário, beleza e ação. A cabeça mostra um caráter considerável e as orelhas raras vêzes se inclinam. Conquanto a ossatura não seja tão grande como o da Andaluzia ou o de Poitou é muito superior em textura e é livre de carne, de modo que não é prejudicial. O jumento catalão é um tipo forte que se desenvolve muito cedo. Os produtos dêstes jumentos são de excelente qualidade, muito ativos, vendem-se bem e crescem ràpidamente.

O jumento de Majorca se originou na ilha dêsse nome perto da costa da Espanha. Êstes jumentos são do tipo de tiro pesado com ossos grandes e tem quinze e meia mãos de altura ou mais. A cabeça e as orelhas são muito grandes, o burro de Majorca tem as orelhas mais compridas de tôdas as raças de jumentos. O burro da Ilha da Majorca é preguiçoso e lhe falta estilo e ação. Na Espanha conservou-se esta raça pura que se usa principalmente para a produção de muares para a artilharia.

O de Poitou é o mais forte de todos os jumentos, é originário da França. Uma autoridade o descreveu da seguinte maneira: "Tem cabeça extraordinàriamente grande com orelhas grandes e compridas, a bôca e as ventas pequenas, pescoço grosso e curto, peito largo, corpo comprido de bom tamanho, quartos um tanto livres de carne, ante-braço comprido, mas não grosso, joelhos e jarretes grandes, curvilhões tão grandes como os de um cavalo de tiro pesado, ossatura grande, pernas curtas superiores e pés grandes. A côr predominante é a preta com pintas claras enquanto que o cinzento não é elegível para registrar na árvore genealógica de jumentos franceses. O jumento é coberto com pêlo abundante, comprido e sedoso, que adorna as orelhas, pescoço e cabeça. A cauda que é um tanto curta, não tem pêlos, exceto na parte inferior. Em Poitou, êstes jumentos são cruzados com um tipo de égua grande, poderosa, indígena da região, da qual se produzem mulos grandes da classe que alcança mais valor.

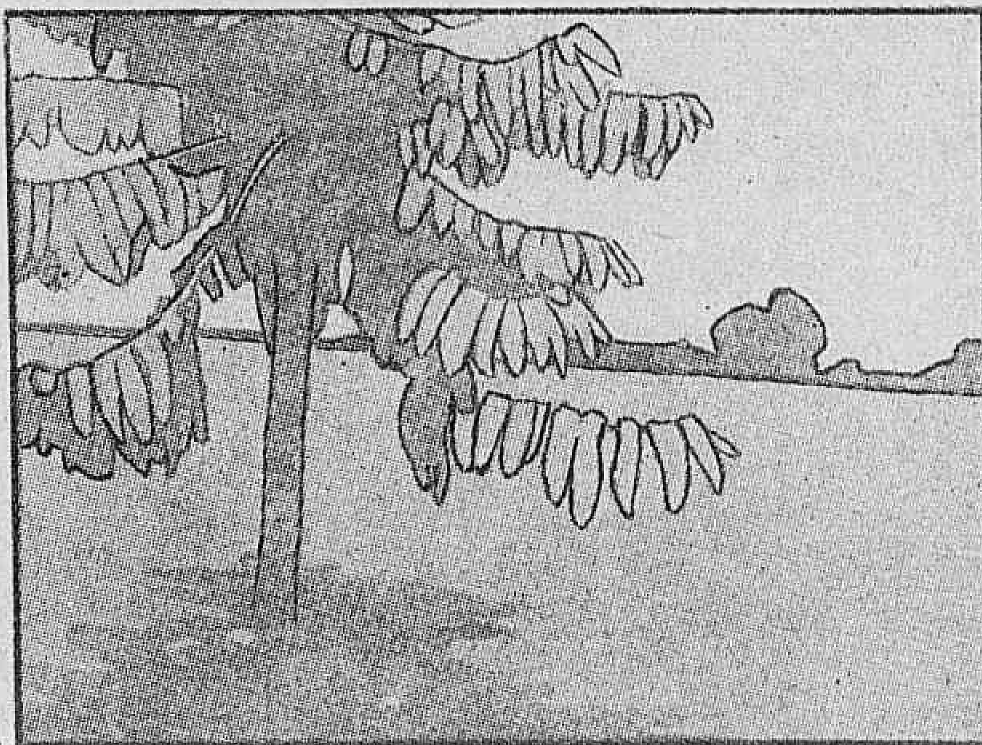
★

AS SEMENTES DA CASTILLOA

ANTIGAMENTE supunha-se que as sementes da *Castilloa*, árvore que fornece a borracha conhecida por "caucho", eram muito sujeitas a perecer, mas tal não é o caso, pois, quando acondicionadas em carvão vegetal podem ser enviadas, com tôda a segurança, para lugares longínquos. Porém, é de grande importância, que a semente seja extraída do seu envólucro vermelho e carnudo, no mesmo dia em que fôr colhida e pròpriamente limpas imediatamente. Efetuaram-se experiências com sementes que passaram por êste processo, as quais foram plantadas dois meses depois de recolhidas, resultando a germinação de 80 por cento daquelas semeadas. E' uma semente muito vigorosa e quando é o produto de árvores que vegetam sob condições favoráveis, pode-se contar com tôda a confiança com uma grande percentagem de plantas. Muitos compradores de sementes fazem questão de que estas sejam de árvores bastante velhas, mas isso não parece ter tanta importância quanto às condições que arcam a vegetação da árvore produtora. Têm-se dado casos onde sementes oriundas de árvores entre 15 e 20 anos de idade, deram muito maus resultados em certas localidades, ao passo que aquelas de árvores com quatro anos de idade mostraram perto de 100 por cento de germinação, e produziram plantas bem vigorosas. As árvores mais antigas vegetaram em terreno mal drenado, próximo de um riacho de pouca correnteza, enquanto que as plantas mais novas vegetaram sob ótimas condições da profundidade do solo e drenagem. Quando a "Castilloa" principia a dar semente não é um sinal de fraqueza como seria o caso com muitas espécies de plantas, mas é um sinal de crescimento vigoroso.

As sementes devem ser plantadas em viveiros sombrios, usando-se terra argilosa. Os esquilos apreciam muito as plantas novas e freqüentemente arrancam os renovos, mas de modo algum mata a planta atacada, porque ela brotará novamente. A transplantação pode ser feita quando as plantas atingem a altura de dez a quinze centímetros.

Tendo-se o cuidado de plantá-las profundamente e chegando a terra bem ao redor das hastes, poucos claros serão notados, pois, qualquer planta que morra aparentemente, na maioria dos casos produzirá um novo brôto das raízes.



A árvore Caucho (Castilloa) que fornece goma elástica parece desenvolver mais ràpidamente entre os dois e quatro anos de idade. As mensurações que se têm feito mensalmente em um grande número de árvores de borracha "Caucho", mostram que estas em médio, se desenvolvem meio centímetro em circunferência, por mês.



Horticultura

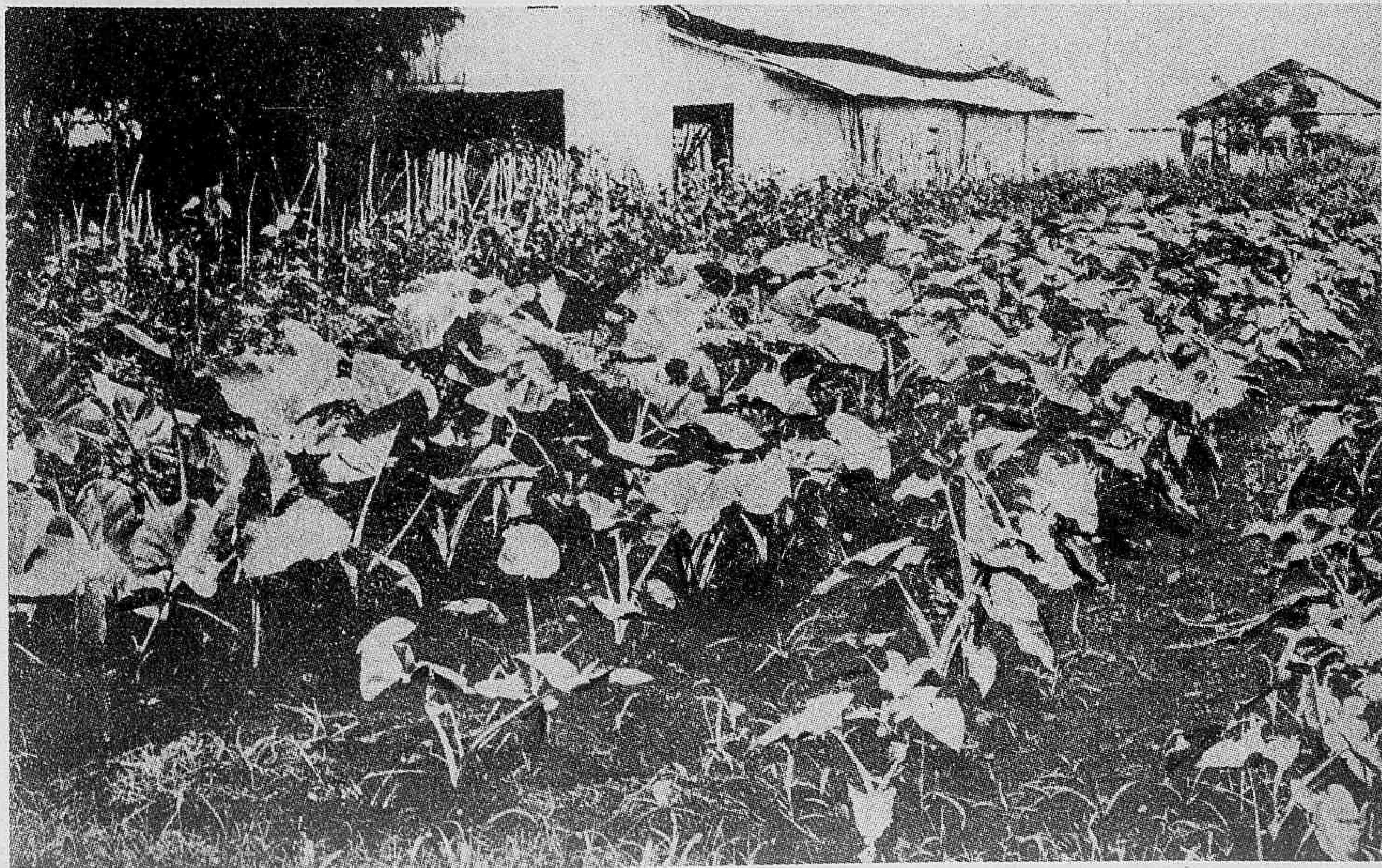
CULTURA DE INHAMES E CARÁS NOS CLIMAS TROPICAIS

VARIEDADES — Inhame e Cará, são têrmos indistintamente aplicados a algumas plantas do gênero Xantosoma e Colocásia. Êstes, juntamente com os *Taros* e *Dasheens*, contêm mais de 70 espécies ou variedades distribuídas em todo o mundo tropical. As duas variedades de mais importância são o Inhame da Crosta Branca e e Amarela.

Preparação do terreno — Os inhames crescem e produzem uma colheita bastante boa em vários terrenos, mas a produção maior obtém-se na terra úmida, contendo *humus*. Estas plantas produzem uma colheita para o uso doméstico em terreno arenoso, sempre que seja suficientemente fértil ou que se adube artificialmente, mas os resultados da semeadura em terrenos extremamente arenosos ou de barro plástico, compacto, serão inferiores ou podem ser um fracasso completo. Terreno de floresta recém-roçado, se tiver umidade suficiente, produzirá colheitas excelentes e uma cultura de inhames em terreno desta natureza é, freqüentemente, um bom método para ocupar tais terrenos durante o primeiro e segundo anos depois do desmonte. Como no caso de outras culturas de hortaliças é conveniente preparar completamente o terreno antes de semear; mas o sistema a seguir difere um pouco, segundo a classe de terreno que se vai plantar e sua condição. Se é terreno recém - desmontado o que se vai usar, será necessário algum tempo antes de semear, marcar as carreiras e abrir as covas onde se vai semear, usando ferramentas apropriadas, tais como picaretas e enxadas. A terra em que se planta deve ficar completamente fôfa, deixando-se as covas abertas por uma semana ou dez dias antes de semear. Ao cabo dêste tempo semea-se, enchem-se as covas com terra do próprio campo, deitando-se a semente de tal maneira que fique de 7 a 10 centímetros da superfície do terreno.

Em terras velhas que podem ser aradas e cultivadas com máquinas, o terreno deve ser primeiramente arado profundamente e depois preparado como para batata in-

Inhames na Estação Experimental Agronômica, Santiago de Las Vegas, Cuba



glêsa ou doce, aplicando-se adubo de curral ou adubo comercial do mesmo modo, onde seja necessário, para assegurar uma colheita boa.

Semeadura — A cultura pode ser propagada por meio de pedaços de raiz, tubérculo ou *rhyzoma*, ou de "filhos" que saem à superfície ao redor da planta. Os tubérculos maiores e de melhor forma devem ser usados para semente. A colheita será melhor se semearem na primavera, em covas de 60 a 90 centímetros, depositando-se as sementes separadas 30 a 45 centímetros, segundo o terreno.

Cuidados culturais — O cuidado cultural posterior deve ser igual ao da batata inglêsa, mantendo o terreno livre de ervas nocivas e gramíneas, com preferência por meio de um cultivador moderno, até que as plantas cresçam o suficiente para dar sombra ao terreno e evitar seu desenvolvimento.

Da colheita e seu transporte ao mercado — A colheita pode ser feita ao cabo de 9 a 10 meses, sendo a maduração indicada pelo amarelecimento das fôlhas. Os tubérculos podem ser arrancados a mão, tirando as plantas para cima e desenterrando com a enxada qualquer tubérculo que fique no solo ou podem ser arrancados com um arado como no caso da batata inglêsa. Então recolhem-se em montões e deixam-se assim por um pequeno espaço de tempo antes de armazená-los em um lugar sêco e bem ventilado. O Inhame branco é o melhor de se conservar e se manterá em bom estado sob condições favoráveis, por um ano. O amarelo em geral, não se conserva por mais de 6 a 8 meses. O rendimento desde logo, varia segundo o cultivo, e terreno, mas em geral varia de 18 a 27 toneladas por hectare e poderia com tôda probabilidade ser consideràvelmente aumentado por meio de seleção da semente e melhores métodos de cultura.

Insetos e doenças — Provàvelmente há poucos, sendo raras as culturas menos sujeitas a ataques e pragas de alguma classe. Os sucos das fôlhas e talos parecem ser desagradáveis aos insetos, porque geralmente, não são atacadas, circunstância feliz para uma planta comestível tão importante para os habitantes dos países tropicais. Além disse, é notàvelmente resistente às vicissitudes do tempo, e freqüentemente produz bom rendimento sob as condições mais adversas, tais como água estagnada, a qual apodrece os tubérculos, uma prolongada sêca, que reduz o rendimento em proporção à sua duração. Entre as doenças identificadas, geralmente se encontram podridão da raiz, um *mildiu* dos tubérculos e diferentes ferrugens na fôlha, produzidas pela ação de fungos. O remédio, na maioria dos casos, é a destruição das plantas doentes e evitar semear inhames com demasiada freqüência no mesmo terreno.

A CULTURA DE CARÁS

Variedades — Há muitas variedades de carás que se cultivam nas regiões tropicais em todo o mundo. A maioria destas produzidas para alimento, são espécies cultivadas ou variedades pertencentes ao gênero *Dioscorea* e *Rajania*. Alguns dêstes carás crescem silvestres nas florestas de algumas das ilhas das Antilhas onde são procurados, e usados como alimento pelos indígenas. As espécies mais comumente cultivadas são os carás brancos e amarelos, pertencentes à família *Dioscorea* enquanto que o cará do ar pertence à *Rajania*.

Preparação do terreno — A terra que se vai utilizar para cultivar os carás deve ser de natureza pulverizável, com muito *humus* e boa drenagem. A preparação inicial do terreno não difere da das batatas inglêsa e doce e outras culturas de tubérculos, com a exceção de que o terreno deve ser arado em maior profundidade. Quando o trabalho preliminar foi feito satisfatòriamente e o terreno reduzido a um bom estado de cultivo, abrem-se sulcos profundos ou regos de 45 centímetros de profundidade e 60 centimetros de largura, deita-se uma camada de ervas, adubo de curral bem decomposto ou estêrco, no fundo; depois uma capada de terra e outra camada de matéria orgânica e terra, até encher o rêgo. Se o terreno é pobre ou se desejamos obter um produto extra-bom, também podemos adicionar adubo comercial na proporção de meio quilo para cada um ou dois metros de rêgo, ou de 1/4 de quilo a 1/2 quilo em cada montão, alguns dias antes da semeadura, e mistura-se bem com a terra. Depois devemos passar o arado ao longo de cada lado do rêgo ou sulco, reunindo-se dois sulcos para formar um *camalhão*. Se necessitamos de uma àrea considerável, os *camalhões* podem ficar a 120 a 240 centímetros uns dos outros e as plantas colocadas a 60 a 120 centímetros umas das outras, no sulco. Se preferimos, podemos fazer o trabalho *a mão*, abrindo covas de 120 a 240 cada lado e adubando na forma descrita acima; mas se a área é grande, o método anterior é preferível.

Semeadura — A semeadura pode ser feita durante todo o ano. A cultura se propaga por pequenos tubérculos e pedaços de tubérculos. Quando os tubérculos estão prontos para a colheita, são arrancados cuidadosamente e cortados da planta, deixando-se um pedacinho da parte anterior de tubérculo aderindo ao talo; êste tornamos a plantar, sem perturbar a planta e aproximadamente aos três meses nasce outro tubérculo, o qual pode ser cortado



Um campo de carás, Estação Experimental de Santiago de Las Vegas, Cuba

em pedaços com 1 ou 2 *grelos*, para semente. Semeam-se as sementes a 15 centímetros de profundidade e a 90 centímetros uma da outra no *camalhão.*

Cuidados culturais — Logo que apareça a planta devemos formar latadas para que suba. O terreno entre os *camalhões* deve ser consarvado livre de ervas nocivas; êste trabalho é feito melhor com um cultivador pequeno, sempre que fôr possível. Os *camalhões* também necessitam ocasionalmente de amparo, porque são desmanchados pelas fortes chuvas. Êste trabalho se faz melhor e mais econômicamente com o arado.

Da colheita e seu transporte ao mercado — E' colhido e remetido ao mercado, para consumo, de uma maneira muito parecida com a de outras culturas de tubérculos. A colheita pode ser feita ao cabo de 10 a 12 meses e o rendimento usual é de 12 a 14 toneladas por hectare.

Insetos e doenças — Entre as piores pragas se encontram distintas manchas da fôlha que causam grande estrago à folhagem; também as *bibijaguas*, se não forem combatidas no começo.

O MISTÉRIO DA NOVILHA

Há tempos, um criador contou-nos um caso, ocorrido em sua fazenda, e que poderá ser muito instrutivo para outros criadores.

Observou o referido fazendeiro que uma novilha de um ano começou a refugar os alimentos. O que pareceu mais estranho era a maneira com que o animal sacudia a cabeça e babava constantemente. Mais tarde, a novilha deixou, também, de beber água, a não ser quando era obrigada a fazê-lo. Em conseqüência disso, ficou tão fraca que mal conseguia se sustentar nas patas e se transformou num verdadeiro esqueleto ambulante. Não apresentava, contudo, qualquer sinal de ferida ou infecção.

Finalmente, porém, foi descoberta a solução do mistério. Tratava-se de uma enfermidade denominada" língua de madeira", ou "actino bacilosis" pelos veterinários. A origem da moléstia era constituída de ferimentos na bôca do animal, produzidos por espinhos misturados com o capim que comia. Os ferimentos infeccionaram e a infecção assumiu caráter grave, concorrendo, para isso, o enfraquecimento geral do animal provocado pela falta de alimentos. A novilha foi curada com a aplicação de penicilina. Se seu estado fôsse menos grave, o iodo poderia ser aplicado com êxito.

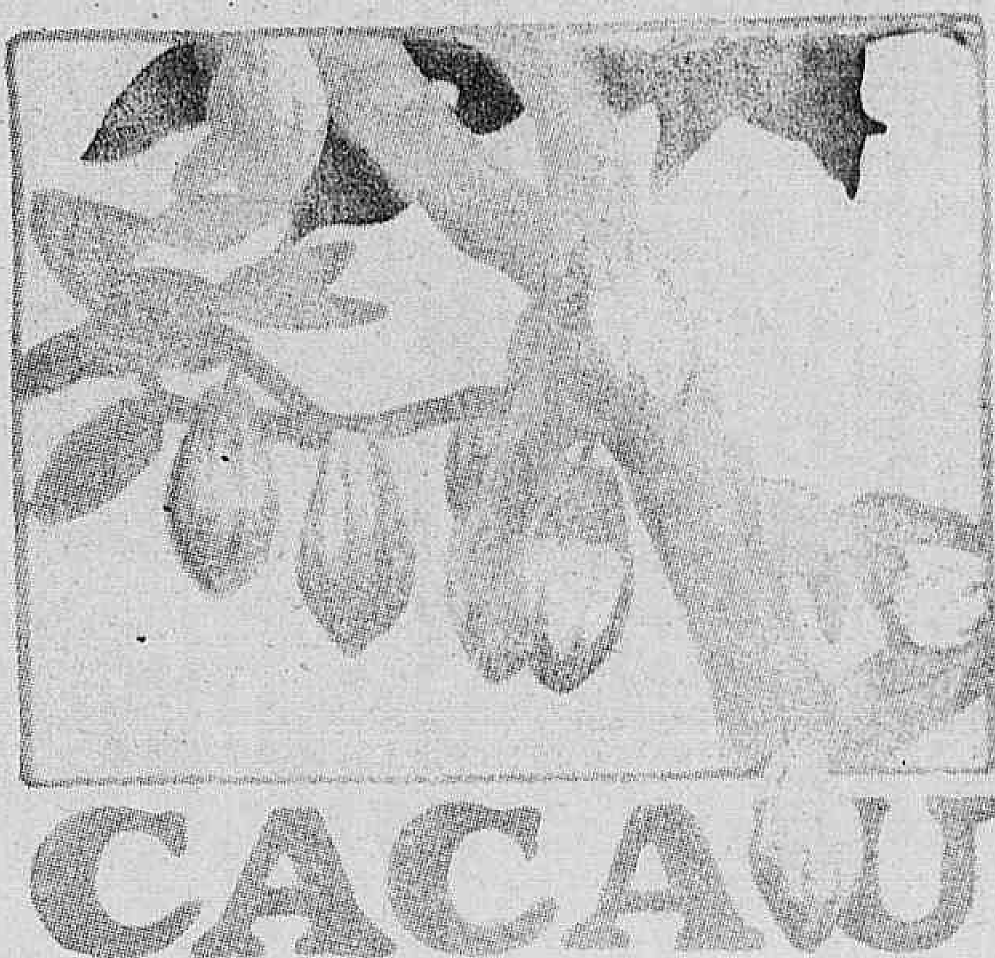
Quando as vacas começam a enjeitar o alimento devemos logo examinar-lhes a bôca. A "língua de madeira" não é a única infecção de que podem ser vítimas. A origem da enfermidade também pode estar nos maus dentes, tétano e envenenamento, que afetam os músculos da garganta. Em qualquer caso, urgem providências imediatas.

★

Segundo a Universidade de Maryland, as vacas que têm mais apetite são as melhores leiteiras.

Para que as vacas tenham o descanso necessário, empregue cinco libras de palha para cada vaca, diàriamente.

O sal faz engordar, porque facilita a retenção dos líquidos pelo organismo.



ASSIM como há certas condições favoráveis do solo, também existem certas condições climatéricas que favorecem melhor a vegetação do cacaueiro. Quando tais condições não se acham presentes naturalmente, precisam ser supridas por algum processo artificial; em caso contrário, melhores resultados não podem ser obtidos. Os seguintes pontos são importantes: temperatura, precipitação de chuvas, umidade e ventos. O cacaueiro prefere os vales úmidos e abrigados dos ventos, com a temperatura diurna entre 26 e 38 graus Centígrados, e uma temperatura noturna entre 18 e 24 graus. Freqüentemente encontram-se cacaueiros nas montanhas onde a temperatura é muito mais baixa do que esta, mas é bem sabido que quanto mais baixas forem as altitudes e mais alta a temperatura mais favoráveis serão as condições para estas plantas. A quantidade de chuva necessária depende da distribuição, da condição física do solo e dos métodos culturais. Em terreno plano com solo friável no qual a ação capilária é mantida por capa protetora ou cultivação (5 centímetros por mês talvez seja o suficiente) ao passo que em ladeiras íngremes sem amanhos, as plantas podem sofrer pela sêca com o dôbro ou triplo daquela quantidade.

Na maioria dos países que se dedicam à cultura do cacau a precipitação da chuva é entre 1 metro e 50 a metros e 50 por ano, mas geralmente há um período de sêca com 2 centímetros por mês (ou menos) em cuja época as plantas sofrem, a menos que o lavrador cultive o solo ou forme uma capa protetora.

A umidade é, ou pode deixar de ser, um fator importante. Não é tanto que o cacaueiro necessite uma atmosfera úmida, mas sob as condições naturais mais favoráveis à sua vegetação o ar é úmido comparado com as posições mais expostas. A umidade em um cacaual geralmente depende da quantidade de proteção que há contra o vento e também notar-se-á que o progresso geral da plantação também depende dêste fator. Em um cacaual onde o solo é sombrio e onde as plantas são protegidas do vento, evaporação e transpiração não ocorrem tão ràpidamente como onde o ar está constantemente em movimento; por esta razão a umidade do solo não é desalojada tão ràpidamente e as plantas poderão continuar a vegetar onde aquelas sem proteção sofreriam. Onde se pode recorrer à irrigação, o cacaueiro produzirá bom rendimento mesmo quando o ambiente é sêco, desde que o cacaual esteja convenientemente protegido do vento.

★

ESCASSEZ DE CARNE

Em vista da crescente e aguda escassez do gado vacum, os criadores estão procurando novos meios para aumentar a produção total de carne e de novos sucedâneos para a carne de vaca, antes tão abundante.

Em casa, servimos cada dia menos carne de vaca nas refeições. Tôda a carne que produzimos, somos forçados a vender para obter o elevado preço que está sendo pago pelo artigo. Em conseqüência disso, a carne que mais comemos é a de galinha.

A procura de frangos, gordos e saudáveis, aumenta continuamente. Novos métodos, para aumentar o número de aves, com menos despesas e menores perdas, estão sendo introduzidos nas fazendas da América Latina. Recentemente, numa granja destinada, exclusivamente, à criação de galinhas, procurando meios para proteger a criação de pintos, o proprietário instalou um sistema que constitui uma novidade completa e permite que os pintos e galinhas fiquem bem protegidos e seja reduzida a quantidade de calor que, antes, se necessitava para todo o galinheiro.

Consiste o novo sistema na utilização de lâmpadas de infra-vermelho. Essas lâmpadas, colocadas a cêrca de 51 centímetros do chão, são reguladas por termostatos, que mantém a temperatura constante e reduzem ao mínimo o consumo de energia. Dêsse modo, a única zona que deve ter calefação é a compreendida entre a lâmpada e as aves.

O resultado foi plenamente satisfatório e, outros fazendeiros da região estão empregando as lâmpadas de infra-vermelho na criação de porcos, ovelhas e bezerros, também com pleno êxito. O novo sistema de calefação reduziu, consideràvelmente, as despesas da granja.

★

Também as galinhas sofrem do coração, do mesmo modo que o homem.

Para se obter bom rendimento com o gado, deve-se alimentá-lo com substâncias ricas em proteína, no comêço do período da alimentação.

NÃO VIRE A PÁGINA!!!

UM LIVRO PODE RESOLVER O SEU PROBLEMA.

DESAFIAMOS QUE NÃO ENCONTRE 3 LIVROS DE INTERESSE.

- Sensualidade — 132 — 20,00
- Fórmulas para Ganhar Dinheiro — 153 - 15,00
- Guia Íntimo da Sexualidade — O ato sexual, detalhes — Nº 5 — 15,00
- Natação sem Mestre — 135 — 15,00
- Como evitar a solidão amorosa — Como conquistar e arrumar namorada — Nº 18 — 15,00
- O que todos os homens devem sabêr para conquistar as mulheres — Nº 124 — 20,00
- Como se fazer amar — Nº 23 — 15,00
- O que toda a mulher deve saber para conquistar os homens — Nº 136 — 20,00
- Vença a timidez sexual — 145 — 20,00
- Táticas de Xadrez — Nº 123 — 15,00
- Manoel Macêdo — Correspondência Amorosa — Frases escolhidas — Nº 21 — 15,00
- Técnica e Prática Sexual — Havil — Nº 2 — 20,00
- Métodos científicos e modernos para limitar os filhos — 87 - 20,00
- A felicidade sexual no casamento — Nº 3 — 15,00
- A arte e a técnica do beijo — Nº 93 — 15,00
- Costumes sexuais estranhos — Nº 4 — 15,00
- Manoel Macêdo — Cartas de Amôr — Nº 20 — 15,00
- A conquista amorosa pela aplicação da psicologia sexual — Nº 92 — 15,00
- Regras de etiqueta social — 149 — 15,00
- Dicionário moderno de sexo e amôr — científico - curioso - diferente — Nº 7-15,00
- A cozinha nortista — Nº 86 — 10,00
- Nº 85 — 15,00
- Os encantos da mulher núa — Nº 148 - 15,00
- O nú através da arte — Nº 1 — 20,00
- Anormalidades sexuais — Nº 95 — 20.00
- Discursos para todas as ocasiões — Nº 122 — 15.00
- Estudos sôbre o Amor e o Sexo — Nº 91 — 15,00
- Trovas e modinhas populares — 154 — 15,00
- Psicosexualidade — Nº 126 — 20.00
- Elimine o seu complexo de inferioridade — Nº 139 — 20,00
- Espumas flutuantes — Castro Alves — Nº 46 - 10,00
- Poesias — Hinos do Equador — Nº 60 — 10,00
- L. Victória — Certo ou errado? — Tira-dúvidas de português — Nº 69 — 15,00
- Erros de português e suas correções — Nº 26 — 15,00
- Luiz A. P. Victória — Fala e escreve corretamente a tua língua — Crase, pontuação, acentuação, concordância, barbarismos etc. etc. — Nº 27 — 15,00
- Modêlos de cartas para todos os fins — Nº 90 — 15,00
- Yes Sir! Inglês sem Mestre — Nº 32 — 12,00
- Hipnotismo prático — Nº 15 — 15,00
- Fatos curiosos e inacreditáveis — 151 — 15,00
- Dicionário da mitologia — Luiz Victória — Aplicação ao charadismo — Nº 9 — 15,00
- Cock-tail de palavras cruzadas — 157 — 10,00
- Dicionário de provérbios — Nº 88 — 15,00
- Test para os seus conhecimentos — Luiz Victória — Nº 34 — 15,00
- O livro das mágicas — Nº 68 — 10,00
- Quiro — Como ler as mãos — Conheça o futuro — Nº 14 — 15,00
- Como interpretar os sonhos — Nº 12 — 10,00
- Enciclopédia industrial ocultista — Nº 10 — 15,00
- Como tirar a sorte — Cartas, dados, bola de cristal — Nº 39 — 15,00
- As chaves ocultas do poder — Nº 11 — 15,00
- Manual do motorista — Mecânica - Tráfego — Nº 36 — 15,00
- Enguiços do automóvel — 138 - 15,00
- Os sonhos... o riso e as mulheres — 152 - 10,00
- Hábitos sexuais do homem — Nº 127 — 20.00
- Método de datilografia sem mestre — prático, rápido — Nº 96 — 15,00
- Que é você? Mais para homem ou para mulher? Teste de masculinidade e feminilidade — 164 - 15,00
- Habilidades e proezas da juventude — Jiu-jitsu, laço cow-boy, acrobacias, amestrar cães — Nº 137 — 15.00
- Conselhos aos pais sôbre a educação sexual dos filhos — Dr. Arthur Rankel — 166 - 20,00
- O banho — Emile Zola — O beijo e outros contos — 65 — 15,00

NO RIO - Procure em nossos balcões — Av. Rio Branco, 25 e Rua México, 128- Sobreloja

NO INTERIOR — NADA ADIANTADO. PEÇA PELO REEMBOLSO POSTAL.

EDITORA GERTUM CARNEIRO

Av. Rio Branco, 25 - Dep. 18-B - Rio
(Não temos catálogo)
Peço enviar pelo REEMBOLSO POSTAL os livros cujos números indico abaixo:

... ...

BASTA INDICAR O NÚMERO
(Não mande dinheiro, ou selos, nada adiantado)
Nos pedidos abaixo de CR$100,00 há aumento de 10%

NOME ....
RUA ....
LOCALIDADE ....
ESTADO ....

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"A idéia é um milagre que vem de Deus; a palavra, a sua revelação. O estilo reflete o que a alma de cada um é."

JOSÉ AGUIRRE

"O espírito da Gramática no Estilo"

Devemos a José Aguirre mais um trabalho de real valia, a respeito de gramática e de estilo. Soube o antigo mestre, com habilidade, evidenciar o valor da gramática não como simples amontoado de regras e de fórmulas, mas como elemento imprescindível à perfeição do estilo e à clareza da linguagem.

"Leio, no semblante fácil ao sorriso de alguns dentre vós", disse Aguirre, "uma insinuação incrédula de dúvida por êste acôrdo a que nos propusemos entre Gramáticos e Estilistas."

Depois de evidenciar a discordância, por vêzes profunda, entre êstes e aquêles, explica:

"O êrro principalíssimo, entre nós, está em transformar questões em questiúnculas. Em vez de se discutirem coisas somenos e primárias de ortografia, devem-se discutir normas de expressão caras ao ideal da língua, que consiste na sua pontualidade, na sua vida, na sua função social, pois só a expressão da linguagem reflete o material da vida na satisfação afetiva da paixão, do egoísmo, do altruísmo, do interêsse, que se resume, no que João Ribeiro diz, no folclore. A linguagem, o direito, a moral, a religião, a literatura ou arte são fenômenos de coexistência, de inspiração e limitação recíprocas entre os homens".

E esta observação magistral:

"No Brasil, principalmente, não se cuida muito dessa estrutura. Entre a forma e o pensamento, dá-se mais relêvo à forma. O culto da língua não está na arrumação ortográfica das letras de acôrdo com sistemas perecíveis, mas na arrumação harmônica das idéias, numa maneira nobre de dizer. O melhor pensamento dentro da melhor expressão, eis o objetivo honesto da Gramática e do Estilo."

Vai no conceito acima lição a quantos fazem das aulas de português antes um curso de gramática do que um curso de linguagem, torturando a mente de jovens alunos, cuja evolução, neste século XX, não mais se conforma com a clausura do pensamento dentro de regrinhas obsoletas ou sem aplicação imediata, mas que tem ânsia de dizer o que lhe vai no cérebro revolucionado por idéias novas e adiantadas, numa precocidade capaz de opor-se a tôdas as tentativas de persistência nos velhos moldes de ensino.

Mas voltemos à conferência de José Aguirre, ainda não publicada:

"A idéia é um milagre que vem de Deus; a palavra, a sua revelação. O estilo reflete o que a alma de cada um é. Aqui a beleza, a claridade interior ou os claros-escuros de seus recessos; ali a doçura sutil que deflui do coração ou a veemência bárbara que é uma escorrência ígnea do seu caráter; acolá a pureza que não é uma intenção mas uma realidade da alma sadia ou resíduos anônimos que dimanam do semi-destruído sentimento de humanidade rude nas façanhas, cruel nos propósitos, finalmente desgraçado na sua obra."

"A alma humana que se escoa em cristais de idéias revela-se pela palavra, oral ou escrita. A arte é portadora de uma sedução irresistível de que o poeta ou escritor, ou artista se faz intérprete. Arte aqui quer dizer estilo; e o estilo vive a vida da sociedade, do espaço, da época, do século, da Escola que a ditou, depois do que se mobiliza, inerte no arquivo dos modelos."

Aí ficam algumas pérolas do precioso colar de idéias, com que brindou seleta assistência o professor José Aguirre, em momentos agradabilíssimos do mês de agôsto findo. O nosso egoísmo não vai a ponto de negá-las aos leitores, através destas colunas, que pertencem menos ao signatário do que àqueles em que, mais sabedores e experimentados, buscam conhecimentos novos e mais profundos com o que não só se aperfeiçoa mas também se torna mais útil a quantos freqüentam uma seção que, sendo de gramática, jamais deixou de pugnar por métodos em que idéia e forma se completem, no sentido de não se sujeitar o pensamento à linguagem, mas no de subordinar a linguagem ao pensamento, para que êste se transmita fielmente, na complexidade de sua formação interior.

JOSÉ RICARDO NETO

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

Memento de Eu Sei Tudo

OS FATOS OCORRIDOS EM JULHO DE 1952

1 — TÊRÇA-FEIRA: — No Parlamento britânico são travados animados debates acêrca da questão coreana, tendo a discussão versado, prinsipalmente, no tremendo bombardeio aéreo das centrais elétricas comunistas do rio Yalu. — Os oposicionistas declaram que o ataque foi efetuado no momento menos oportuno. — Após os debates é rejeitada por 300 votos contra 270 a moção trabalhista de censura ao govêrno conservador. — Um tribunal Especial de Apelação decide mandar libertar, provisòriamente, o Deputado Jacques Duclos. O líder comunista francês deixa a prisão de Santé imediatamente após a resolução do citado Tribunal. — Rejeitada pelo Conselho de Segurança a proposta da Rússia no sentido de ser permitida a presença de representantes da China Comunista e da Coréia do Norte nos debates sôbre emprêgo de armas bacteriológicas na Coréia. — O Chanceler Schuman faz declarações acêrca da conferência entre paises participantes do plano que tem o seu nome e que tem como fim a constituição de uma autarquia política européia. — O Sr. Serry Pashá desiste de organizar o novo Gabinete egipcio. — O Rei Farouk encarrega dessa missão o Sr. Barakat Pashá. — Tôdas as tropas do exército são colocadas de prontidão. — O Sr. Presidente da República assina decreto reservando à União áreas petrolíferas na região do Paraná e São Paulo.

2 — QUARTA-FEIRA: — A delegação sinocoreana pede o adiamento da reunião dos representantes que discutem as condições de armistício. — Cêrca de 4 milhões de prisioneiros feitos na Europa e no Extremo Oriente, ainda se encontram em poder da Rússia. — O Sr. Sirry Pashá organiza o gabinete egipcio, assumindo cumulativamento com o de Primeiro Ministro os cargos de Ministro do Exterior, Guerra e Marinha. — Um jornal de Nova York ventila a possibilidade de Truman decidir-se a apresentar sua candidatura. — Noticia-se que o Sr. Stevenson, Governador de Illinois, é o candidato favorito dos democratas. — O Chanceler do Erário, Sr. Butler, declara que as reservas de ouro e de dólares da Grã-Bretanha diminuíram em 15 milhões de dólares no segundo trimestre do corrente ano. — Diversos membros da Câmara dos Comuns apóiam o nome do Presidente Aleman, do México, para receber o Prêmio Nobel da Paz. — Uma Comissão Especial da Câmara norte-americana acusa a Rússia de ter massacrado 15 mil poloneses durante a guerra. — Designados para representar o Senado na KLI Conferência Interparlamentar, em Berna, os Srs. Ismar de Góis, Hamilton Nogueira e Domingos Velasco.

3 — QUINTA-FEIRA: — O Presidente Truman declara que não tem absolutamente a intenção de pleitear a candidatura à Presidência da República, mesmo que essa lhe seja oferecida pela Convenção de Chicago. — Num relatório sôbre as Nações Unidas, que apresentou ao Congresso, o Presidente Truman, afirmando que os Estados Unidos devem continuar a dar seu apoio a essa organização, declara: "Foi graças às Nações Unidas que a consciência internacional pôde desmascarar e combater as tentativas do Kremlin de impor a lei da fôrça aos países pacíficos. Essa ação reforçou a liberdade. Deu coragem aos medrosos que teriam podido ceder à fôrça do comunismo. Graças a ela, os que poderiam ter

O pêlo nas pernas, braços e axilas comprometem a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo

Racé

Racé

Laboratórios Vindobona do Brasil Ltda.

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

E.S.T. — R-4

sido induzidos em erros pela propaganda comunista puderam conhecer a verdade. Resulta disso que os princípios da justiça internacional, assim como os da liberdade e do respeito mútuo, tem ainda um domínio muito maior sôbre o pensamento dos homens do que as falsas doutrinas do comunismo". — A União Soviética recorre na O.N.U. ao seu quinquagésimo veto para impedir a aprovação do pedido norte-americano de que se investiguem as acusações comunistas de que as tropas norte-americanas na Coréia fazem guerra microbiana. Os Estados Unidos apresentam imediatamente outra moção, para condenar a atitude soviética e o delegado russo, Jacob Malik, replica com a ameaça de novo veto. — A Assembléia sul-coreana resolve adiar a votação crucial sôbre a emenda à Constituição pedida pelo Presidente Synghman Rhee. Sabe-se que, em vista da abstenção dos deputados da oposição, o "quorum" requerido não está sendo atingido. — O Presidente do Conselho de Ministros, Antoine Pinay, pede à Assembléia francesa um voto de confiança decisivo sôbre a adoção do projeto de lei do govêrno relativo à escala oscilante de salários, com o movimento regido pelo aumento especificado do custo de vida. — Chega ao Rio de Janeiro o Sr. Dean Acheson, Secretário de Estado dos Estados Unidos da América do Norte, que recebe várias homenagens, destacando-se o banquete que lhe foi oferecido pelo Sr. Ministro das Relações Exteriores no Palácio Itamarati, durante o qual proferiu importante discurso. O ilustre visitante concedeu, também, uma entrevista coletiva à imprensa.

4 — SEXTA-FEIRA: — A aviação norte-americana bombardeia, pela quinta vez, as usinas hidrelétricas da Coréia. — O Brigadeiro Nero Moura, Ministro brasileiro da Aeronáutica e presidente da delegação brasileira às festas comemorativas dos feitos de Santos Dumont, procede ao terminar um almôço que ofereceu às autoridades francesas, à entrega de várias condecorações. — A plataforma com que o Partido Republicano concorrerá às eleições presidenciais e parlamentares é um violento libelo contra as supostas torpezas democratas na política nacional e internacional. — A Assembléia Nacional sul-coreana aprova, por 166 votos e 3 abstenções, sem qualquer voto contrário, um compromisso elaborado pela comissão de nove membros encarregada de indicar as reformas a introduzir na Constituição da Coréia do Sul. — O Sr. Dean Acheson, Secretário de Estado americano, visita o Senado, sendo saudado pelo Sr. Bernardes Filho. S. Excia. respondeu agradecendo. Ambos os oradores foram vivamente aplaudidos. — O Sr. Dean Acheson, Secretário de Estado norte-americano, é recebido na Câmara, em sessão especial, sendo saudado pelo Sr. Gustavo Capanema. — Procede-se à eleição dos novos Presidente e Vice-Presidente do Superior Tribunal Militar, tendo sido eleitos para êsses cargos, respectivamente, os Srs. Ministros Generais Mário Ari Pires e Francisco Gil Castelo Branco. — O Sr. Prefeito do Distrito Federal sanciona a lei da Câmara Municipal que estende a todos os funcionários aposentados jubilados a lei n. 156, de 23 de Outubro de 1948.

5 — SÁBADO: — Indicados como candidatos pelo Partido Progressista norte-americano, nas próximas eleições presidenciais, o Sr. Vincent Hallinan e a Sra. Carlotta Bass. — Após a inauguração do monumento a Santos Dumont, o Sr. Ministro da Aeronáutica do Brasil, Brigadeiro Nero Moura, segue para Pistóia, a bordo de um avião militar francês, a fim de visitar as tumbas dos soldados brasileiros mortos na Segunda Guerra Mundial. — A agência AGER anuncia que a Sra. Ana Pauker foi demitida das suas funções de Ministro do Exterior da Rumania, sendo substituida pelo Sr. Buchici Simion, embaixador do mesmo país em Moscou. Buchici Simion deixa a capital soviética com destino a Bucarest. Ana Pauker, como se sabe, era considerada a mais ferrenha estalinista do govêrno rumeno. Sua queda mostra que caiu das boas graças da URSS ou deixou a "linha justa" — dizem os comentários. — As novas propostas feitas pelo General Nam Il, delegado comunista às conversações de trégua de Pan Mun Jom, chegam a Londres, via Tóquio e Washington. O Foreign Office recusa-se a revelar o conteúdo dessas propostas, mas, segundo impressões colhidas nos círculos bem informados, elas oferecem a todos os prisioneiros coreanos o direito de escolher entre o repatriamento e a libertação no local, embora insistindo para que os prisioneiros chineses sejam repatriados mesmo que não desejem o repatriamento. — O Presidente Synghman Rhee anuncia oficialmente que não apresentaria a sua candidatura às próximas eleições presidenciais, que se realizarão antes do dia 14 de Agôsto, acrescentando, porém, que ficava à disposição do povo se o mesmo decidisse recorrer à sua pessoa. — O Sr. Dean Acheson, Secretário de Estado norte-americano, faz uma visita de despedida ao Sr. Ministro das Relações Exteriores, comparece ao almôço oferecido pela Câmara de Comércio Brasileiro-Americana e a uma reunião no Palácio do Catete, onde conferenciou com o Sr. Presidente da República. O ilustre visitante, visita, também, o Sr. General Eurico Gaspar Dutra e está presente no jantar e recepção oferecidos pelo Sr. Embaixador Herschel V. Johnson, na sede da Embaixada de seu país.

6 — DOMINGO: — As delegações de armistício realizam a quinta reunião a portas fechadas. Noticia-se que as conversações versam sôbre a questão do repatriamento de prisioneiros, causa do impasse reinante. — Anuncia-se que o Brasil amortizou em 15 milhões de dólares o seu débito com o Fundo Monetário Internacional. — Em Lyon, realiza-se uma grande demonstração aérea à delegação brasileira que assiste às homenagens prestadas pela França a Santos Dumont. Anuncia-se que a delegação brasileira deixará hoje Paris com destino ao Brasil. — Chega a Marselha o navio-transporte "Duque de Caxias". — Debelado um motim irrompido na prisão de Michigan. — O transatlântico "United States", em sua viagem inaugural, quebra o recorde do "Queen Mary".

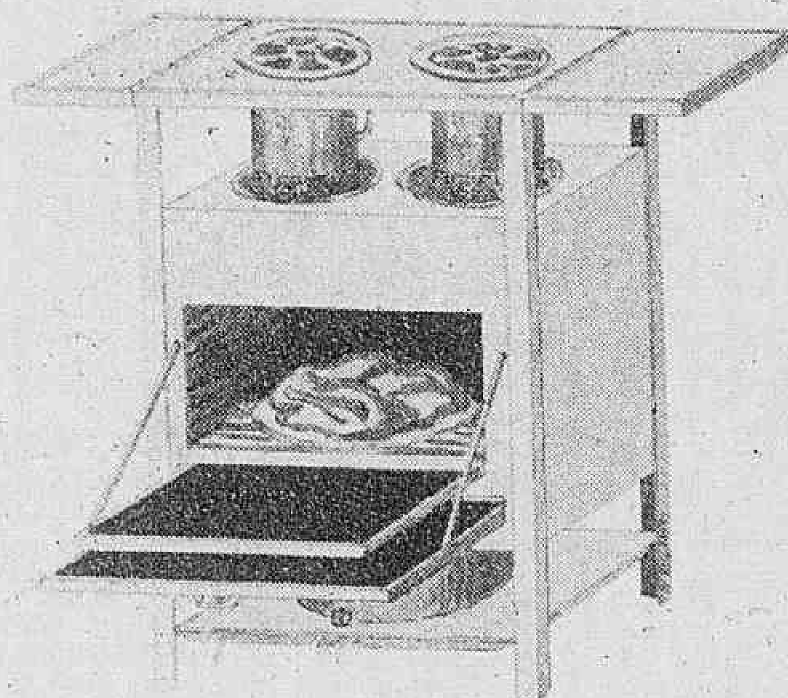
7 — SEGUNDA-FEIRA: Churchill, na Câmara dos Comuns, rejeita uma proposta para a ida

de uma delegação de parlamentares britânicos à Coréia. — Na frente de operações travam-se violentos combates entre patrulhas. — Instala-se em Chicago a Convenção do Partido Republicano, que escolherá entre o Senador Taft e o General Eisenhower o seu candidato às próximas eleições para Presidente dos Estados Unidos. — O Vice-Presidente Barkley resolve apresentar-se candidato à Convenção do Partido Democrata. — Os resultados das eleições presidenciais realizadas no México favoreciam, por grande margem, o candidato situacionista Adolfo Ruiz Cortines. — Noticiado que o Banco de Importação e Exportação concede um crédito de 5 milhões de dólares a Minas Gerais. — Segue para São Paulo o Sr. Dean Acheson, Secretário do govêrno norte-americano que recebe na capital paulista expressivas homenagens por parte do govêrno e do povo dêsse Estado. — Pelo Sr. Ministro da Agricultura é baixada portaria regulando a distribuição de lotes rurais.

8 — TÊRÇA-FEIRA: — O General Van Fleet declara que os bombardeios das usinas hidrelétricas do rio Yalu tiveram efeito salutar sôbre os comunistas. — Em Nova Delhi teceram-se conjunturas acêrca da possibilidade do conflito, com a intervenção da Rússia. — As delegações de armistício realizam nova sessão secreta. — Mais dois prisioneiros do campo de Koje são mortos pelos guardas aliados. — Prosseguem, em Chicago, os trabalhos da Convenção do Partido Republicano. — O General Mac Arthur pronuncia um discurso no qual focaliza o programa dos republicanos. — Na Comissão de Credenciais o Senador Taft leva vantagem sôbre o General Eisenhower. — Truman reitera o propósito de não apresentar-se como candidato. — O jornal francês "Le Monde" tece comentários em tôrno da visita do Chanceler Acheson ao Brasil. — O Ministro da Defesa do México declara que as fôrças armadas estão prontas para reprimir qualquer onda de violências no país, como protesto contra a eleição do candidato situacionista, Sr. Ruiz Cortines, para Presidente da República. — Parte de Lisboa para o Brasil o Ministro Nero Moura. — Chegam a Lisboa o Ministro Segadas Viana e a Sra. Amaral Peixoto, que ali permanecerão até o dia 13. — Chega a Missão Britânica da Federação das Indústrias, chefiada por Sir Arthur Fleming. — O Tribunal de Contas reune-se em sessão de fiscalização financeira. — Prosseguem os trabalhos do X Congresso Brasileiro de Química. — Falece o engenheiro e industrial Dr. José Augusto Prestes.

9 — QUARTA-FEIRA: — Regressa aos Estados Unidos, o Sr. Dean Acheson, Secretário de Estado. — A Comissão de Verificação de Poderes do Congresso Republicano de Chicago, estatuindo sôbre a composição da delegação de Chicago, composta de 38 delegados, decide considerar válidos os mandatos de vinte e dois delegados favoráveis ao Senador Taft e de dezesseis delegados pro-Eisenhower. Os partidários dêste último protestam contra esta decisão e anunciam que apelarão perante a Assembléia plenária da Convenção. Acredita-se, geralmente, que a votação que então intervirá indicará da maneira mais significativa as fôrças respectivas dos dois principais candidatos republicanos. — Chega a Washington o Secretário de Estado, Sr. Dean Acheson, de volta de uma viagem de várias semanas a Londres, Viena e ao Rio de Janeiro. Acheson é recebido no aeródromo pelo Presidente Truman. Aos jornalistas que lhe perguntaram o que pensava das relações entre o Brasil e os Estados Unidos, o Secretário de Estado declara: "Nunca dois grandes países estiveram tão unidos quanto, atualmente, o Brasil e os Estados Unidos". Acheson acrescenta que "sua viagem foi das mais construtivas" sob o ponto de vista das relações entre os Estados Unidos e seus vizinhos". — O Chanceler Konrad Adenauer declara no Bundestag (Câmara Baixa) que a aprovação dos Convênios de Bonn e do Tratado do Exército Europeu podia mudar o desastroso curso da moderna história alemã. — As fôrças das Nações Unidas levam a efeito uma das maiores investidas contra as posições inimigas. A luta começou na quarta-feira e ainda continua encarniçada. Segundo o General Nuckols, porta-voz das Nações Unidas, nada se pode dizer a respeito dos trabalhos da Conferência, na presente fase das negociações, que prosseguem em atmosfera de interêsse por êsses trabalhos. — O Sr. Jacob Malik, delegado da União Soviética, após seu veto na resolução norte-americana que pedia ao Censelho de Segurança das Nações Unidas para condenar a campanha comunista sôbre a pretensa guerra

FOGÕES E FOGAREIROS
o gás de óleo cru ou querosene
REI



À venda nas boas casas do ramo
INDÚSTRIAS "REI"
RUA DAS MARRECAS, 5
Fabricantes do afamado
CHUVEIRO ELÉTRICO "REI"

bacteriológica e declarar que as acusações a êsse respeito "devem ser supostas como falsas e sem fundamento". A resolução obtivera 9 votos a seu favor, tendo havido 1 abstenção, a do Paquistão. Êsse foi o 50º veto da União Soviética no Conselho de Segurança.

10 — QUINTA-FEIRA: — Os diplomatas latino-americanos em Washington recebem com satisfação a declaração constante do programa do Partido Republicano referente ao fortalecimento dos laços que unem os Estados Unidos às demais nações do Hemisfério. — Declara-se que cêrca de 15 mil pessoas estão trabalhando nos países latino-americanos em programas do Ponto IV. — O Secretário de Estado norte-ameriano faz ao Presidente Truman um relatório verbal acêrca de sua visita ao Brasil. — O "Wall Street Journal" tece comentários em tôrno da viagem do Sr. Acheson ao nosso país. — Divulgada a plataforma com que o Partido Republicano concorrerá às eleições presidenciais. — Continuavam os partidários de Taft e Eisenhower nos esforços de conquistar votos para o candidato de suas preferências. — Hoje terá lugar a votação cujo resultado apontará o candidato do Partido Republicano. — Entregue ao govêrno russo a resposta das potências ocidentais à proposta soviética para a realização de eleições livres em tôda a Alemanha. — Nesse documento, reiteram a França, Inglaterra e Estados Unidos as condições formuladas na nota anterior enviada a Moscou. — Verificam-se desordens num campo de prisioneiros norte-coreanos de Nousan. — O General Ridgway desmente, categòricamente, as acusações comunistas de que os aliados lançaram mão da guerra bacteriológica na Coréia. — Causa apreensão o estado de saúde da Sra. Eva Perón. — Registram-se tremores de terra em diversos pontos dos Estados Unidos. — O Congresso mexicano pede medidas enérgicas de repressão às atividades subversivas. — Regressa da França, tendo reassumido o cargo de Ministro da Aeronáutica, o Sr. Brigadeiro Nero Moura.

11 — SEXTA-FEIRA: — O General Eisenhower é investido, ao primeiro escrutínio, das funções de candidato do Partido Republicano à Presidência dos Estados Unidos, por 845 votos. Todavia, por decisão da Convenção a designação é modificada para ser "por unanimidade", em bem da unidade do Partido. — Aparelhos aliados efetuam um novo "raid" maciço sôbre a Coréia do Norte. Um comunicado da 5ª Fôrça Aérea norte-americana esclarece que o mencionado ataque é realizado às 13,30 horas, tendo os caças e bombardeiros aliados despejado mais de 250 toneladas de bombas e disparado mais de 50.000 obuses contra objetivos das regiões de Pyong Yang, Hwanju e Sariwon. — O Secretário do govêrno inglês, Sr. Brigadeiro Mackenson declara que o govêrno da Grã-Bretanha gostaria de incrementar o seu comércio com o Brasil. — O boletim médico divulgado à noite passada e transmitido pelo rádio diz que as delicadas condições da Sra. Eva Perón continuam inalteradas. Os médicos recomendam à paciente o mais completo repouso. — Os trinta deputados que se retiraram da Concentração do Povo Francês, dirigida pelo General Charles De Gaulle, organizam uma nova agrupação partidária para apoiar "soluções construtivas, das quais depende o futuro imediato da nação". Tal declaração significa que os "rebeldes" querem dizer que apoiarão o Presidente do Conselho de Ministros, Antoine Pinay, enquanto considerarem que a campanha "em defesa do franco" é beneficiosa para os interêsses nacionais. — Chega a esta capital o novo Embaixador da Espanha no Brasil, Sr. Pedro de Prat y Soutz, Marquês de Prat de Nautoniellot. — Prosseguem os trabalhos do X Congresso Brasileiro de Química.

12 — SÁBADO: — O General Eisenhower dirige uma carta de demissão do Exército ao Sr. Frank Pace, Secretário da Guerra. Sabe-se que o General anunciara que se retiraria definitivamente da carreira militar se fôsse eleito candidato do Partido Republicano à Presidência da República. — O maior ataque aéreo duplo da guerra da Coréia, levado a efeito, destrói importantes objetivos vermelhos, desbaratando vastos preparativos comunistas dentro e em tôrno da destroçada capital norte-coreana, Pyong-yang. Os pilotos dos aviões de observação que voaram sôbre Pyong Yang, depois do ataque, declaram ter visto enormes zonas em ruínas ainda fumegantes, nos locais onde os vermelhos estavam concentrando grande quantidade de petrechos, munições, víveres e tropas. — O Departamento de Estado e o Departamento da Defesa insistem na necessidade de maior contribuição por parte de outros países anticomunistas na guerra da Coréia. Os Estados Unidos contribuiram até agora com 50% das fôrças terrestres, 86% das fôrças navais e 93% das fôrças aéreas. — Altos funcionários da United States Steel Corporation conferenciam na Casa Branca com o Sr. John Steelman, Mobilizador para a Defesa dos Estados Unidos, a fim de ser encontrada uma solução para a greve dos 650 mil metalúrgicos. — Anuncia o "Foreign Office" que o govêrno britânico entregou uma nota ao Encarregado de Negócios soviético, na qual pede a retirada da Inglaterra de Paul Kunetzov, segundo secretário na Embaixada da União Soviética, no prazo de uma semana. Sabe-se que o nome de Paul Kunetzov foi citado no processo de William Marshall, operador de rádio no "Foreign Office", condenado há dois dias, a cinco anos de prisão, por ter comunicado sôbre as condições da Sra. Eva Perón. O comunicado do Subsecretário da Informação declara: "Depois das consultas da tarde, os médicos que tratam da Sra. Eva Perón anunciaram que o estado da enfêrma não registrara nenhuma mudança". — Falece a Sra. Viúva Amaro Cavalcânti. — Falece o Sr. Léo de Sá Osório, membro do Conselho Deliberativo da ABI.

13 — DOMINGO — O Chefe do Estado-Maior do Exército norte-americano, General Collins, declara que terão prosseguimento os tremendos bombardeios aéreos da máquina de guerra comunista na Coréia. — O Ministro Segadas Viana e a Sra. Alzira Vargas do Amaral Peixoto são recebidos

pelo Presidente de Portugal e pelo Sr. Oliveira Salazar. — A Sra. Amaral Peixoto segue para Londres. — Diversos membros das fôrças aéreas mexicanas são presos por fazerem campanha a favor do candidato oposicionista derrotado, General Henriques Gutman. — A pedido dos comunistas são suspensas, por 2 dias, as conversações de armistício. — Prorrogado por mais três meses o estado de sítio em diversas cidades iranianas.

14 — SEGUNDA-FEIRA: — O Procurador-Geral britânico declara à Câmara dos Comuns que o Deão de Canterbury, por suas recentes declarações, não era passível de julgamento por crime de traição. — O Duque de Edinburgo, a pedido da Rainha Elizabeth, lança uma campanha de economia no país. — Com imponente desfile militar e diversas outras solenidades o povo francês comemora o "14 de Julho". — Cadetes brasileiros que viajam no "Duque de Caxias" participam do desfile militar realizado em Marselha. — Toma posse do cargo de Ministro do Superior Tribunal Militar o Sr. Almirante Armando de Lima. — Em cerimônia realizada no Palácio Itamarati são reatadas as relações diplomáticas entre as Repúblicas de Cuba e do Peru. — Em comemoração à data nacional da França, realiza-se uma cerimônia na Embaixada dêsse país.

15 — TÊRÇA-FEIRA: — O General Collins, Chefe do Estado-Maior do Exército norte-americano, em novas declarações diz que terão prosseguimento os ataques maciços contra os objetivos militares comunistas na Coréia. — Em Washington revela-se que os tremendos bombardeios aéreos sôbre Pyong Yang e as usinas hidrelétricas do rio Yalu "foram apenas o início da grande ofensiva aliada". — O Delegado do Brasil no Conselho de Segurança condena a repetida utilização do "veto" por parte da Rússia naquele órgão, como uma violação dos princípios e finalidades da Carta das Nações Unidas. O Sr. João Carlos Muniz conclui apoiando a proposta norte-americana relativa ao pedido de investigação sôbre o emprêgo da guerra bacteriológica na Coréia. — Por motivo de seu próximo regresso ao Brasil, o Embaixador Moniz de Aragão é homenageado pela Sociedade Anglo-Brasileira, com o comparecimento de todo o Corpo Diplomático em Londres. — Um engenheiro soviético que procurou asilo na Alemanha Ocidental declara que é enorme o descontentamento entre o povo russo e nas fileiras do Exército, contra o regime reinante em sua pátria. — Falando a 4 mil crianças reunidas na Basílica de São Pedro, o Papa Pio XII adverte-as acêrca dos perigos que ameaçam a mocidade. — Em um relatório divulgado pela Organização Mundial de Saúde revela-se que está crescendo o número de mortos causados pelo câncer. — Chega a Londres a delegação parlamentar brasileira que ali foi a convite do govêrno britânico. — Noticia-se que o Chanceler da Áustria, Sr. Karl Gruber, partirá para uma visita ao Brasil no próximo dia 27. — Noticia-se que a "Standard Motor" pretende montar uma fábrica de automóveis no Brasil. — O Sr. Presidente da República assina decreto concedendo exoneração ao Major Ramiro Tavares Gonçalves, do cargo de Diretor do Serviço do Trânsito. — Apresenta credenciais ao Sr. Presidente da República o novo Embaixador da Espanha no Brasil. — Regressa da Europa, onde fôra chefiando a delegação do Brasil à XXXV Conferência Internacional do Trabalho, o Sr. Ministro Segadas Viana. — Instala-se, na A.B.I., o Simpósio sôbre novas técnicas de pesquisa em Física.

16 — QUARTA-FEIRA: — Protestam os jornais britânicos contra o bombardeio das posições comunistas ao norte do Talu, classificando êsse ato como "agressão". — Os jornais de Moscou voltam a atacar a atitude do Sr. João Carlos Muniz no Conselho de Segurança, afirmando que "não faz outra coisa senão seguir o caminho indicado por Washington". — Quatro oficiais poloneses e dois capitães russos, chegam à Alemanha Ocidental, onde pedem asilo, declarando não desejar regressar para trás da "cortina de ferro". — Desaparecido, com 25 passageiros, um avião da Linha Amsterdão-Bombaim. — Violenta ofensiva aérea aliada em Pyong-Yang. — Em Buenos Aires são avistados três discos voadores. — Noticia-se oficialmente que está sèriamente enfêrma a Sra. Eva Perón, sendo por isso ordenadas missas pelo seu restabelecimento em todo o país vizinho. — Iguamente enfêrmo, atacado de influenza, o Presidenae Truman, forçado a guardar o leito.

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volu-volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

17 — QUINTA-FEIRA: — No Japão circulam rumores de que era iminente o armistício na Coréia, notícia que provocou depressão nos mercados financeiros nipônicos. — Em Washington recebe-se com otimismo o boato provindo de Tóquio. — Noticia-se que hoje seriam reiniciadas as conversações secretas de armistício. — O jornal "Le Figaro" dá publicidade a anotações de um caderno pessoal do líder comunista Jacques Duclos, apreendido pela polícia quando da prisão do chefe vermelho. — Demite-se, novamente, do cargo de Presidente do Conselho de Ministros, o Sr. Mossadegh. Para substitui-lo é nomeado o Sr. Ahmed Chavan. — Homenageada pelo Ministro Serwyn Lloyd a delegação parlamentar brasileira que se encontra em visita a Inglaterra. — O Ministro do Interior da Argentina e o Embaixador Batista Luzardo fazem declarações sôbre o contrabando na fronteira do Brasil com aquêle país. — Noticia-se que apresentou ligeiras melhoras o estado de saúde da Sra. Eva Perón. — Aprovado um projeto tornando obrigatória, nas escôlas argentinas, a leitura do livro "La Razón de Mi Vida", de autoria da Sra. Perón. — Recebida com as mais acerbas críticas a resposta da Rússia à nota da Suécia acêrca do incidente ocorrido entre aviões dos dois países. — Na Câmara dos Deputados é aprovado projeto que institui a "Ficha de Declaração de Bens" para os funcionários públicos.

18 — SEXTA-FEIRA: — Fôrças de "tanks" da O.N.U. e comunistas travam um intenso combate ao norte de Chorwon. Os "tanks" aliados derrotaram os comunistas. — Com "tanks" e carros blindados em estado de alerta, o novo Primeiro Ministro iraniano Ahmad Ghavam Es Sultaneh, velho milionário de 77 anos, visita o Xá, recebendo instruções para formar o govêrno. Acredita-se que o Xá tenha restituido a Ghavam o título de "Jahab Asharafjahab Asharaf" (Sua Alteza), que dois anos atrás lhe foi cassado como expressão de desagrado do Xá. Um comunicado emitido pela côrte na ocasião qualificava-o de corrupto, traidor e criminoso. Anteriormente o Xá o havia acusado de ter "ambições ditatoriais". — O Tribunal de Apelação de Paris concede liberdade provisório ao redator-chefe do jornal comunista "L'Umanité", André Stil. — O Subsecretariado da Informação da Argentina distribui uma nota, na qual se diz, textualmente: "O estado de saúde da Sra. Eva Perón declinou sensìvelmente". — O Sr. Presidente da República recebe o Embaixador da Espanha, que lhe faz entrega do Grande Colar de Isabel, a Católica. — O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando Adido Naval à Embaixada do Brasil em Londres o Sr. Capitão de Mar e Guerra Carlos Paraguassu de Sá.

19 — SÁBADO: — Partidários do ex-Primeiro Ministro Mossadegh depredam a sede do jornal "Atesh", de orientação contrária ao "premier", e travam luta com soldados que foram dissolver os tumultos. Há, também, desordens em dois outros influentes jornais, o "Ittlest" e o "Keihan", que se tinham destacado em seu apoio a Ghavam Sultaneh, desde que êste substituiu Mossadegh. — Os negociadores do armistício reunem-se secretamente durante 29 minutos. Nenhum comunicado é publicado a respeito dessa sessão. O General Nuckols, porta-voz aliado, recusa-se a descrever o ambiente da sessão. — O govêrno austríaco envia um "memorandum" a todos os membros da ONU ressaltando a urgência de que seja firmado um tratado entre os quatro grandes, para pôr fim à ocupação. A Rússia tem obstruído há sete anos a assinatura de tal tratado de paz. O referido "memorandum" explica a necessidade de facilitar aos membros da ONU os antecedentes da questão e conhecimento da situação que foi criada na Áustria há sete anos em que está ocupada. — A Rádio de Buenos Aires interrompe o programa para anunciar que "os médicos assistentes da Sra. Eva Perón informaram que acentua-se a reação favorável no estado da enfêrma". — O Presidente Truman, pràticamente restabelecido do mal de que se queixou pelo espaço de uma semana, regressou à Casa Branca, quando lhe foi dada alta no hospital militar Walter Reed.

20 — DOMINGO: — Ruidosas manifestações são efetuadas nas ruas de Teerã pró-retôrno do Sr. Mossadegh à chefia do govêrno. Passeatas de protestos são realizadas contra o novo Primeiro Ministro, Sr. Chavam Sultaneh, que, finalmente, é obrigado a renunciar. — Noticia-se que em Washington está sendo estudada a possibilidade de se cortar a ajuda econômica e militar à Dinamarca por ter êsse país vendido um navio-petroleiro à União Soviética. — Chega a Paris a Sra. Darcy Vargas. — Noticia-se que, nos primeiros dias de Agôsto, partirá para o Brasil o Chanceler da Áustria, Sr. Karl Gruber.

21 — SEGUNDA-FEIRA: — Noticia-se que 15 pessoas pereceram nos choques entre a população e a polícia. — Nova crise irrompe no govêrno egípcio com a renúncia do gabinete chefiado pelo Sr. Sirry Pashá. — O Sr. Hilali Pashá é convidado a organizar o novo gabinete. — Visitam Coventry os parlamentares brasileiros atualmente na Inglaterra. — Prosseguem as conversações secretas das delegações que negociam o armistício. — O Rádio de Pequim divulga que mais de 10 mil pessoas foram mortas em Pyong Yang em consequência dos bombardeios aéreos aliados. — Na Câmara dos Comuns travam-se debates em tôrno da questão coreana. — A Califórnia é sacudida por violento tremor de terra, de San Francisco a Los Angeles. — Anuncia-se que o abalo sísmico atingiu principalmente a cidade de Tehachapi, perecendo ali pelo menos 15 pessoas.

22 — TÊRÇA-FEIRA: — O General Nukols, ex-porta-voz da O.N.U. na Coréia, declara-se pessimista quanto ao resultado das conversações secretas entre as delegações de armistício. — Novo ataque aéreo efetua a aviação aliada contra objetivos militares do rio Yalu. — Serenam os ânimos no Irã com a reeleição do Sr. Mossadegh para chefe do govêrno. — Anuncia-se que 48

pessoas pereceram nas ruidosas manifestações populares contra o ex-Presidente do Conselho, Sr. Ghavam. — O Rei Faruk aprova o govêrno organizado pelo Sr. Hilali Pashá, pondo fim à nova crise política irrompida no Egito. — Pouco depois o novo gabinete presta juramento. — O Papa Pio XII, dirigindo-se à Conferência Católica sôbre os problemas sociais, prega uma distribuição mais racional das riquezas do mundo, em benefício das classes proletárias. — O Tribunal Internacional de Justiça, por nove votos contra cinco, rejeita a queixa apresentada pela Inglaterra contra o Irã, a respeito da questão da nacionalização da indústria petrolífera por êsse último país. — Encerra-se, nesta capital, o Simpósio sôbre novas técnicas de pesquisas Físicas.



Um GUIA GRATIS para SUCESSOS CULINÁRIOS!

• É o novo livro de Receitas "OS MAGOS DA CULINÁRIA" onde encontrará 65 receitas variadas, saborosas e para todos os paladares.

O NOVO PACOTE É MAIS PRÁTICO, HIGIÊNICO E MAIS BARATO!



AMIDO DE MILHO
MAIZENA
DURYEA
MARCAS REGISTRADAS



À "MAIZENA DURYEA" 50
Caixa Postal, 8006 - São Paulo E 52
Peço enviar-me, GRATIS, o livro
"OS MAGOS DA CULINÁRIA"
NOME
RUA
CIDADE ESTADO

23 — QUARTA-FEIRA: — O General de Brigada Mohammed Gaguib Bey, comandante das fôrças do exército na região do Cairo anuncia que o exército egípcio assumiu o poder na capital, acrescentando que a polícia está cooperando com o exército na manutenção da ordem. — O General declara que está limpando o exército dos "traidores" e assegurou aos estrangeiros que estarão absolutamente seguros. — Em tôrno de certos edifícios importantes, entre os quais os da Companhia Marconi e do Banco Nacional, é estabelecido um cordão de isolamento mantido por soldados do exército. São postados carros de combate em todos os pontos estratégicos e fortes contingentes de infantaria estão guardando o palácio do govêrno e outros pontos. — Vários milhares de pessoas, reunidas diante da residência do Dr. Mohamed Mossadegh, aclamam demoradamente o Primeiro Ministro quando sabem que havia sido assinado decreto imperial da sua investidura nas funções de presidente do Conselho. Fala à multidão, nessa oportunidade, o Sr. Makki, o homem do petróleo. Os presentes aclamam igualmente a decisão do Tribunal de Haya. Quando a multidão sabe da notícia da prisão do ex-Primeiro Ministro Ghavan Sultaneh irrompe aos gritos de "Morte a Ghavan!". O ex-Primeiro Ministro é prêso em Koun, na casa de um deputado hostil à Frente Nacional, mas, com a cumplicidade de certas pessoas, consegue fugir novamente. — Os chefes do Partido Democrata organizam um compromisso suscetível de restabelecer a comprometida unidade entre sulistas e nortistas. — Temendo que o juramento de fidelidade aprovado pelo Congresso Democrata de Chicago na segunda-feira lhes impusesse um candidato inaceitável ou um programa que determinasse a igualdade de direitos para os negros, os sulistas haviam ameaçado uma "saída" como em 1948. O compromisso preparado prevê que o juramento de fidelidade não obriga qualquer delegado a violar as leis do seu Estado ou as regras do Partido Democrata no mesmo Estado. — Em outras palavras, o "juramento de fidelidade" não obriga os sulistas a aceitarem o capítulo do programa relativo à igualdade dos negros e dos brancos. — Duas vagas de 100 aviões aliados cada destroem tropas e centros de abastecimento comunistas ao sul de Wonsan, em outro assalto esmagador aos objetivos vermelhos. — Aviões a jacto e a hélices, caças-bombardeiros, lançam 75 toneladas de bombas e disparam 300 foguetes e 37.000 projéteis de metralhadora sôbre quartéis esparsos e zonas de armazenagem da aldeia de Osan, a 16 km ao sul de Wonsan, na costa leste da Coréia do Norte. — Um comunicado oficial declara: "Os médicos que tratam da Sra. Eva Perón informam que o estado de saúde da ilustre enfêrma, a despeito da melhora registrada de sábado para domingo, permanece delicado". — O Sr. Presidente da República preside à solenidade inaugural da VII Assembléia Interamericana de Mulheres, tendo pronunciado um discurso. — Pelo Sr. Presidente da República é assinado decreto designando a Embaixada Estadual para representar o govêrno do Brasil nas solenidades de posse do Presidente da República Dominicana. — Parte para São Paulo os membros do Simpósio sôbre novas técnicas de pesquisa em Física.

24 — QUINTA-FEIRA: — O Congresso Democrata de Chicago aprova, a despeito da oposição de dois Estados sulistas, o programa eleitoral de-

nominado "Plataforma", que fixa as linhas diretrizes da campanha para as eleições presidenciais e legislativas e, em caso de vitória democrata, a ação do futuro govêrno norte-americano em todos os domínios. — O Major-General Bey Mohamed Naguib consolida seu poder no Egito, no segundo dia do golpe militar incruento, ao ser procurado pelos chefes de unidades do exército destacadas em várias partes do país, que acorreram ao seu gabinete para manifestar-lhe sua lealdade. Ao mesmo tempo, Aly Maher Pashá, elevado ao cargo de Primeiro Ministro pelo golpe militar, completa a formação do novo gabinete que se compromete de antemão a depurar a administração pública e expulsar os britânicos da zona do canal de Suez e do Sudão. — Os porta-aviões aliados destróem três usinas elétricas bem protegidas e situadas nas proximidades de Wonsan, bem como instalações secundárias, enquanto as superfortalezas "B-29" bombardeam Yangdok e o setor situado ao ocidente de Wonsan. — Fontes nacionalistas daqui dizem que o Bey de Tunis enviou um telegrama ao Presidente Vincent Auriol protestando contra o plano de reforma francês para os protetorados. As fontes da resistência francesa não confirmam nem garantem a notícia. — Cessa a greve na indústria siderúrgica nos Estados Unidos. — No palácio Itamarati realiza-se a cerimônia da assinatura do Ajuste Comercial entre o Brasil e a Espanha.

25 — SEXTA-FEIRA: — A primeira votação nominal da XXXI Convenção Nacional Democrata não dá candidato presidencial algum, de modo que inicia-se sem tardança a segunda votação, mesmo com os delegados fatigados. Ao terminar o primeiro escrutínio, os totais dos quatro principais aspirantes à candidatura eram os seguintes: Senador Estes Kefauver — 340 votos; Senador Richard Russell — 268; Governador do Illinois, Adlai Stenvenson — 273; e Averell Harriman — 123. A votação mínima exigida para a postulação é de 616 votos. Quando estava prestes a terminar a primeira votação, chega por via aérea o Presidente Truman, que planeja apresentar esta noite à Convenção o candidato triunfante para que êste pronuncie seu discurso de aceitação de sua candidatura. — Noticia-se que foi pedida a suspensão das conversações secretas de armistício. — O Chefe da delegação da ONU, General Harrison, declara que nenhum resultado frutífero foi conseguido naquelas conversações e que os comunistas insistem no retôrno de mais 33 mil prisioneiros além dos 83 mil que optaram pelo repatriamento. — Numa sangrenta luta corpo a corpo os franceses rechaçam um ataque comunista. — O General Mohamed Nigri, que se tornou o novo "homem forte" do Egito, é elevado a marechal e nomeado comandante supremo das fôrças armadas. — Anuncia-se a prisão de diversas altas personalidades civis e militares. — Conseguiram deixar o território egípcio o pilôto particular do Rei Faruk e o General Hussein Amur. — Um técnico em eletricidade fotografou nos céus da França um "disco-voador". — Discos-voadores são avistados pela primeira vez na Holanda. — O Departamento de Estado emite uma nota responsabilizando os comunistas pelos sangrentos acontecimentos do Irã. — Os nacionalistas trocam a denominação da "Avenida Churchill" para "Avenida Mossadegh". — No auditório da ABI, realiza-se a primeira sessão plenária da VII Assembléia da Comissão Interamericana de Mulheres.

26 — SÁBADO: — A Subsecretaria de Informações informa, através da Rádio Belgrano, que a Senhora Eva Duarte de Perón faleceu às 20,25 horas. — O Presidente Truman fala na Convenção do Partido Democrata emprestando o seu apoio à candidatura do Sr. Stevenson à Presidência dos Estados Unidos. — O Rei Faruk, obrigado a abdicar, abandona Alexandria em iate, com os olhos cheios de lágrimas. Faruk vestia o uniforme de almirante. Uma banda executou o hino nacional e Faruk fêz um último gesto de saudação à Pátria. Comenta-se que o príncipe herdeiro, que acompanha seus pais, regressará ao Egito na idade de sete anos. — O General William Harrison, Chefe da Delegação da O.

Senhora!
Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua
HIGIENE ÍNTIMA
Metrolina
ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

N. U., denuncia frontalmente os comunistas e retira-se da reunião do armistício coreano. Na primeira reunião pública das últimas três semanas, o General Nam II, chefe dos negociadores comunistas, havia atacado a delegação da O.N.U. pela recusa desta em aceitar o repatriamento dos prisioneiros de guerra que não desejavam regressar a território comunista. — E' formado em Teerã o novo Gabinete presidido por Mossadegh. — Prosseguem os trabalhos da VIII Assembléia do Conselho Interamericano de Mulheres.

27 — DOMINGO: — Noticia-se que, após a abdicação do Rei Faruk e a proclamação do príncipe Fuad como rei do Egito, reina absoluta calma no país. O Partido Wafdista presta solidariedade ao General Naguib. — Excepcionais honrarias estão sendo prestadas pelo govêrno argentino à Sra. Eva Perón, falecida sábado último. — Noticia-se que hoje, quando da trasladação do corpo do Ministério do Trabalho para a sede da Confederação Geral dos Trabalhadores, serão prestadas honras militares que sòmente foram concedidas a Presidentes da República que pereceram no exercício do cargo. — Na Convenção da Associação Internacional de Advogados é aprovada uma moção a qual atribui maior responsabilidade às emprêsas de transportes aéreos pela vida dos passageiros. — O "Giornale d'Italia" divulga com alarde que cientistas italianos fizeram explodir uma bomba de hidrogênio. — Pouco depois, porém, o Ministro da Defesa declara destituída de fundamento a sensacional revelação daquele jornal.

28 — SEGUNDA-FEIRA: — Anuncia-se que o Rei Faruk pretende fixar residência no Brasil. — E' iniciada uma campanha contra a corrupção, falando-se que serão expropriados os bens do antigo soberano. — O Sr. Eden fala à Câmara dos Comuns sôbre os acontecimentos desenrolados no Egito, esclarecendo que a Inglaterra tomou medidas de precaução para garantir a vida e propriedades dos britânicos naquele país. — Dois portuguêses são mortos por chineses comunistas, num tiroteio verificado na fronteira de Macau. — Nos quartéis situados nas cidades belgas de Namur Etterbeek ocorrem diversos incidentes, ao que se diziam provocados pela campanha pró-redução do tempo de serviço militar que é, na Bélgica, de 24 meses. — Dezenas de milhares de pessoas desfilaram pela Câmara Ardente e onde faleceu, quando velava o corpo da Sra. Perón, o General Esteban Vacca. — O Sr. Presidente da República assina decreto designando a delegação do Brasil ao Congresso Interamericano de Cardiologia, a realizar-se em Buenos Aires. — Chega a esta capital o Sr. Karl Gruber, Ministro dos Negócios Estrangeiros da Áustria. — Prosseguem os trabalhos da VII Assembléia da Comissão Interamericana de Mulheres.

29 — TÊRÇA-FEIRA: — O novo govêrno egipcio continua a estudar uma solução para o pro-

AMARALINA

(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)

JÁ SE ENCONTRA À VENDA EM TÔDAS AS FARMÁCIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS. SE, ENTRETANTO, NÃO EXISTE NA SUA CIDADE, NÃO PERCA TEMPO PEDINDO IMEDIATAMENTE PELO REEMBÔLSO POSTAL

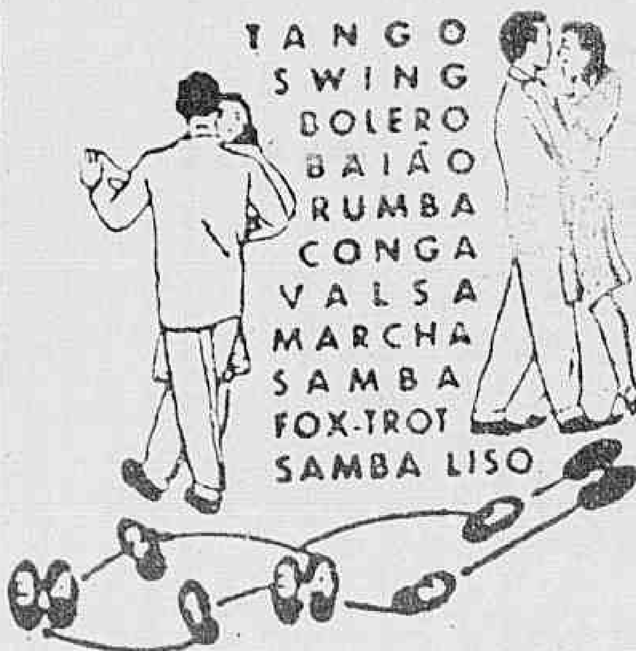
O PREÇO DE "AMARALINA" É, EM QUALQUER PARTE DO BRASIL, DE CR$ 35,00 E PELO REEMBÔLSO POSTAL CUSTA CR$ 45,00, LIVRE DE PORTE.

"AMARALINA", CERTEZA ABSOLUTA DE QUE OS CABELOS TORNARÃO A NASCER. NA PARALISAÇÃO DA QUEDA DE CABELOS É FRANCAMENTE EXTRAORDINÁRIO ÊSTE PRODUTO DESCOBERTO POR BRASILEIRO E FABRICADO COM ERVA NACIONAL. CENTENAS DE PESSOAS ATESTAM SUAS NUNCA IGUALADAS QUALIDADES.

Pedidos a **M. M. BURLE & CIA. LTDA.**
AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616.

OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERÃO SER DADOS PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309

COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de rítmos modernos pelo Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

blema da instituição do Conselho de Regência, falando-se na possibilidade de se convocar a antiga Câmara dos Deputados para deliberar sôbre o assunto. — O embaixador britânico conferencia com o Primeiro Ministro Ali Maker. — O Rei Faruk decide fixar residência na Itália, tendo solicitado o indispensável consentimento do Presidente Einaudi. — Noticia-se que, devido às exigências do govêrno espanhol, se encontram paralisadas as negociações para o estabelecimento de bases navais e aéreas norte-americanas na Espanha. — O Chanceler do Erário, Sr. Buttler, faz à Câmara dos Comuns uma exposição acêrca da situação econômica, apresentando o programa de economias do govêrno quanto à redução das importações. — Pio XII prega a oposição dos católicos às manobras tendentes a formar uma cultura européia fora da doutrina cristã. — Misteriosos aparelhos luminosos são avistados nos céus da região oriental dos Estados Unidos. — As fôrças aéreas daquela região são postas em estado de alerta para acompanhar qualquer aparição de objetos não identificados. — O Sr. Presidente da República assina decreto conferindo a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul ao Sr. Karl Gruber, Ministro dos Negócios Estrangeiros da Áustria. — O Sr. Ministro da Grécia faz entrega ao Sr. Presidente da República da carta que o acredita como Ministro dêsse país junto ao Govêrno brasileiro. — Assinado decreto nomeando o Sr. Edgard Pinto Estrêla, Diretor do Serviço de Trânsito do DFSP.

30 — QUARTA-FEIRA: — Novos e violentos combates são travados entre as tropas portuguêsas e chinesas que guarnecem a fronteira de Macau com a China comunista. E' anunciado que a população daquela região se encontra em pânico com os tiroteios verificados. Estêve reunido o Conselho de Ministros de Portugal para examinar as ocorrências. — Falando na Câmara dos Comuns, acêrca da crise econômica da Inglaterra, declara Churchill que uma das medidas para enfrentá-la será o retardamento do programa de rearmamento. — Depois de animados debates, com a participação ativa da oposição, é rejeitada por trezentos e dois votos contra duzentos e setenta e sete uma moção de censura ao govêrno. — Os atuais dirigentes do Egito continuam em busca de uma fórmula para contornar o problema criado com a renúncia do rei Faruk. Entrementes estavam sendo tomadas medidas para afastar do govêrno os antigos auxiliares do rei Faruk. E' proibida a entrada ou saída de qualquer pessoa sem uma autorização especial. O Rei Faruk promete conceder, hoje, uma entrevista à imprensa, na ilha de Capri. — Abolidos no Egito os títulos de "Bey" e de "Pachá". — O General Van Fleet — Comandante do Oitavo Exército — declara que, de acôrdo com os últimos acontecimentos, as perspectivas de armistício na Coréia se encontram mais reduzidas do que nunca. — O rádio da cidade de Pequim anuncia que durante a última semana o território chinês foi violado cento e vinte e quatro vêzes. — Vai ser criada uma "ponte aérea" destinada a transportar para a zona ocidental da Alemanha, ocupada pelos Aliados, os refugiados da zona soviética que afluem à razão de mil por dia, para o setor aliado de Berlim. — Rejeitada uma proposta no sentido de serem considerados inconstitucionais as convenções assinadas entre o govêrno de Bonn e os aliados ocidentais.

EVITE A OBESIDADE

Com o uso diário do ENO. Elimina as toxinas do organismo, combate a prisão de ventre, a azia e a acidez... Laxante ideal, alcalinizante e estomacal.

"SAL DE FRUCTA"

ENO

Mais de 70 anos de uso no Mundo inteiro!



Alívio rápido para

HEMORROIDES

Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides

Pomada ManZan

Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: DR. LAVRUD — Secretário: BABLIÚ — ANO XXXVI — Nº 4 SETEMBRO — 1952

Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 5ª edição — Papyrassu, Monossílabos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Porvérbios Originais, do Dr. Lavrud.

Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção.

TERCEIRO TORNEIO

JULHO — SETEMBRO

CHARADAS ANTIGAS

— 110 —

Sem *escrúpulo*, o rapaz
Delinquiu anos a fio.
O *remorso*, agora, o faz
Desconfiado, arredio.

Lord (Goiânia)

— 111 —

Ao Perseu:

Sou homem de *expediente*. — 2
Onde quer que me apresente — 1
Trago tudo na medida.
E por viver *prevenido*,
Sempre, sempre tenho sido
Invencível nesta vida.

Euclides Vilar (C. Grande)

— 112 —

Respeitosamente ao Dr. Lavrud:

E' tão *negra* a minha sorte — 2
Que até mesmo a própria morte
Já não vejo com terror.
Mas uma *coisa* me anima — 2
E' ver que inda encontro rima
Para um poema *encantador*.

Gomes Júnior (Maceió)

★

CHARADAS SINCOPADAS

113 — Três (duas) — Tive certa *lambugem* num negócio que alguém *demora* a pagar-me.

Jovaniro, C.E.C. (Rio)

114 — Três (duas) — Mesmo escritos em *garatujas*, qualquer pessoa entende os *têrmos siríacos injuriosos, empregados na Bíblia*.

Marcimento (S. Paulo)

115 — Três (duas) — *Os poderosos*, honestos ou não, são sempre *importantes*.

N. Nuno (Feira de Santana)

MOLÉSTIAS DA BEXIGA

A irritação intolerável e os ardores produzidos pelos distúrbios da bexiga, devem ser combatidos, logo de inicio Sendo a bexiga a porta de saida das substâncias tóxicas e impurezas que os rins separam do sangue, sofre-se dores cruciantes quando esse delicado orgão está inflamado, devido ao contacto com tais substâncias. O exagerado desejo de aliviar a bexiga, os ardores e as irritações das vias urinárias devem ser combatidos, tomando, ainda hoje, as Pilulas de Witt para os Rins e a Bexiga. Sua ação calmante e antisética, faz-se sentir logo na bexiga, nos rins e em todas as vias urinárias.

As Pilulas De Witt são fabricadas especialmente para as doenças dos Rins e da Bexiga.

Pilulas DE WITT

para os Rins e a Bexiga

Em vidros de 40 e 100 pilulas

O grande é mais econômico

116 — Três (duas) — Um indivíduo *audacioso*, muitas vêzes nos causa *terror*.

Roazo (Maranhão)

117 — Três (duas) — E' negro como *azeviche* o meu *animal*.

Sotnas (Rio Grande)

118 — Três (duas) — O *indolente* não gosta de trabalhar no *campo*.

Seamva (Santos)

119 — Três (duas) — Entrei num *abrigo* mal-assombrado. Que *mêdo!*

Sertaneja (Rio)

120 — Três (duas) — Era de grande *ousadia*, mas faltava *aptidão*.

Velo-Vela, C.E.C. (Rio)

121 — Três (duas) — Um *relógio antigo de prata e de algibeira*, foi encontrado na *alcova*.

Adolfo Tuchman (Rio)

122 — Três (duas) — Fazer um *molho de tripa* é o *magno* problema dum tripeiro desajeitado.

Bigi Neto (Rio)

123 — Três (duas) — Será que êsse *fragmento* de pedra vale alguns cobres? Quero *resposta oportuna*.

Bisilva (Manaus)

124 — Três (duas) — *Os intestinos* do gado, *aposto* que são do feitio de uma bôlsa.

Cydar (Belém, Pará)

125 — Três (duas) — O *pagador* deixou sôbre a mesa seu *bilhete de visita*.

El Principe (Uberaba)

LOGOGRIFOS

— 126 —

Sob uma *árvore*, *paciente*, — 3-8-2
Trata o pastor, na campina,
Da *ferida*, inda recente, — 1-8-2
De uma *cabra*, que rumina. — 1-5-6-8
E *senhor*, sem ser tamanho, — 6-7-4
Do sol-poente às centelhas,
Traz ao aprisco o *Rebanho*
De suas *cabras e ovelhas*.

Pompeu Júnior (Botucatu)

———

— 127 —

Na *torrente* desta vida — 3-8-1-2
O mal domina a valer:
Se vê gente fratricida,
"Mulher" cachaça beber, — 5-4-7-2
Menino no *lodaçal*, — 1-8-7-2
Menina tudo saber,
Filho do pai ser rival
E velha a *beira* da morte, — 6-5-3-8
Querendo ser moça *forte*.

Violeta, G.C.N. (Recife)



CHARADAS NOVÍSSIMAS

Ao mestre Zytho:

128 — Duas-uma — Só *muda de posição* para melhorar, num *meio social*, aquêle que procura *cativar com boas maneiras*.
Malba Tantan, PS-CEC (Santos)

———

129 — Duas-uma — Que *trote*! Com êle o rapaz ficou *assustado*!
Pompeu Júnior (Botucatu)

———

130 — Uma-três — *Aparência* e *semelhança* são têrmos que possuem certa *analogia*.
Sefton (Rio)

———

131 — Duas-uma-duas-duas-uma-uma — a *razão*, para *mim*, *guia* a *razão*, como também para *mim*, a pessoa forte *guia* a *pessoa fraca*.
Tony (Campo Florido, Minas)

———

132 — Duas-duas — Com um *gesto de escárneo*, a dama declarou que *traje para solenidades* não se *decota* de mais.
Zytho (Rio)

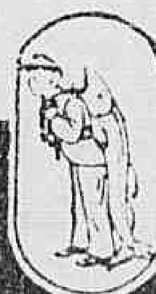
———

133 — Duas-duas — Quase *cego* e muito *triste* vivia o *mulato*, melancòlicamente.
Acobar, GCOR-GCN (Maceió)



O que supus fôsse velhice, era ùnicamente debilidade orgânica. E depois de tomar Emulsão de Scott readquiri minhas fôrças, tornei-me robusta, sadia. Emulsão de Scott é a mais completa combinação do melhor óleo de fígado de bacalhau com cálcio e fósforo! Fortifica e nutre e não contém álcool!





EMULSÃO DE SCOTT
Tonico das Gerações

134 — Três-uma — Uma *porção* de vozes reunidas formava *um côro harmonioso*.
Agalves (Bento Simões, Irará)

———

135 — Duas-uma — Pela *constituição* dêste terreno verifica-se *logo* que há uma *grande riqueza por explorar*, o petróleo.
Cysneirense (E. C. Bastos, M.G.)

———

136 — Duas-duas — Sinto-me *muito fatigado*, com *grande cópia* de serviços ainda por fazer, trabalhando sem *descanso*, para regularizar o expediente da seção.
Conselheiro (S. José de Mipibu)

———

137 — Uma-uma — *"O Fogo"*, *afinal*, não era nada; uma *sentinela* acendera o cigarro.
Dr. Barreto Cardoso (Maceió)

———

138 — Três-uma — *Pais com* filhos nem sempre têm *semelhança*.
Dr. Zinho (Taubaté)

———

139 — Duas-três — *Dá princípio* à desconfiança um *mensageiro* dizer: *sai, demônio*.
Dr. Jofran (Fortaleza, Ce.)

———

140 — Uma-duas — *Apenas* tinha acabado de receber uma pequena *fortuna*, eis-me obrigado a abrir mão dela, para o tratamento de *impingem rebelde*.
Edur Gomes Monteiro (Cuiabá)

———

141 — Duas-uma — Naquela *cabana* encontrei *esta* pequena *moeda russa*.
Farani (Salvador)

———

142 — Duas-duas — Só quem tem *cabeça* é que acha *bagatela* o estudo da *parte da geologia que estuda a estrutura da crosta terrestre*.
Gumercindo Leite (J. Pessoa)



ENIGMAS

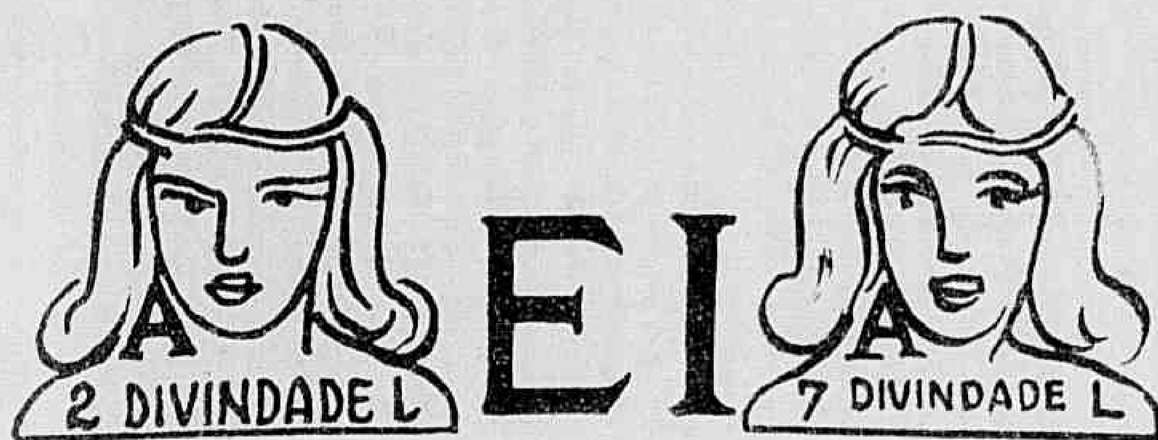
— 143 —

Ao Dr. Lavrud:

Eu li na fôlha de um livro,
Lindo nome de *mulher*,
Confundir não há quem possa,
Com outro nome qualquer.
Onde?

Heliotrópio (Pôrto Alegre)

ENIGMA FIGURADO — 161



Ravengar (Juiz de Fora)

ENIGMA FIGURADO — 162



— 144 —

Duas palavras formam o todo
E o todo três letrinhas tem
Que contadas uma a uma
Vê-se que oito é que contém.

Ponha-me nas pontas, e eu
Ficarei no centro enfim.
Repita a manobra agora,
Assim, assim... té chegar ao fim:

Bigi Neto, C.E.C. (Rio)

FUME

MANTENHA, PORÉM, SEUS DENTES LIVRES DAS ANTI-ESTÉTICAS MANCHAS DE NICOTINA

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Noã contém pedra pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas. Nicotan, creme dental especial para fumantes apresentado em dois tipos: branco e vermelho.

NICOTAN



BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
AV. BRIG. LUIZ ANTÔNIO, 4289 - S. PAULO
Peça prospectos

— 145 —

Uma letra, aqui e ali,
Traziam na intimidade...
Encontrando-a, descobri
O que dá felicidade.

Jovaniro, CEC (Rio)

— 146 —

Descubro o santo
No centro escuro
Daquela igreja
De azul tão *puro*.

Violeta, GCN (Recife)

★

CHARADAS CASAIS

147 — Quatro — Aquêle *antigo instrumento com dez teclas e dezessete cordas* produzia som *puríssimo*.

Joleno (S. Paulo)

148 — Quatro — Em passo *vagaroso* e quase morta, Antonieta caminhou à guilhotina, com a alma *tranquila*.

K.T.Q.Z. (S. Paulo)

149 — Quatro — O homem *hostil* é produto da sociedade *agressiva*.

Levon (S. Paulo)

150 — Três — Um *conto* bem escrito interessa, às vêzes, mais pelo estilo que pelo *enrêdo*.

Lutércio, H.C. (Rio)

151 — Duas — "Teu amor e uma *cabana*" foi sempre uma frase de sentido *vazio*.

Nilva (Rio)

152 — Três — Na *encosta* da montanha passava *pomposo* préstito de um faraó.

M. da Jiquitaia (Alagoinhas)

Ao Dr. Lavrud:

153 — Quatro — Em ambiente *toldado* pela *confusão*, tôdas são Marias, todos são Joãos.

Matsuk (Rio)



assenta e dá brilho ao cabelo!



De manhã á noite, Fixbril mantém seu cabelo impecàvelmente penteado, sedoso e brilhante. A queda prematura do cabelo e a caspa são evitadas com o uso Fixbril. Lembre se Fixbril não é gorduroso. Comece a usá-lo ainda hoje!



De Witt Rio Londres · Nova York Buenos Aires

154 — Duas — Não gostei da *mentira* do homem *vesgo*.

R.A.C.H.A. (Rio)

155 — Três — Estou *persuadido* de que já passou a *oportunidade* de uma união entre os dois partidos.

Sertanejo II (Lavras)

156 — Três — A *permanência*, conforme ficará *convencionado*, foi curta.

Simplicia-Simplória

A MULHER BELA NÃO TEM IDADE!

Pense no dia de amanhã, e comece a usar diàriamente a «Água de Junquilho». Proteja-se hoje de cravos, espinhas, sardas, panos, acnes, manchas e poros dilatados, com êste bálsamo da cútis e estará garantida sua beleza futura.

Dist. Araujo Freitas Rio



Agua de Junquilho A FONTE DA BELLEZA

157 — Três — Não senhor, não são *trastes velhos* e *inúteis*, são os meus *óculos*.

Alô Tropina, H.C. (Rio)

158 — Três — Um pequeno *engano*, em muitos casos, *complica* todo o trabalho já executado.

Conde de la Fére (Salvador)

159 — Três — O *sacerdote* gosta de *sopa italiana*.

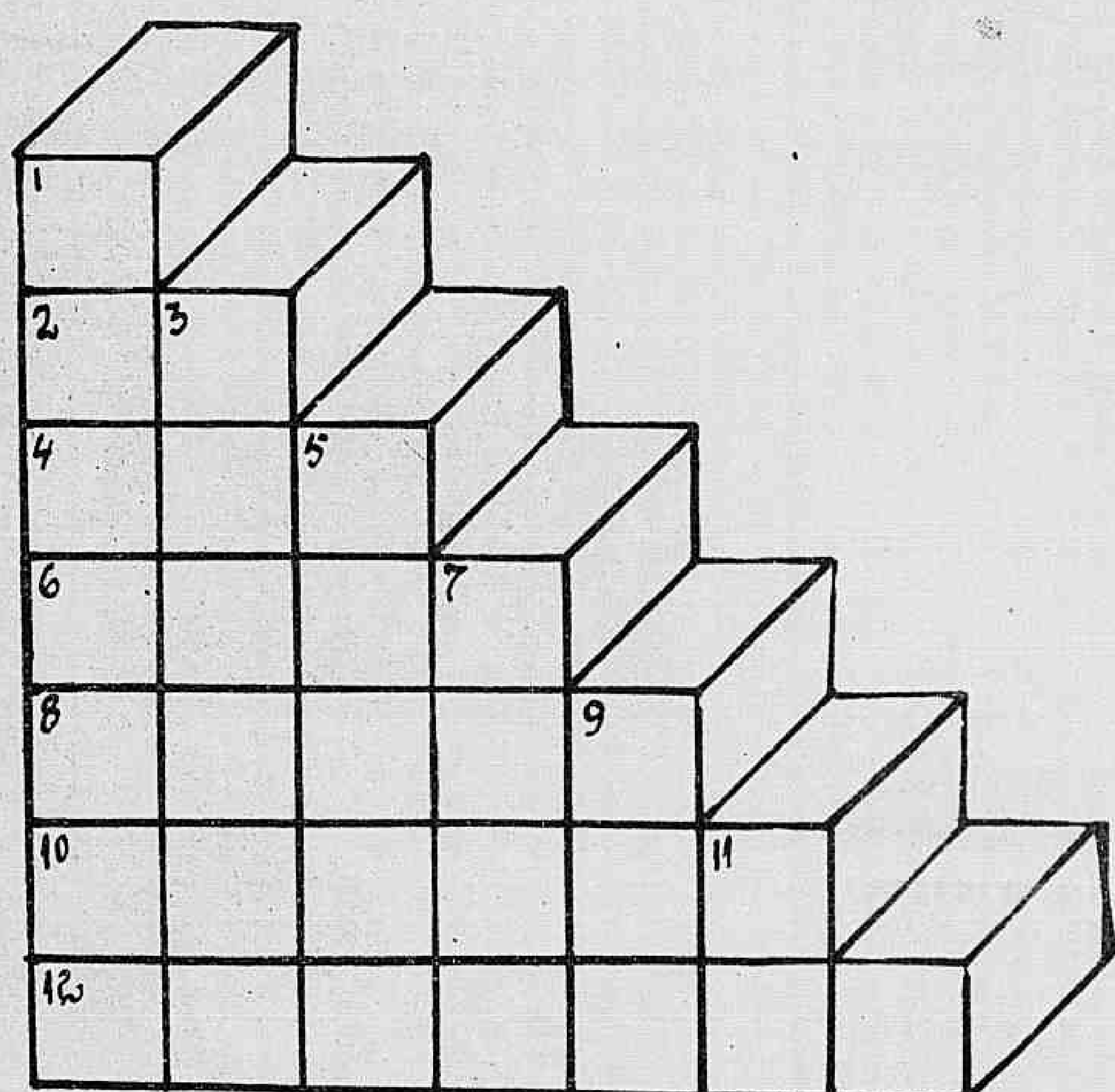
Carsioli (Angico de Mairi, Ba.)

160 — Três — E' raro encontrar-se um homem *feliz* aproveitando *ponta de cigarro*.

Fiote (Cuiabá)

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 5

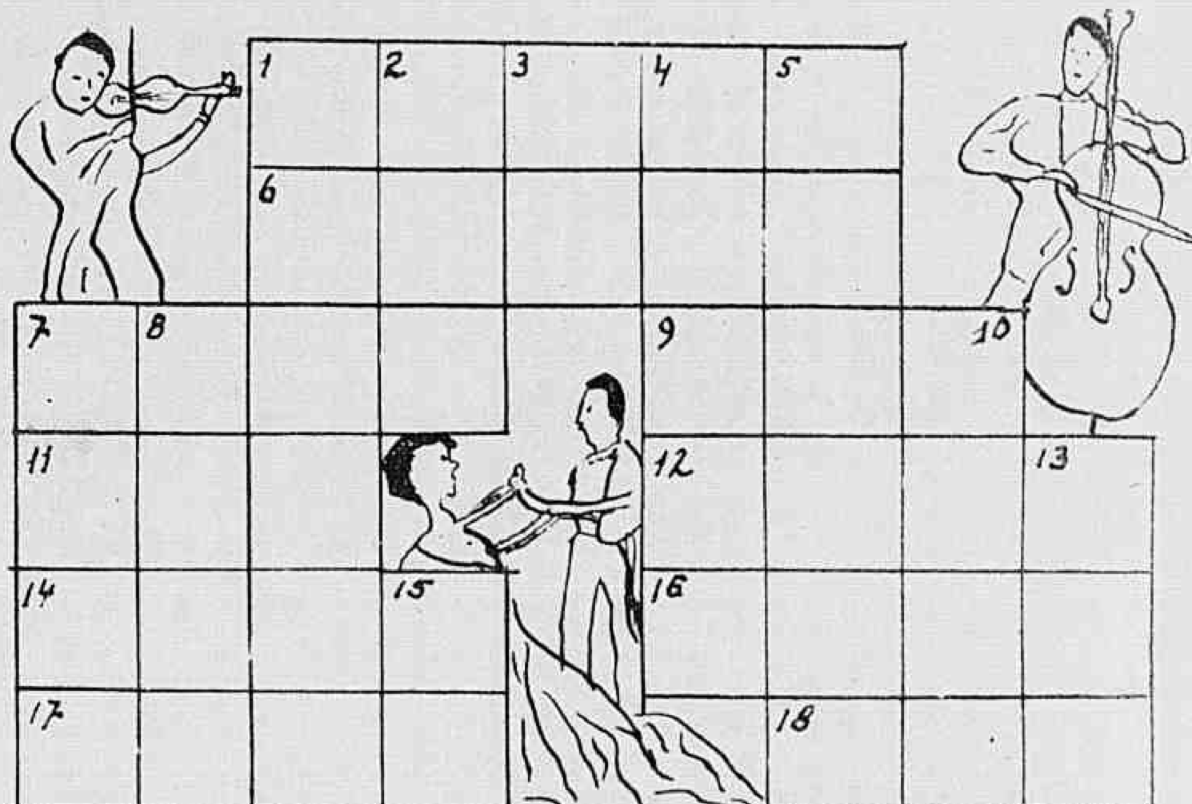


Adolfo Tuchman, CEC (Rio)

Horizontais: 1 — Valia 500; 2 — Ribeiro da Rússia; 4 — Bebedeira; 6 — Penúria; 8 — Defesa; 10 — Em que há lições; 12 — Indisposição para o trabalho.

Verticais: 1 — Queixa (poet); 3 — Pessoa linda; 5 — Mau olhado; 7 — Juntar-se; 9 — Eternidade; 11 — Dinheiro (gíria).

PROBLEMA Nº 6



Sefton (Rio)

Horizontais: 1 — Árvore da família das Anonáceas; 6 — Parte ôca das rochas cuja parede interna esteja revestida de cristais ou incrustações cristalinas; 7 — Maquino; 9 — Data; 11 — Zêlo; 12 — Unidade monetária japonêsa (aportuguesada); 14 — Vulcão da Sicília, 3313 m; 16 — Faço grande estrago; 17 — Pintor húngaro (1833-1904); 18 — Gênero de aves da fam. dos loriídeos; deusa da Aurora, filha de Hiperion.

Verticais: 1 — General flamengo, acompanhou Carlos V na sua expedição a Argel em 1541; 2 — Intermediário; 3 — O mesmo que bom; 4 — Exemplar; 5 — Rio da Guiana Brasileira, afl. do rio Negro; 7 — Peixe da Índia; 8 — Direito; 10 — Percorro; 13 — Deusa da Aurora, filha de Hiperion; gênero de aves da fam. dos loriídeos; 15 — Multidão.

DECIFRADORES

Janota, Julião Riminot, Lutércio, Nilva, Plá, Zytho, Seamva, El Principe, Nostradamus, Malba Tantan, Sertanejo II, Gorgonhe, Carike, Gil Virio, Dr. Zinho, Oidaleh, Lupe, Arpetra, Milon, Irahydes, K. Brito, Bigi Neto, Acobar, Seu Teixeira, Jayreis, O Sineiro, Farani, Conde de la Fére, Sefton, Aufergo, Bisilva, Buridan, Ronega, Alguém, Antero, Dick, Édipo, Envergonhado, Jocati, Lujoca, Ordisi, Ruvina, Varetas, Debrito, Chico Bacamarte, Segon, Eva Dio, Iza Abel, K. Nivete, Gumercindo Leite, Alô Tropina, Jorge Guimarães, Velo-Vela, Sotnas, Sam, Marcimento, Kinsos, Emidlej, Major Agá, Pele Vermelha, Paco, Raul Petrocelli, R. Kurban, Sertanejo II, Nelmos, Dopasso, Nami, Violeta, Toberal, Alvasco, Spartaco, Júpiter, Dr. Zepenha, Binastro, 158 pontos; Tony, 157;

Ed Vep, Caboclo, Edpim, Jotoracio, 156; Cantagalo, Heron Silpes, Roama, 154; Cysneirense, Plutarco, Joferro, Sphynx, Donatila Borba, Lord, 149; Botucarahy, 148; Welton, Notrya, Zizinho, Oarcim, 141; Levon, 138; Sefton, 135; Pão Branco, 125; Dr. Barreto Cardoso, 106; Gomes Júnior, 97; Iris, 96.

★

ASSOCIAÇÃO CULTURAL E CHARADÍSTICA BAIANA

O seu 1º secretário Juvenal Costa (*Vigário de Welkfield*) comunica-nos que a 18-5-952, foram eleitos e empossados os novos dirigentes da Associação, que dirigirão os seus destinos no período 1952-1953. São os seguintes:

Assembléia Geral: Presidente — Carlos Costa (Alvasil); 1º secretário — Derson Oliveira (Dr. Neso); 2º secretário — Fernando Sampaio (Ás de Ouro).

Conselho Deliberativo: Jayme Reis (Jayreis); Raul do Carmo Carvalho (Marquês de Castiglione); Dr. Egberto Mendes de Aguiar (Von Protozoário); Rosalvo Alves Dias (R. Said); Cap. José Petronilo da Trindade (Datrinde).

Diretoria: Presilente — C. Dent. Trajano Ribeiro Couto (Conde de la Fére); 1º secretário — Juvenal Costa (Vigário de Welkfield); 2º secretário — Farm. Alfredo Farani (Farani); Tesoureiro — Emílio Midlej (Emidlej).

Na mesma ocasião recebemos também diversos números do "Diário da Bahia", onde o *Vigário de Welkfield*, dirige a seção charadística da A.C.C.B.

★

CÍRCULO ENIGMÍSTICO PAULISTANO

Foi fundado na capital de S. Paulo o Círculo Enigmístico Paulistano, cuja direção provisória é a seguinte: Presidente — Dr. Raul Petrocelli; Secretário — Luiz C. Peleja; Tesoureiro — Luiz Carline.

★

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Edipismo e Palavras Cruzadas, de Estremoz, Portugal; *Charadismo e Cruzadismo*, órgão oficial do C E C ; *Norte Charadista*, órgão oficial do G. C. do Norte, Recife; *O Enigmista*, de Santos; Seleções Recreativas, direção de Sílvio Alves; *O Charadista*, de Lisboa; *Revista Filatélica Brasileira*, desta Capital; *Diário da Bahia*, com ótima seção charadista; *Artigas*, órgão do Centro Enigmístico do Uruguai; *Santos Charadista*, órgão oficial do Círculo Enigmístico de Santos.

Caso o leitor deseje conhecer qualquer destas revistas, teremos o máximo prazer em fazer a aproximação.

★

CORRESPONDÊNCIA

Major Agá (Rio) — Estamos esperando os trabalhos prometidos.

Heron Silpes (Canavieiras) — Devido às grandes instalações nas nossas oficinas, o EU SEI TUDO tem saído com grande atraso.

P. Del Debbio (S. Paulo) — Inscrito com muito prazer; gratos pela colaboração enviada.

★

PRAZO

Para as soluções de cada mês, Distrito Federal e Niteri 45 dias, demais Estados 90.

Tôda a correspondência para esta seção deve ser enviada ao seu diretor

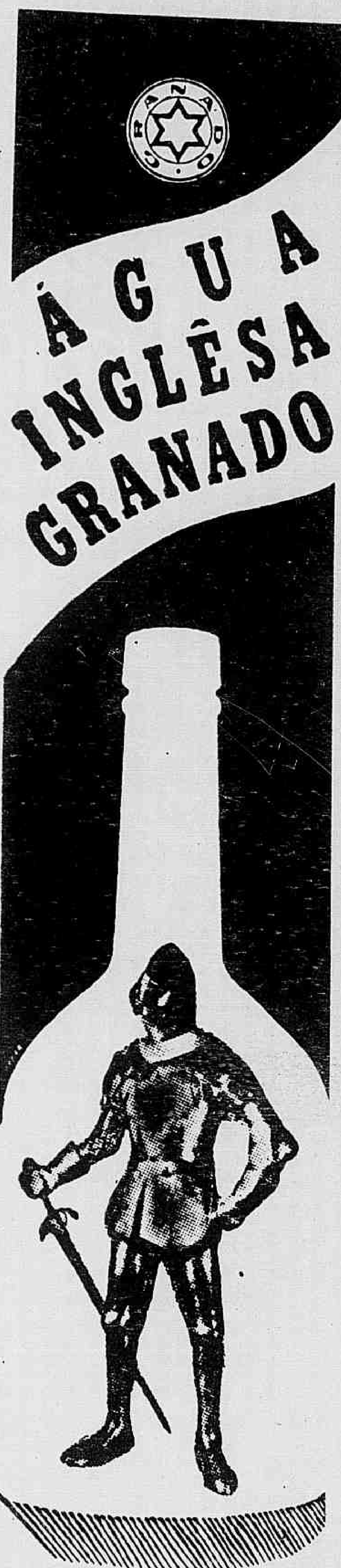
DR. LAVRUD

COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

O operador radiografou para o cadete em apuros, dizendo-lhe que voasse até que visse as luzes da cidade, depois, voltasse e voasse fazendo círculos mais e mais concêntricos. A seguir entrasse em contato com a estação da polícia e pedisse que observassem um avião executando círculos sôbre a cidade. Em curto tempo a polícia descobriu o avião de treinamento e uma patrulha saiu da base para o escoltar, são e salvo, até a uma aterrissagem feliz na base própria.

HEMORRÓIDAS E VARIZES
TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO
HEMO-VIRTUS
VARIZES: FRICCIONE A POMADA NAS VARIZES E TOME O LIQUIDO.
HEMORRÓIDAS: TOME O LIQUIDO E APLIQUE A POMADA NO LOCAL


USAR DURANTE TRÊS MESES.



Faz de você um forte!
TÔNICA-APERITIVA
NAS CONVALESCENÇAS

VIDA E MORTE

(*Continuação da página 14*)

fôra assim ferida, antes. Não tivera porém, jamais, que suportar uma perseguição assim. Parecia que a queriam apanhar de qualquer maneira, seguindo-a até onde fôsse necessário, por mais difícil que se apresentasse o terreno. E justamente agora que começavam a aparecer as primeiras cabras montanhesas... Era a primeira paisagem himalaia!

Nessa noite, noite escura, ouvira o chôro medroso de uma cabrinha, chamando pela mãe. Perdida no juncal, talvez, ou não recolhida à aldeia dos homens por esquecimento? E havia panteras naquelas encostas, panteras em quantidade — e sempre famintas, insaciáveis e perigosas, porque sempre surgiam em grupos. Podiam encontrar a cabrinha primeiro que ela. Se a queria, realmente, tinha que apressar-se. Estava chamando, ali... tão perto! Quando a encontrou, descobriu que a pequenina estava prêsa por dois cipós cruzados.

A escuridão era completa e as pupilas da fera se abriram totalmente, negras e com a íris dourada quase estourando. Podia ver a cabrinha em todos os seus detalhes, apesar do negror da noite. Ver *sem sombras!* Nessa visão de sonho, cada fôlha ou cada pele era coisa absolutamente clara para ela, sem complicações de sombras, sem distorsões... como ocorre com a luz do dia.

Com a proximidade exaltadora dessa vida cálida e cheirosa, sua bocarra se escancarou, gulosa; porém a fera se aproximou cautelosamente, escolhendo o lado em que o vento soprava contra, e por longo tempo ficou observando... pois talvez ali estivesse algum perigo escondido.

Repentinamente caminhou para o espaço descoberto. A cabrinha a observou com evidente curiosidade. Normalmente a fera teria lançado o corpanzil contra a prêsa, como uma seta, e, com os dentes enterrados no frágil pescoço, deslocado a cabeça, matando instantâneamente. Mesmo assim, a cabrinha mal teve tempo de sentir mêdo, porque num só movimento a fera a matara. Os dentes estavam agora profundamente enterrados no pescoço da prêsa; o último alento saíra curto e sibilante. A fera ficou assim um instante, louca de prazer, sugando o sangue quente. Sua fome era tal que não quis perder tempo, arrastando a vítima para outro local mais fechado, ali mesmo despedaçando e engolindo grandes pedaços, jogando-os apressada para o fundo do estômago vasio. O sabor adocicado do sangue dava mais agilidade à sua língua. Agora quebrava, delicada, os osos tenros. Era impossível comer mais depressa...

Já comera bem, mas ainda não terminara totalmente, quando a lua começou a surgir, rasgando uma nuvem muito alta e arruinando com luz e sombra, a perfeita iluminação das trevas.

No mesmo instante em que a lua iluminou a copa das árvores, houve um estalo de galho quebrado... Coisa ligeira; mas a fera compreendeu que era tempo de fugir. Quase ao mesmo tempo brilhou um traço rubro e o espoucar de um tiro de rifle despertou a floresta. O balaço se enterrou profundamente na terra, depois de atravessar os restos sangrentos da cabrinha, onde um quarto de segundo antes tinham estado o ombro e o coração da fera.

A princípio, não sentiu qualquer dor, quando abriu caminho entre a mata espêssa e cortante. Mas pouco adiante as feridas ainda abertas voltaram a queimar como brasa. Porém agora podia suportar aquilo melhor do que antes. Havia bom alimento em seu estômago. Entrara vida em sua vida...

Ao amanhecer estava deitada numa orla pedregosa da mata, à beira de uma torrente, que passava espumando e veloz. Fazia frio — muito frio.

A água passava, espumando e fazendo tal barulho que os homens podiam agora aproximar-se sem observá-la. Apesar de apenas pequena parte dela estar visível, o tiro foi tentado. Passou, porém, de raspão em sua nuca. A fera executou tremendo salto, batendo o ar com as patas e foi cair na espuma, na qual mergulhou com um estrépito terrível.

A furiosa torrente leite-e-verde se apoderou do seu corpo fulvo-alaranjado, rolando-o em todos os sentidos, jogando-o contra as rochas, levando-o, como trapo, na direção de uma garganta de rochas purpurinas. Tudo em tumulto, em ribombos que ensurdeciam. Ondas sucessivas de espuma a envolviam e rolavam. Não tinha fôrças para lutar contra a correnteza... Apenas podia esperar o fim, sentindo os músculos endurecidos pelo frio, e rolando, rolando sempre, olhos fechados, sem ver, sem sentir...

Repentinamente sentiu o sol, outra vez, secando a água acumulada em seus olhos. Sentiu outra vez o solo firme e macio sob o corpo dolorido. A correnteza a jogara como fazia com toros de madeira, a uma encosta do rio, duzentos metros além do ponto da queda e cêrca de vinte metros mais baixo.

E pouco além eram rochas, rochas lisas, não mais ponteagudas, porque as águas se haviam encarregado de polir suas asperezas. A fera tratou de encher os pulmões fatigados com o ar fortemente oxigenado, o ar azul e perfumado que vinha dos altos picos. De vagar subiu a rampa...

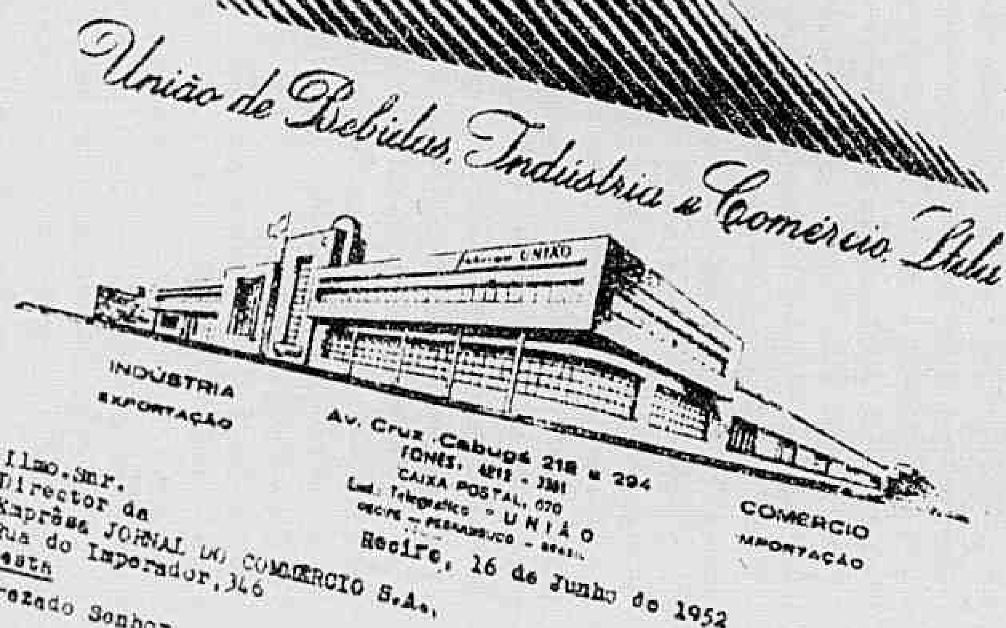
A carne da cabrinha, dentro dela, aquecia o seu coração. O banho na água de neve, fresca e limpa, lavara suas feridas. Passara maus momentos, de fato, mas agora estava longe dos homens, e em lugar por onde nunca êles haviam passado ainda; e, além de tudo, êles acreditavam que ela tinha morrido do tiro — que não sabiam se havia acertado ou passado de raspão — ou afogada nas águas furiosas. Tinham desistido, sim, porque o vento trazia o seu cheiro cada vez mais fraco...

À frente dela, a poucos passos apenas, estava o juncal e um leve lençol de neve. Foi ali que encontrou uma caverna bastante confortável. Foi ali que nasceram as suas crias — quatro — miadoras e esfomeadas. Tratou de tôdas com infatigável desvêlo. Porém depois de nascido o último dos quatro filhos e todos tratados como convinha, ela destruiu dois dêles, porque dois era o máximo que poderia alimentar, agora, que perdera seu companheiro. Mas êsses dois ela os defenderia com a própria vida!

Ao surgir de novo o sol, ela apareceu à entrada da caverna e ali ficou alguns instantes parada, com os pobres flancos chupados, cheirando o ar. Havia vida, muita vida naquele vale, e por isso a sua respiração se tornou mais profunda e todo o seu corpo estremeceu prolongadamente. Agora desceria até ao fundo do vale e mataria a sua vítima diária; arranjaria boa carne para seu estômago e também para os filhos... Porque sempre tinha que haver morte e vida, morte e vida...

DIFUSÃO *e* CONCEITO

Garantindo a preferência dos anunciantes!



Ilmo.Snr.
Director da
Emprêsa JORNAL DO COMMERCIO S.A.,
Rua do Imperador,346
Nesta

Recife, 16 de Junho de 1952

Prezado Senhor,

É com prazer que vimos, pela presente, confirmar os nossos entendimentos pessoais, que culminaram com a realisação de um importante Contrato de Publicidade entre a UNIÃO DE BEBIDAS, INDUSTRIA E COMÉRCIO LTDA., e a sua conceituada Emprêsa.

Por intermédio da "Agência Renascença", estamos passando às mãos de V.Sa. o referido contrato, devidamente assinado, o qual entrará em vigôr dentro de mais alguns dias, sendo V.Sa. para isso informado com 8 (oito) dias de antecedencia.

Aproveitando esta oportunidade, queremos manifestar-lhe sinceramente, a nossa satisfação ao entregar a nossa propaganda aos veículos da Emprêsa JORNAL DO COMMERCIO S.A., como sejam: Rádio JORNAL DO COMMERCIO, Rádio DIFUSORA DE GARANHUNS, Rádio DIFUSORA DE PESQUEIRA, Rádio DIFUSORA DE CARUARÚ, Rádio DIFUSORA DE LIMOEIRO (proximamente) e, ainda, o JORNAL DO COMMERCIO e o DIARIO DA NOITE, todos êles, inegávelmente, em invejável posição quanto ao conceito e difusão em Pernambuco, no Nordeste, no Brasil e em todos os Cont[illegible]

Depois de termos realizado em nossa Fábrica as reformas que se impunham ao desenvolvimento crescente dos nossos negócios e ao consumo, cada vez maior, dos nossos produtos, sobretudo, da LARANJADA CLIPER e do GUARANÁ CLIPER, reformas essas que abrangeram desde a construção de dois magníficos Edifícios à Avenida Cruz Cabugá, até à instalação de poderosas e modernissimas máquinas, a UNIÃO DE BEBIDAS INDÚSTRIA E COMÉRCIO, LTDA., por deliberação unânime da sua Diretoria, houve por bem entregar aos veículos da sua Emprêsa [illegible] propaganda, assim firmando, sem dúvida, o maior contrato de Publicidade [illegible] realizado por uma firma local, em todo o Nordeste.

Dada a projeção e o conceito dos órgãos de publicidade da Emprêsa JORNAL DO COMMERCIO S.A., uma organização genuinamente pernambucana, inteiramente a serviço do progresso do Estado, sentimo-nos perfeitamente à vontade ao confiar-lhes as nossas mensagens de venda.

Agradecendo a V.Sa. e aos seus auxiliares todas as atenções recebidas [illegible] os entendimentos para a realização daquele Contrato [illegible] como sempre, ao inteiro dispôr de suas prezadas ordens [illegible] elevada estima e apreço.

De V.Sa.
Amos [illegible] Obros.



A "UNIÃO DE BEBIDAS", do Recife, firma com os veículos de publicidade da Emprêsa JORNAL DO COMMERCIO S.A. o maior contrato já realizado, no Nordeste, por uma organização local.

Confie,

como a UNIÃO DE BEBIDAS, a sua propaganda aos orgãos publicitários que garantem o sucesso das suas vendas

Radio JORNAL DO COMMERCIO

JORNAL DO COMMERCIO · DIARIO DA NOITE

e

Radio-Difusoras do Interior { PESQUEIRA · GARANHUNS · CARUARÚ · LIMOEIRO

N.º 424 DO **EU SEI TUDO** N. 4 — 1952
ANO XXXVI SETEMBRO

SUMÁRIO:

Jamais confie numa mulher! (conto) 7
Vida e Morte (Um episódio na selva) 12
Nada de milagres, por favor! 15
Um drama que só "êles" conhecem... Os maridos abandonados... 16
Estará a Inglaterra sabotando a unidade européia? 19
Trágica aventura (Episódio real) 23
Energia atômica para fins pacíficos 25
Boas notícias para o seu coração 26
Vale a pena multiplicar 30
Os cérebros electrônicos — Embora superiores ao nosso também revelam fadiga e... cólera! 31
Errar é humano... 34
Truman decidirá se a Terra deve ter novo satélite 35
A Gorgeta 39
Quem disse que não existem fantasmas? 42
O Coração de Luísa (Romance — continuação) 47
Os sapatos não crescem!... (Entre os erros que os pais cometem comumente, o que se refere ao calçado é um dos mais freqüentes. E' também, um dos que têm conseqüências mais desastrosas para o futuro 55
Que atitude tomar com os loucos? 56
Um "queimadinho" de sol 58
Como você resolveria isto? 61
O vencedor "rapa" tudo 62
Os maridos podem vencer (Às vêzes...) 63
Os grandes erros judiciários (IV) — "A bela Mme. Tiquet (Episódio real) 64
A "Boa Resposta" do mês 67
Anatole e a Academia Francesa 67
O milagre da velocidade (novela) 68
Explorando o Brasil Meridional (continuação) 71
A Pupila Rubra (Romance — continuação) 79
Vida do Campo — Criação de Muares 87
As sementes de "Castilloa" 90
Cultura de inhames e carás nos climas tropicais .. 91
O mistério da novilha 93
O Cacaueiro 94
Escassez de carne 94
Nos Domínios da Gramática 96
Olhando o mundo há sessenta dias: Memento EU SEI TUDO — Julho de 1952 97
Quebra-Cabeças, Charadas, etc. 107



A CAPA — Muitas são as histórias de fantasmas que temos ouvido contar... e que passamos adiante, com o ar de superioridade dos que não têm mêdo ou simplesmente fingindo que acreditamos, para atemorizar os que nos ouvem. Mas, há casos que, realmente, causam espanto e não parecem ter uma explicação... O leitor acredita em fantasmas? Acha, ao contrário, que não existem? Pois leia o que se encontra à página 42 desta edição.

CORRESPONDÊNCIA



João de Oliveira Sales (João Pessoa — Paraíba) — Excepcionalmente vamos atender ao que solicitou: Nelson Company — 210 S. Clinton Dept. 2D-3, Chicago, 6.



José Carlos Rodrigues (Rua São João, 390 — Jaboticabal — S. Paulo) — O assunto vai ser estudado, embora com poucas probabilidades de ser aceito. Aguarde um pouquinho mais.



Mariângela Medeiros (Niterói — Estado do Rio) — Não pode ter sido em EU SEI TUDO, pois não publicamos versos.



Carlos Solano (Petrópolis — E. do Rio) — Sim, em 1941. O próximo dêsse autor não deve demorar. Aguarde.



Carmen Vilasboas (Santana — Espírito Santo) — Não sabemos da existência da obra editada em português. Os exemplares existem, realmente. Aguardamos pedido. E' indispensável, entretanto, que venha com endereço completo.



Manuel Gomes Cabrera (Florianópolis — Sta. Catarina) — "Explorando o Brasil Meridional" teve a sua publicação iniciada nesta revista no número de junho de 1951. Aguardamos. Com a presente edição já somam dezesseis cadernos.